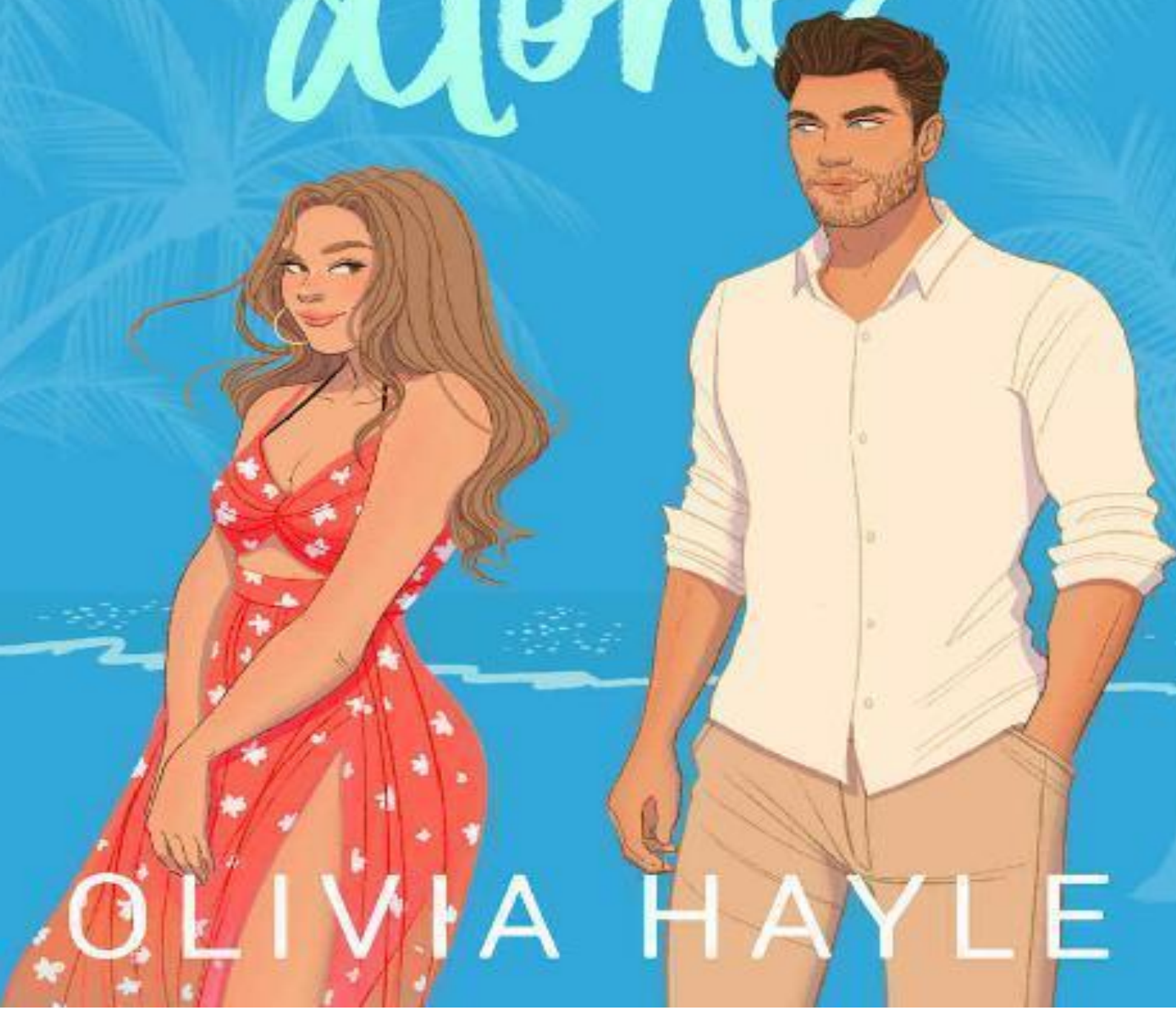


how to honeymoon alone

a romantic
comedy



OLIVIA HAYLE

VISIT...

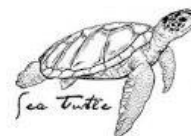
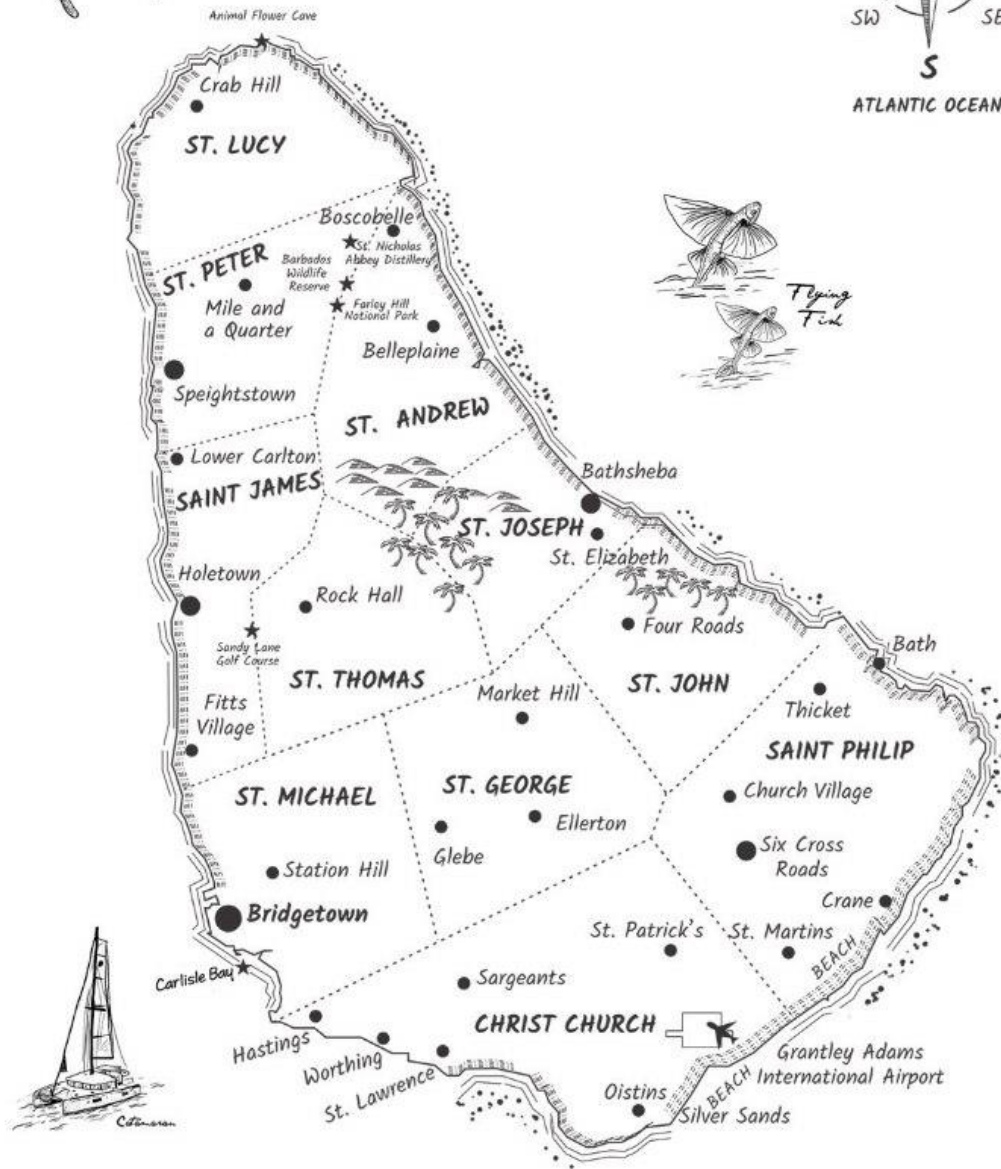
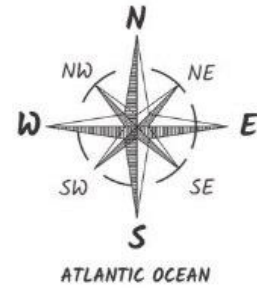
LANZAROTE
Caliente.COM

how to
honeymoon
alone

OLIVIA HAYLE



BARBADOS



SINOPSE

Uma ilha paradisíaca. Dois estranhos. A atração que eles nunca esperavam...

Quando Eden largou seu ex traidor antes do casamento, a última coisa que ela esperava era ir sozinha para a lua de mel tropical. Mas sem possibilidade de reembolso, ela empacota seu guia de viagem e o coração partido e parte.

Ela planeja relaxar na praia, nadar no oceano e beber coquetéis até se sentir bem novamente... ou cair. O que vier primeiro. O que ela não esperava é o estranho bonito e brusco que se senta à sua mesa na primeira noite.

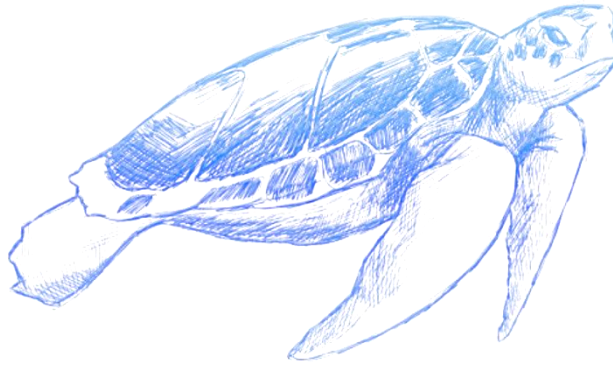
Philip Meyer é um viciado em trabalho, mal-humorado e tão irritantemente cínico que a faz esquecer que está de luto apenas para provar que ele está errado sobre o mundo. Os dois não têm nada em comum... exceto tentar esquecer quem eles deixaram para trás.

O resort de luxo não é muito grande e o destino logo os une novamente. E de novo. Cruzeiros de catamarã e mergulhos à meia-noite dão lugar ao serviço de quarto tarde da noite e palavras sussurradas. Talvez os opostos realmente se atraem.

Mas todas as férias têm de acabar, mesmo as melhores... Será que estes dois opostos vão durar?

Esta comédia romântica fumegante é a leitura de verão perfeita! Ótimo para fãs de The Love Hypothesis ou Beach Read, envolve uma heroína mal-humorada e o herói mal-humorado que relutantemente (mas inevitavelmente) se apaixona por seus encantos...

CAPÍTULO UM



Algumas coisas são difíceis de fazer sozinha. Como juntar móveis grandes em embalagens planas, por exemplo, ou sobrevivendo ao ensino médio. Pedir um jantar sozinha em um restaurante é outra. Mas minha melhor amiga me encara pela tela do telefone, incapaz de compreender esse simples fato.

— Apenas sente-se — diz ela. — Peça e coma. Quem se importa com o que os outros possam pensar?

Deito-me na cama do hotel. — Eu faço.

— Não, você não. Eles não importam.

— É verdade, e não é como se eu tivesse vindo para Barbados para me esconder no meu quarto de hotel.

— Definitivamente não. Você foi para ter as duas melhores semanas da sua vida — diz Becky. Ela está sentada em seu familiar sofá paisley, com uma almofada de gravidez ao lado dela. Minha futura afilhada é a única razão pela qual ela não poderia estar aqui comigo. — Você vai se vingar... não, esqueça isso. Não vou dizer o nome dele, e você não pode nem *pensar* nisso.

Eu a saúdo. — Sim, senhora.

— Não, você vai jantar naquele restaurante de hotel de aparência deliciosa, vai aproveitar o clima quente e, depois, pode se recompensar assistindo reprises antigas em seu quarto.

— A gravidez te deixou mandona — eu digo.

A voz de seu marido vem pelo telefone, invisível, mas por perto. — Você disse isso, não eu! — ele brada.

Becky o silencia. — Estou falando com Eden.

— Oi, Patrick — eu digo.

— Ei, Eden — ele chama de volta. — Aproveite um pouco de sol por mim!

— Vou fazer isso! — Encontro o olhar de Becky. — Mas você está certa, você sabe, mandona ou não. E daí se eu for a única pessoa comendo sozinha?

— Não importa nada — ela concorda. — Não é como se você fosse ver uma única pessoa lá novamente depois de voltar para casa.

— Exatamente. — Sento-me e olho para a minha mala, entreaberta no chão acarpetado. Está derramando vestidos de verão coloridos como uma loja na Black Friday. — Vou usar meu vestido vermelho.

— Isso mesmo — diz ela. — E Eden? Quero uma foto sua com uma bebida tropical colorida como prova.

Reviro os olhos. — Ok.

— Bom — diz ela e sorri para mim através da tela. — Eu gostaria de estar aí com você.

— Eu também — eu digo. — Obrigada.

— Quando quiser. Agora vá se divertir e volte com um bronzado de dar inveja.

Desligamos e estou sozinha em meu quarto de hotel vazio e silencioso. Minhas janelas não me dão vista para o oceano. Isso teria sido muito caro. Em vez disso, elas oferecem uma vista do jardim bem cuidado do Winter Resort. O hotel de luxo recém-inaugurado é tudo que Caleb e eu esperávamos quando o reservamos para nossa lua de mel.

E vou me certificar de aproveitar tudo. Mesmo que eu tenha que fornecer uma prova fotográfica para Becky enquanto o faço.

Nas primeiras semanas depois que soube das atividades extracurriculares de Caleb, até mesmo sair da cama foi uma luta. Arrastar-me para o café na rua parecia como correr uma maratona.

Então, enquanto eu falava com Becky no telefone um dia e mencionei o que eu queria cozinhar para o jantar, ela disse, *me mande uma foto ou não aconteceu*.

Ela sabia, mesmo que eu não tivesse contado a ela, que na maioria dos dias isso não acontecia.

E então eu enviei a ela fotos de tudo isso, e nos três meses desde o fim do meu noivado, os pequenos atos normais pararam de parecer um evento esportivo. A dor não é mais insuportável. Não é um peso em meus ombros me esmagando no chão. Em vez disso, é uma mochila, ainda pesada, mas não me atrasa.

Talvez eu consiga tirá-la completamente um dia.

Coloco um vestido vermelho e coloco meu telefone, carteira e guia em uma bolsa transversal. Esta é a minha viagem. Minha. Eu havia planejado, insistido e sonhado com isso por anos.

Quando adolescente, eu mantinha um quadro de visão sobre minha mesa. Mudou muito ao longo dos anos, mas algumas imagens permaneceram - pilares firmes entre um mar de sonhos em constante mudança.

Um deles era o azul turquesa do mar do Caribe, batendo suavemente contra uma praia de areia branca e emoldurado por palmeiras.

Esta viagem é a minha primeira vez fora do país, se não contarmos as viagens rodoviárias da minha casa no estado de Washington para Vancouver, Canadá, e eu não conto. Na verdade. Não, é isso. Estou aqui. Eu estou fazendo isso.

E a última pessoa em quem eu deveria estar pensando é Caleb.

Eu passo uma escova pelo meu cabelo castanho em movimentos muito agressivos, como se eu pudesse tirá-lo dos meus pensamentos.

Sinto-me mais calma quando finalmente desço o elevador até o saguão. Minha caminhada me leva pelo jardim do resort, enquanto os insetos cantam suavemente enquanto eu ando pela colunata aberta.

O restaurante abre-se para o jardim de um lado e para o mar do outro. Nenhuma janela é necessária no clima perpetuamente quente.

O ar está quente e úmido, envolvendo-me como outra camada de roupa. Mas a brisa do mar me refresca em rajadas suaves. O *Mar do Caribe*, quero dizer.

Uma onda de vertigem varre através de mim.

Estou no exterior, penso, e ninguém pode tirar isso de mim. A magia está bem aqui. Está nas novas experiências, no mar calmo e nas praias arenosas. Eu só preciso estender a mão e agarrá-la.

Paro no estande do maître. As mesas revestidas de linho além estão cheias de hóspedes e o lugar parece lotado. Eu balanço para trás em minhas sandálias e olho ao redor. Não há mesa vazia à vista.

Talvez eu possa me safar com o serviço de quarto e assistir a um antigo programa de TV, afinal.

— Boa noite — diz um anfitrião sorridente. — Você tem uma reserva para esta noite?

— Eu não, não. Eu posso ver que você está muito ocupado. Tem espaço para um?

— Apenas um?

— Sim. — Eu posso me sentir encolher.

— Deixe-me verificar... — Ele olha para a tela e toca algumas vezes. — Parece que temos uma mesa disponível. Você terá a nossa última noite!

— Oh, isso é maravilhoso. Obrigada.

Ao meu lado, um homem pigarreia. — Aí está você — ele diz para mim. — Desculpe, estou atrasado. Mesa para dois, na verdade.

Eu encaro o estranho.

Seu cabelo castanho-escuro se eleva alguns centímetros acima de mim, e ele está usando uma camisa branca. Ele também está me observando significativamente.

— Isso não é um problema — diz o anfitrião e pega outro menu. — Por aqui.

Ele se vira e sai pelo restaurante lotado. Continuo travada em uma disputa de olhares fixos com o estranho intrusivo.

Ele levanta uma sobrancelha. — Dividir a última mesa? — ele pergunta e gesticula para que comecemos a nos mover.

Estou atordoada demais para fazer qualquer coisa além de seguir o anfitrião obedientemente pelo restaurante. Ele nos leva a uma mesa para dois bem ao lado do calçadão e das ondas suaves. Há uma única vela acesa na mesa, sua chama tremula na brisa leve.

— Aqui está — diz o anfitrião alegremente e coloca os menus na mesa. — Seu garçom vai chegar logo para anotar seus pedidos de bebida.

E assim, fico olhando para o estranho alto na minha frente. Ele puxa uma cadeira e se senta como se não tivesse acabado de roubá-la. Há uma pitada de barba por fazer ao longo de sua mandíbula afiada. Ele parece fechado e um pouco predatório, como se passasse muito tempo fazendo o que quer. Assim como ele está agora.

— Desculpe-me — eu digo. — O que é que foi isso?

— Talvez eu só quisesse conhecê-la — diz ele.

A julgar pela falta de sotaque, ele também é americano. Lancei um olhar significativo ao redor do restaurante lotado. — Não, você queria uma mesa em um restaurante cheio.

— Nada escapa de você. — Ele acena para a cadeira à sua frente. — Sente-se.

— Sabe, estudei karatê por sete anos e sempre carrego spray de pimenta. Sem mencionar que estamos em público.

— Considere-me avisado — diz ele e abre seu menu. — Eles fazem bons peixes aqui, eu ouvi.

Eu finalmente me sento, meus movimentos lentos. — Sim. Está no nome.

Ele dá um zumbido baixo. Eu olho para o meu cardápio, mas as palavras se misturam na página. Pelo menos sua chegada repentina significa que não preciso pensar duas vezes sobre o que os outros hóspedes podem estar pensando ao me ver aqui sozinha.

Do outro lado da mesa, ele vira uma página de seu cardápio. — O jantar é por minha conta como agradecimento — diz ele. — Escolha o que quiser. E também não precisa se preocupar com conversa fiada estranha, se você não estiver com disposição. Tenho alguns e-mails que preciso cuidar.

Eu olho para ele. — Você vai trabalhar?

Ele mantém os olhos fixos no cardápio. — Você prefere que não falemos sobre nada importante apenas para preencher o silêncio?

— Uau. Eu... simplesmente uau.

Ele olha para cima com uma leve carranca. — O que?

— Acho que ninguém nunca falou comigo do jeito que você falou.

— Certo. Eu posso ser direto.

— Não, sério? — Eu pergunto. O sarcasmo escorre das minhas palavras.

Ele abaixa o menu e parece que isso o incomoda. — Sinto muito por atrapalhar sua noite. Tudo bem para você? Diga não e eu vou embora, sem perguntas.

— Está tudo bem — eu me ouço dizendo porque, pelo menos, esta é uma história para contar a Becky. — Eu só estou... surpresa.

Ele acena como se fosse isso e volta ao seu menu.

O silêncio se estende entre nós. Eu leio meu cardápio sem realmente entender as palavras e espio de soslaio para ele. Não falei com um homem que não fosse membro da minha família, colega de trabalho ou marido de uma amiga desde que Caleb e eu terminamos nosso noivado.

Ele se inclina para a frente, uma mecha de cabelo escuro caindo sobre a testa. Um relógio pesado em seu pulso reflete a vela bruxuleante sobre a mesa.

— O que você está comendo? — Eu finalmente pergunto a ele.

Ele fecha o menu com um piscar de olhos. — O bife.

— O bife — repito. — Em um restaurante famoso por seus peixes? Numa ilha no meio do mar? Você sabia que o peixe-espada é famoso em Barbados?

— Sim.

— Acho que estou comendo o marlin de origem local.

Ele faz aquele zumbido baixo de novo e enfia a mão no bolso da calça. Ele pega um telefone e o coloca sobre a mesa. — Não quero ser rude — diz ele — mas realmente preciso responder a alguns e-mails.

— Você está trabalhando em suas férias?

Seus olhos já estão na tela. — Sim.

— Por que você simplesmente não pediu serviço de quarto? — Eu pergunto.

Ele não olha para mim, mas parece ficar tenso com a minha pergunta. — Meu quarto não estava devidamente limpo quando cheguei. Eles estão consertando agora.

— Oh. — Isso parece... estranho em um resort cinco estrelas, mas tudo bem, então. Eu me divirto lendo o cardápio de sobremesas e depois a carta de vinhos. Meus olhos passam pelos preços impossíveis da taça à garrafa. Entre o meu salário e o de Caleb, esta foi uma viagem única na vida.

Ficar no Winter Resort sempre seria um exagero. Quando me sentei para cancelar a lua de mel e soube das taxas de cancelamento que teríamos que pagar pelos voos e do depósito que perderíamos no quarto duplo padrão no resort... bem. Caleb já tirou o casamento de mim, e eu serei amaldiçoada se ele tirar minhas férias dos sonhos também.

A Eden do passado não teria considerado viajar para um país estrangeiro sozinha. Mas a Eden de vários meses atrás pensava que sua dama de honra era uma de suas melhores amigas, e seu noivo era o homem com quem ela passaria a vida, então ela também não era exatamente onisciente.

E, aparentemente, a Eden do presente é uma aventureira, disposta a jantar com um completo estranho no paraíso. Sinto-me trancada no lugar à mesa. Não estou comendo sozinha, pelo menos, mas ainda estou nervosa. Só por um motivo diferente agora.

Eu olho para ele. Ele nem me disse o nome dele. A julgar pelas linhas tênues nos cantos dos olhos, suspeito que ele seja alguns anos mais velho do que eu, mas não muito mais. Ele está franzindo a testa enquanto responde e-mails.

O trabalho provavelmente não está indo muito bem, eu acho. Sou grata por meus alunos do jardim de infância mal saberem escrever. Nenhum e-mail para me estressar.

O garçom volta à nossa mesa. — Prontos para as bebidas?

— Vinho tinto — diz o homem à minha frente. — O Merlot.

— Já está chegando. E para a senhora?

— Eu gostaria de um ponche de rum, por favor.

O sorriso do garçom se abre. — O coquetel da casa. Ótima escolha. É a primeira vez que janta conosco?

— Primeira noite na ilha, na verdade.

— Sério? Bem-vinda! — ele diz, olhando de mim para o homem à minha frente. — Vocês dois vão se divertir muito aqui. É a mais romântica das ilhas, sabe?

O estranho desliga o telefone. — Isso é?

— Oh, sim — o garçom diz com uma piscadela. — Então vocês dois se divirtam, certo? Voltarei em breve para anotar seu pedido de comida.

Ele desaparece entre as mesas e deixa o homem misterioso e eu à nossa própria sorte. Ou melhor, ele no seu dispositivo. Seus olhos estão treinados na tela.

Eu coloquei um braço no corrimão. O oceano está envolto em escuridão, e mal consigo distinguir as ondas batendo suavemente.

— Sabe, você nunca me disse seu nome quando se convidou para minha mesa.

Ele trabalha em seu telefone por um minuto inteiro antes de virá-lo para baixo na mesa. Olhos azul-escuros encontram os meus. — Phillip Meyer — diz ele, estendendo a mão grande sobre a mesa. — É um prazer.

Eu levo. — Eden Richards.

Ele aperta minha mão duas vezes, um aperto firme, como se estivéssemos em uma reunião de negócios. — Obrigado novamente, Eden, por não me relegar a uma loja de conveniência. Eu agradeço.

Minha mão está quente quando a pego de volta. — Claro. Quer dizer, eu sou grande em caridade.

Suas sobrancelhas se erguem e há uma faísca de prazer em seus olhos. — Caridade?

Sou poupada de responder pelo retorno de nosso garçom. Ele tem um ponche de rum em um copo e uma taça de vinho tinto, com uma bebida decididamente mais divertida do que a outra. Tem um raminho de hortelã e uma fatia congelada de limão.

— Para a bela dama — diz o garçom com um sorriso antes de se virar para Phillip. — Você é um homem de sorte.

Eu abro minha boca para dizer - o que, exatamente? - mas Phillip me ultrapassa. — Sim, e ela com certeza gosta de me lembrar.

O garçom ri e eu olho para o outro lado da mesa. Phillip, no entanto, olha para mim com olhos indecifráveis. — Você me fez um favor esta noite. Eu sou o mais sortudo.

Quero revirar os olhos, mas resisto até que o garçom pegue nossos pedidos de comida e vá embora. — Então agora somos um casal?

— Eu estava jogando junto — diz Phillip. — Não se preocupe, não esqueci seus sete anos de karatê. Ou sua lata de spray de pimenta. Como você conseguiu passar com isso na alfândega?

— Não é importante — eu digo. É fácil contrabandear todos os tipos de coisas quando são fictícias. Desde que isso não lhe dê nenhuma ideia.

Mas ele já está olhando para o telefone.

Tomo um gole do meu ponche de rum, e é tudo bem temperado. Fechando os olhos, escuto as ondas ao longe.

Estou de férias. Estou no Caribe. Eu sou a mestre do meu destino agora.

E eu vou ter o melhor momento.

— Posso pedir um favor? — Eu pergunto. — Desde que eu te fiz um sólido aqui esta noite.

Ele olha para cima. — Sim.

Eu entrego a ele meu telefone. — Você pode tirar uma foto minha?

— Uma foto?

— Sim.

O julgamento sai dele em ondas. Eu ignoro e poso feliz, segurando minha bebida para a câmera como se estivesse dizendo saúde.

Ele abaixa meu telefone depois de alguns segundos. — Aqui. Tirei algumas.

— Ótimo, obrigada.

Sua mandíbula funciona algumas vezes. — Você vai inundar sua mídia social com fotos de férias, não é?

Balanço a cabeça, pensando em todos os amigos que Caleb e eu temos em comum. Não estou planejando me humilhar ainda mais compartilhando fotos das férias que todos sabem que foram feitas para dois. — Não. E mesmo se eu fosse, isso é tão ruim?

Ele toma um gole de seu vinho em vez de responder. O silêncio fala por si.

— Aposto que ficaria ainda melhor se fosse uma bebida com rum produzido localmente — ressalto.

— Definitivamente não seria.

Eu me pego sorrindo. Ele é como uma das crianças mal-humoradas de cinco anos da minha classe quando não tiram a soneca. Exceto que ele provavelmente tem trinta e poucos anos e é viciado em trabalho, o que significa que provavelmente não tira uma soneca há uma década.

— O que? — ele pergunta.

— Praticamente nada. Só que você não está de muito bom humor, está?

Ele fica quieto por mais um longo momento e, a julgar pela leve surpresa em seu rosto, eu o peguei desprevenido.

Mas é preciso um para conhecer outro. Depois de um voo em que consegui chorar não uma, mas duas vezes, e os últimos meses mudando todos os meus pertences para uma nova casa, isso é revigorante. Não consigo me lembrar de uma época em que a pessoa com quem falei não soubesse tudo sobre a minha situação.

Phillip suspira, quase com relutância. — Não, não estou no meu melhor esta noite.

— Tudo bem. Não podemos estar no topo o tempo todo. — Então, repito as palavras em minha mente e imediatamente balanço a cabeça. — Desculpe, esqueça que eu disse isso.

Ele se recosta na cadeira. — Por que você está aqui sozinha esta noite?

— Por que você está? — Eu pergunto. Minha mão esquerda se fecha em torno da bebida. Está nua sem o anel de noivado.

O que eu joguei em Caleb depois que descobri.

Foi dramático e gratificante como o inferno vê-lo curvar-se sobre as rachaduras na calçada para procurar a coisa brilhante. Ele sempre odiou sujar as unhas. Espero que ele tenha sujado bastante naquela tarde.

Deus sabe que me senti suja o suficiente quando descobri que ele estava tendo um caso com minha dama de honra, a terceira parte do meu trio e a melhor amiga de Becky.

— Estou viajando sozinho — diz Phillip. — Apenas aqui para ver a ilha.

— Bem, você poderia olhar para isso? — Eu digo e dou a ele o meu sorriso mais largo. — É exatamente por isso que estou aqui.

Ele passa a mão pelo queixo e desvia o olhar de nossa mesa, em direção ao interior do restaurante. Eu sigo seu olhar. O lugar está lotado de gente. A maioria deles são casais, sentados um de frente para o outro à luz de velas, mesas cobertas por toalhas brancas.

Um casal está se beijando abertamente.

Eu gemo. — Deus, este lugar está cheio de recém-casados.

— Eles são os piores — diz ele.

— Algo em que podemos concordar?

— Aparentemente, sim.

— Você sabe por que eles são tão ruins? — Eu digo, sentindo os nervos derreterem um pouco com esse súbito terreno comum. — É o anúncio constante disso para todos ao seu redor. Como se eles fossem recém-casados importasse para o mundo em geral.

Phillip acena com a cabeça, sua mandíbula tensa. — Nos balcões de check-in — diz ele. — Para os comissários de bordo.

— Para os garçons no café da manhã, almoço e jantar. Sabe, quando fiz o check-in mais cedo, ouvi alguém dizer ao mensageiro... enquanto ele carregava as malas pesadas para eles.

— Basicamente, pedindo-lhe para parabenizá-los enquanto os ajuda — diz Phillip. — Isso é baixo.

— O mais baixo — eu concordo. Tomo outro gole da minha bebida quase vazia. Eu me sinto bem. Melhor do que eu esperava sentir na primeira noite da minha viagem solo. — Bem, eu não estou aqui na minha lua de mel.

— Eu imaginei, pela sua crítica contundente aos recém-casados. — diz ele. Há diversão seca em seu tom. Quase como se ele quisesse que essa conversa terminasse, mas não consegue parar de se envolver.

— Sutil, certo? — Eu digo. — Mas eu deveria estar.

— Oh.

O garçom volta com a nossa comida. Um bife para o cavalheiro, peixe para a senhora; ambos os pratos têm um cheiro incrível. Acho que estou com mais fome do que sentia. A fuga, o estresse - tudo se desfaz quando é apresentado a comida quente.

Há outra pausa longa e educada entre nós, e eu dou uma mordida no meu peixe. É delicioso, bem temperado e quentinho.

— Devo pedir desculpas? — Phillip finalmente pergunta.

— Oh, não. Foi o melhor. Boa viagem e tudo isso. Mas eu não poderia deixar de sair de férias pré-planejadas e pré-pagas, sabe? Especialmente quando é o destino dos meus sonhos.

— Eu sei — diz ele com um suspiro. — Seria um desperdício.

— Um desperdício colossal. Então é por isso que estou aqui.

— Odiando todos os recém-casados.

Isso me faz rir de novo. — Sim. Cínico de mim, talvez.

Ele dá de ombros. É uma única elevação de seu ombro, olhos azuis escuros nos meus. — Os cínicos saem por cima, para usar sua expressão.

— Então, acho que sou uma cínica recém-convertida.

Ele bufá uma meia risada e volta a cortar seu bife. Não demora muito para que ele verifique seus e-mails novamente, e a carranca está de volta, mas estou satisfeita. Eu consegui alguma emoção dele. E sobrevivi ao meu primeiro jantar solo, mesmo sabendo que Becky não vai me dar a vitória porque eu não estava tecnicamente sozinha.

Ele pede a conta assim que terminamos e, quando chega, não dá uma segunda olhada.

— Coloque no bangalô doze — diz ele.

— Phillip — eu digo.

— Claro, senhor — responde o garçom.

— *Philip*, Quero pagar a minha parte.

Ele balança a cabeça, afastando-se da mesa. — Não.

— Não? Por que não?

— Porque você teve a gentileza de me deixar invadir sua noite relaxante — diz ele. — Obrigado por esta noite, Sra...

— Richards — eu digo. *Ele já tinha esquecido?* — É Eden Richards.

— Eden. Isso mesmo. Aproveite o resto da sua viagem.

— Sim você também. Não trabalhe demais.

Ele dá outra meia bufada de diversão e sai do restaurante alto e estóico entre as hordas de felizes recém-casados.

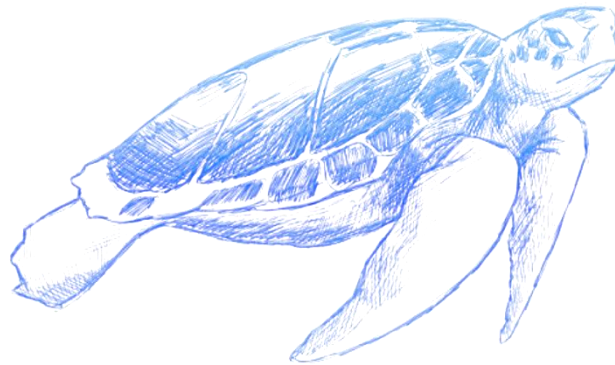
Então ele está hospedado em um bangalô. É a opção mais cara do resort e uma que eu havia examinado brevemente ao pesquisar. Mas uma única olhada no preço deixou claro que não era para pessoas como Caleb e eu.

Tomo um gole da minha bebida, agora aguada e cítrica. *Parece que você pode ficar em um bangalô e ainda ser miserável.*

Posso estar no quarto mais barato do hotel. Posso ficar nervosa todas as noites em que preciso comer sozinha em um restaurante. Mas estou aqui, neste lindo lugar, e devo a mim mesma aproveitar ao máximo esta experiência.

Mestre do meu próprio destino, Eu penso novamente. Estas serão as duas melhores semanas da minha vida. Eu mereço isso.

CAPÍTULO DOIS



Eu acordo com um nascer do sol brilhante. As nuvens passam rapidamente pelo céu, criando uma tapeçaria em constante mudança. Da janela do meu quarto de hotel, posso ver as cores verde neon do jardim do resort. Tudo parece um pouco mais brilhante aqui. Até as flores parecem maiores, seus tons mais nítidos.

Graças às incríveis leis do jet lag, desço cedo para o bufê de café da manhã. Experimentar todas as maravilhas do banquete sem fim pode ser a coisa mais difícil de realizar durante minhas duas semanas na ilha. Todas as frutas imagináveis, omeletes, panquecas, waffles, ovos, torradas, croissants e pasta de granola são tão impressionantes que tenho que tirar uma foto para o bem da posteridade.

Pego uma mesa perto do calçadão e passo a manhã fazendo exatamente quatro coisas: comer, observar as ondas azul-turquesa, ler meu livro e ficar de olho em Phillip Meyer.

Multitarefa sempre foi minha coisa.

Mesmo que eu não tenha certeza se as pessoas do bangalô realmente vão para a barra de café da manhã normal. Eles provavelmente entregam todo o banquete em suas vilas à beira-mar com meu salário mensal por noite.

Mas eu mantenho meus olhos abertos apenas no caso.

Estou no meu segundo copo de suco de manga quando finalmente o localizo. Ele caminha pelo bar do café da manhã com um propósito único, parando na estação do café.

Ele está vestindo calça bege e uma camisa pólo azul, parecendo que está prestes a fechar negócios em um campo de golfe. Deixo meu livro sobre a mesa, levanto-me e caminho até ele.

O cabelo castanho-escuro caiu sobre um rosto que já parece mais bronzeado hoje do que ontem, o que é injusto em muitos níveis.

— Bom dia — eu digo.

Ele vira a cabeça para o lado, as mãos paradas na xícara de café. — Olá — diz ele. — Eden, certo?

— Sim, é isso. — Encontro as notas de vinte amassadas no bolso do vestido e à seguro. — Obrigada por pagar a conta ontem, mas eu gostaria de pagar de volta.

Ele olha para a minha mão como se isso o ofendesse. — O que? Claro que não.

— Sim. Não foi um encontro e não nos conhecemos. Não posso deixar você pagar por mim.

— Eden — diz ele e coloca a xícara de café para baixo. Ele fala meu nome com ênfase em cada letra. — Eu impus a você. De jeito nenhum vou pegar seu dinheiro.

Dou-lhe o meu melhor sorriso. — Sabe, vou ter que correr atrás de você pelo resort se não aceitar isso. Não esqueça que eu sei em qual bangalô você vai ficar.

O homem adulto na minha frente revira os olhos. — Certo. E você também sabe karatê, não é?

— Faixa-preta — eu minto alegremente. — Então aqui. Fui criada para pagar minhas próprias despesas.

Phillip parece estar com dor, mas pega o dinheiro da minha mão estendida. — Tudo bem. Se você realmente quer...

— Eu faço.

— Tudo bem — diz ele. — Mas quero deixar registrado que é contra minha vontade.

Eu sorrio. — Registrado. Bem, espero que tenham um bom feriado, então. Não se esqueça de agendar alguns não-trabalho também. É uma ilha linda, você sabe.

Ele concorda. — Eu tenho coisas planejadas.

— Bom. Divirta-se!

— Você também — diz ele e desliza suavemente o dinheiro no bolso de trás.

Volto para a minha mesa e, quando olho para trás, procurando onde ele se sentou, ele se foi. Assim como a xícara de café na estação.

Um banquete inteiro, e tudo o que ele queria era uma xícara de café.

Abro meu livro novamente. *Pessoas de bangalô*, eu acho.



Relaxar na praia sozinha é muito mais fácil do que jantar sozinha em um restaurante, eu descobri. É quase perfeito. Exceto por ser incapaz de alcançar algumas partes das minhas costas com protetor solar, praticamente não há desvantagem na ausência de Caleb. Há, no entanto, uma infinidade de vantagens.

Por um lado, posso ler meu livro em paz. É sobre duas pessoas que não deveriam estar juntas, mas enfrentam todas as adversidades para - bem, tenho certeza que elas - superarão os obstáculos em seu caminho.

Estou querendo ler há semanas.

Eu passo por uma página. E depois outra. E descobri que não consigo me concentrar na história. Há uma interação entre os personagens que normalmente gosto, mas não consigo acompanhar. Estou muito intrigada com as conversas ao meu redor.

O tipo de hóspede que fica no Winter Resort provavelmente poderia preencher as páginas de um romance de mistério de assassinato sozinho. Mantenho o livro aberto e os óculos escuros e, atrás da capa, deixo meus olhos vagarem.

O casal ao meu lado parece elegante sem esforço. Ele tem o cabelo varrido pelo vento que parece muito escuro para ser uma cor natural. Ela está folheando preguiçosamente as páginas de uma revista de design de interiores e mascando chiclete.

Eles seriam excelentes suspeitos. Eu os chamaria de algo delicioso. Fitzgerald como o sobrenome, talvez, ou Huntington. Eles vieram aqui para reparar um casamento vacilante.

Eu bato meu dedo contra a lombada do meu livro e gostaria de ter trazido um bloco de notas.

Haveria um romance também. Dois visitantes do resort seriam atraídos um pelo outro. Talvez um deles possa ser suspeito do assassinato...

E quem seria a vítima?

Eu olho para a praia e para a variedade de turistas ao meu redor, cada um mais interessante que o outro. Pela primeira vez em meses, sinto vontade de escrever. Transformar meu entorno em histórias.

Faz tanto tempo que não tenho uma semente.

Embora talvez não, eu admito para mim mesma. As sementes podiam estar por toda parte, mas eu não as tinha visto. Faltava o desejo de nutrir ideias até que elas se transformassem em histórias completas.

Para ser honesta comigo mesma, foi silenciado antes mesmo de eu descobrir o segredinho sujo de Caleb e Cindy. Eu estava estressada com o planejamento de um casamento enquanto meu noivo não fazia nada para ajudar.

Um caso.

Talvez duas dessas pessoas estejam tendo um caso. Talvez seja o caso das pessoas ao meu lado. Olho para eles com o canto do olho. *Ela é casada e está aqui com seu amante, o homem de cabelos tingidos.* Talvez ela encontre alguém que conhece no resort... alguém que descobre seu segredo.

Esse é o motivo bem aí.

Vasculho minha bolsa em busca de uma caneta, mas não encontro nenhuma. Eu me contento com o meu telefone em vez disso. As ideias saem de mim em uma nota, cadeias de pensamentos, pequenos trechos que poderiam florescer em mais se tivesse tempo.

Assassinato no paraíso é uma boa premissa.

Eu deslizo meu pé esquerdo para fora da espreguiçadeira e cravo na areia quente abaixo. O som suave das ondas contra a costa é a trilha sonora da minha explosão de criatividade.

Faz quase um ano desde que terminei de escrever meu último livro. Tinha sido um mistério de assassinato com um forte romance no centro. Um thriller romântico, ou suspense romântico, como alguns podem chamar. Uma combinação de três das minhas coisas favoritas:

crime verdadeiro, um pouco de mistério e uma história de amor para rivalizar com os grandes nomes da história.

E, assim como os livros que escrevi antes, agora está guardado em uma pasta no meu laptop.

Não mostro a uma única pessoa minha escrita há quase sete anos. Não desde... bem. O evento-que-eu-não-gosto-de-pensar-no-que-aconteceu. É o meu Voldemort pessoal.

A-coisa-que-não-deve-ser-nomeada.

Eu cravo meus dedos mais fundo na areia e avisto duas mulheres de pé na costa. Elas parecem estar discutindo. As mãos de uma mulher se movem em uma dança de cisne enquanto ela faz seu ponto de vista, enquanto a expressão de sua companheira é definida em linhas duras.

Irmãs, eu acho. Aqui, após a morte de um dos pais, numa viagem com tudo incluído paga com uma vasta herança. Elas poderiam jogar algumas chaves na trama...

Uma chave inglesa¹ ou duas é algo que eu conheço. Cindy e Caleb jogaram um em minha vida.

Eu tinha tudo mapeado antes deles.

O resto da minha vida, essencialmente, ou pelo menos as próximas duas décadas. Caleb e eu estávamos economizando para uma casa maior juntos. Em dois ou três anos começaríamos a tentar ter um bebê. Casa, filhos, empregos, dois carros e talvez um cachorro. Previsível, estável e seguro.

E agora me resta uma extensão de tempo, o colapso de um relacionamento confortável e a questão de quem eu sou sozinha.

Pior ainda é a perspectiva de namorar novamente. De entrar em aplicativos e conhecer homens online. O mero pensamento de namoro online me faz estremecer.

Eu bato meus dedos contra a lateral do meu telefone e observo o casal ao meu lado novamente. Pode ser isso. A vítima de assassinato pode estar aqui para conhecer alguém que conhece apenas de um aplicativo de namoro. Isso atrasaria seriamente a investigação também, porque meus personagens só poderiam descobrir isso acessando o telefone da vítima de assassinato. Que, claro, estará bloqueado.

¹ Se alguém joga uma chave inglesa ou joga uma chave inglesa em um processo, eles impedem que algo aconteça sem problemas, causando deliberadamente um problema.

Meus dedos voam pela tela com fios de ideias e pepitas de uma história.

Sou arrancada do meu devaneio por uma voz familiar.

— ...não, isso não serve. Você sabe que não. Esses papéis precisam ser lacrados se quiserem um...

É Phillip, o perturbador da paz e ladrão de mesas. Ele está andando pela praia de areia branca com um telefone na mão e fones nos ouvidos.

Eu o observo caminhar até o final da extensão de praia do The Winter Resort. Ele se vira no perímetro e começa a voltar, os pés descalços deixando pegadas ao longo da costa.

Há um ar de aborrecimento sobre ele. Mesmo à distância e com óculos escuros, seu rosto parece tenso. Parece que ele passou de responder e-mails no jantar a fazer ligações de trabalho em uma praia do Caribe.

Eu enrolo minhas pernas e volto para o aplicativo de notas no meu telefone. Há algo sobre ele marchando para frente e para trás, com as mãos gesticulando, que ativa minha imaginação.

Talvez ele possa ser o gerente do resort da minha história. Há um segredo, algo que ele está escondendo dos hóspedes e funcionários...

Ou talvez ele seja um visitante importante que fugiu de Nova Iorque ou Londres, onde seu negócio acabou de falir? Ele tem que ser um suspeito, com certeza.

Eu pego um trecho de sua conversa quando ele passa por mim. — Briggs, isso não é problema meu. É seu. Você é quem o cliente solicitou, embora eu não consiga entender...

Isso acontece mais três vezes. Fica mais divertido a cada passagem. Ele será uma ótima base para construir um personagem. Rabugento e rico, e com um grande segredo que vem à tona bem no final. Talvez seja algo que afete os dois personagens principais e seu romance...

Ele para bem na frente da minha cadeira. Ele está de costas para mim e está olhando para o horizonte.

— ...Ok. Envie a papelada e eu a lerei... sim. Tchau.

Ele se vira em minha direção e para ao me ver.

Eu dou a ele um pequeno sorriso e levanto minha mão em um olá. Rabugento ou não, ele agora faz parte do meu elenco de personagens.

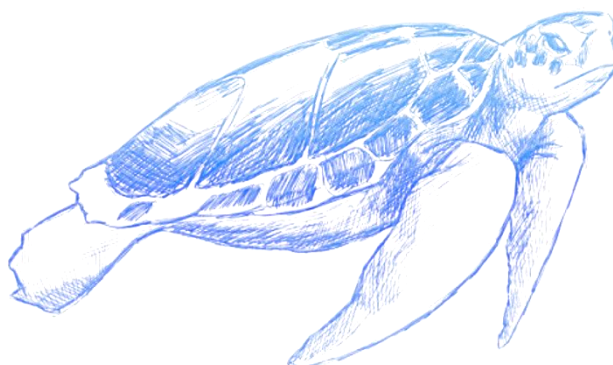
Ele fica imóvel por um segundo antes de acenar em saudação. É um gesto curto de sua cabeça, como se fôssemos conhecidos de negócios passando um pelo outro em um corredor. Então, ele vira o telefone nas mãos e caminha de volta pela praia, em direção aos bangalôs. Eu observo suas costas desaparecendo entre as vilas de luxo e os habitantes do jet-set² que ficam lá.

Essa é uma parte do resort que ainda tenho que explorar.

Pego minha limonada e tomo um longo gole. Duas semanas aqui podem não ser tão difíceis, afinal.

² Jet set é uma expressão cunhada nos anos 1950, atribuída ao colunista de fofocas do New York Journal American, Igor Cassini, para designar um grupo social com poder aquisitivo suficiente para viajar frequentemente de avião a jato.

CAPÍTULO TRÊS



É a manhã seguinte e estou de volta para terminar minha pesquisa sobre o bufê de café da manhã. Minhas conclusões... As frutas são imperdíveis, principalmente as mangas cultivadas aqui na ilha. E, por melhores que sejam, os waffles não valem o espaço no prato, não quando as panquecas feitas na hora são fofas como uma nuvem. No final da minha viagem aqui, terei meu café da manhã reduzido a uma ciência exata.

Eu como na varanda do resort. Tem vista para as águas azuis cristalinas, com palmeiras que balançam suavemente lançando uma sombra refrescante sobre o espaço. Já estou sentada aqui há algum tempo, comendo e lendo o primeiro dos três livros que trouxe comigo nesta viagem. Com o canto do olho, também estou observando os outros hóspedes.

As irmãs de ontem estão de volta e, embora não estejam discutindo durante o café da manhã, há uma certa rigidez em seus movimentos. Claro, não sei se são irmãs. Não sei absolutamente nada sobre elas, e isso dá à minha imaginação muito espaço para tecer histórias fantasiosas.

O misterioso empresário-que-pode-ser-o-vilão-na-minha-nova-história não aparece.

A manhã está agradavelmente quente, mas a umidade ainda está presente, e sou forçada a prender meu cabelo comprido em uma trança. Pequenas mechas escapam ao redor do meu rosto, enrolando-se de uma forma que nunca se importam em fazer em casa. Com meus olhos escuros e cabelos castanhos claros, pode-se pensar que eu me bronzeio bem, mas sempre há um estágio rosado antes de eu atingir qualquer tipo de bronzeado de verão.

À medida que a manhã se aproxima do meio-dia, coloco um biquíni e uma saída, pego minha bolsa de praia e o guia. Enquanto atravesso o saguão, respiro fundo o aroma cítrico que sempre perdura nas áreas comuns do hotel. Serviço cinco estrelas ali mesmo. Minha primeira excursão reservada é amanhã e quero ter certeza de que sei exatamente o que esperar.

Há uma fila na recepção, então eu ocupo meu lugar atrás de um casal com malas enormes que provavelmente estão chegando. Não me importo com a espera. Só quero confirmar o local de embarque amanhã, para ter certeza de que não perderei meu cruzeiro de mergulho.

Um suspiro irritado soa atrás de mim. Aparentemente, nem todo mundo está bem com a espera. Olho por cima do ombro.

É Philip Meyer.

Ele ainda não me notou. Seu olhar está focado acima da minha cabeça para o único atendente que trabalha na recepção.

Eu não posso ajudar a mim mesma.

— Com pressa? — Eu pergunto.

Seu foco muda para mim, mandíbula apertada. Mas então seus olhos clareiam em reconhecimento. — Olá, Eden. Eu não vi você.

— Olá.

— Você pensaria que um lugar como este teria duas recepcionistas.

— Talvez sim — eu digo calmamente. — Talvez alguém tenha ficado doente ou tenha que sair para uma ligação importante...

Ele fica quieto por um momento, como se não esperasse uma resposta real. — Sim. Eu suponho que sim.

— Você está fazendo o checking out? Acho que há caixas ali onde você pode deixar seu cartão-chave. Você sabe, se você estiver com pressa.

— Eu não estou fazendo o checking out.

— Oh, tudo bem. — Eu mudo meu guia, segurando-o com as duas mãos, e procuro algo para dizer.

Ele chega antes de mim. — Você também não está, não é?

— Não.

— Pensei isso. Sem malas — ele diz e olha para baixo entre nós. Seu olhar para em minhas mãos. — Isso é um guia?

Olho para ele e para os post-its coloridos que se destacam entre as páginas. — Oh sim. Andei lendo na ilha.

— Eu diria. — Seus lábios se curvam em um canto. — Quanto tempo você pretende ficar? Dois meses?

— Duas semanas — eu digo. — Mas nunca é demais estar preparada. Aqueles que falham em planejar...

— Planeja o fracasso — ele interrompe. — Eu não poderia estar mais de acordo.

— Oh? Onde está seu guia, então?

Ele segura o telefone. — A riqueza acumulada do conhecimento humano, na ponta dos meus dedos e provavelmente mais atualizada do que um livro.

— Você parece muito apegado ao seu telefone — eu digo em uma réplica brilhante. É o meu momento mais espirituoso até agora.

Mas ele apenas bufa. — A doença da era moderna. Para que você está na fila, então? O seu Wi-Fi também é uma merda?

— Não, funciona. É por isso que você está aqui?

Ele concorda. — Parece que a rede não chega até os bangalôs, pelo menos não de forma confiável. Eu estava em uma videochamada para o trabalho esta manhã e ela ficava entrando e saindo.

— Você tentou desligar a câmera? Às vezes isso ajuda.

Ele olha para mim com uma paciência que parece totalmente fingida. — Sim. Eu tentei isso.

O rabugento menino de cinco anos está de volta. — Atenda suas ligações no saguão — sugiro.

— Vou ter que fazer isso daqui para frente. — Uma carranca aparece entre suas sobrancelhas escuras. — Então, por que você está na fila?

— Eu reservei um cruzeiro de mergulho para amanhã. Provavelmente será o destaque de toda a minha viagem. Mal posso esperar para ver as tartarugas marinhas e só quero verificar novamente o local de embarque para não perder isso.

— É um cruzeiro ao pôr do sol?

— Sim, deveria ser. Acho que parte da Marina de Bridgetown.

— Divirta-se — diz ele.

— Obrigada. Estou planejando isso. Oh, estamos nos movendo.

O casal com as malas grandes à nossa frente aproxima-se da única recepcionista, que os recebe calorosamente. A mulher fala primeiro. Sua voz é alta e reverbera pelo saguão. — Obrigada. Estamos muito animados por finalmente estar aqui. É a nossa lua de mel!

Eu não posso abafar o gemido baixo que me escapa. Phillip bufa, e soa tão cínico quanto o meu.

— Lua de mel. — ele murmura baixinho.

Eu balanço minha cabeça. — Eles estão por toda parte.

— Já tirou uma estrela da minha crítica — diz ele sombriamente.

A entrega impassível me faz rir. É apenas uma risada, na verdade, mas as sobrancelhas de Phillip se erguem com o som.

— Ah, não — eu digo. — Aposto que este resort multimilionário vai odiar isso.

Ele desvia o olhar, mas aquela curva de seus lábios está de volta. — Eles são melhores. Eu posso escrever resenhas com palavras muito fortes.

O casal em lua de mel encerra o check-in e segue viagem com um animado *Bem vindo ao The Winter, onde é sempre verão*. É cafona o suficiente para apostar que é uma frase que os funcionários aprendem durante o treinamento.

— Como posso ajudá-la? — a recepcionista me pergunta com um largo sorriso. E então, outro funcionário aparece pela porta dos funcionários, caminhando rapidamente para o balcão da frente.

Ele trava os olhos com alguém atrás de mim. Phillip, presumivelmente. — Posso ajudá-lo bem aqui, senhor. Desculpe pela espera.

Resisto à vontade de olhar para Phillip. Tenho certeza de que o olhar em meus olhos estaria gritando “Eu avisei” se eu fizer isso.

Tenho a sensação de que ele ouve as palavras do mesmo jeito.

Quando termino minhas perguntas, ele se foi e o saguão está novamente vazio. Saio do saguão pela porta lateral, que leva ao jardim e ao caminho de madeira que serpenteia até o oceano.

Apenas cerca de metade das espreguiçadeiras espaçadas uniformemente espalhadas pela praia de areia branca parecem estar ocupadas. Sem meus óculos de sol, no entanto, eu não seria capaz de ver nada, graças à luz do sol que banha tudo à vista. A água é clara e azul-turquesa, e apenas um pouco agitada. É o primeiro dia em que vejo o mar como algo que não seja um espelho da perfeição.

Minha espreguiçadeira ainda está livre. Não que seja minha, mas depois de um dia já começa a parecer que é. Criaturas de hábitos, não somos?

O pensamento desperta uma ideia.

Talvez dois dos personagens da minha história estivessem discutindo sobre algo na praia. Outros perceberão e, após o assassinato, surgirão suspeitas entre eles. Mas é apenas mais uma pista falsa... porque a discussão foi apenas sobre a espreguiçadeira. *Isso é meu. Seu? Não havia toalha aqui! Não, mas sempre uso esta. E como eu deveria saber disso?*

Meu pobre livro permanece fechado ao meu lado enquanto faço anotações no bloco de notas que lembrei de trazer hoje.

Faz meses que não me sinto assim, já que meu entorno foi uma fonte de inspiração em vez de frustração. Talvez tudo que eu precisasse fosse uma mudança de cenário.

Becky liga enquanto ainda estou consumida por meus rabiscos maníacos. Estou desenvolvendo os personagens secundários e tentando descobrir a vítima do assassinato, mas o casal que deveria se apaixonar enquanto resolve o crime está visivelmente ausente. Não consigo ver a forma deles ou sua história de amor.

— Ei — eu digo.

— Oh, essa é a sua voz focada.

Eu rio. — Eu disse uma palavra.

— Sim, e foi muito focada. Este é um momento ruim?

— Não, claro que não. Estou de férias. Eu tenho *oceanos* de tempo.

— Bem, eu vi aquele seu guia, e não sei se *oceanos de tempo* é exatamente a descrição certa. Você está fazendo muita coisas nestas duas semanas.

— Quero que você saiba, levei muito fácil nos primeiros dias.

— Oh?

— Sim. E até falei com outro hóspede aqui, no hotel.

Becky dá um suspiro fingido. — Falou? Oh meu Deus. Foi em um elevador? E foi sobre o clima?

— Não, e não, sua espertinha. Acabei dividindo a mesa com ele na outra noite.

Como esperado, a conversa se desenvolve logo depois em uma enxurrada de detalhes. Eu olho por cima do meu ombro para ter certeza de que não há nenhum homem alto, de cabelos escuros e carrancudo para me ouvir, mas ele não está à vista. As pessoas ao meu redor também foram embora.

Eu percebo o porquê dez minutos depois.

O mar já havia sido agitado antes, mas está definitivamente agitado agora. Não há um único nadador à vista. Acima de mim, as nuvens estão pesadas e se movendo rapidamente, bloqueando o sol e o céu azul.

Pego minhas coisas e coloco meu telefone entre a orelha e o ombro. — Como você está se sentindo? Os pés ainda doem?

— Esse é o menor dos meus problemas agora. Pés doloridos, a pior das azias, dores nas costas e eu tenho SPD, o que basicamente significa que minha pélvis está se despedaçando. E ainda nem cheguei à parte de dar à luz.

— Isso soa maravilhoso.

— Ah, é. Eu recomendo. Patrick está com tanto ciúme que também não pode fazer isso.

Eu rio. — Você está quase no fim. Eu gostaria de poder melhorar, mas...

— Mas eu fiz isso comigo mesma — diz ela miseravelmente, com o tom seco de humor que tanto amo. — Bem, Patrick ajudou, mas eu sabia no que estava me metendo.

— Não significa que você não pode reclamar.

— Obrigada. Você teve que ouvir muito disso.

Eu suspiro. — Bem, você ouviu muito sobre Caleb e Cindy.

— Ei, eu também estava com raiva disso. Ainda estou. Droga, eu tenho que ir. Bem, se eu puder sair deste sofá.

Eu sorrio. Ela sempre me anima. — Falo com você mais tarde.

— Já estou ansiosa por isso — diz ela. — Divirta-se transformando pessoas reais em pessoas falsas.

Isso me faz rir. — Você me faz parecer uma psicopata.

— Não são todos os escritores? — ela pergunta, e a linha fica muda. Ainda estou sorrindo quando caminho pela areia branca até a área da piscina.

Talvez sejamos. Talvez eu possa testá-lo aqui, neste novo lugar, com espaço suficiente para ser quem eu quiser pelo resto dessas duas semanas. Uma versão inteiramente nova de mim mesma que nunca poderia ter existido em Pinecrest, Washington.

A menção de Cindy enviou uma pontada de dor através de mim. Vai passar como sempre, mas paro no bar da piscina para pegar um mojito para ajudar.

Rapidamente descubro que as pessoas que deixaram a praia por causa da mudança do tempo apenas migraram para a área da piscina. Elas estão esparramadas em cabanas e sob guarda-sóis. O lugar está lotado.

Pego meu mojito e minha bolsa de praia e dou a volta na lateral da piscina. Há uma única espreguiçadeira livre no final, protegida da chuva potencial pelo guarda-sol enorme.

Se ninguém mais pegar.

Eu sigo em meus chinelos, meus olhos no prêmio. Este lugar é uma verdadeira mina de ouro de inspiração, e mal posso esperar para abrir meu bloco de notas novamente.

Estou tão concentrada que sinto falta do garotinho que corre na minha frente. Eu ouço seu grito excitado antes de fazer contato com o inflável que ele está carregando.

Tudo acontece muito rápido. Dou um passo para a direita para evitar bater no garoto e sacrificar meu equilíbrio no processo. Eu me inclino para a única coisa por perto.

Uma poltrona. Uma poltrona atualmente ocupada.

Meus joelhos se apoiam no assento acolchoado e eu paro graciosamente. Nenhum dano, nenhum hematoma, nenhum dano, exceto pelo mojito dolorosamente caro na minha mão direita. O copo de plástico cai da minha mão e derrama seu conteúdo gelado no colo de um homem e no laptop em que ele está trabalhando.

— Ah, não — digo, estendendo a mão para segurar o mastro do guarda-sol em busca de apoio. — Merda. Olá. Nossa, desculpe.

Phillip está olhando para mim como se eu tivesse crescido duas cabeças. — Eden?

— Sim. Merda, caiu no seu laptop?

Ele olha para baixo. — Sim. Espere, não é tão ruim...

Ele começa a enrolá-lo com a toalha, mas eu o pego, jogando a minha sobre ele com movimentos frenéticos. — Desculpe. Prometo que comprarei um novo se este estiver arruinado.

— Não há necessidade.

— Quero dizer. É só que eu não vi aquele garoto, e então...

— Não é sua culpa — diz Phillip. — Este resort é comercializado como livre de crianças.

— Isso é?

Sua voz se torna mais sombria. — Sim. Era um dos meus poucos requisitos. Não sei por que eles abriram uma exceção para esta família, mas...

— Seu computador está bom?

— Vai sobreviver — diz ele, mas não parece entusiasmado com a perspectiva. Ele coloca seu laptop na mesa lateral ao lado dele e parece bom. Utilizável.

— O vazamento quase não o atingiu, graças a Deus — eu digo. — Mas então... ah. Isso pegou em você.

Nós dois olhamos para suas pernas, sua bermuda e a camisa polo bege que ele está usando. Há uma folha de hortelã solitária enfeitando sua coxa direita, e posso ver cubos de gelo presos entre seus joelhos.

— Desculpe — eu digo. — Realmente.

Ele sai da cadeira e se sacode. Eu observo a pequena folha de hortelã voar para o chão. — Pare de se desculpar.

— Deixe-me pegar outra bebida para você.

Ele me encara. — Eden, você derramou sua própria bebida.

— Ah, isso mesmo. Desculpe. — Eu rio em desculpas e pego minha bolsa de onde ela caiu no chão. — Deixe-me pegar uma bebida para pedir desculpas, então.

— Isso não é necessário. Não foi sua culpa.

Eu dou a ele um sorriso largo. — Vamos, deixe-me. O que você quer? Ah, você estava trabalhando?

— Sim. O Wi-Fi é melhor aqui. — Ele passa a mão pelo cabelo escuro. Parece mais desganhado agora do que nunca, como se ele tivesse acabado de enxugá-lo depois de nadar.

— Certo. Você resolveu tudo no seu quarto?

— Há alguém lá agora, verificando o roteador.

— Isso é bom — eu digo, balançando a cabeça uma vez, balançando a cabeça duas vezes. — Muito bom. Então, você gosta de mojitos?

Ele suspira como se eu estivesse sendo teimosa. — Sim.

— Bom. Espere aqui, já volto.

— Cuidado com as crianças — diz ele.

Eu faço. Sou super cuidadosa na ida e na volta, levando dois mojitos caríssimos. Estou tão ocupada me concentrando em onde estou pisando com meus chinelos mortais que só percebo quando volto que ele não abriu o laptop novamente.

Em vez disso, ele está me observando.

Coloquei o mojito na mesa para ele. — Aqui vamos nós! Desculpe por isso. Seu laptop não está funcionando?

Seus olhos estão fixos em sua bebida. — O que é isso?

— Um mojito de perdoe-me. Um... forjito.

— Não, o guarda-chuva rosa nele.

— Oh, isso? O barman acrescentou. Acho que é um sinal de que você está de férias e se divertindo. — Sorrio lentamente, pensando no jantar da outra noite. — Quer que eu tire uma foto sua bebendo?

Ele me dá um olhar seco. — Absolutamente não.

— Você poderia enviar para seus colegas.

— Eles me odiariam — diz ele e toma um longo gole do coquetel de menta. Seus dedos lutam para segurar o guarda-chuva de lado, e eu tenho que esconder meu sorriso atrás do meu próprio copo. — Mais do que já fazem, de qualquer forma.

Isso é... um comentário interessante. Pelo menos ele consegue uma pontuação alta em autoconsciência.

— Bem — eu digo. — Aproveite sua reunião de negócios, então.

Ele concorda. Ainda há uma mancha molhada na bainha de sua camisa pólo, e não consigo olhar por muito tempo sem me sentir culpada. Todos ao redor da piscina devem ter visto o que aconteceu. Talvez até tenham concedido pontos. Sete ponto oito por aquele desempenho patético. Graças a Deus nenhum funcionário viu aquele desastre, ou eles estariam aqui com toalhas extras e sorrisos gentis, e eu teria me sentido ainda pior.

— Eu vou — diz ele. — Aproveite seu... guia.

É quase um comentário maldoso, do jeito que ele diz. Mas há algo em seu tom de voz que me faz suspeitar que seja uma piada sem graça. Talvez ele não esteja acostumado a fazê-los.

— Eu vou. — Eu levanto meu copo em uma saudação zombeteira e me afasto dele em direção a uma poltrona tentadoramente vazia do outro lado da piscina.

Chego sob o guarda-sol pouco antes das primeiras gotas pesadas de chuva caírem do céu. A chuva tropical é torrencial. As gotas ricocheteiam no convés de pedra, saltando de volta como se estivessem tentando se juntar à nuvem de onde vieram.

Eu me enrolo na espreguiçadeira e ouço o estrondoso tamborilar contra o dossel do guarda-sol acima de mim.

Mesmo com a chuva, ainda está quente. Um aroma floral e terroso se eleva da vegetação ao redor, enquanto uma leve névoa se forma sobre as pedras quentes do deck da piscina.

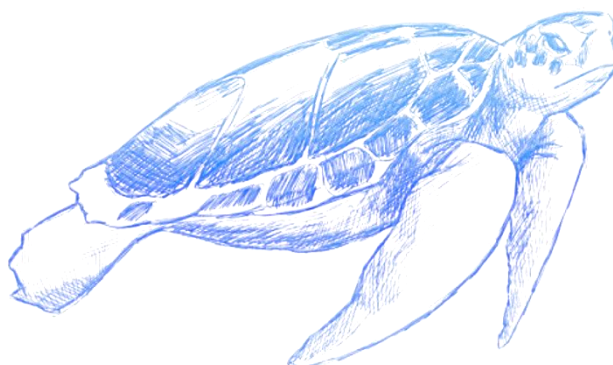
É mágico.

Um sorriso se abre em meu rosto. *Eu tenho que colocar isso no meu livro.* Talvez o casal se esconda em algum lugar, forçados a ficar em um abrigo improvisado onde possam confessar seus sentimentos.

A chuva está tão forte que não consigo ver claramente os outros hóspedes através dela. No lado oposto da piscina, há uma forma familiar, uma mancha de uma camisa bege e cabelos escuros. Não consigo distinguir sua expressão, mas provavelmente é uma carranca. E isso só me faz sorrir ainda mais.

A única coisa que posso ver é que ele está virado para mim.

CAPÍTULO QUATRO



É fácil se acostumar com um bufê de café da manhã cinco estrelas e um tempo infinito para aproveitá-lo. Passo a manhã seguinte em minha mesa habitual - com vista para o oceano - com um prato de frutas frescas, ovos e bacon.

Não é uma dificuldade.

O verdadeiro sofrimento será voltar à rotina da barra de granola de cinco minutos no meu carro antes de chegar à escola para minha primeira aula. Eu olho ao redor do restaurante para os outros hóspedes desfrutando de suas refeições e me sinto grata por poder experimentar esse tipo de luxo, mesmo que seja apenas por um curto período de tempo.

Abro meu bloco de notas e escrevo *Plano de Jogo* no topo. Se estou falando sério sobre esta história, aquela que me inspirou a escrever mais do que qualquer outra nos anos anteriores, preciso fazer minha pesquisa. O site do Winter Resort me dará imagens inspiradoras, é claro, mas não há como contar com a experiência pessoal.

E os autores devem *experimentar* coisas.

Alguns dos grandes autores foram para a guerra, viajaram ou beberam de um país para outro. Minha estada na vida dos ricos não é tão angustiante, talvez, mas é uma imersão mesmo assim.

Enfio o bloco de notas, completo com os rascunhos dos personagens que desenhei nos últimos dois dias, na minha bolsa e caminho pelo resort. O saguão. Os jardins. A piscina exterior. Muito disso é familiar, mas há áreas que eu não vi. A academia do hotel, o spa, a recepção.

Eu guardo o melhor para o final. A seção de bangalô.

Mesmo do lado de fora, eles parecem luxuosos e privados, oferecendo aos hóspedes um gostinho de exclusividade isolada. O caminho entre os prédios é pavimentado com pedras largas e cor de areia e é grande o suficiente para um carrinho de golfe passar. Eu tinha visto alguns desses veículos estacionados no saguão mais cedo. Eles devem ser para transportar malas e hóspedes para suas acomodações particulares. O caminho é margeado por cercas baixas e um portão que bloqueia a entrada de cada unidade.

Os bangalôs também têm nomes gravados nas placas de madeira de cada entrada. Um bangalô é chamado *The Sandpiper*. Pela leitura do meu guia, sei que é um pássaro. Um muito pequeno com um bico longo, frequentemente encontrado esvoaçando ao redor da costa. Eu ando pelo *The Green Monkey*, *The Leatherback*, *The Bullfinch*, e *The Whistling Frog*.

O bangalô intitulado *The Hawksbill* chama minha atenção. Esse é o nome de uma das espécies de tartarugas mencionadas quando reservei meu passeio de snorkel para o final da tarde. Este bangalô não é diferente de nenhum dos outros. Escadas de madeira escura até uma porta grande e as plantas perfeitamente ajardinadas em vasos de cada lado.

É lindo. Eu ando ao redor dele até onde um caminho de pedra corta entre *The Hawksbill* e seu vizinho antes de descer para o mar. A água é uma faixa turquesa brilhante, cercada pela areia branca, à qual os hóspedes do bangalô têm acesso quase privado. É tão lindo que chega a partir um pouco do meu coração.

Eu poderia viver aqui para sempre.

Não há uma única célula em meu corpo que anseie pelo inverno frio em Washington.

Estou entre dois bangalôs que se misturam lindamente com a paisagem. Eu tiro algumas fotos da área para minha inspiração antes de ir para a praia.

É quando ouço uma voz vindo além da cerca à direita. — Merda — uma pessoa está dizendo. — Ok. Como você entrou aí?

Não há resposta. A curiosidade leva a melhor sobre mim e eu fico na ponta dos pés, espiando por cima dos arbustos.

Os bangalôs têm varandas privadas. Eu pego a parte de trás da cabeça de um homem e depois um par de ombros antes que ele se abaixe.

Parece o Phillip.

Ele se endireita novamente. E sim, isso é uma camisa de botão e cabelo escuro.

Ele está segurando um galão de água vazio de cinco litros. Cada bangalô deve ter o seu próprio, ao contrário do edifício principal do hotel, onde os bebedouros são espaçados uniformemente nos corredores. Eu vislumbro algo minúsculo, verde e se movendo freneticamente dentro do recipiente.

Um lagarto? Ou um sapo?

— Vou deixar você livre nesta sebe aqui... — As palavras são quase inaudíveis, falando para si mesmo como ele é, mas eu as pego do mesmo jeito.

Eu saio de vista e continuo até a praia, meu sorriso se estendendo ainda mais.

Parece que este lugar traz o melhor de todos.

Eu tenho mais uma hora até minha viagem de mergulho. Passo o dia na praia, sentada com os pés na areia, e mando algumas fotos rápidas para meus pais e para Becky.

Por volta das 15h, estou esperando do lado de fora do saguão do hotel. Meu cabelo comprido está bem preso em uma trança nas minhas costas, meu boné está apertado e eu tenho a câmera subaquática que Becky me deu na minha bolsa. Enviar um e-mail ao organizador da viagem para alterar minha reserva para o cruzeiro de mergulho de duas pessoas para uma não doeu tanto quando procurei por imagens depois.

Águas azul-turquesa. Fotos subaquáticas de tartarugas marinhas. O pôr do sol é visto da proa de um barco. Ficar com o coração partido em um barco no mar do Caribe é infinitamente mais preferível do que chorar entre minhas aulas do jardim de infância em Pinecrest.

A minivan me pega no saguão do hotel e eu me amontoio ao lado de dois turistas holandeses. Levamos vinte minutos para chegar à marina em Bridgetown. Abaixo a cabeça com o boné para proteger os olhos do sol intenso e olho os barcos que nos esperam.

E todos os turistas.

Acontece que somos duas minivans inteiras com pessoas programadas para o bar aberto e o jantar íntimo e o cruzeiro de mergulho com snorkel.

Meu estômago revira enquanto deixo meu olhar vagar pelos excursionistas reunidos. Metade deles tem a minha idade ou menos. Duas mulheres de biquíni posam em frente ao barco, enquanto uma terceira as fotografa. Ao meu lado, um casal britânico está abraçado, conversando em voz baixa.

Eu sou a única aqui sozinha, e eu posso sentir isso.

Um dos marinheiros deve ter visto a expressão no meu rosto. — Sim, vai ser aconchegante hoje — diz ele com um sorriso. — Acho que podemos receber um pedido de casamento também.

— *Um pedido de casamento?*

— Sim — diz o marinheiro. Ele vira uma página em seu bloco de notas. — É bastante comum. Cenário bonito, muitos drinks para comemorar. Agora deixe-me ver... sim, estamos esperando a minivan final.

Eu olho para a fila de pessoas que estão ansiosas para embarcar. — Esta é a alta temporada turística?

— Quase — diz ele e olha para mim. Seu sorriso se alarga. — Não se preocupe, senhorita, vamos cuidar bem de você. Quando estivermos lá fora, você terá o vento em seu cabelo e não se importará com o mundo.

Eu sorrio de volta para ele tão feliz quanto eu consigo. As pessoas são uma coisa, mas um pedido de casamento?

Algo revira meu estômago.

Eu deveria ir para o cais, para me juntar à fila que espera para embarcar no catamarã que balança suavemente, mas meus pés não parecem se mover. Em algum lugar a bordo, os alto-falantes são ligados, tocando música de dança animada.

Eu só quero ver as tartarugas.

— Eden! — alguém chama.

Eu olho para o marujo verificando os nomes. Mas ele não chamou meu nome. Não, a voz alta vem do cais ao lado do nosso.

Phillip Meyer está atravessando o pequeno píer em minha direção.

— Ei — diz ele, um pouco sem fôlego. — Você está agendado para um cruzeiro de mergulho, certo?

Eu pisco para ele. Suas bochechas estão coradas, escurecendo sua pele. — Sim.

— Bom. Eu também tenho um agendado. Rota e itinerário semelhantes: snorkeling e jantar. Ignore os outros turistas e junte-se ao meu.

Eu o encaro. — Onde está o seu?

Ele acena para o catamarã ancorado ao lado daquele em que eu deveria embarcar. É tão grande quanto um gigante branco dominando as ondas azul-turquesa, mas quase vazio. Dois tripulantes estão desamarrando as cordas que o mantêm amarrado ao cais, mas não vejo um único turista.

— Esse é o *seu* barco?

— Nas próximas quatro horas, sim. — Sua voz soa tensa nas bordas. — Foi reservado para dois, então há uma vaga já paga disponível.

Meu cérebro leva um longo minuto para processar o que ele está dizendo. — Mas mal nos conhecemos.

— Nós jantamos juntos — diz ele. — Há um guia turístico privado a bordo e vários tripulantes. Estamos parando para mergulhar com as tartarugas.

— Você tem certeza?

— Sim — diz ele. — Você não quer se sentar na proa sozinha? Em vez de ao lado de todas aquelas pessoas? — Ele olha para o grupo de desordeiros de vinte e poucos anos ao meu lado que, se eu fosse uma apostadora, provavelmente começariam a beber por volta do meio-dia.

Para mim, o cruzeiro me atraiu por causa do mergulho em águas abertas e das belas vistas. Para outros, parece que o bar aberto foi o ponto de venda.

— Eden — diz Phillip. — Tenho um catamarã inteiro só para mim, com três tripulantes. Eles vão fazer o jantar para mim. *Só para mim.*

— Uau — eu respiro.

Seu rosto tem uma borda estressada. — Você não vai atrapalhar. Na verdade, você estaria me fazendo um favor.

— Eu poderia?

— Há pétalas de rosa por todo o convés.

Tudo se encaixa, desde as bochechas coradas até a boca apertada.

Ele está envergonhado.

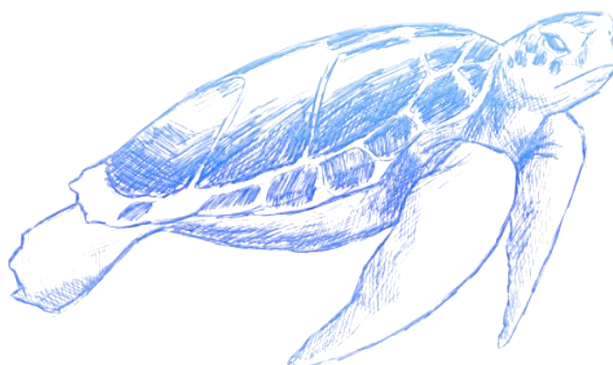
Assim como estarei em um barco repleto de casais felizes, sendo eu a única pessoa sem alguém com quem compartilhar a experiência. Exceto que ele estará cercado apenas pela tripulação, mas todos saberão que foi originalmente feito para dois. Porque as pétalas de rosa só podem significar uma coisa.

Phillip gesticula para seu catamarã. — Dentro ou fora?

— Dentro — eu digo — se você se livrar das pétalas de rosa.

— Eu já as joguei ao mar.

CAPÍTULO CINCO



O barco é enorme.

Onde poderia parecer lotado com três minivans cheias de pessoas, com apenas dois hóspedes, este catamarã parece positivamente enorme. Eu poderia evitar Phillip durante toda a viagem e sem levantar um dedo sequer.

Eu me junto a ele a bordo e recebo sorrisos largos da tripulação. Se eles estavam curiosos sobre Phillip correndo pelas docas para pegar uma mulher aparentemente aleatória que originalmente não deveria estar aqui, eles não demonstram.

Profissionais.

— Bem-vinda a bordo, Sra...

— Eden — eu digo. — Por favor, me chame de Eden.

Redes gigantes se estendem entre os cascos na proa do barco. Desdobro minha toalha em uma delas e me deito. O barco começa a se mover e, abaixo de mim, as ondas dançam. Estamos a toda velocidade navegando pela costa em direção a Carlisle Bay.

— Aqui está — Jamie diz com um sorriso e me entrega uma piña colada virgem. Ele se apresentou como o marinheiro principal e disse a mim e a Phillip que ele ficaria feliz em nos preparar qualquer bebida ou lanche que quiséssemos. Sua camisa pólo branca destaca-se em nítido contraste com sua pele escura.

— Obrigada, isso parece incrível.

— A qualquer hora — diz Jamie e olha por cima do ombro para Phillip. Ele está sentado em um banco baixo no convés, usando óculos escuros e olhando para o telefone.

Ele deve estar fazendo o que aparentemente faz de melhor em um barco no Caribe. Respondendo e-mails. Como ele ainda tem internet aqui?

Pelo menos a expressão de Jamie deixa claro que não estou sozinha em dúvida.

Mantenho meus olhos no horizonte, saboreando o ar quente e o borriço das ondas do mar contra meu rosto. Sinto-me viva, mais viva do que nas últimas semanas. Toda a ansiedade que antecedeu esta viagem valeu a pena, só por isso.

O catamarã nos leva às calmas águas azul-claras de Carlisle Bay. O capitão para o barco na primeira parada e lança uma corda leve sobre a bóia ancorada no fundo do mar.

— Pronta para entrar na água? — Jamie me pergunta. — Temos todo o equipamento de mergulho de que você precisa.

— Eu não perderia isso por nada — eu digo.

Parece que Phillip também não. Ele vem caminhando em nossa direção, firme no convés suavemente ondulado.

— Você também gostaria, senhor?

Phillip acena com a cabeça e pega os botões de sua camisa. Desvio o olhar quando ele o puxa. Não tenho o dom de me bronzear com facilidade — a habilidade esquiva que a evolução confere de forma desigual — e tenho plena consciência de como sou pálida perto de Phillip.

Existem abdominais. Vejo-os com o canto do olho. Linhas distintas esculpidas em uma barriga lisa e levemente salpicada de cabelos escuros que desaparecem em seu calção.

Aborrecimento queima em meu peito. Claro, ele tem um corpo esculpido, a perfeição prejudicada apenas por suas frequentes carrancas. Adoro meu biquíni lilás, mas de repente ele parece muito pequeno e cobre muito pouco. Eu não passo exatamente minhas noites me escravizando na academia.

Então, eu me concentro em ajustar meus óculos e tento o meu melhor para ignorar o homem alto e musculoso ao meu lado.

— Paramos longe dos outros barcos turísticos — diz Jamie — mas ainda deve haver muitas tartarugas aqui. Tartarugas verdes, principalmente, mas podemos ver uma falcão se tivermos sorte. Vou me juntar a vocês na água com um pouco de comida para elas.

— Sem tartarugas-de-couro? — Eu pergunto.

Ele sorri surpreso. — Elas são raras aqui na costa oeste, então provavelmente não, não. Você sabe quais espécies nós temos?

— Eu li de antemão — eu digo. — Não é também a estação de incubação agora?

— Claro que é — diz ele. — Portanto, certifique-se de olhar duas vezes antes de se deitar nas praias. Os ninhos são claramente marcados e atualmente protegidos por voluntários. Pronta para entrar na água?

Vou até a plataforma na parte de trás do catamarã. A água azul-turquesa bate suavemente na borda da plataforma e, abaixo da superfície, vejo apenas o fundo arenoso - muito, muito abaixo. Parece lindo.

Sinto um arrepio de medo ao ver tanta água profunda, envolvendo-nos em todas as direções. Mas está claro, e vai estar quente, e eu me deixo demorar em um frisson de antecipação. Aventura. É nisso que estou.

Em uma aventura.

Phillip vem para ficar ao meu lado na plataforma de mergulho. Ele está quieto desde que subimos a bordo, mas agora ele fala, sua voz seca e provocante. — Você era a queridinha da professora na escola, não era?

Eu olho de lado para ele. — Você prefere responder a e-mails do que aproveitar o caro cruzeiro de catamarã pelo qual você pagou?

— Responder e-mails é a minha maneira de aproveitar o cruzeiro — diz ele, mortalmente sério. Mas então ele se quebra e um meio sorriso curva seus lábios. — Estou brincando — diz ele e puxa os óculos sobre o rosto. — Agora vamos. Vamos entrar na água.

— Certo — eu digo e olho para trás, para a extensão selvagem do oceano. — As tartarugas não esperam por ninguém.

A água está mais fria do que eu esperava e muito salgada, tornando fácil flutuar de barriga para baixo. Abaixo de mim, posso ver o fundo arenoso do oceano. É tão longe. *Barbados nunca teve um ataque*

de tubarão. Eu pesquisei isso muito bem. As ondas são suaves e leves, e eu balanço com a cabeça na água, respirando pelo tubo do meu snorkel.

Jamie mergulha na água conosco. Ele grita e eu olho para cima, vendo-o acenando a alguns metros de distância. — Lá! — ele chama e aponta para um ponto à nossa frente.

Eu nado em sua direção, meus olhos grudados nas águas abaixo de nós. E aí vem.

Uma grande tartaruga marinha desliza rapidamente sob as ondas. Ele balança as nadadeiras uma vez e sobe, pegando um pedaço seco de peixe da mão de Jamie antes de mergulhar novamente. Por mais sem graça que sejam em terra, aqui são ginastas aquáticas, e este é o seu reino.

Uma tartaruga se transforma em três, todas flutuando abaixo de nós na água azul-turquesa. Elas são maiores do que eu pensei que seriam e muito mais curiosas. Uma tartaruga se aproxima, inspecionando meus pés, e eu ando na água o mais cuidadosamente que posso. A felicidade explode em meu peito.

Vou me lembrar disso para sempre, eu acho. Para sempre, para sempre, para sempre.

Trinta minutos depois, minha pequena câmera subaquática está cheia. Eu subo na plataforma, gotas do mar escorrendo de mim.

— Isso foi incrível!

Jamie ri e pega meu conjunto de snorkel. — São tartarugas Bajan³ — diz ele. — Claro que elas são.

Eu torço minha trança e aperto, deixando a água escorrer de volta para as profundezas azul-turquesa. — Tartarugas verdes, certo?

— As mesmas — diz Jamie.

Phillip sobe a escada atrás de nós, flexionando os braços, e se posiciona ao meu lado na plataforma. A água escorre por seu corpo em riachos, seguindo caminhos invisíveis sobre seus braços e peito musculoso. Ele afasta as mechas molhadas de cabelo da testa e seu estômago se contrai com o movimento.

³ Uma maneira de dizer que são típicos de Barbados. Bajna é denominado seu dialeto e cultura local.

— Isso foi incrível — eu digo. Ele pode ser o workaholic mais ranzinza e rico que já conheci, mas nem ele consegue dizer nada sarcástico sobre nadar com gigantes oceânicos.

— Você trouxe uma câmera? — ele pergunta. O sol brilha em seu cabelo molhado, agora quase preto.

— Sim. Mas não acho que a qualidade será boa. — Eu seguro o quadrado de plástico. Vou ter que processar o filme quando chegar em casa... se ainda houver lugares que processem filme analógico.

Ele olha para a câmera por um longo segundo. — Preservar as tartarugas para a posteridade?

— Sim. Prometi aos meus alunos fotos da minha viagem.

Phillip sobe no convés do catamarã e eu o sigo, poças se formando abaixo de nós no convés brilhante. — Seus alunos?

— Sim, sou professora.

— Ah — ele diz. Há um mundo inteiro nessa palavra, como se ela explicasse tudo sobre mim. — Deixe-me adivinhar. Não é o ensino médio.

— Não, eu ensino jardim de infância.

Seus lábios se curvam novamente e ele pega sua toalha azul-marinho, esfregando-a sobre a cabeça. Desvio o olhar do movimento vigoroso de suas mãos. A ação parece íntima de alguma forma. Como se tivesse acabado de sair do banho.

— Jardim da infância? — ele diz. — Eu tenho que dizer, você é minha definição de heroína.

Minhas sobrancelhas disparam para o alto. — Uma heroína?

— Lidar com duas dúzias de crianças pequenas todos os dias? Metade das quais não consegue ficar parada e a outra metade quer comer cola? Sim. — Ele joga a toalha no convés do catamarã e desce, esticado em cima dela.

Agarro minha toalha com mais força. Há *tanto* dele, forte, pernas longas e barriga bronzeada, e olhos que encontram os meus. É mais fácil lidar com ele quando ele está focado em seus e-mails. Mas assim? Sinto-me intimamente consciente de que ele é um homem, um estranho e, objetivamente, muito atraente.

Eu cuidadosamente coloco minha toalha ao lado dele e sento de pernas cruzadas. De biquíni. *Não pense nisso*, digo a mim mesma. O que ele pode pensar ou não pensar de mim não importa.

Abaixo do convés, o barco ganha vida. Estamos indo para a costa oeste agora, águas azul-turquesa espirrando sob os cascos do barco.

— É divertido, no entanto. Eu amo crianças. — Eu olho para ele, incapaz de resistir a acrescentar: — Além disso, ser professora significa que consigo não trabalhar nas férias.

— Você tirou fotos de tartarugas para seus alunos. — diz Phillip sem abrir os olhos. Suas mãos estão sob sua cabeça. Ele parece relaxado enquanto toma banho de sol, com um leve sorriso se estendendo em seus lábios. — Então você também está trabalhando, Srta. Certinha, e não tente fingir o contrário.

— Então, o que você faz da vida?

— Sou advogado.

Minha mente evoca uma imagem imediata de arranha-céus e mesas de conferência, e noites intermináveis na frente da tela do computador iluminada. — Uau — eu digo, desenhando a vogal.

— O que quer que você esteja pensando...

— Provavelmente está correto, certo?

Há silêncio ao meu lado. E então, a admissão. — Provavelmente.

Eu rio. — Ainda bem que você se presenteia com boas férias então. Você gostou da sua bebida com o guarda-chuva?

— A bebida, sim — diz ele.

— Quer outra? — Levanto-me da minha posição esparramada e começo a voltar para a cozinha. Não aproveitamos ao máximo o open bar.

— Eden! — Phillip chama. — Sem guarda-chuva!

— Não consigo te ouvir! — Eu falo de volta.

Ele ganha um guarda-chuva.

Três deles, na verdade, em três ponches de rum separados. Estou no segundo quando o jantar é servido na parte de trás — na popa — do barco. Ancorado em uma baía turquesa na exclusiva costa oeste, não muito longe do Winter Resort, com o sol poente como pano de fundo.

Sento-me em uma cadeira com um pequeno suspiro de admiração. Não acredito que estou aqui. Não acredito que estou fazendo isso, vendo isso. *Não acredito que estou aqui sem Caleb.*

Phillip limpa a garganta. Isso me tira dos meus pensamentos, e eu olho para o outro lado da mesa para vê-lo estendendo a mão.

— Perdão? — Eu pergunto.

— Dê-me o seu telefone — diz ele. — Você gostaria de uma foto sua aqui com o pôr do sol, não é?

— Oh, bom pensamento! Obrigada!

Ele murmura algo sobre ter muita prática, mas também há um meio sorriso em seus lábios. As bebidas serviram ao seu propósito.

Jamie e um companheiro de convés, Aaron, nos servem mahi-mahi grelhado, salada, batatas assadas e outra rodada de bebidas. É uma das melhores refeições que já comi - recém-saída do oceano, em um barco flutuando suavemente nas ondas.

É quando eu ataco.

— Então — eu digo, cortando meu peixe. — Havia pétalas de rosa no convés?

Phillip geme. Seu cabelo está seco, levemente ondulado nas pontas, e ele o afasta da testa. — Sim.

— Sabe, eu fiz algumas suposições sobre isso.

— Claro que sim — ele diz e pega sua bebida. — Acha que pode parar?

— Não é provável. Então, Philip Meyer. Você também está aqui em lua de mel?

Ele olha para as ondas e não me responde. Tinha sido um palpite. Podia ter sido qualquer tipo de viagem de casal, sério, mas o silêncio dele...

— Oh, você está. — eu digo. — Droga.

Ele acena com a mão como se para descartar todo o assunto. — Sim, esta viagem foi planejada para dois.

— Desculpe.

— Não se desculpe. O que aconteceu, aconteceu — diz ele. Mas seu olhar está na água como se esperasse que ela lhe jogasse uma bóia salva-vidas.

— Nunca pensei que encontraria alguém aqui na mesma posição que eu.

— Alguém que não quer que os dias de férias que eles tão meticulosamente esculpiram em sua agenda sejam desperdiçados? — ele diz. — Porque esse sou eu.

Isso me faz rir. — Mas você ainda está trabalhando, no entanto.

Seus olhos piscam para os meus, mas então ele suspira. — Sim, mas não tanto, e com uma vista muito mais bonita. Chicago nesta época do ano é... bem.

— Eu entendo totalmente isso. Eu sou do estado de Washington, e não está exatamente ensolarado — eu digo com um encolher de ombros. — Não sei quanto a você, mas não conseguimos reembolso de nada. Não o voo e nem a maior parte da estadia no hotel.

Ele faz um zumbido e depois fica quieto. Há algo sobre sua impossibilidade e imprevisibilidade - *Quem se senta à mesa de outra pessoa? Quem os convida para um cruzeiro de catamarã particular?* - isso o torna fácil de conversar. É como se ele existisse à parte da minha vida normal, à parte das regras do universo que conheço e aceito.

— Isso significa que seu ex-noivo está aqui também? — ele pergunta, os dedos tamborilando na mesa. — Escondido em um quarto de hotel diferente e em diferentes cruzeiros de catamarã?

— Oh Deus, não. Eu disse a ele que ia ficar com a lua de mel. Vir para o Caribe era meu sonho. Eu planejei essa viagem e fiz a pesquisa. Fui eu quem leu o guia de capa a capa. — Eu dou de ombros, um pouco envergonhada com a força em minhas palavras. — A puxa saco do professor, sabe?

Naquele quadro de visão quando adolescente, eu tinha uma praia do Caribe, sim. Mas ao lado dela, havia também a Torre Eiffel, o logotipo da faculdade dos meus sonhos, minha citação favorita de Virginia Wolfe, uma mulher curtindo sua corrida e várias outras coisas que pensei que queria da vida. Nunca me tornei uma corredora e nunca estive em Paris.

Mas caramba, finalmente estou no Caribe, e é um ponto na minha lista de desejos.

Phillip ainda está batendo com os dedos na borda da mesa. — Entendo. Você realmente queria vir aqui.

Eu concordo. — Eu realmente, realmente fiz.

— Bem, todo o meu itinerário está planejado para dois.

— Nenhum reembolso para você também?

— Nenhum — diz ele com um meio sorriso. — Eden, você deveria tirar proveito disso.

— Do seu itinerário?

— Sim. Tudo isso é pré-pago. Você não ficou muito chateada comigo hoje, ficou? Neste barco gigante?

— Apenas quando você passa mais tempo no telefone do que nas paisagens.

Seu sorriso se alarga. — Você pode me colocar em um intervalo então. Mas pense nisso. Tenho mais coisas planejadas durante essas semanas.

Concordo com a cabeça, meus dentes cravando em meu lábio inferior. Não é uma má ideia. Mas definitivamente está fora da minha zona de conforto. Tudo nele é... e tudo nessa viagem é... Desafio após desafio. Socializar com estranhos, mergulhar no oceano azul profundo e explorar um lugar tão diferente daquele onde cresci.

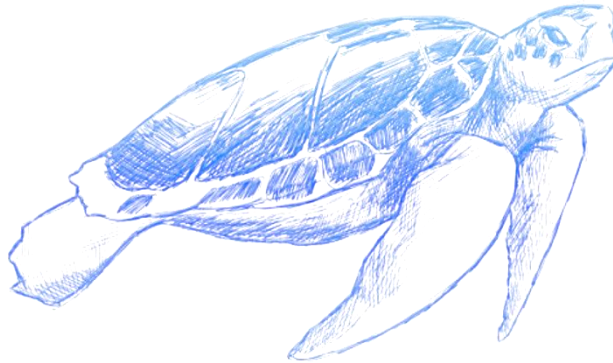
Mas talvez seja esse o ponto. Tenho estado complacente e triste por muito tempo. Talvez o que eu preciso seja emoção e apenas uma pitada de medo para aumentar a adrenalina.

Eu levanto meu ponche de rum no ar. Ele, esse estranho na minha frente, leva um momento para seguir o exemplo. Tudo o que sei dele é seu nome, seu trabalho e que ele salva lagartos se eles estiverem presos. Mas é um bom começo.

— Para a lua de mel sozinhos — eu digo.

Ele balança a cabeça como se não pudesse acreditar que eu acabei de dizer isso, mas encosta seu copo no meu. — Para a lua de mel sozinhos.

CAPÍTULO SEIS



A praia é gloriosa. Não há outra palavra para isso. Estou deitada em uma das espreguiçadeiras do Winter Resort, parte do meu corpo sob a sombra de um guarda-sol, observando as ondas turquesa baterem na areia. Até eu me odeio um pouco por estar me divertindo muito.

Graças aos deuses da tecnologia, o Wi-Fi do hotel se estende até aqui, e estou na metade do mais novo episódio do meu podcast de crime real favorito. Ao meu lado está um copo de limonada gelado, cortesia do senhor que acabou de atravessar a praia vendendo bebidas.

Perfeição.

Meu telefone vibra com uma mensagem. É Becky.

BECKY

Meu Deus. Estou na mercearia e acabei de ver Cindy.

Meu estômago aperta ao ler as palavras, mas a sensação familiar de náusea não vem. Afinal, já se passaram três meses, e o tempo ajudou a amenizar a dor inicial.

EU

O que você fez? Você se escondeu atrás dos produtos?

BECKY

Não. Estou grávida demais para me esconder atrás de qualquer coisa que não seja um elefante, provavelmente. Eu dei a ela o olhar do mal.

Eu sorrio para a tela. Becky tinha ficado do meu lado logo de cara, embora eu não tivesse pedido a ela. Nós três formamos uma equipe desde o colégio. Através de diferentes faculdades e cidades, ficamos juntas - telefonemas regulares e viagens de garotas. *Vocês tem seu próprio relacionamento*, eu disse cuidadosamente para Becky. *Não quero que você sinta que precisa...*

Becky tinha me cortado ali mesmo. *Alguém que vai dormir com o noivo de sua melhor amiga não é uma amiga que eu quero.*

E foi isso.

Talvez Becky mude de ideia algum dia, mas ela é a pessoa mais “lei e ordem” que conheço e, por enquanto, ela parece estar mais indignada do que eu. Difícil de acreditar, isso.

EU

O que Cindy fez?

Ela e eu não tivemos uma conversa adequada desde aquele dia explosivo em novembro.

BECKY

Foi ela quem se escondeu atrás dos produtos! Acabei de perceber que não deveria ter te mandado uma mensagem sobre isso. DESCULPE! Aproveite a bela Barbados e esqueça todos aqui em Pinecrest. Mande-me uma foto da praia e chorarei com meus tornozelos inchados.

Tiro uma foto das minhas pernas na espreguiçadeira, junto com as belas ondas ao fundo. Dois barcos à vela flutuam pacificamente ao longe. Meu telefone toca rapidamente com a resposta dela.

BECKY

Você merece isso.

Eu me inclino para trás na minha poltrona e tento não pensar em Cindy. Nem em Caleb também. E definitivamente não dos dois juntos. Não, não quero essa imagem aqui.

Lugar feliz. Este é o meu maldito lugar feliz e minhas férias dos sonhos.

Eu consigo um pouco. Ajuda ter a voz suave do meu podcaster favorito narrando um terrível duplo homicídio em meus ouvidos. Nunca fez sentido para Caleb, meu fascínio pelo crime verdadeiro. Mas ele se foi e o podcast ainda está acontecendo, então quem realmente me serve melhor?

Deixe para lá, digo a mim mesma. Você está de férias.

Em vez disso, observo as pessoas. Olho para os outros turistas na praia. Alguns aposentados, algumas cadeiras abaixo, estão dormindo em suas espreguiçadeiras. Mais adiante, um jovem esfrega diligentemente protetor solar nas costas de uma jovem.

Provavelmente recém-casados.

Uma voz aguda corta meu podcast pacífico. Alguém está ao telefone. Como sou intrometida, abaixo o volume para ouvir melhor e estico o pescoço.

É a voz de Phillip. Ele está caminhando ao longo da costa novamente, vestindo um calção de banho, sem camisa e fones de ouvido Bluetooth em seus ouvidos. As feições nítidas de seu rosto estão desenhadas. Ele está discutindo com alguém.

Ele caminha ao longo da praia uma vez. Então duas vezes. E então, uma última vez, virando-se de costas para o oceano. Seus braços estão cruzados sobre o peito.

Eu levanto minha mão e dou um pequeno aceno.

Seus olhos pousam em mim. Por um momento, não sei se ele vai me reconhecer. Mas então, ele acena com a cabeça - um empurrão brusco de seu queixo, tão diferente da leveza que observei nele no convés do catamarã.

Eu aumento o volume do meu podcast e me deito. Meu biquíni é azul marinho com pontinhos brancos hoje. Perfeitamente decente. E estou um pouco mais bronzeada do que no outro dia, cortesia do cruzeiro.

Uma sombra cai sobre mim, e eu olho para cima.

— Ei — Phillip diz, seus fones de ouvido sumiram.

Eu me endireito na poltrona. — Olá — eu digo. — Hum, quer se sentar?

Ele olha para a espreguiçadeira ao lado da minha como se isso o ofendesse. Mas então, ele suspira e se senta. — Sim.

— Está tudo bem?

— Sim — ele diz e coloca o telefone virado para baixo na cadeira com mais força do que o necessário.

Eu decido tentar o destino e usar um método testado e comprovado. Já acalmou muita gente. Eles eram principalmente alunos do jardim de infância e não homens adultos com mais dinheiro do que bom senso, mas vou tentar de qualquer maneira.

— Tenho a sensação de que você não está se sentindo no seu melhor. — eu digo. — Se você quiser falar sobre isso, eu sou uma boa ouvinte. Mas está tudo bem se você não quiser.

Phillip me encara por tanto tempo que fico desconfortável. Há apenas severidade em seu rosto, como se eu fosse um oponente do outro lado da mesa de negociações. Os advogados negociam? Admito que tiro a maior parte das minhas ideias sobre o trabalho deles de programas de televisão.

Então, seus lábios se curvam. — Você está usando a sua voz de professora comigo, não é?

— Sim. Funcionou?

— Não. Mas foi impressionante.

— Droga. — eu digo. — Se ao menos você tivesse cinco anos.

Ele bufa e passa a mão na nuca. — Você poderia ter me dado uma tesoura e eu ficaria feliz de novo.

— Eu costumo carregar um par comigo. — eu digo, e é a verdade absoluta. — Às vezes, também tenho uma pistola de cola ou purpurina. Tenho certeza que você não vai acreditar em mim, mas há muito poucos problemas que um pouco de glitter não pode resolver.

Há uma luz em seus olhos azul-escuros. — Vou ter que pensar sobre isso se for ao tribunal em breve.

Meu sorriso se alarga. — O juiz ficaria tão impressionado.

Ele passa a mão pelo queixo. — Adicione alguns adesivos aos relatórios de evidências.

— Descobri que as estrelas douradas podem ser muito motivadoras.

— Vou ter isso em mente — diz ele. A tensão ao redor de seus olhos se foi, mas o sorriso de ontem ainda não voltou. Ele acena para o livro ao lado da minha poltrona. — Esse é o seu infame guia?

— Sim — eu digo. Ele estende a mão para pegá-lo enquanto um protesto nasce e morre na minha língua. Em vez disso, tiro meus fones de ouvido e observo em silêncio enquanto ele folheia as páginas.

— Uau — ele finalmente diz.

— Eu sei como parece.

— Pelo menos não tem purpurina. — Ele vira uma página cheia de anotações. — Nenhuma estrela dourada também. Mas veja, você usou um iluminador. Não sabia que funcionava nesse tipo de página.

— Você tem que conseguir um tipo especial — murmuro.

Ele folheia outro capítulo. Existem pequenas bandeiras Post-it que marcam partes importantes. Para o observador casual, devo parecer uma completa lunática por ter feito tanta pesquisa antes de uma viagem.

— Então, você está realmente explorando a ilha para uma futura filmagem ou algo assim? — ele pergunta. — A coisa da lua de mel foi uma estratégia? Diga-me a verdade. Você está realmente disfarçada.

Eu balanço minha cabeça. — Eu gostaria que fosse isso. Eu só fiquei um pouco obcecada.

— Eu diria. — Phillip para em uma página particularmente anotada. — Há asteriscos aqui. Veja mais em... não. Você tem mais informações?

— Apenas alguns links em um documento online.

— Você daria uma ótima paralegal ou assistente — diz ele.

— Hum, obrigada?

Ele olha para mim. — Oh, eu não quero dizer... apenas que você é muito meticulosa. Foi um elogio. Esse tipo de anotação é impressionante.

— Obrigada. — Brinco com a ponta da toalha de praia em que estou deitada. — Essa viagem se tornou minha tábua de salvação depois de todo o não casamento, sabe? Parecia, pelo menos. Eu queria estar o mais preparada possível. Honestamente, provavelmente exagerei um pouco.

Ele fecha o guia. — Bem, você fez dez vezes mais pesquisas do que eu. Não, cem vezes.

Eu sorrio. — Você não planejou seu itinerário para dois, então?

— Deus, não.

— Então a sua ex fez — eu digo, apostando novamente.

Ele balança a cabeça. — Não, usamos um profissional para isso.

Minha boca forma um minúsculo *O*. Não consigo imaginar a vida que você vive se usa outra pessoa para planejar suas férias. Nossos caminhos nunca teriam se cruzado nos Estados Unidos. Mesmo que morássemos na mesma cidade, ainda seríamos dois países separados.

— Uau — eu digo. — Eles lhe forneceram seu próprio guia?

Ele bufa. — Não. Apenas oito páginas de itinerário com os detalhes relevantes da reserva de cada excursão.

— Os títulos foram destacados, pelo menos?

— Não — diz ele. — Havia pouco brilho, chocante também.

Eu dou a ele um olhar de falsa indignação. — Desculpe dizer isso, mas acho que você foi enganado. Não os contrataria novamente.

Ele ri, o primeiro som de alegria que consegui dele. — Certo — ele diz e olha de volta para seu telefone. Vira-o várias vezes, como se não suportasse ver a tela. — Você gosta de pescar, Eden?

— Pescar?

— Sim. Vara, linha, isca.

— Eu sei como se faz — eu digo, e algo brilha em seus olhos. — Mas só tentei uma ou duas vezes quando era criança. Meu tio tinha uma cabana na floresta, perto de um lago, e nós íamos às vezes.

— Você gostou?

— Eu tinha oito anos — eu digo. — Gostei de tudo menos brócolis. Por que?

— Eu tenho outra coisa para dois planejada esta tarde. Se você estiver interessada. — Ele inclina a cabeça para a minha poltrona, os olhos passando rapidamente das minhas pernas nuas para a parte de cima do biquíni. — A menos que você tenha um encontro importante com o sol planejado.

— Onde você vai pescar?

— No oceano — diz ele, a voz inexpressiva.

Reviro os olhos. — *Philip* — eu digo. Seu nome parece íntimo na minha língua.

— Irão me buscar no píer do Winter Resort.

— Oh. Uau.

— É uma viagem de três horas pela costa. O guia é especializado na pesca de mahi-mahi e espadarte. — Ele dá de ombros. — Alguém me disse que peixe-espada é uma especialidade de Barbados, mas talvez ela não tenha pesquisado direito...

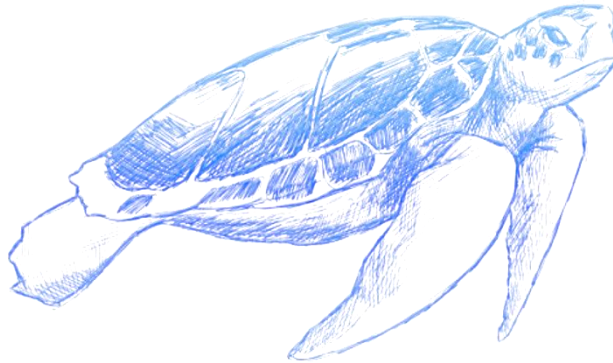
Balanço minhas pernas para o lado da poltrona. — Eu vou com você — eu digo. — Que horas?

— Três. — Ele pega o telefone e se levanta, me forçando a esticar o pescoço. Ele parece estupidamente alto desse ângulo. — Não queime até ficar crocante antes disso.

— Muito engraçado — eu digo. — Não podemos todos ser tons de oliva!

Ele bufa e se afasta, e eu posso ouvi-lo murmurar a palavra *tons de oliva* baixinho como se fosse a coisa mais ridícula que alguém já disse.

CAPÍTULO SETE



A lancha corre ao longo das infinitas águas azuis, e eu tenho que puxar meu boné para baixo contra o vento. Phillip está sentado à minha frente. Ele está de short e outra camisa de botão, um relógio grosso no pulso bronzeado. Óculos de sol. Sem sorrisos e toda a seriedade, como ele costuma ser, e não há bar aberto ou um guia para ajudar a facilitar nossa conversa desta vez. Eu tinha mandado uma mensagem para Becky mais cedo, contando a ela sobre meus passeios com ele.

BECKY

Você perdeu a cabeça? Ele pode ser um serial killer! Mas você não disse que ele era atraente? Porque, se assim for, lembre-se de que vale a pena correr alguns riscos.

Era uma típica mensagem de Becky. Minha resposta foi um pico de férias para mim, que aparentemente é alguém que abraça a espontaneidade.

EU

Se ele me matar, diga a todos em casa que os amei muito. Além disso, estou com um vestido de verão azul se precisar identificar meu corpo pelo telefone.

BECKY

Entendi. Vou garantir que seu caso se torne o melhor episódio de podcast de todos os tempos. Além disso. QUÃO GOSTOSO ELE É?

Eu não respondi a sua pergunta de letras maiúsculas.

É complicado. Objetivamente, sim, gostoso seria a descrição certa do homem sentado ao meu lado, com o rosto voltado para as ondas e um braço forte ao longo do encosto. Mas é o tipo frio e impessoal de bonito com o qual sempre lutei. Ele é um pouco mais alto do que o normal, o cabelo um pouco mais ondulado, talvez. Seu rosto é mais severo do que um homem de sua idade deveria ter.

Sim. Ele é gostoso. E absolutamente nada como meu ex, ou qualquer um dos caras por quem eu tinha uma queda antes de Caleb.

O nome do nosso guia de pesca é David. Ele é um Bajan⁴ de cinquenta anos de modos tranquilos e um brilho provocante nos olhos. Ele diminui a velocidade do barco e o deixa parar em meio às ondas azul-turquesa.

— Estão prontos? — ele nos pergunta. — Porque eu tenho que avisá-los, vocês dois vão pegar alguma coisa.

Olho para as varas de pesca que David está segurando. — Estou pronta, eu acho.

— Não se preocupe — diz Phillip ao meu lado. — Não é preciso muita habilidade.

— Obrigada?

Sua boca se abre em outro daqueles pequenos quase sorrisos. — Isso é uma coisa boa.

Eu me levanto do banco. — Você já fez muito isso?

— Uma ou duas vezes. — Ele aceita uma vara de David que é quase tão longa quanto sua altura. — Para ser honesto, eu fiz muito isso quando criança.

— Sério? Você gostou?

— Sim.

David me entrega uma vara de minha autoria. Ele está bem familiarizado com o fato de eu ser uma iniciante e se diverte muito em me instruir como segurar a vara e como sacudi-la e lançá-la.

David e Phillip se revezam para me instruir como puxar ritmicamente a linha enquanto eu a enrolo lentamente, para imitar a natação de um peixe real e puxar os maiores.

⁴ Pessoa nativa de Barbados.

— Os peixes realmente nadam assim? — Eu pergunto a eles, meus braços ficando cansados. — Em estranhas explosões de energia?

Mas nenhum deles acha que minha pergunta merece muita consideração.

Phillip pega o peixe primeiro. Ele pega o segundo também, e então David pega um marlin. É muito pequeno para manter, ao contrário das duas barracudas de Phillip, então ele é colocado de volta na água para nadar outro dia.

Meus braços estão terrivelmente cansados quando algo finalmente puxa minha linha.

— Oh meu Deus. Acho que tem um peixe.

— Só uma mordidinha? — Davi pergunta. — Ou está fisgado?

— Uh, qual é a diferença?

— Está puxando?

— Sim — eu digo, meus braços ficando tensos. — Eu acho que está fisgado?

— Enrole a linha — diz Phillip. Sua voz vem de perto, sua própria vara esquecida. — Devagar e sempre. É isso. Enrole assim mesmo.

— É pesado — eu digo. A adrenalina bombeia em minhas veias. Talvez seja disso que eles gostam? A emoção da perseguição? — Você consegue ver?

Ele se inclina sobre a lateral do barco. — Não... sim. David, você está vendo isso?

Mas David está pronto com a rede. Aparece um grande peixe amarelo-esverdeado. Tem um rosto fechado como um pug.

— Oh meu Deus! O que é isso?

— Você pegou um golfinho — diz David.

— Um *golfinho*?

— Sim. *Dourado*. Vocês costumam chamá-lo de mahi-mahi — diz ele. O peixe dá um movimento poderoso. — Olhe para isso! Sua primeira captura!

— Devemos jogá-lo de volta?

— Não, não, isso vai alimentar uma família inteira. Sim, por favor!

Ao meu lado, as palavras de Phillip são mais silenciosas. — Ótimo trabalho, Eden.

— Tudo o que fiz foi segurar uma vara. — digo.

— Não, você também puxou ritmicamente. — ele corrige. — E isso fez toda a diferença.

Isso me faz rir.

Quinze minutos depois, e nossa pescaria está concluída. David sugere que ambos tiremos fotos com nossas capturas. Phillip não quer muito, mas enquanto poso com meu peixe-golfinho gigante, que decididamente é mais peixe do que um golfinho, estou sorrindo. Outra marcação na minha *lista de “explorar Barbados”*.

Atrás da câmera do meu telefone, David franze a testa. — Não consigo colocar você e o peixe na foto. Você pode fazer recuar?

Eu dou um pequeno passo. — Assim?

— Mais.

Eu recuo. Então, recuo um pouco mais, até que a parte de trás das minhas pernas bate na amurada do barco. Perco o equilíbrio. Meus braços se debatem, mas há um peixe gigante neles, e não consigo me endireitar. O mahi-mahi escapa de minhas mãos e cai no convés... no momento em que começo a me inclinar para trás.

— Eden!

Eu agarro o corrimão enquanto o viro. Mas não adianta. Eu vou ao mar.

Eu bato na superfície azul escura do mar. A água morna me envolve e eu rapidamente volto à superfície. Estamos tão longe da costa que não consigo ver o fundo arenoso nas profundezas.

Phillip ri. Eu nunca ouvi isso antes. Ele ri tão alto que ecoa pelas ondas, mas soa totalmente genuíno. Mesmo quando ele se inclina para a lateral do barco para estender a mão, ele está rindo — risinhos profundos que acalmam o pior do meu choque.

Eu piso na água e estendo minha mão para envolvê-la em torno da dele. — Você está bem? — Phillip pergunta, ainda sorrindo amplamente. Isso ilumina o rosto dele.

Concordo com a cabeça e ele me puxa de volta para o barco.

— Sim. Oh meu Deus, eu nunca mais quero fazer isso de novo!

— A vingança do golfinho — David diz com um olhar para o peixe, caído no convés. — Fez você tomar banho de mar.

— Puxa, isso realmente aconteceu. — Eu me levanto, pingando. Meu vestido de verão está completamente encharcado e, graças a Deus, as sandálias em meus pés tinham tiras ou teriam se perdido no fundo.

Ao meu lado, Phillip ri novamente. Ele tirou os óculos escuros e, à luz do fim da tarde, posso ver as rugas no canto dos olhos por causa do sorriso largo. — Obrigado, Eden.

— Eu sei o que você vai dizer.

Seu sorriso cresce. — Você?

— Sim. Acabei de lhe dar um monte de entretenimento, não é? Gratuito também. — Pego meu cabelo e o enrolo, a água pingando no convés. Eu não quero olhar para baixo. Meu vestido deve estar moldado ao meu corpo, mostrando cada curva.

Ele já me viu de biquíni. Além disso, qualquer sex appeal que eu pudesse ter provavelmente se perdeu no momento em que mencionei que era professora de jardim de infância. Ou quando ele me viu falando sobre tartarugas e minha câmara subaquática. Sem mencionar quando ele viu meu guia marcado.

Muitas opções para escolher.

— Sim — Phillip diz — Você fez. David, você tem uma toalha sobressalente a bordo?

Nosso guia de pesca desenterra uma toalha puída. O tecido é áspero, mas seco, e eu o enrolo em volta de mim.

— Você vai ficar com frio — diz Phillip atrás de mim.

— Estamos no Caribe.

— No momento em que ligamos o motor... — diz ele.

Eu entendi o que ele quis dizer cinco minutos depois. Voltar para o Winter Resort é horrível. Fico mais gelada a cada segundo enquanto o vento assalta meu vestido encharcado.

Phillip vasculha sua bolsa. — Achei que tinha colocado outra camiseta na mala — ele murmura.

Eu olho para sua forma, inclinada sobre sua mochila. — Oh, obrigada, mas tudo bem. Estamos quase de volta ao hotel. — Eu olho para baixo. — Além disso, eu... na verdade, você pode segurar isso?

Ele aceita a toalha. — Sim. Por que? — Seus olhos caem para as minhas mãos, apertadas ao redor da bainha do meu vestido. — Oh. Certo.

Eu o tiro do meu corpo. Phillip desvia o olhar, para onde nossos peixes estão amontoados em um balde de gelo. Seu sorriso se foi.

Sem o tecido úmido e frio, já me sinto cinco vezes mais quente, mesmo que o arrepio ainda se espalhe pela minha pele nua. — Muito melhor. Posso...

Ele empurra a toalha na minha direção. — Claro.

— Obrigada. — Eu a enrolo em volta de mim e puxo meu cabelo molhado para que ele caia sobre minhas costas cobertas de toalha. — Então, onde você pescou?

— O que?

— Onde você pescou? Quando você era criança?

Seus olhos voltam a focar nos meus, e então ele pigarreia. — Lago Superior.

— Fora de Chicago?

— Sim. — Ele pigarreia e se inclina para trás, a silhueta do sol poente. — Costumávamos ter uma cabana à beira do lago e íamos lá no verão e nos fins de semana.

— Achei isso adorável. Você pescava com seus irmãos?

Ele balança a cabeça. — Não, minha irmã nunca gostou. Meu pai, no entanto.

— Vocês dois pegaram muitos golfinhos?

Isso provoca outra meia risada. — Nenhum, não. Qualquer tipo.

— Você ainda pesca lá em cima?

— Não, eu não faço há anos. Sou quase tão novato agora quanto você.

— Bem, você perdeu a parte sobre cair — eu digo. — Essa é a chave.

— Ah, é?

— Sim. Para comemorar uma captura bem-sucedida, você sabe. É um ritual de agradecimento ao oceano. Mas não se preocupe — eu digo

e estendo a mão para dar um tapinha em seu braço. Sua pele é quente sob meus dedos. — Você vai chegar lá eventualmente.

Ele levanta uma sobrancelha. — Obrigado pelo incentivo.

— Quando quiser.

— Então, o que mais há em seu pequeno guia?

— O que mais?

— Sim. Que outros pontos turísticos são obrigatórios para você?

Eu sorrio para ele. — Você está pedindo um monólogo. Você sabe disso, certo?

Uma covinha aparece em sua bochecha. Está lá e se foi de novo, quase como se nunca tivesse existido. — Monólogo de viagem.

— Ok. Então, você sabia que eles produzem muito rum no Caribe?

— Talvez eu tenha ouvido falar disso, sim.

Reviro os olhos, mas continuo destemida. — Certo. Bem, a marca de rum mais antiga é produzida aqui na ilha.

— Isso é?

— Barbados abriga a destilaria mais antiga, mas existem várias outras. Então, uma das coisas que eu realmente quero fazer enquanto estou aqui é ir a uma degustação de rum, experimentar uma tonelada de coquetéis diferentes e talvez aprender como o rum é feito.

Ele passa a mão pelo queixo. — Sabe, devo ter visto algo sobre rum no meu itinerário.

— Realmente?

— Sim. Foi um tour privado por uma destilaria e uma degustação de rum.

Minha boca se abre. — Um tour *privado*?

— Sim. Ainda quer falar mal do meu planejador de viagem?

Eu finjo fechar minha boca. — Juro que nunca mais vou falar mal deles!

Phillip acena com a cabeça novamente, a covinha aparecendo. — Bem. Acho que está marcado para este fim de semana. Quer vir junto?

Minha resposta é imediata. — Sim. Mas eu tenho que te pagar de alguma forma. Quero dizer, com esta viagem de pesca, o cruzeiro de catamarã. Eu não posso apenas...

— Absolutamente não — diz ele. — Já estava tudo reservado.

— Mas eu não posso simplesmente me impor assim.

Seu braço se estende ao longo da parte de trás do corrimão, sua mão perto do meu ombro. — Eden.

— Sim — eu digo. — Phillip.

— Eu não decidi realmente fazer esta viagem até um dia antes do meu voo.

— Oh.

— E eu planejei totalmente perder metade do itinerário — diz ele. Seu olhar se desvia de mim para as ondas, e algo funciona em sua mandíbula. — Me conte algo. Quando você fez o check-in, eles a parabenizaram pelo casamento?

— Sim — eu sussurro.

— Certo. Bem, eles fizeram o mesmo comigo. É por isso que eu estava no restaurante na minha primeira noite, indo à sua mesa em vez de pedir serviço de quarto. Pedi à equipe que limpasse meu bangalô de pétalas de rosa e champanhe comemorativo. — Ele balança a cabeça como se estivesse desalojando uma memória. — Você não está impondo. Nem um pouco. Eu te pareço um homem que te convidaria só para ser legal?

— Quer uma resposta honesta?

— Sempre — diz ele.

— Não, você não parece.

Ele concorda. — Exatamente. Também não estou com pouco dinheiro. Então você não está me pagando de volta por nada.

Eu me pego concordando. — Ok. Mas eu tenho o guia.

— Sim, se você tem certeza.

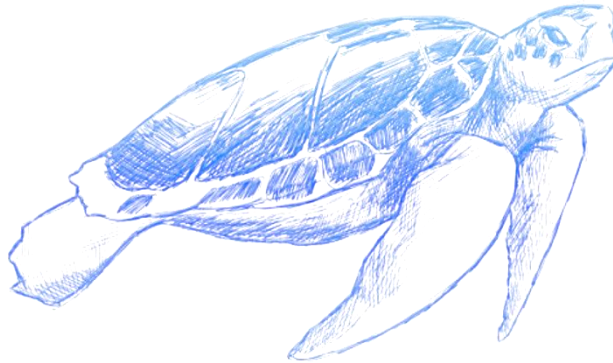
— E não tenho medo de usá-lo. Eu te pagarei de volta em conhecimento.

Seus lábios se contraem. — Você vai me fazer me arrepender disso, não é?

— Provavelmente — eu digo. — Mas vou garantir que você aprenda muitas curiosidades inúteis ao longo do caminho.

Ele passa a mão pelo cabelo despenteado pelo vento. Ao redor de seus olhos, linhas de riso aparecem com seu quase sorriso. — Parece umas férias ideais — diz ele.

CAPÍTULO OITO



O hotel está silencioso enquanto volto para o meu quarto.

As máquinas de venda automática no final do corredor estão abastecidas com chocolate e, por dias, me manteve forte. Mas não esta noite. São 23h30 e eu deveria estar dormindo, mas o filme no meu computador é interessante, e a vontade de chocolate me bateu forte depois de um dia inteiro de sol e uma tarde de pesca no mar.

Armada com um pacote de M&Ms na mão, minha busca está completa. Cacei e coletei, e agora volto para a porta do meu quarto do hotel.

E não consigo abrir.

O cartão-chave não está nos bolsos do meu roupão macio e não está enfiado no sutiã que estou usando por baixo da camiseta. Também está visivelmente ausente dos bolsos dos meus shorts de algodão.

Eu inclino minha cabeça contra a porta. — Merda.

Levo mais um minuto para engolir meu orgulho. Assim que desce, por mais difícil que seja, sigo para os elevadores. Esperançosamente, a maioria dos hóspedes está no restaurante ou nas camas, e não demorando no saguão, prontos para me julgarem por meu traje.

Entro na ponta dos pés no saguão com meus chinelos, o que não é a tarefa mais fácil.

Está vazio. Não há uma única pessoa, funcionário ou hóspede, no espaçoso lobby do Winter Resort. Eu bato meu pé no chão de pedra algumas vezes antes de olhar para a gigantesca recepção de granito. — Olá?

Está quieto como um túmulo.

Eu levanto minha voz. — Com licença? Olá?

Alguém provavelmente está tomando tempo para uma pequena pausa no banheiro, eu acho, andando pelo saguão. Por que eu tive que usar meu roupão de banho?

Abro as portas que dão para o jardim do hotel. É melhor andar um pouco antes de voltar para ver se alguém está cuidando do balcão de check-in. Ou talvez estejam aqui fora, fumando um cigarro.

Não estão, mas o ar é agradavelmente quente em comparação com o sol intenso do dia. A iluminação bem posicionada ilumina o jardim meticulosamente esculpido com suas cercas baixas, palmeiras e flores tropicais. Este lugar é realmente impressionante. O resort mais bonito que já visitei.

Aperto mais o cinto do roupão e caminho ao longo da colunata. O caminho se abre para a piscina externa do hotel ao longe. A piscina fecha às 20h, com uma grande placa informando aos hóspedes que não é permitido nadar à noite.

Mas posso ouvir salpicos.

Curiosa demais para resistir, desço para investigar.

Um homem está nadando.

Ele corta a superfície rastejando, o cabelo escuro grudado na cabeça.

Estranho que eu reconheça o estilo de natação tão facilmente. Nós só tínhamos estado em um cruzeiro de mergulho juntos. Mas é definitivamente Phillip.

Sento-me em uma das espreguiçadeiras. Estão todas vazias, a área abandonada. Luzes decorativas iluminam a mesa e o som da vida noturna tropical pesa no ar. Aprendi com meu guia que não são cigarras, como se pode suspeitar pelo som, mas minúsculos sapos assobiando.

Phillip me nota no meio de outra volta. Ele muda no meio do curso e se vira para pisar na água.

Há um olhar surpreso em seus olhos.

Eu dou um pequeno aceno. — Olá.

— Você está se escondendo na escuridão, me observando nadar — ele diz e dá duas grandes braçadas em direção à borda da piscina. — Isso não é nem um pouco assustador.

— Nadando depois das 20h — eu digo. — Isso não é nem um pouco proibido.

— E você não está prestes a fazer a mesma coisa?

— Não. Oh, por causa do meu roupão? — Eu balanço minha cabeça. — Isso é embaraçoso.

Ele descansa os dois braços na beira da piscina. — Então, você tem que me contar.

— Eu me tranquei do lado de fora do meu quarto de hotel.

Um meio sorriso ilumina seu rosto. — Você não fez?

— Sim.

— Você é uma fonte constante de diversão, Eden.

Eu gemo. — Por que essas coisas sempre acontecem comigo?

— Depois de ver você cair no oceano mais cedo... eu diria que é um mistério absoluto.

— Engraçado. Por que você está violando as regras sagradas do hotel? — Descanso a cabeça nas mãos, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. — Só precisava fazer o seu treino noturno?

— Algo assim — diz ele.

— Você é um bom nadador.

Ele acena com a cabeça, mas não está se vangloriando. Apenas autoconsciência. — Eu nadei competitivamente enquanto crescia.

— Oh, isso explica muita coisa — eu digo. — O impulso, o autocontrole.

— Você sabe algo sobre meu autocontrole?

— Você é advogado, certo? Isso significa faculdade, faculdade de direito e muita papelada. — Eu dou de ombros. — Talvez sua vida não seja como a dos advogados que vi na TV. Mas se for, é preciso disciplina, muito café e paralegais quentes. Provavelmente um pouco de sexismo casual também.

Ele olha para mim por alguns longos segundos. — Sabe, você é uma das mulheres mais estranhas que já conheci.

Minhas sobrancelhas disparam para o alto. — Eu?

— Sim.

— Não sei se devo tomar isso como um elogio.

— Eu também não — ele diz, mas o meio sorriso está de volta. — Parece que você diz exatamente o que pensa.

— Nem sempre — eu contesto. Houve muitos pensamentos que não compartilhei nos últimos meses. Sobre mim, sobre Caleb, sobre Cindy. Pergunta do porquê. *Porque, porque, porque?*

— Oh? Devo ter medo de ouvir as que não foram escolhidas? — ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça. — Eu sou um anjo perfeito.

— Claro, você é — diz ele. — Agora vamos. Entre.

— Entrar na piscina?

— Sim. Você está aqui, não está? Por que não?

— Porque é... uma loucura. E porque não estou usando maiô.

— Então vista sua roupa íntima. Não é como se alguém pudesse ver alguma coisa nesta luz, de qualquer maneira. — Ele se vira de costas e se afasta da borda da piscina, flutuando na água. Ao longe, posso ouvir as ondas batendo na costa, misturando-se com os insetos e sapos fazendo serenatas.

Phillip retoma as voltas de natação, desta vez de costas. Observo-o completar duas voltas completas enquanto minhas mãos brincam com o cinto do meu roupão.

Claro, ele é do tipo que dá voltas. Faz todo o sentido, com sua vibe semi-serial killer e senso de personalidade reprimido.

Isso deveria estar no meu livro. Talvez seja assim que os dois amantes se encontram. A piscina à meia-noite. Ou talvez seja o álibi de alguém... só que não há ninguém naquela hora para confirmar. Isso vai ser bom.

Eu respiro fundo. Até agora, esta viagem tem sido uma loucura. Sobre dizer que dane-se, sobre abraçar meu eu de férias, sobre correr riscos e me livrar da rotina em que estive.

— Eu não posso acreditar que estou fazendo isso — eu digo e puxo meu roupão.

— Não há tartarugas marinhas para fotografar aqui — diz ele. — Então, eu também.

— Muito engraçado. Está frio?

— Na verdade. Está agradável.

— O que provavelmente significa que está congelando. — Eu mergulho meu pé na água. Está morna. Provavelmente um alívio bem-vindo durante os dias quentes, mas agora como o sol se foi, parece um pouco frio.

Não me permito pensar enquanto tiro o short do pijama e a camiseta, ficando ali de calcinha por um instante, antes de entrar na piscina. Phillip está do outro lado de qualquer maneira, nadando de novo, cortando a água em braçadas que eu nunca poderia replicar.

A água é rápida contra a minha pele. Respiro fundo e afundo até os ombros.

Está agradável. Bem, vai ficar agradável. Em cerca de dois minutos.

Phillip surge a alguns metros de mim.

— Eu não posso acreditar que estou fazendo isso — eu digo.

— Quebrando as regras? Ou nadar?

— Ambos.

— Bem, as regras foram feitas para serem quebradas.

— Essa é a sua opinião profissional, como advogado? — Eu digo.
— Porque isso não parece certo.

Ele balança a cabeça, gotas de água voando de seu cabelo molhado. Eles ondulam a superfície ao nosso redor. — Não. Estou fora do expediente.

Eu me estico na água. É luxuoso estar aqui, fazendo isso. O céu acima está salpicado de estrelas e a alegria corre em minhas veias. Eu quero ficar aqui para sempre. O momento parece grande, incomum e inspirador.

Phillip começa a nadar novamente.

Espero até que ele dê algumas voltas antes de falar novamente. — Quantos anos você tem?

Ele dá alguns golpes vagarosos antes de responder. — Não entendo como seu cérebro funciona.

— Eu só estou curiosa. Posso perguntar outra coisa se for muito sensível. Você mandou para os seus pais a sua foto com o peixe?

— Não, mas pela sua pergunta, deduzo que você enviou uma para os seus?

— Sim. Meus pais ficaram muito impressionados com meu peixe-mahi-mahi.

— Você disse a eles que caiu do barco três segundos depois?

— Posso ter deixado essa parte de fora.

Ele ri. É a segunda vez que o ouço rir, e as duas risadas foram hoje.

E ambas foram sobre eu cair.

— Inteligente. Bem, eu tenho trinta e dois — ele diz. Em seguida, ele se afasta da parede e nada uma volta inteira com braçadas rápidas, assim o fim da conversa.

Deito-me na água e olho para o céu novamente. Há tantas estrelas visíveis aqui, mais do que posso ver em casa, e não é de admirar. Deve haver muito pouca poluição luminosa em uma pequena ilha no meio do mar.

Trinta e dois. A princípio pensei que ele era mais velho, mas pode ter sido apenas a minha leitura de uma expressão facial tensa. Mas esses se desvaneceram no barco pesqueiro, chamuscados pelo sol e levados pelo vento.

— Eu tenho vinte e oito — eu ofereço quando ele está de volta na minha parte da piscina.

Ele afasta algumas mechas molhadas de cabelo da testa. — Certo. Conheceu seu noivo na faculdade?

— Não, nós fomos para a escola juntos — eu digo. — Mas não ficamos juntos até um verão, quando estávamos voltando da faculdade.

— Eu vejo.

Eu olho para ele do outro lado da água. Ele não me disse nada sobre a mulher com quem deveria se casar, ou por que o casamento não

aconteceu. Estou apenas *moderadamente* curiosa. Não é como se estivesse me comendo viva ou algo assim.

— Não pergunte — ele me avisa.

Eu uso meu sorriso mais inocente. — Não estava prestes a fazê-lo.

— Sim, você estava — diz ele. — Eu posso ver isso em seus olhos. Mas é uma noite muito agradável.

Eu empurro o lado da piscina. — É sim. É por isso que você está aqui tão tarde?

— Precisava clarear minha cabeça — diz ele.

Nado até a outra ponta e descanso os braços na borda da piscina. Inclinando minha cabeça para trás, eu me estico na água. — Bem, não me deixe pará-lo se precisar dar mais algumas voltas.

Ele resmunga uma resposta e começa a se locomover de forma impressionante. Fecho os olhos e ouço o som de respingos rítmicos. Já passa da meia-noite neste lindo lugar, e estou aproveitando cada minuto.

O som fica mais alto à minha esquerda, mas de repente para. Abro os olhos para ver Phillip ao meu lado, braços longos esticados como eu.

— Então — diz ele. — O que você vai fazer a seguir?

— Essa noite? Tenho um encontro quente com minha cama de hotel, assim que encontrar alguém para me ajudar a destrancar a porta.

— Droga. Não se esqueça de usar proteção.

— Uau.

Ele passa a mão molhada pelo rosto. — Foi uma brincadeira. Eu não queria perturbar suas delicadas sensibilidades.

— Eu te pareço alguém com sensibilidades delicadas? — Eu levanto uma mão. — Na verdade, não responda a isso.

— Eu não vou — diz ele, e parece que ele está sorrindo. — Mas eu quis dizer o que vem a seguir em seu grande passeio pela ilha.

— Oh. Bem, durante o dia de amanhã estarei na praia novamente. Mas estou pensando em ir ao mercado de peixes mais tarde. É sexta-feira à noite.

Há ceticismo em sua voz seca. — Mercado de Peixe?

— Sim. É uma coisa muito famosa na ilha, aparentemente. Você pode comer peixe grelhado e bebidas, tem música ao vivo... É depois de Bridgetown.

— Como você irá chegar lá?

— Bem, eu realmente não descobri ainda. Eu li no guia sobre táxi-ônibus. Então, estou considerando isso.

— Táxi-ônibus — diz ele. — E você iria sozinha?

— Eu estava planejando isso, sim. A menos que você goste de peixe? Acho que não servem bife na peixaria, amigo.

— *Amigo?*

— Sim, pareceu errado no segundo que saiu da minha boca. Eu pego de volta. Eu retiro isso.

— Obrigado — diz ele e se volta para as estrelas. — Quer companhia?

— Claro, se você quiser ir. Mas não sinta que precisa. Eu sei que pode não ser sua cena, você sabe.

Ele empurra para fora da borda e nada para me encarar. — Não, eu não sei. O que você quer dizer?

Eu dou a ele um sorriso de desculpas. — Quero dizer, bangalô doze? Roteiro exclusivo? Você provavelmente tinha muitas coisas planejadas que eram campos de golfe ou passeios privados relacionados ou envolvidos, e não ônibus e mercados de peixe.

Ele balança a cabeça. — Eu não sei o que eu odeio mais, que você pensa isso... ou que você está certa — ele diz. — Mas conte comigo para amanhã.

Meu sorriso se alarga. Era algo que eu queria muito fazer, mas estava relutante em tentar por conta própria. — Sério?

— Sim.

— Ok, perfeito. Podemos nos encontrar no saguão?

— Sim.

— Não tenho certeza de como nós... oh. — Olho para o segurança que se aproxima com uma lanterna. Ele aponta para a piscina e eu fico em silêncio. Minha rebelião durou pouco e imediatamente me arrependi. Eu odeio quebrar as regras.

O guarda suspira, o som audível através da tranquila área da piscina. — Sinto muito, mas vou ter que pedir a vocês dois que saiam da piscina — ele diz. — Não é permitido nadar depois das 20h.

A lanterna pisca na água até nos iluminar. Eu — braços cruzados sobre meu sutiã molhado. Phillip - calmamente pisando na água por perto.

— Por favor — ele repete.

— Desculpe! — Eu grito, nadando o mais rápido que posso em direção à escada. — Não faremos isso de novo, eu prometo.

— Bom — diz o guarda. Ele olha incisivamente para longe de mim. — Tenha uma boa noite agora, senhora. Senhor.

— Obrigada, você também. — Eu me puxo para fora da piscina para as costas do homem que desaparecem rapidamente.

O ar da noite está quente, mas ainda pego meu roupão de banho, enrolando-o em volta de mim. O elástico da minha calcinha está fazendo um trabalho heroico de sustentar roupas que nunca foram feitas para serem usadas molhadas, e não estou com humor para questioná-las ainda mais.

Phillip sai da piscina atrás de mim. Ele pega a toalha e começa a secar o cabelo com movimentos rápidos e fortes.

— Nós saímos muito fácil — eu digo com uma risada envergonhada.

Ele enrola a toalha em volta do pescoço e me lança um olhar divertido. — Quão horrível foi ser repreendida?

Eu faço uma careta. — Terrível.

Ele ri. — Você sobreviveu. Não prejudicamos ninguém. Está tudo bem, Eden.

— Sim, suponho que você esteja certo. Oh, maldição!

— O que?

— Eu deveria ter perguntado a ele sobre o meu cartão-chave!

— Deve haver alguém na recepção. Vamos, eu ando com você.

— Os bangalôs não ficam na outra direção?

— Sim — ele diz e passa por mim em direção ao saguão. — Mas você tem um encontro quente para o qual precisa ir.

Pego minhas roupas abandonadas. — Ah, isso mesmo. Minha cama.

— O que você estava fazendo fora, afinal? Por que você se trancou do lado de fora?

— Fui às máquinas de venda automática para um lanche noturno.

Suas sobancelhas se juntam. — Existem máquinas de venda automática?

— Hum, sim. Pelo menos na parte principal do hotel, nos quartos padrões. — digo.

— Certo. — Ele segura a porta do saguão aberta para mim. Devo parecer um rato afogado, com o cabelo meio molhado e gotas de água escorrendo pelas pernas. Estou deixando pequenas poças no chão enquanto me dirijo ao balcão de check-in.

Ao meu lado, Phillip caminha pelo saguão como se sua pele molhada fosse um terno passado, completamente despreocupado. Eu mantenho meus olhos longe da forma longa de seu corpo e do físico bem tonificado que agora faz todo o sentido. Nadador competitivo, de fato.

A recepcionista está de volta e imediatamente esconde o telefone em que estava rolando quando nos vê. — Boa noite. Vocês dois foram nadar à meia-noite?

— Sim — diz Phillip. — Na praia.

Olho para ele com o canto do olho. O homem é suave.

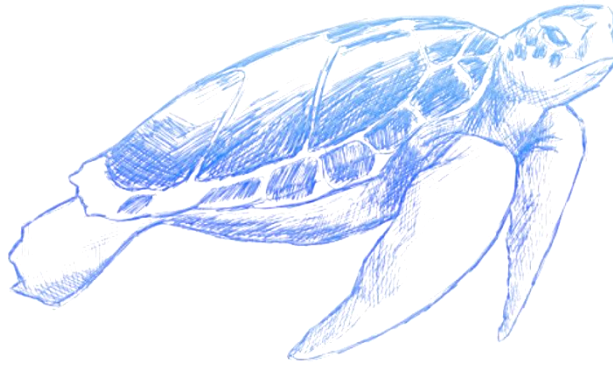
Cinco minutos depois, tenho uma chave reserva e a senhora nos deseja boa noite. Phillip me dá um aceno de despedida.

— Aproveite o seu encontro — diz ele, totalmente ao alcance da voz da recepcionista. A julgar pelo brilho em seus olhos, ele sabe que isso também me envergonhou.

— Uh... obrigada. Vejo você amanhã.

Sua boca se curva. Não é bem um sorriso, mas chega perto. — Até amanhã, Eden.

CAPÍTULO NOVE



— Um *desses*? — Phillip diz. Ele está parado ao meu lado na estrada enquanto um táxi passa zunindo. A minivan parece lotada. É sexta-feira à noite, e a rota que estamos fazendo é super popular.

— Sim.

— Vamos pegar um táxi — diz ele. — Um verdadeiro táxi.

Respiro fundo para acalmar meus nervos, porque caramba, estou nervosa. Esta é minha ideia e minha iniciativa. Estou animada e hesitante, é claro, mas é uma mistura inebriante do mesmo jeito.

Phillip está parado ao meu lado, todo julgamento silencioso sobre o meu plano. Ele está de calça azul-marinho e camisa de botão de linho azul, como se estivéssemos indo a um restaurante, mesmo que as mangas estejam arregaçadas e o botão de cima desabotoado.

Ele também parece bonito. Masculino de uma forma que Caleb raramente ficava, com seus sapatos de vela firmemente plantados na calçada rachada.

— Podemos pegar um táxi de verdade para casa — digo. — Mas isso faz parte da experiência.

Na próxima rota, o táxi para e um cara pula do banco da frente. Ele abre a porta de correr de uma minivan lotada de Bajans e turistas. Música soca⁵ saindo alta sai de um alto-falante oculto.

— Não há espaço — diz Phillip.

⁵ Soca é um gênero musical que se originou numa subcultura marginalizada em Trindade e Tobago no começo dos anos 1970, e se desenvolveu numa variedade de estilos nos anos 1980 e décadas seguintes.

— Ah, com certeza tem! Sim, por favor! — o cara diz e puxa um assento dobrável da parede. Três pessoas já estão sentadas ao lado dela. — Cavalheiro primeiro!

Phillip se senta, hesitante em seus movimentos. O cara ao nosso lado gesticula para que eu suba atrás dele. Mas não há espaço.

— Hum, onde, exatamente?

— No colo dele! — o cara diz.

Na rua ao nosso redor, alguém buzina. Devemos estar atrasando o trânsito.

Entro, agachada para evitar bater com a cabeça no teto do veículo e me inclinar sobre Phillip. Não posso sentar no colo dele, posso? O cara fecha a porta corrediça e pula de volta para o banco da frente. Um segundo depois, o táxi da rota começa a se mover novamente, entrando na estrada de trânsito ao som das batidas pesadas da música.

— Vamos. — Phillip murmura atrás de mim e coloca a mão na minha cintura. Sou puxada para trás e então estou lá, sentada em seu colo.

Eu viro. — Tem certeza que está tudo bem?

Há um sim em algum lugar perto da minha orelha direita. A janela entreaberta manda ar pelo meu cabelo, jogando-o para trás. É difícil pensar sobre a música alta.

— Sinto muito. — eu digo e puxo-o para o meu ombro direito. — Você está bem?

Não há resposta, provavelmente porque ele não pode me ouvir. Estou empoleirada na beira de seus joelhos. Isso deve ser tão desconfortável, e estou me arrependendo abruptamente de tudo isso. Sugerindo isso, trazendo-o junto, sendo tão determinada nisso. Ele deve estar se perguntando como diabos ele acabou em uma minivan lotada com uma garota estranha sentada em seu colo.

Uma mão se curva levemente em volta da minha cintura, e então sua voz está perto do meu ouvido. Sua respiração faz cócegas na minha pele. — Sente-se corretamente, Eden. — diz ele. — É mais seguro.

As palavras enviam um arrepio na minha espinha. Estou prestes a perguntar novamente se ele tem certeza disso quando a mão na minha cintura puxa, apenas ligeiramente. Então eu faço o que ele diz. Eu me movo sobre suas coxas e descanso minhas costas contra seu peito.

Estou mortificada.

Eu viro minha cabeça para dizer que sinto muito apenas para encontrar a borda afiada de sua mandíbula. Eu me viro ainda mais em direção a sua orelha, e o cheiro de xampu e colônia me atinge.

— Sinto muito por isso. — eu digo.

Ele balança a cabeça. É um pequeno movimento. — Está bem.

— Certeza? Eu não sou muito pesada?

Seu escárnio reverbera pelo meu corpo. — Não.

Eu me acomodo contra ele enquanto uma música se mistura a outra; este tem uma batida que sacode as laterais da van.

Passamos por casas e hotéis e fazemos uma curva. Eu me viro bruscamente para a direita, apenas para ser parada por um braço em volta da minha cintura. A mão de Phillip descansa levemente na parte superior da minha barriga.

— Está tudo bem? — ele murmura.

Eu não posso respirar. — Uh-huh.

Ele é quente atrás de mim e grande, e as coxas fortes sob mim carregam meu peso. Eu inclino minha cabeça para trás e a descanso em seu ombro. Como se em resposta, o braço em volta da minha cintura aperta um pouco mais. *Tudo bem também*, imagino ele dizendo.

É a primeira vez que o toco, percebo, se você não contar a mão que ele me deu de volta ao barco de pesca. O braço bronzeado em volta da minha cintura parece forte. Apropriado.

— Você é meu cinto de segurança. — eu digo.

— Huh?

Eu tenho que inclinar minha cabeça novamente, meus lábios perto de seu ouvido. — Você é meu cinto de segurança. — murmuro. Parece ainda mais estúpido uma segunda vez.

Mas ele dá uma risadinha. — Sim.

A música alta abafa a maioria dos sons do motor e do tráfego ao redor. Na curva seguinte, mudamos juntos, como uma unidade, balançando para os lados. Sua mão esquerda pousa na lateral da minha coxa.

Eu olho para baixo apenas para vê-lo ainda lá. Seus dedos são longos o suficiente para alcançar a bainha do meu vestido e roçar minha perna nua. Todo o meu corpo se concentra nesse toque inocente.

Não é nada. Ele está apenas descansando a mão e me segurando firme. Fazendo-me um favor a caminho de um lugar que ele nunca planejou ir em primeiro lugar. Mas meu corpo não consegue parar de se concentrar naquele ponto.

A voz de Phillip volta ao meu ouvido. — Relaxe. — ele diz novamente. — Você está bem?

Soltei a respiração que estava segurando. — Hum, sim. — eu digo. E então, porque meu cérebro adora me sabotar, eu deixo escapar: — Você cheira bem.

Os dedos na minha cintura apertam, como se estivessem surpresos. Mas ele não responde. Então eu viro minha cabeça para a vista do lado de fora da janela e relaxo em seu aperto. Ele provavelmente nem me ouviu acima do som da música pesada.

Espero por isso, pelo menos.

Não é até que o táxi da rota pare para deixar a família de três ao nosso lado que ele fala novamente. — Você também.

Há espaço ao nosso lado. Não preciso mais sentar no colo dele, mas quando a porta corrediça se fecha e a van começa a se mover, ficamos parados.

Todo o caminho até nossa parada no mercado de peixes de Oistins.

— Aqui estamos nós. — eu digo. Tenho que usar os dois braços para puxar a porta de correr. Enquanto faço isso, o aperto de Phillip em minha cintura desaparece. Depois de pagar o motorista, saímos na agitação caótica de uma calçada de Bajan.

— Obrigada pela carona! — Eu digo. O táxi da rota volta para o trânsito, uma música reggae explodindo pelas janelas entreabertas.

— Uau. — eu respiro. — Isso foi...

— Sim. — Phillip diz, seus olhos encontrando os meus.

Não são necessárias mais palavras, e tenho que engolir em seco antes de poder falar. — Então... você está com fome?

Caminhamos entre as barracas. O lugar fica lotado da maneira mais maravilhosa possível, com mesas montadas entre as barracas para

as pessoas comerem e beberem. Turistas e locais parecem estar reunidos aqui. Atrás de um dos locais, uma banda começa a tocar música soca.

A energia é palpável.

— Tantas pessoas. — Phillip murmura ao meu lado.

Eu sorrio para ele. — É incrível, não é? Venha, vamos encontrar a baia com o telhado vermelho... Ouvi dizer que é a melhor.

— Você leu sobre as baías *individuais*?

— Sim. Vamos!

Ele murmura algo atrás de mim que parece muito com *muito tempo livre*, mas ele me deixa puxá-lo através de um grupo de pessoas na fila.

Eu localizo a baia com o telhado vermelho. Seu peixe-espada grelhado e mahi-mahi são considerados os melhores da ilha.

Levamos meia hora sólida para pegar nossos peixes, acompanhamentos, bebidas e um lugar para sentar. No meu prato de papel, meu mahi-mahi grelhado é do tamanho do meu rosto. Ao lado, há uma porção de torta de macarrão.

Cheira absolutamente divino. — Como vou comer tudo isso? — Eu pergunto.

Phillip levanta seu garfo de madeira. — Com isso.

Reviro os olhos. — Muito engraçado.

— Obrigado. Também achei.

— Você é seco, sabe — digo a ele e aponto meu garfo em sua direção. — Engraçado, mas seco. É um tipo de humor sorrateiro.

— Obrigado. — diz ele sério. — Esse é o melhor elogio que já recebi.

Eu rio. — Certo. Diga-me, seu sarcasmo já te colocou em apuros?

— Nunca. — diz ele.

— Veja, agora eu não posso dizer se você realmente quis dizer isso ou não.

Ele levanta uma sobrancelha. — Isso não responde a sua pergunta?

— Sim. Isso te coloca em apuros muito então. Eu posso ver isso.
— Eu estreito meus olhos para ele. — Mas não funciona bem no tribunal, não é? O juiz deve ficar tão irritado com você.

Ele revira os olhos e come seu peixe-espada. — Eu não vou ao tribunal com muita frequência. Grandes advogados raramente o fazem.

— Por quê? Não é lá que você faz seus discursos bombásticos e apela para os jurados, e... e... tem pequenas discussões com os juízes?

— Você assiste muita TV. — diz ele. — Não, são principalmente reuniões.

— Você faz acordo antes de ir a julgamento?

— Trabalho principalmente com contratos, em fusões e aquisições. Não ações judiciais.

Tomo um longo gole do meu ponche de rum. É forte, e temos dois cada, cortesia de um happy hour. — Você deve ser um bom advogado — eu digo. — Mesmo que você seja uma boa pessoa.

Phillip espeta seu peixe grelhado. — Eu não sou tão legal.

— Você é. — eu digo. — Você concordou com isso, não é? Embora, — eu acrescento, batendo um dedo no meu queixo — eu suponho que você não seria capaz de pagar um bangalô por duas semanas sem um pouco de dinheiro sujo.

Ele pega sua bebida. — Agora você está entendendo.

— Você gosta disso? Advogar?

— *Gosto.* — ele repete e dá uma meia risada. — Isso não parece relevante.

Eu mastigo meu pedaço de peixe e macarrão. — Não parece *relevante*? Você está falando sério?

— Sim. O que isso importa? Todo mundo precisa de um emprego, e eu sou bom no meu.

— Bem, considerando quanto tempo passamos em nossos empregos, acho que gostar do que fazemos é muito importante. Eu amo meu trabalho, mesmo que às vezes seja desafiador. Definitivamente, há dias em que quero tirar uma semana de folga do trabalho apenas para dormir. Mas no geral, eu gosto. Você também se sente assim?

Ele estica uma perna ao lado da mesa e apoia a mão contra ela. Sua mão livre segura o garfo com força. — Sou bom em encontrar soluções

para problemas que parecem não ter. É o que meus clientes precisam, e eles também pagam um bom dinheiro por isso.

Eu sorrio para ele. — Não é o que eu perguntei.

— Claro — diz ele e revira os olhos. — Eu *gosto* dessa parte.

— Uma aprovação retumbante de Phillip Meyer! — Eu digo. — É o trabalho dos sonhos dele!

Ele balança a cabeça. — Você é impossível. É um bom trabalho. É muito trabalho, mas eu gosto de trabalhar duro. Não há muito mais do que isso. Além disso, é um trabalho com vencedores e perdedores muito claros.

— E isso é... algo que você gosta?

— Sim — diz ele. — Sou competitivo. Vencer me cai muito bem.

Eu rio. — Uau. Na outra semana, passei a noite fazendo troféus de participação para todas as crianças da minha classe.

Do outro lado da mesa de madeira, Phillip faz um som de desgosto e corta seu peixe. Meus olhos pousam em suas mãos grandes. Uma delas estava na minha coxa nua.

— ...isso está errado com a sociedade hoje.

Eu pisco para ele. — Desculpe. O que?

— Troféus de participação — ele diz e levanta uma sobrancelha. — Você está bem?

Tomo outro grande gole do meu ponche de rum. — Sim. Isso está forte.

Ele ri. — Sim, com certeza está, Eden.

Tomamos mais dois drinques, dessa vez rum amargo, junto com uma fatia de bolo de rum. Eu me sinto cheia e feliz e balanço em sintonia com a música explodindo no palco. Um homem toca bateria enquanto outro canta. Pessoas, locais e turistas, dançam em frente ao palco. Todo o lugar parece cheio de vida.

Quando é hora de ir, passo meu braço pelo de Phillip e canto junto com a música. A banda está fazendo um cover de uma velha música pop agora.

Ele continua andando. — Eu disse que o rum era forte.

— Eu não estou bêbada. — eu digo. — Estou embriagada. Há uma diferença enorme.

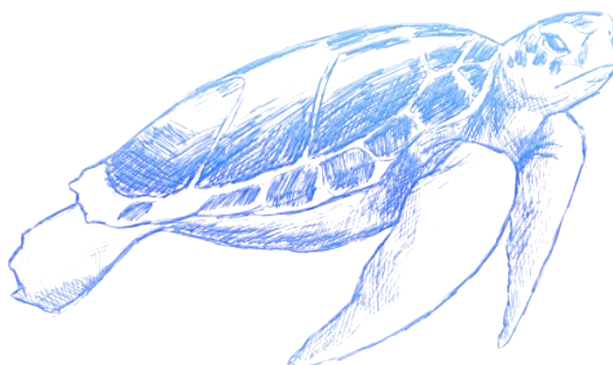
— Mm-hmm — diz ele, e paramos ao lado da estrada movimentada. — Agora, vou insistir nisso - vamos pegar um táxi regular de volta ao resort.

— Você não gostou do seu trabalho como cinto de segurança, não é?

Ele dá um suspiro evasivo e levanta a mão. Um táxi reduz a velocidade e Phillip abre a porta de trás para mim. Enquanto deslizo no banco de trás, ouço sua resposta murmurada, metade dela perdida na névoa da música e do trânsito.

— ...gostei demais.

CAPÍTULO DEZ



Balanço-me sobre os calcanhares, de pé na doca do Winter Resort. É um lindo dia. O sol brilha sobre mim de um céu sem nuvens.

Phillip deve estar aqui em breve.

Ele tem uma excursão marcada para hoje em seu itinerário planejado. Desta vez, é um passeio de barco particular até um dos muitos naufrágios ao longo da costa de Barbados. As ruínas há muito foram recuperadas pela natureza, e agora é um recife de coral abundante. O guia nos deixará mergulhar acima dela.

Você não está nervosa, digo a mim mesma. Sou o meu corajoso eu de férias, aquele que não precisa de uma lista de reprodução de sons da floresta para adormecer e aquele que detesta a rotina e que mergulha de cabeça em todas as aventuras.

Em outra semana posso voltar para minha existência segura, minha nova casa, meu trabalho e escrever em meu tempo livre.

Você não está nervosa. Você está animada.

Mas não importa quantas vezes eu diga isso a mim mesma, minha ansiedade se recusa a ir embora.

Algo havia mudado ontem, naquela rota de táxi, enquanto dirigíamos pelas ruas de Barbados em direção ao mercado de peixes. Entre as batidas ensurdecadoras da soca e as curvas feitas às pressas...

Nós tínhamos nos tocado.

E, de alguma forma, isso transformou Phillip de apenas uma pessoa com quem estou me divertindo inesperadamente *durante* minhas férias em um homem de verdade com H maiúsculo. O tipo de

homem em quem não me permito pensar desde que meu noivado acabou.

Não que ele provavelmente me veja como uma mulher com M maiúsculo. Ou, se o fizer, é uma coisa nova e pode até ir contra seus próprios instintos. *Você é uma das mulheres mais estranhas que já conheci*, ele disse durante nosso mergulho à meia-noite na piscina. Isso não pode ser exatamente uma receita para atração.

Mas eu ainda quero que ele se sinta atraído por mim? A pergunta desencadeia outra explosão de nervos em meu sistema. Isso viraria todo esse projeto de curtir-minha-não-lua-de-mel de cabeça para baixo.

— Ei — diz uma voz.

Eu me assusto. — Oh. Oi!

Phillip ajeita os óculos escuros e se posiciona ao meu lado no cais. — Você está sonhando acordada?

— Sim. Eu faço muito isso. — eu digo como uma idiota completa. Nem uma vez pensei sobre meus hábitos de devaneio.

Mas ele balança a cabeça como se isso fizesse todo o sentido. Seus olhos encontram os meus, e mesmo que ele não esteja sorrindo, há algo em seu olhar. Algo que fala de um táxi de rota lotada e suas mãos em meu corpo.

— Oi — eu digo novamente.

Seus lábios se curvam. — Olá de novo, Eden.

— Hum, acho que o barco está aqui. É este barco branco com um motor gigante? Sua planejadora de lua de mel não poupou nenhuma despesa, não é?

Ele abaixa os óculos escuros, escondendo os olhos. — Ela foi avisada especificamente para não fazer isso.

— Ah — eu digo.

Ele lidera o caminho em direção ao barco e eu o sigo, minha bolsa de praia no ombro. — Paga tão bem ser advogado, então? Provavelmente escolhi a profissão errada.

Ele dá de ombros. — Paga bem se você for excelente.

— Bem, com licença. — eu digo com um sorriso. — Tem certeza de que há espaço para todos nós neste barco? Você, eu e seu ego?

Ele ri. O som é quente e aqueles nervos estão de volta, revirando meu estômago. — Vai ser um ajuste apertado, — diz ele — mas acho que vamos nos virar.

Nosso guia nos conduz a bordo de um barco que foi claramente construído para velocidade e conforto. Eu coloco minha bolsa com segurança dentro de uma pequena cabine abaixo do convés e volto para cima.

Phillip já está lá, sentado em um banco. Seu telefone não está à vista. Eu posso ver o leve indício de uma barba por fazer na luz do sol. Ele deve ter pulado a barba esta manhã.

Eu olho para ele por alguns segundos a mais.

— Ei — diz ele e olha para cima. — Como está... oh.

Não consigo ver seus olhos por trás dos óculos escuros. Mas noto a inclinação de seu queixo e minhas bochechas coram quando percebo que ele está olhando para o meu biquíni.

Ele passa a mão pelo queixo. — Teve um bom dia até agora?

— Sim — eu digo. Sento-me ao lado dele no banco e coloco o chapbem apertado na cabeça. Tem uma escrita estúpida, uma piada interna que compartilhei com Becky e Cindy na faculdade. — Passei a manhã na praia.

— Eu posso ver isso. — diz ele e acena em direção ao meu ombro.

Eu olho para baixo. — Oh. Sim, eu tenho um pouco de cor, não é?

— Sim, você fez. Isso dói?

— Não, ainda não de qualquer maneira. Eu tentei o meu melhor para me recuperar com o protetor solar, mas é... difícil, você sabe. Eu não estava prestes a pedir ajuda à equipe.

— Tenho certeza que eles teriam ajudado você — ele murmura.

— Talvez, — eu digo — ou talvez eu tivesse sido expulsa por assediar sexualmente funcionários do resort.

— Bem, não podemos permitir isso. Eu teria resgatado você de uma prisão de Barbados, no entanto.

— Oh, isso me lembra. Eu queria te perguntar uma coisa ontem, mas pensei nisso depois que voltamos de Oistins.

Sua sobrancelha se levanta. — Você fez?

— Sim. Você já trabalhou com criminosos?

Ele fica quieto por um momento, e então ele ri, quieto e profundo.
— Não, sou um advogado corporativo, Eden. Eu não processo e não encontro criminosos.

— Oh, certo.

— Sabe, isso nunca decepcionou uma mulher antes.

— Eu provavelmente sou uma estranha. Eu ouço um bom número de podcasts de crimes reais. — eu digo.

Um bom número parece mais sensato do que *todos eles*.

— Ah. — ele diz. — Minha irmã também faz isso. O que há com as mulheres e crime verdadeiro?

— Eu tenho uma teoria. — eu digo.

Abaixo do convés, o motor do barco ganha vida. Começamos a nos afastar do cais. À medida que nos afastamos da costa, a arquitetura maciça do Winter Resort fica menor. É tão coberto de vegetação que quase desaparece na paisagem circundante.

Phillip se recosta no assento, com uma postura mais relaxada, e estica as longas pernas. — Diga-me.

— Bem, acho que as mulheres são atraídas pelo verdadeiro crime porque nos permite explorar o lado negro da natureza humana a uma distância segura. É como um quebra-cabeça do qual podemos fazer parte para resolver. — Eu inclino minha cabeça. — Também ouvi dizer que algumas podem se sentir fortalecidas, estranhamente, já que as mulheres são as vítimas mais comuns nessas histórias. Tipo, ouvir crimes verdadeiros é quase instrutivo, em um nível subconsciente.

Ele está carrancudo. — Porra, isso é sombrio.

Seu tom franco me faz rir. — Sim. Não tenho certeza se é por isso que gosto deles, pessoalmente. Acho os verdadeiros crimes fascinantes e divertidos ao mesmo tempo, e adoro os que são resolvidos. Parece que estou ouvindo a justiça sendo feita, sabe?

— Certo. — diz ele. — Talvez seja semelhante a caras que adoram assistir a documentários sobre a Segunda Guerra Mundial.

— Quer saber, pode ser isso, exatamente.

— Minha irmã diz que podcasts sobre crimes reais a ajudam a dormir. Ela provavelmente é uma psicopata — ele diz e balança a cabeça.
— Desconfiei disso por muito tempo.

— Ah, você fez?

— Mm-hmm. Ela é dentista. — ele diz como se fosse o último prego no caixão.

Isso me faz rir. — Ok, posso entender seu ponto.

Caímos em um silêncio confortável, lá no barco, movendo-se rapidamente pelo oceano aberto. Empurro meus óculos de sol mais para cima no nariz e procuro minha bolsa. — Eu provavelmente deveria colocar um pouco de protetor solar.

— Sim. — diz Phillip.

— Você poderia me ajudar com minhas costas desta vez? Se vamos ficar na água, você sabe...

Ele dá um aceno lento. — Sim. — diz ele. — Eu posso fazer isso.

Cinco minutos depois, estou sentada de costas para ele, olhando para a ondulação das ondas e esperando o primeiro toque de loção fria.

Tola, penso comigo mesma.

Incrível, diz a outra parte de mim.

Estou flertando. Na verdade, estou flertando, e estou fazendo isso no que teria sido minha lua de mel. Não há nenhum lugar que eu queira que isso vá, e nenhum lugar para onde isso vá. E talvez seja exatamente disso que eu preciso. Mergulhar infinitamente o dedo do pé na piscina metafórica, sem que ninguém saiba, a não ser eu, que ele foi mergulhado.

Um primeiro passo para o mundo dos solteiros.

Mãos quentes pousam em meus ombros e afastam meu cabelo comprido do caminho, empurrando-o para o lado esquerdo.

Arrepios surgem em meus braços.

— Isso vai estar frio. — ele murmura, e um segundo depois eu sinto protetor solar frio na minha pele nua. Suas mãos são grandes e fortes nas minhas costas. Elas se movem em movimentos de varredura, sobre minhas omoplatas, ao longo de minha coluna e sob a faixa do meu biquíni.

Eu fecho meus olhos. É estranho e bom, e talvez estranho porque é bom. Mesmo quando não estamos nos limites apertados de uma minivan. Phillip passa a mão nas minhas costas, seu mindinho roçando a parte de cima da parte de baixo do meu biquíni.

— Isso está bom? — ele pergunta.

— Acho que sim.

— Bom. — Suas mãos voltam para meus ombros e correm em movimentos lentos pelos meus braços. Eu tremo ao toque.

Ele percebe, suas mãos parando logo abaixo dos meus cotovelos. — Ainda bem?

— Mm-hmm. Sim.

Ele continua até minhas mãos, descansando sobre meus pulsos por um segundo antes de removê-las. Ele pigarreja e sinto a almofada sob nós se mexer quando ele se afasta.

— Obrigada. — eu digo.

— Sim. Sem problemas. — Ele olha para o mar e não para mim. — Não posso ter você queimando no meu turno.

— Nem no seu barco. — eu digo.

Sua boca se curva. — Certo. Bem, você sabe, estamos quase terminando todas as principais atividades do meu itinerário.

— Oh?

— Sim. Restam apenas algumas, incluindo a degustação de rum. — Ele acena com a mão desdenhosa, e me pergunto sobre a atitude de pular coisas pré-pagas. Se meus pais e eu tivéssemos planejado jantar em um bufê à vontade, nenhum de nós teria almoçado naquele dia. Esse é o meu ponto de referência.

— Agora, quem está desprezando o trabalho árduo da sua agente de viagens? — Eu pergunto.

— Confie em mim, ela recebeu sua parte justa.

— De quem foi a ideia de vir para Barbados para sua lua de mel? — Eu pergunto e chuto minhas pernas para frente. Meus pés estão perto dos dele, os meus descalços ao lado de seus sapatos de vela.

Não sei nada sobre a ex-noiva dele. Ele não está compartilhando migalhas de pão, ele está acumulando pães inteiros.

E estou morrendo de curiosidade.

Mas ele apenas olha para as ondas, sua voz calma. — Decidimos pelo Caribe desde o início. Nós dois já estivemos na área antes, em outras ilhas.

— Oh.

— Uma agente de viagens sugeriu alguns hotéis em toda a região, e o recém-inaugurado Winter Resort parecia bom. — Ele dá de ombros e passa a mão na nuca. — Também representei a empresa em um acordo alguns anos atrás.

— Ooooh. Então isso é uma regalia?

— Não é.

— Estou sentada em um barco de nepotismo?

— Não sou parente de nenhum dos proprietários.

Eu sorrio. — Mas você os conhece.

— Eu conheci um deles. Uma vez. É isso. — Ele levanta uma sobrancelha. — Eu também trabalho em Chicago agora, não mais em Nova Iorque.

— Mas você costumava?

— Sim — ele diz e suspira. — São vinte perguntas?

— Talvez. Por que você voltou para Chicago?

Seus lábios se achatam. — Ela também era de lá.

— Ah.

— Além disso, minha empresa tinha um escritório lá e eu estava cansado de Nova Iorque. Foi uma boa oportunidade.

— Como vocês dois se conheceram? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça. — Ainda não bebemos um único copo de rum hoje.

— Você não bebeu? Bebi quatro piña coladas no café da manhã. Você realmente deveria experimentar o bufê. É incrível.

— Você não fez, ou você estaria no mar agora. De novo.

Eu inclino minha cabeça. — Por que você não come no bar do café da manhã? Nunca te vejo lá.

Ele se vira para me encarar completamente. — Você está procurando por mim? — ele pergunta e parece excessivamente satisfeito com esse fato.

— Eu observo todos os hóspedes. Eles são fascinantes.

— Quer dizer que você odeia assistir os casais em lua de mel?

— Sim — eu digo. — Dois deles alimentaram um ao outro com manga picada ontem de manhã, e quase cometi duplo homicídio com minha colher de toranja.

— Ainda bem que você tem um advogado presente na ilha. — diz ele.

Eu cravo meus dentes em meu lábio inferior para esconder meu sorriso. — Você aceitaria meu caso pro bono?

— Eu não sei. — diz ele. — Posso pedir alguma forma de pagamento.

— Oh, sim?

— Sim. Seu guia, por exemplo.

Meus olhos se arregalam. — Meu guia?

— Sim. Suas anotações podem me salvar de uma experiência medíocre em um restaurante em uma dessas noites. Prefiro um excelente.

— Não zombe do guia.

— Oh, eu nunca faria isso — diz ele. — Estou pensando em torná-lo o texto sagrado da minha nova religião.

— Tudo bem, é isso, Meyer. — Eu empurro seu ombro, forçando-o a se afastar de mim no banco.

Ele me deixa empurrá-lo cinco centímetros antes de se firmar, tornando-se uma estátua imóvel e meio sorridente. — Isso aqui é violência. Você acabou de admitir ter pensamentos homicidas também. Acho que devo denunciá-la. Você é um perigo para a sociedade e eu levo meu dever cívico a sério.

— Eu te disse isso em segredo! Privilégio advogado-cliente.

— Isso só se aplica depois que você cometeu um crime — diz ele. — Não antes.

— O guia me contou tudo sobre o naufrágio para o qual estamos indo — eu digo. — Eu estava planejando compartilhar essa informação com você, mas agora não vou. Vou deixar você nadar como um idiota ignorante.

Suas sobrancelhas se erguem. — Um idiota ignorante?

— Sim. Eu sei que isso soa estúpido, mas eu mantenho isso.

— Certo — diz ele. — Sabe, nunca tive conversas tão estranhas quanto com você.

— O sentimento é mútuo. — eu digo.

Esse é o momento exato em que o barco para lentamente. Estamos nas águas azuis mais profundas de Carlisle Bay novamente, perto de onde vimos as tartarugas marinhas.

Sei por minhas leituras que houve centenas de naufrágios ao longo dos séculos nas águas rasas que cercam a ilha, e seis deles estão nesta baía. O mais antigo é de 1919 e o mais recente aconteceu em 2003. Que foi deliberadamente afundado para criar um habitat para o coral, mas nada disso é informação que vou compartilhar com o idiota ignorante ao meu lado.

O idiota ignorante muito *bonito* tirando a camiseta. Ele está mais bronzeado a cada dia que o vejo, e tem um punhado de pelos escuros no peito em um torso musculoso que faço o possível para evitar olhar.

Nosso guia ancora em uma bóia e nos ajuda a pegar nosso equipamento. Ele vai se juntar a nós na água, ele diz, e começa a nos contar tudo sobre o naufrágio em que vamos mergulhar.

Phillip me lança um olhar triunfante, com os óculos nas mãos. *Vou conseguir todas as informações de qualquer maneira*, dizem seus olhos azul-escuros.

Eu tento estreitar meus olhos de volta para ele, mas duvido que ele possa ver alguma coisa através do plástico grosso da minha máscara de snorkel.

A água está morna e suave contra a minha pele, é tão clara que posso ver facilmente o fundo arenoso vários metros abaixo.

Junto com o guia turístico, nadamos em direção a uma grande sombra escura na água. É apenas um pouco assustador, mas assim que posso olhar abaixo da superfície, meu medo se torna espanto novamente. Exatamente como da última vez, com as tartarugas.

Há um mundo inteiro abaixo da superfície.

O naufrágio é o lar de um recife de coral agora. O barco em si ainda é claramente visível, descansando contra o fundo arenoso do oceano como se estivesse apenas dormindo. Mas em seu sono, foi tomado pelo próprio oceano, coberto de corais e algas marinhas. Vejo um cardume de peixes amarelos brilhantes saindo de uma escotilha. No outro lado do naufrágio, uma tartaruga marinha solitária se delicia com alguns frutos do mar que crescem na proa do navio.

Vou me lembrar disso pelo resto da minha vida. É como olhar para a magia. Não estamos sozinhos no naufrágio, mas o outro grupo de turistas de um cruzeiro fretado mantém-se do outro lado. O oceano é grande o suficiente para todos nós.

Algo grande passa debaixo de mim. Eu me encolho por instinto antes de reconhecer a pessoa. Phillip. Ele nadou abaixo da superfície e está segurando algo em minha direção.

Isso é um...?

Nós dois emergimos.

— O que é isso? — Eu pergunto, pisando na água.

— É uma câmera de ação — diz ele.

— Você tirou uma foto minha?

— Sim. — Ele me entrega acima da superfície. A coisa é minúscula, com um barbante que passa em volta do meu pulso. — Aperte o botão direito... aí, sim.

Eu o encaro através das ondas suavemente onduladas. — Posso pegar emprestado?

— Sim. Tem uma tartaruga lá embaixo. Tire algumas fotos para sua aula em casa.

O prazer cresce dentro de mim, e eu sorrio para ele. — Você não confia na minha câmera subaquática barata, não é?

— Nem um pouco — diz ele.

Um grito alto ecoa pelas ondas. Nós dois nos voltamos para o respingo frenético. Nas distantes ondas azul-turquesa, um homem se debate. Sua cabeça mergulha sob a superfície antes de emergir novamente, balbuciando e gritando. O barco turístico mais próximo fica a 30 metros de distância. Ele deve ter vindo de lá.

— Phillip — eu chamo. — O que...? Oh Deus.

Os olhos de Phillip estão fixos no homem. Quando o homem angustiado ressurgue outra vez, o pânico claro em sua respiração irregular, Phillip arranca sua máscara e a joga em minha direção.

Então, ele parte, cortando a água rastejando.

Eu me esforço para pegar seu snorkel antes que ele deslize para baixo da superfície e observo o rápido avanço de Phillip. Eu o considerarei um nadador competente na piscina naquela noite, mas não é nada comparado ao que ele está fazendo agora.

Ele está a meio caminho do mergulhador em pânico antes que o guia turístico do outro barco reaja.

Eu nado mais perto, mas enquanto eu posso nadar de peito com o melhor deles, não é nada rastejante. Eu observo enquanto o homem mergulha abaixo da superfície novamente. Phillip não para. Ele mal levanta os olhos. Ele apenas abre a água como se fosse feito para ela.

Phillip alcança o turista agitado antes de qualquer outra pessoa. Ele gira suavemente na água e se move para um resgate, segurando o homem pelos cotovelos.

— Uau — eu sussurro, observando-o nadar de volta para o outro cruzeiro de mergulho.

Dez minutos depois, estamos ambos de volta ao nosso barco. Ao longe, podemos ver a agitação no convés do outro barco. Consigo distinguir o homem que Phillip ajudou no convés, sentado com uma toalha em volta dos ombros.

Phillip está se enxugando ao meu lado. A agitação é nítida em sua forma e em seus movimentos rápidos. — Tolo — diz ele. — Os cruzeiros de mergulho sempre oferecem coletes salva-vidas e macarrões⁶. Use-os se você não for um bom nadador.

— Ele disse o que aconteceu?

Ele balança a cabeça. — Ele estava muito em pânico. Não é incomum, apesar de tudo.

— Ainda bem que você estava por perto. — eu digo.

Phillip deixa cair a toalha e se senta no banco. Seus pés descalços estão bronzeados contra o deck de madeira clara. — Sim. — diz ele. Sua

⁶ Macarrão é um tipo de bóia.

boca está definida em uma linha sombria. — Não é a primeira vez que vejo isso em cruzeiros turísticos.

— Oh?

— Não.

Eu coloquei minhas mãos em seus ombros, curvando-as sobre os músculos que se conectam ao seu pescoço. Sua pele já está quente do sol. — Não é a primeira vez que você teve que ser um cavaleiro de armadura brilhante, também?

Ele fica imóvel como uma estátua sob minhas mãos, mas ainda levo mais um segundo para perceber o que fiz.

Minhas mãos congelam em seus ombros. — Puxa, me desculpe.

— Não se desculpe. — diz ele. Ele olha para mim com olhos azuis sérios, e meu cérebro entra em curto-circuito. Ele está tão perto, e eu estou apenas de biquíni, bem na frente dele. E ele está apenas de calção de banho.

Meus polegares cravam suavemente em seus músculos. — Foi um instinto.

— Sim. — diz ele. Sua voz se aprofundou. — Entendi.

— Deveríamos...

— Tenho algumas garrafas de água para vocês — diz nosso guia. Ele faz uma pausa com uma garrafa em cada mão, seu sorriso fica mais brilhante quando ele nos vê. — Certo! Vocês dois são recém-casados. Posso servi-los em algo mais?

Solto as mãos dos ombros de Phillip como se tivesse sido pega furtando em uma loja. Não que eu já tenha sido. Furto em lojas, isto é, não pega. — Obrigada.

— Isso é tudo — Phillip diz e se levanta para aceitar sua água. — Obrigado.

— A qualquer momento!

Concentro-me em abrir a tampa apertada da minha garrafa de água. — Desculpe.

— Eden. — diz ele e dá um passo mais perto. Um entalhe aparece entre suas sobrancelhas, dando a ele a impressão de que há algo que ele quer dizer. Meus dedos permanecem presos na tampa apertada, meu corpo paralisado novamente.

— Sim?

Sua boca suaviza. — A degustação de rum é amanhã.

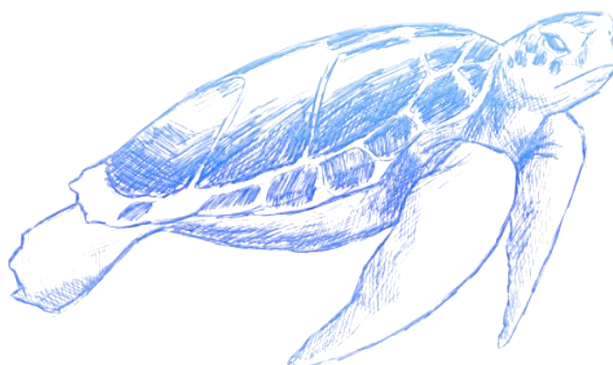
— Oh. Sim, eu lembro.

— Bom — diz ele. — Não se esqueça.

Parece uma promessa.

— Eu não vou — eu digo.

CAPÍTULO ONZE



Eu verifico meu relógio. Já passaram dez minutos do nosso horário de encontro e ele não está no saguão. Eu me mexo no sofá e faço uma careta para o atrito. Apesar do uso diligente de protetor solar e da ajuda de Phillip no barco, perdi alguns pontos. A parte de trás das minhas coxas e minha bunda estão de um lindo tom de rosa. Amanhã estará vermelho escuro.

Existem apenas algumas áreas que uma garota luta para alcançar, e pedir a Phillip para ajudar lá também seria... bem.

Melhor queimar.

Eu olho para o meu relógio novamente. Phillip não tinha estado no restaurante ontem à noite, depois de nossa viagem de barco. E esta manhã, o bufê do café da manhã estava cheio como sempre... com ele tão ausente. Ainda parece um crime não se entregar a essa propagação.

Na ausência do meu companheiro ilusório, em vez disso, conversei com um adorável casal de meia-idade de Manchester. Eles estão aqui para assistir ao torneio de críquete, que exigiu um mergulho profundo online no críquete e, em seguida, refinar o termo de pesquisa para esporte depois que tirei fotos de insetos.

Eu me levanto do sofá. Talvez eu devesse verificar lá fora, caso ele decidisse esperar lá.

Nesse momento, as grandes portas de madeira para o saguão se abrem e Phillip entra. Ele está vestindo calças de brim bege, uma camisa de linho azul e uma carranca.

— Aí está você. — diz ele.

Eu sorrio. — Ei.

— Eu estive esperando.

— Ah, você tem? Onde?

— Em frente ao saguão.

— Puxa, me desculpe. — eu digo. — Mas eu pensei que você disse para encontrá-lo no saguão?

— Não, na frente. Vamos. — ele diz e se vira para caminhar de volta para o estacionamento. O homem do passeio de barco de ontem parece estar a quilômetros de distância.

Eu o sigo com uma carranca. — Foi um mal-entendido. Estamos apenas dez minutos atrasados.

— Sim. — ele murmura e passa a mão pelo cabelo escuro. Está molhado nas pontas, como se ele tivesse acabado de tomar banho. O humor sombrio irradia dele como uma nuvem.

— Você me disse para esperar por você no saguão. — eu digo baixinho. — Sinto muito por nos atrasar, mas não vou deixar que isso estrague nosso dia. Você vai?

Ele abre a porta do carro e não responde. É como se ele estivesse de volta ao seu jeito idiota, e eu não estou aceitando isso. Eu tenho o suficiente da minha própria merda para lidar.

— Porque se for, prefiro não ir. — eu digo. — Obrigada, no entanto.

Sua mão no meu braço me para. — Espere. Eu não deveria... não vou deixar isso estragar o dia.

— Tem certeza?

— Sim. Eu não deveria ter descontado em você. — Sua mandíbula funciona, apenas uma vez. — Sinto muito, Eden. Está sendo um longo dia.

— Está bem então. Vamos tentar fazer o resto bom.

Ele acena com a cabeça e deixa sua mão cair de volta ao seu lado. Mas a expressão em seu rosto não muda, e as linhas sérias permanecem gravadas na beleza.

Eu entro na parte de trás do carro. Até agora, esta viagem foi muito pouco deitada na praia sem fazer nada e muito arriscada. O que provavelmente é o que eu preciso. Olhando para trás, para os últimos anos e para meu relacionamento com Caleb, corremos poucos riscos.

Talvez, se tivéssemos tomado mais juntos, ele não tivesse saído em busca de alguns para si.

Eu posso ouvir Becky em minha mente, me repreendendo pelo pensamento. Ela não gosta de falar sobre o porquê das ações de Caleb e Cindy. De certa forma, ela está ainda mais brava do que eu, porque ela não tem sentimentos feridos envolvidos para moderar a fúria. Não como eu, que precisava de explicações. No começo, era tudo que eu desejava.

Apenas me diga por quê. *Porque, porque, porque?*

Claro, não havia por quê. Nenhuma explicação que se encaixasse, nenhuma justificativa que eu pudesse aceitar.

Ao meu lado no carro, Phillip está quieto. Ele está olhando pela janela. Eu me pergunto sobre seu humor sombrio. Ele deveria estar nessa viagem com sua noiva, ou melhor, sua esposa depois do casamento, então se eles terminaram um pouco antes... o que ele está pensando e sentindo?

O táxi nos leva pela paisagem inconstante de Barbados. Longe da estrada principal com hotéis e restaurantes e para o interior da ilha. Passamos por um campo de golfe e chegamos a campos de cana-de-açúcar, estendendo-se até onde a vista alcança.

Durante a viagem maravilhosa, esqueço tudo sobre o homem ao meu lado e seu péssimo humor.

Estou em um país estrangeiro, com novos pontos turísticos, cultura e história para explorar, e meus olhos estão grudados na paisagem que passa. A música no rádio do carro muda para uma animada soca, e não consigo evitar o sorriso largo que se estende em meu rosto.

O motorista entra em uma bela entrada de carros, levando a uma grande mansão de pedra. O nome da empresa de rum é exibido com orgulho em barris de carvalho na entrada.

Somos recebidos por uma jovem sorridente com longas tranças negras caindo em um padrão intrincado nas costas.

— Sr. e a Sra. Meyer — ela diz. — Sou Angela e serei sua guia turística hoje. Estou feliz em recebê-los para a propriedade. Começaremos com um tour pelo terreno antes de irmos para a destilaria. Como isso soa?

Phillip e eu concordamos com a cabeça, nenhum de nós a corrigindo. Claro, esse passeio foi feito para Phillip e sua noiva. Olho

para ele com o canto do olho enquanto seguimos a anfitriã. Ele parece mais relaxado agora do que no carro, mas ainda há algo ilegível em sua expressão.

— Então? — nossa guia turística pergunta por cima do ombro. — O que vocês sabem sobre a história do rum?

Não muito, ao que parece. Ela parece encantada com isso e começa a contar a história enquanto caminhamos pelos belos jardins. Ela nos leva a uma plataforma ao lado de um vasto canavial, deixa-nos provar a cana crua e tece a história da propriedade.

Finalmente escapamos do sol escaldante entrando no grande prédio que abriga a destilaria.

— Se sentindo melhor agora? — Eu sussurro para Phillip, enquanto paramos na frente de um tanque de aço gigante de álcool destilado.

Ele olha para mim de lado, seus olhos estreitos. Ele precisa de esclarecimentos?

— Seu mau humor? — Eu adiciono.

Ele fica quieto por um longo momento, o suficiente para que eu me pergunte se ele não vai responder. Mas então, seu ombro cutuca o meu. — Eu estou melhor. Mas estou ansioso pela degustação.

Eu rio, mas paro quando nossa guia nos conduz adiante. Eu tiro o máximo de fotos que posso. Phillip não pergunta desta vez, apenas estende a mão para o meu telefone, e eu poso na frente de uma tina gigante de cobre.

Vemos os barris, aprendemos sobre as diferentes safras e os processos de fermentação e envelhecimento. Phillip faz algumas perguntas detalhadas sobre os métodos de destilação, com os braços cruzados sobre o peito.

Não resisto a comentar isso. — Se eu não o conhecesse, — digo a ele enquanto caminhamos de volta para a casa principal, — eu também pensaria que você era o queridinho do professor na escola.

Ele está usando óculos escuros e não consigo ver seus olhos, mas um sorriso curva seus lábios. — Já fui o orador da turma uma vez.

Minha boca se abre. — Você foi?

— Eu disse que eu era competitivo. — ele diz, e há um toque de arrogância em sua voz. Isso me faz sorrir.

Nossa guia nos deixa no deck da casa principal, com vista para um lindo jardim de plantas nativas. Ela nos entrega ao barman e guia de degustação, Ryan, que nos presenteia com quatro copos de rum, cada um com uma mistura diferente.

E também não são copos pequenos.

Sigo as instruções de Ryan, degustando cuidadosamente um após o outro. O álcool queima descendo pela minha garganta e, no final, minha cabeça está com uma leve sensação de algodão.

— Essas porções são muito grandes. — digo a Ryan. Ele tem cabelo curto e pele morena, compensando um par de olhos claros por trás dos óculos de armação de arame. A julgar por sua explicação sobre o perfil de sabor de cada safra, esse não é apenas seu trabalho, mas sua paixão.

— Eles são do tamanho de Bajan. — diz ele com uma risada. — Uso rum em tudo. Bolos, biscoitos, marinada de churrasco, salada de batata. Eu até usei no meu cereal uma vez.

— Sério?

— Oh, sim. Coalha o leite, no entanto. Pode ser uma das poucas coisas que não melhoram com o rum.

Ao final da degustação oficial, ganhamos dois coquetéis cada. Um ponche da plantação e um rum amargo, ambos servidos em lindas taças com guarnições. Ryan nos diz que podemos ficar o tempo que quisermos e traz uma pequena tigela de batatas fritas antes de nos deixar na sombra em nosso estado meio bêbado.

Eu me inclino para trás na cadeira. — Deus, isso foi muito rum.

— Ainda temos dois drinques.

— Não costumo beber tanto. Especialmente, não rum. Não que haja algo de errado com o rum, você sabe. É um ótimo licor.

— Ryan não está ouvindo. — diz Phillip.

Eu rio. — Você é engraçado às vezes, sabe, quando não está sendo rude. — Então, eu franzo a testa. — Não que você esteja... desculpe.

Ele tira os óculos escuros. Há um brilho em seus olhos que deixa claro que ele também não foi afetado pelo rum. — Não, eu disse que gosto de honestidade. E eu estava sendo um idiota antes.

— Ok. Então, sim, você meio que estava.

Ele passa a mão na nuca. — Eu fico assim às vezes, especialmente sobre pontualidade. Não é algo de que me orgulhe.

— Tudo bem. Todos nós temos nossos defeitos.

— Tenho certeza que você não tem nenhum — diz ele. — Bem, exceto que você provavelmente gosta muito de glitter. Talvez você também confie demais. E é muito falante.

Eu abro minha boca em indignação. O confiante demais atingiu um ponto fraco. — Você me diz que não tenho nenhum defeito e depois vem com três de cabeça?

Phillip pega uma de suas bebidas. — Dois deles são indiscutivelmente virtudes. Você sabe, como as pessoas em entrevistas de emprego dizem que são workaholics?

— Aposto que foi assim que você conseguiu seu emprego atual.

— Você acha que sou viciado em trabalho?

— Vamos apenas dizer que estou surpresa por você não ter verificado seus e-mails nos últimos cinco minutos.

Sua boca se inclina em um sorriso. — Estou agradavelmente distraído.

Oh. Tomo um longo gole do meu ponche para evitar responder, apenas para sentir o condimento subir pelo nariz. Comecei a tossir. Do outro lado da mesa, Phillip empurra um copo de água na minha direção.

— Adorável — eu ofego. — Agora o rum está tentando me matar.

— Acho que esse é o jogo do álcool em geral — diz ele. — Talvez seja por isso que todos nós bebemos. É veneno, e todos nós sabemos disso, mas a maioria de nós ganha as lutas.

Eu o encaro.

— O que? — ele diz.

— Isso foi bastante profundo.

Ele bufa. — Não foi. Bebi tanto quanto você, mesmo que esteja lidando com isso um pouco melhor.

Eu cruzo minhas pernas. Dói, minhas coxas queimaram até ficarem crocantes. Mas é fácil ignorar a dor quando há alguém tão fascinante na minha frente. Há tantas coisas que ainda não pude perguntar. Coisas que você realmente não pergunta a um novo

conhecido, pelo menos não a um tão teimoso quanto ele. Mas estar neste lugar lindo e beber todo esse rum fez com que as perguntas parecessem possíveis.

— Então, por que você estava tão irritado antes? Não pode ter sido apenas por nós estarmos um pouco atrasados.

Ele bate os dedos no copo. — Não — ele finalmente diz. — Recebi um telefonema logo antes e não foi exatamente bom.

— Ah. Você descobriu que um de seus clientes está indo para a prisão?

O olhar que ele aponta para o meu é seco. — Sou um advogado muito melhor do que isso.

— Além disso, você realmente não trabalha em casos criminais.

— Bem, isso também. — diz ele. — Mas principalmente, a parte que eu sou ótimo.

— Então, sobre o que era a ligação? — Eu pergunto.

Ele gira o vidro em seu aperto. Um quarto de rotação e depois outro. — Sua curiosidade é infinita.

Eu dou a ele um sorriso de desculpas. — Sim. Há uma tonelada de coisas que não sabemos um sobre o outro.

— A maioria das coisas, sim. É uma consequência natural de termos acabado de nos conhecer.

Eu olho para a minha bebida. Em algum lugar distante, um pássaro canta. Apesar de estar na sombra, sinto o calor do sol no meu braço nu. — Foi a sua ex?

— Não — diz ele. — Era minha irmã. Ela não resistiu e disse 'eu avisei'.

— Oh. Sobre o não casamento?

Sua boca se curva em um sorriso que é apenas um pouco divertido. — Sim, e sobre minha ex em geral.

— Deus, posso ver como isso pode prejudicar seu humor.

Ele dá de ombros, sua voz seca. — Talvez, mas eu não estava com raiva dela. Ela estava certa.

Algo me ocorre.

— Você estava com raiva de si mesmo. — eu digo lentamente — por não ver o que ela viu?

Ele olha para sua bebida antes de olhar para mim, seus olhos cautelosos. Mas então ele acena com a cabeça. — Você é boa em ler as pessoas, Eden.

— Você é uma pessoa interessante de se ler.

Ele ri. — Deus me ajude, então.

Isso me faz rir também. Tomo um gole do meu ponche e relaxo na cadeira. O ar entre nós parece calmo e tranquilo. Acima de tudo, é fácil. — Você está comprando uma garrafa ou duas de rum para trazer com você?

— Eu não tinha pensado nisso. — diz Phillip. — Você está?

— Sim. Tenho que dar um para meus pais e outra para minha melhor amiga Becky, mesmo ela estando grávida. Ela vai ter que esperar um ano até poder prová-la. — eu digo. Um pensamento sombrio me atinge e eu sorrio. — Talvez eu devesse comprar um para o meu ex também.

Do outro lado da mesa, a mão de Phillip para no ar. Suas sobrancelhas puxam para baixo sobre seus olhos. — Você faria isso?

— Provavelmente não. Mas é uma ideia divertida. Tipo, 'olha o que você perdeu, seu idiota'. Talvez com uma foto minha impressa de biquíni. — Eu coloquei uma mão sobre o meu rosto. — Deus, eu nunca em um milhão de anos faria isso.

Sua voz soa divertida. — Mas seria bom, não é?

— Sim. Provavelmente ainda melhor se eu chaveasse o carro dele enquanto estivesse lá.

A risada de Phillip é curta, mas está lá. Escura e deliciosa. — Estou imaginando o pior agora se ele conseguir que alguém como você considere a violência. O que ele fez?

Eu descanso minha cabeça contra o encosto da cadeira e olho para a casa próxima. É mais fácil contar a história se estou olhando para tijolos interligados e não para o homem à minha frente.

— É embaraçosamente clichê, realmente. Ele disse que trabalhava muito com uma filial corporativa em uma cidade a algumas horas de distância, e isso exigia muitas madrugadas e viagens ocasionais de fim de semana. Engraçado, como a maioria dessas viagens se alinhava

perfeitamente com as visitas da minha melhor amiga Cindy aos pais dela.

— Droga — diz ele. Sua voz não está divertida agora.

— Sim. Ela deveria ser minha dama de honra. Becky recusou porque está grávida... brincamos que ela era minha tenente e Cindy era minha general. — Eu olho para Phillip. Ele está em silêncio, me observando. Ouvindo.

O rum facilita a conversa.

— Mas em um fim de semana, as mentiras simplesmente não batiam. Eu era ingênua o suficiente para não perceber o motivo. Becky é a única que fez, na verdade. Então liguei para Caleb e perguntei se Cindy estava no quarto do hotel com ele... Ele ficou quieto por alguns segundos antes que as desculpas saíssem dele. — Eu suspiro. — Estava bem debaixo do meu nariz o tempo todo.

— Geralmente está. — Phillip murmura, olhando para sua bebida. Ele gira o copo e o gelo tilinta suavemente. — A quanto tempo?

— Três meses, mais ou menos. Quer saber a parte mais louca?

Ele acena com a cabeça.

— Caleb realmente pensou que ainda poderíamos ir em frente com o casamento. Ele prometeu que pararia imediatamente e que seria um marido melhor do que como namorado. Como se eu fosse concordar com isso?

Phillip toma um gole de sua bebida. — Ele parece um idiota do caralho.

Solto uma risada surpresa, e logo estou rindo tanto que tenho que abaixar meu copo. A entrega prosaica dessa declaração não poderia ser mais precisa.

— Sim — eu digo. — Deus, sim.

— Quanto tempo vocês ficaram juntos?

— Sete anos.

— Merda. — Phillip estica suas longas pernas sob a mesa, seu sapato descansando ao lado da minha sandália. — Eu diria que sinto muito, mas você está melhor sem ele.

— Isso é o que eu penso, também. E é por isso que eu tive que fazer esta viagem. Eu tenho que aproveitar. Eu *tenho*. Porque... porque

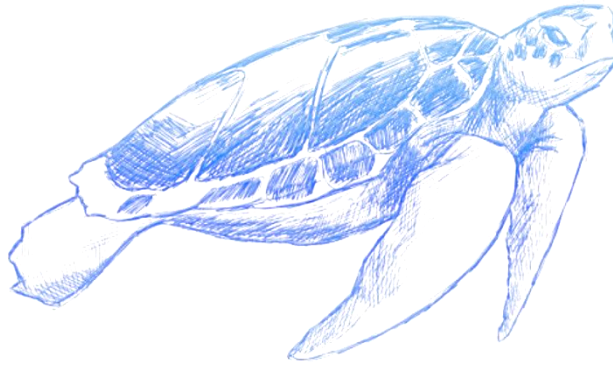
era eu que sonhava com uma viagem ao Caribe. Eu queria essa lua de mel cara. E eu reservei e planejei, escrevi nosso itinerário e paguei minha metade. Eram as férias dos meus *sonhos*. Como eu poderia deixá-lo tirar isso de mim também?

— Vingança pelo prazer. — diz Phillip.

— Exatamente. E se eu não gostar disso, não adianta, sabe?

— Eu sei — ele diz, e parece que ele realmente sabe. — Essa é a coisa mais devastadora que você pode dar a ele. Sua felicidade.

CAPÍTULO DOZE



Estou rindo no carro de volta ao resort. Phillip é mais estóico, mas também há um sorriso à espreita no canto da boca. *Tudo graças ao rum.* Talvez o sol e o passeio, e o lindo dia também.

Minha cabeça está flutuando. É a sensação mais prazerosa, como se eu estivesse naquela piscina à meia-noite, boiando de costas e olhando para o céu cheio de estrelas.

Sáímos do carro e paramos em frente às gigantescas portas de madeira do resort. É tarde, mas não o suficiente para dormir, o sol acabou de se pôr. A última coisa que quero é voltar para o meu quarto. Sozinha.

Então, me viro em direção ao jardim e ao caminho que desce até a praia. — Eu vou caminhar.

Phillip ri atrás de mim. — Você acha que está sóbria o suficiente para isso?

— Eu não estou bêbada. Só estou um pouco tonta. — digo e demonstro isso me afastando dele em uma linha maravilhosamente reta.

Ele me segue em um ritmo vagaroso. — Você não vai nadar à meia-noite, vai? Porque está longe da meia-noite.

— De novo? Você é o único que me tentou na primeira, você sabe.

— Isso mesmo. Sou uma má influência.

— A pior. — eu digo. Meus meandros me levam até a beira da praia. Tiro as sandálias e fico descalça na areia. — Este lugar não é incrível?

Ele faz um zumbido baixo em concordância, com as mãos nos bolsos da calça. — Você já viu todo o resort?

— A maior parte, sim. Quer dizer, sua área é bem fechada.

— Apenas os bangalôs individuais — diz ele. — Venha, deixe-me mostrar a você.

Passamos pelas espreguiçadeiras vazias em direção ao caminho que leva aos bangalôs. Logo, chegamos ao portão além do qual estão as vilas, construídas em uma fileira escalonada. Cercas vivas as separam uma do outra, e avisto uma pequena piscina. Eu tinha perdido isso durante a minha bisbilhotice.

— Você realmente tem suas próprias piscinas?

Phillip acena com a cabeça e abre o portão. — Quer ver?

O caminho pavimentado nos leva a dois pequenos bangalôs. Eles são privados e fechados, e não é até que caminhamos para o outro lado que ele vira para um caminho menor atrás de um bangalô. Um rápido toque de seu cartão-chave e um portão se abre, revelando um quintal privado.

— Oh meu Deus — eu digo. — Isso é impressionante.

— É — diz ele. Ele está segurando o portão aberto, seus olhos em mim. É um convite.

Entro no quintal de seu bangalô particular. É pequeno, mas aconchegante, com uma versão em miniatura da piscina do hotel bem aqui. É cercado por plantadores de flores e fica a apenas alguns passos da praia. Uma praia que começa logo na orla da propriedade do bangalô.

Atrás de mim, Phillip abre a porta da varanda. Pela janela de vidro, vislumbro um quarto grande e a beirada de uma cama. Não consigo imaginar ficar em um lugar como este para uma lua de mel. Se o fizesse, não precisaria de um itinerário. Eu ficaria aqui - no jardim, na praia, na cama.

Minhas bochechas esquentam. Estou no quarto de hotel dele. Bem, não dentro dele. Mas bem na entrada.

Phillip volta para a varanda. Os primeiros botões de sua camisa de linho estão abertos, revelando um pouco de seus peitorais bronzeados e uma lasca de pelos no peito.

Ele está segurando um monte de garrafinhas em uma das mãos.

— Invadi o frigobar — diz ele.

Eu sorrio. — Isso vai te custar uma fortuna.

— Vai valer a pena — ele responde e me entrega uma das pequenas garrafas de rum. — Há um chaser também. Deixe-me pegá-lo.

— Seu bangalô realmente vem com todos os sinos e assobios, hein?

— Sim. Você quer duzentas pétalas de rosa também?

Eu ri. — Não, obrigada, estou bem.

— Imaginei.

Sento-me na beira da piscina e afundo os pés na água. Então este é o bangalô doze.

Ele se abaixa na outra borda da piscina, bem na minha frente. Há algo tão composto nele que chega a ser intimidador. Mesmo quando ele está relaxado, ele ainda está cauteloso, observando suas palavras e ações.

Eu me inclino para trás em minhas mãos e olho para o céu. Está escuro, mas nem todas as estrelas apareceram ainda. Mal posso esperar para que elas iluminem o céu novamente. É uma visão maravilhosa.

— Dá para acreditar que já estamos aqui há mais de uma semana? — ele diz.

Eu levanto minha pequena garrafa de rum. — Por sobreviver a metade de nossas luas de mel.

Suas sobrelhas se juntam, mas ele levanta sua própria garrafa. — Para a nossa primeira semana — diz ele.

Passamos por duas mini garrafas cheias cada um, sentados sob o céu, com os pés balançando em sua piscina particular. — Eu não entendo a sua ex — eu digo. — Se eu fosse ela, teria lutado com unhas e dentes por essas férias.

— Hummm. Mas você *não* é ela. — ele diz. — E férias como esta não são grandes coisas para ela.

Eu franzo a testa. — Não é grande coisa?

— Não, ela é... — ele balança a cabeça. — Não importa. Não teríamos saído de férias juntos depois do jeito que as coisas aconteceram.

— Como elas foram abaixo? — Eu pergunto. — Quero dizer, se você quiser falar sobre isso. Pode ser terapêutico.

Phillip passa a mão pelo queixo. Ele fica quieto por um longo momento, e me pergunto se exagerei. Se ele vai me repreender.

Mas então, ele olha para mim. — Mudamos de ideia no último momento.

— Oh — eu respiro. — Isso é... intenso.

Ele ri, mas o som não é sem humor. — Sim.

O silêncio cai entre nós novamente, e estou fervendo de perguntas. Eu quero saber mais. É difícil imaginá-lo em um relacionamento. Ele com outra pessoa... outra.

Eu limpo minha garganta. — Eu não esperava isso, com o meu relacionamento. Você fez?

Seus olhos parecem extraordinariamente pesados nos meus. — Eu deveria — ele finalmente diz. — Vivemos vidas muito diferentes.

— Era o suficiente para você?

Ele vira a garrafa nas mãos e parece minúscula em comparação. — Eu pensei assim na época. Não fomos um casal por tanto tempo quanto você e seu Imbecil.

Eu o encaro por um segundo antes de rir. — Imbecil?

— Ele nunca será outra coisa. — diz Phillip. Há uma curva em seus lábios, mas sua voz é séria.

— Isso faz você repensar as coisas. Tipo, você vê o relacionamento de forma diferente. No começo, eu só pensava nas coisas que sentia falta... mas agora, a lista de coisas das quais estou feliz por me livrar é muito maior. — eu digo.

Ele põe a mão no joelho, apoiando-se. — Tudo bem. Um shot por uma boa libertação que você possa imaginar.

— Você tem que fazer isso também — eu digo. — Ok?

— Tudo bem. Mas você está começando.

Eu empurro meu cabelo para trás sobre meu ombro. — Bem, usei meias de ginástica em todos os lugares. Não sinto falta disso nem um pouco.

— Um brinde a isso. — ele diz, e eu tomo uma dose de rum. Ela queima descendo. Acho que nunca bebi tanto rum antes - ou provavelmente nunca mais - em uma semana.

— Sua vez. — eu digo, fazendo uma careta. — Ugh, isso é forte.

Seus olhos encontram o horizonte novamente e as ondas suavemente crescentes. O mar mal se vê na escuridão, iluminado apenas pela lua e pelas estrelas.

— Eu não posso acreditar... ok. Bem, não vou sentir falta das mensagens de texto constantes para que alguém saiba onde estou, *o tempo todo*.

Isso me faz rir. — Vocês tiveram esse tipo de relacionamento, não é?

Ele passa a mão no rosto. — Se eu estava trabalhando até tarde e esqueci... bem. Não vou sentir falta disso.

— Isso parece estressante.

— Sim. — Ele dá de ombros como se quisesse se livrar da memória. — Vamos lá, qual é o próximo?

— Bem, ele *odiava* noites tranquilas. Tipo, algo sempre tinha que acontecer. Uma grande noite de cinema, jantar com amigos ou sair para correr. Nos últimos dois anos, nossas diferenças tornaram-se gritantes. Eu queria passar a noite no sofá com um livro, e ele me chamava de chata ou idiota.

Phillip franze a testa. — O que? Isso é o melhor.

— Ir correr?

— Não, tendo noites tranquilas.

— Certo? — Eu sorrio, dando de ombros também. — De qualquer forma, qual é a sua próxima boa libertação?

Ele leva a pequena garrafa de rum aos lábios. — Namorar alguém que está constantemente verificando suas redes sociais — diz ele e esvazia a garrafa. — Boa libertação para isso.

Eu ri. — Isso me deixaria louca.

— Confie em mim — diz ele, erguendo as sobrancelhas — eu também.

Um silêncio confortável desce. Meus dedos brincam com o pequeno rótulo na minha garrafa de rum, removendo-o com cuidado. Eu me sinto quente, por dentro e por fora.

— Então — diz Phillip. — Diga-me sua próxima boa libertação. O que o idiota fez que você não vai sentir falta?

Rasgo o rótulo. — Eu não vou sentir falta... hum. Espere — eu digo, balançando a cabeça. Um rubor está subindo pelas minhas bochechas. — Deixa para lá.

— O que?

— Não é nada.

— Oh — diz ele, a voz divertida. — Entendo.

— Você entende o quê?

— O que você ia dizer. — Ele levanta uma sobrancelha e ali, em sua bochecha, sua covinha quase imperceptível pisca para mim. — Então Caleb não era o melhor nesse departamento, era?

Eu não posso olhar para ele. — Uau. Não era isso que eu ia dizer.

— Não? Está bem então. — Ele toma outro gole de sua garrafa, e fica claro no silêncio que ele não acredita em mim.

— Quero dizer... sim, não vou sentir falta das sessões de cinco minutos.

— Cinco minutos — Phillip murmura. — Certo. Então, com o idiota, você fez troféu de sexo de participação?

Eu pisco para ele. — Sexo não tem vencedores e perdedores.

— Oh, Eden, definitivamente sim — diz ele. — Gosto de ganhar... e gosto de garantir que a mulher com quem estou ganhe também. Várias vezes.

Eu tenho que engolir antes de responder. — Oh.

— E as partidas duram mais de cinco minutos. — Seu tom é o mesmo que estou acostumada. Seus olhos encontram os meus com uma pitada de humor, vincos de riso aparecendo nos cantos... mas em seu joelho, seus dedos estão batendo.

Como se ele não estivesse tão afetado quanto está deixando transparecer.

— Então, você não sente falta disso? — ele pergunta.

— Sexo com Caleb? — Eu pergunto. — Ou sexo em geral?

— Ambos. Qualquer um.

O calor sobe pelo meu pescoço, mas considero a questão. Considere o homem na minha frente. Parece que estamos entrando em um território que é menos praia e mais areia movediça. — Ambos, no começo. Agora só o segundo. A, hum, última opção. Sexo em geral.

Os lábios de Phillip se erguem em uma curva. — Assunto difícil?

— Não — eu digo. — Bem, talvez um pouco.

— Nós podemos mudar isso.

Eu balanço minha cabeça. — Não, não. Você? Sente falta, quero dizer?

Ele dá um aceno lento. — Sim, eu suponho.

— Mmm — eu digo. Respirar parece difícil. — Isso é natural, eu acho. Em seu relacionamento então... vocês dois não tinham... esse problema?

Phillip não desvia o olhar de mim. — Não, mas tivemos muitos outros, não se preocupe.

— Oh. Certo.

Ele inclina a cabeça em minha direção. — Então, quanto tempo faz?

— Desde que eu...

— Sim — diz ele. A palavra não dita na minha frase parece se expandir no espaço vazio entre nós, crescendo até ser tudo o que consigo ouvir.

— Bem, mais de três meses, pelo menos — eu digo.

Ele franze a testa. — Doloroso.

— Bem, no começo eu ficava triste demais para notar qualquer tipo de falta, sério.

— Isso faz sentido — diz ele. — E o que você faz...

Meu telefone toca alto o suficiente para me fazer pular. Estendo a mão até onde minha bolsa está e o tiro.

O texto me faz sorrir. — Oh meu Deus, as tartarugas estão chocando esta noite!

— O que?

— As tartarugas estão chocando esta noite.

— Eles mandaram uma mensagem para você para dizer isso?

Reviro os olhos. — Não, Jamie fez.

— Jamie?

— Do cruzeiro de catamarã. Você se lembra, certo? — Eu me levanto e olho de volta para o meu telefone. — Ele está me mandando a localização também. Haverá um monte de voluntários lá... podemos nos juntar a eles!

Há um gemido vindo da direção de Phillip.

— Você não quer? — Eu pergunto, sorrindo. — É uma coisa única na vida, você sabe.

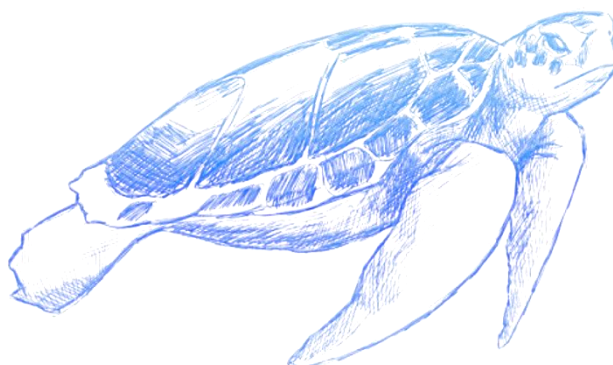
Ele abaixa a garrafa. — Deus, você é louca.

— Sim, mas você gosta de um pouco de férias malucas, não é? Ah, venha comigo. Vai ser incrível.

Ele olha para mim com algo como resignação divertida em seus olhos. — Tudo bem. — diz ele. — Mas estou responsabilizando você pessoalmente pelo resultado.

Já estou jogando minha bolsa no ombro. — Vamos. Você pode me dizer uma boa libertação no caminho.

CAPÍTULO TREZE



A recepção chama um táxi para nós. Aparentemente, não é normal que os hóspedes do Winter Resort peçam um às 22h para dirigir até a costa leste, porque ela olha para nós como se tivéssemos enlouquecido.

Phillip parece concordar com ela.

Mas ele não diz nada quando entramos no carro, ou quando ele contrata o taxista para ficar por perto quando chegarmos lá.

Chegamos às coordenadas que Jamie havia enviado, mas o lugar parece escuro e deserto. Eu posso ouvir as ondas, então a praia deve estar por perto.

— Nós provavelmente estamos prestes a ser roubados — Phillip diz calmamente ao meu lado, e eu não posso dizer se ele está brincando ou não. *Acho* que sim, mas o sarcasmo dele é duro.

— Ah, claro que não! — Eu digo. O rum das últimas horas se transformou em um zumbido agradável na parte de trás da minha cabeça, como uma música que você não pode deixar de bater o pé junto. — Jamie e eu conversamos sobre essa organização durante o cruzeiro ao pôr do sol.

Há uma surpresa em seu tom. — Você fez?

Eu cutuco o ombro de Phillip com o meu. — Sim. Você estava em seu telefone, eu acredito. Agora vamos encontrar esse grupo...

Contornamos os densos arbustos e o solo muda de terra compactada para areia fina. O luar lança uma sombra prateada sobre a paisagem e, por entre os matagais, ouço as ondas quebrando na praia.

E então, vozes.

— Por aqui! — alguém chama. — Está começando!

A excitação queima meu estômago. — Estamos definitivamente no lugar certo.

— Está muito escuro — Phillip murmura. — Ninguém tem lanternas?

— Oh, você não pode usar lanternas. Isso desorientaria os filhotes. — Eu pego sua mão. Está quente e seca ao redor da minha. — Vamos, vamos encontrar os outros.

Encontramos Jamie em uma duna, parado com os outros voluntários ao lado de uma mesa dobrável com bebidas quentes. Phillip e eu somos recebidos como se não fôssemos apenas dois turistas aleatórios, oferecidos café e instruções sobre os diferentes ninhos na praia.

— Há muitas nesta praia — Jamie nos diz, apontando para algumas bandeiras. A cor laranja mal é visível ao luar. — Eles estão se infiltrando desde esta noite.

— Infiltrando? — Eu pergunto.

Ele sorri. — Sim, a areia está mudando. Significa que estão cavando por baixo. Eles estarão fora em algumas horas, provavelmente.

Phillip tem uma xícara de café na mão, os olhos fixos em Jamie. — É melhor uma abordagem sem intervenção?

— Sim, não podemos fazer a escavação para eles. Eles precisam deixar marcas na areia. É assim que eles sabem para qual praia devem voltar em uma década para botar seus próprios ovos.

Oh meu Deus. Mal posso esperar para contar aos meus alunos sobre isso. — Vocês sabem quais espécies de tartarugas vão nascer aqui?

Jamie assente. — Esta praia tem tartarugas-de-couro.

— Sêrio?

— Sêrio — diz ele e sorri. — Então, por que vocês dois não se sentam e ficam de olho?

— Claro. E o que estamos procurando? — Eu pergunto. — Quero dizer, há algo que possamos fazer para ajudar?

Jamie coça seu cabelo bem trançado. — Cuidado com cães vadios, mangustos e pássaros grandes. Eles vão tentar fazer uma refeição rápida

mais tarde, e temos que forçá-los a ir embora. Mas lembre-se, não toque nas tartarugas.

Eu faço um sinal de Cruz. — E sem luz?

— Nenhuma.

Caminhamos em direção a uma parte da praia sem voluntários mas que tem algumas bandeiras. Eu vasculho minha bolsa para a toalha de praia que eu coloquei. Phillip me observa em silêncio enquanto eu o estendo na areia para nós, bem ao lado de um matagal, mas com uma bela vista da praia.

— Podemos patrulhar daqui. — Sento-me na toalha. Ele não o faz, olhando para mim.

— O que? — Eu pergunto.

— Não fomos roubados — diz ele. Ele parece levemente surpreso.

— Sim. Você realmente esperava que fôssemos? — Eu me inclino para trás com as mãos na areia agora fria. — Eu pensei que você estava brincando.

— Principalmente — diz ele. — Mas eu ainda não acreditava muito... Você faz amigos onde quer que vá?

— Às vezes sim, mas nem sempre. Eu apenas gosto de conhecer novas pessoas e aprender coisas novas, mesmo que às vezes eu seja ingênua. — A palavra dói de dizer. *Ingênua*. Como se eu estivesse sendo com Caleb e Cindy por meses.

Phillip balança a cabeça. — Não é o que eu quis dizer. Apenas isso, nós sempre estávamos fadados a acabar aqui, não estávamos? Uma vez que pedi para compartilhar sua mesa.

Eu sorrio para ele. — Claro que estava, e se não me falha a memória, você realmente não pediu. Agora sente-se. Você é muito alto e vai confundir as tartarugas.

Ele bufa baixinho, mas faz o que eu peço, sentando-se ao meu lado. — O que isso significa?

— Elas precisam que a paisagem seja a mais inalterada possível. Navegar com o luar, o olhar das ondas e as areias. Você jogaria fora toda a costa.

Ele balança a cabeça. — Eu não posso acreditar que você acabou de dizer isso.

— É a verdade. Vamos, Phil. Anime-se.

Ele olha para mim com o canto do olho. — Phil?

— As pessoas não te chamam assim? — Eu digo, incapaz de esconder meu sorriso.

— Não — diz ele. — Elas não.

— Bem, talvez você seja mais um Phillip. Phil parece tão relaxado. Como um pai em um churrasco.

— Certo — ele diz, como se isso fizesse algum sentido, e enfia a mão dentro de sua jaqueta. Eu ouço o som revelador de vidro contra vidro.

Minhas sobrancelhas voam para cima. — Você não fez?

— Tenho certeza. — diz ele. — Quer um pouco de rum no seu café?

— Sim. No entanto, acho que nunca fiz isso antes.

— Quando estiver em Barbados. — ele diz e despeja metade da garrafa no meu copo de papel. Meus pés estão além da borda da toalha e enterro os dedos na areia. As ondas batem suavemente contra a praia, a escuridão se estende à nossa frente e as estrelas são um cobertor acima de nós. E em algum lugar abaixo de nós, nesta areia, sob as bandeiras cuidadosamente colocadas, centenas de tartarugas marinhas estão começando suas vidas.

— Acho, — eu digo — que nunca estive tão feliz como estou agora. Pode sentir isso? Que noite linda estamos tendo?

Ele fica quieto por tanto tempo que duvido que vá responder. Descanso a cabeça nos joelhos e olho para a areia. Cuidando de cães vadios. Patrulhando.

— Sim. — diz ele suavemente. — Eu posso.

Eu viro minha cabeça para olhar para ele. Ele é uma sombra escura ao luar, cabelos grossos caindo sobre a testa.

Ele está olhando para mim. — Qual é o plural de mangusto? — ele pergunta.

Um sorriso lento se espalha em meu rosto. — Você sabe onde minha mente vai.

— Sim — ele diz — eu sei. E achei que era o tipo de pergunta que você gostaria.

— Não pode ser mongeese, mas como eu gostaria que fosse.

Ele toma um gole de seu café com rum. — O mundo é um lugar sem sentido.

— Sim. — Eu olho para a bandeira laranja mais próxima balançando ao vento. — Você não está feliz por ter se sentado na minha mesa de jantar?

— Eu teria perdido a conversa de alta qualidade, com certeza. — diz ele. — Sem mencionar o entretenimento em nível de Hollywood. Você se mete em tantos problemas em casa? Washington, certo?

— Sim, e absolutamente não.

— Sem cair de barcos, — diz ele — e sem estranhos encantadores à esquerda e à direita?

— Este é o meu eu de férias. — eu digo. — Posso prometer a você que sou decididamente menos sociável em casa. E muito mais estável em meus pés.

— Seu eu de férias — ele repete.

— Sim. Tipo, eu arrumei um chapéu de sol e um maxi vestido colorido para esta viagem que eu nunca usaria em casa. Isso faz parte da minha identidade de férias. — Eu escovo seu ombro com o meu. — Vamos, Phillip. Qual é a sua?

— Bem, esqueci meu chapéu de sol em casa. — diz ele calmamente. — Meu vestido maxi também.

Eu rio. — Que pena.

— Muito. Eu definitivamente posso arrasar com umas bolinhas. — Então, ele balança a cabeça e leva a xícara de café aos lábios. — Foda-se, isso foi estúpido.

Eu rio. — Sim, mas eu aprecio isso.

— Esse é o meu eu de férias. — diz ele. — Estou fazendo uma tonelada de coisas que nunca tive intenção de fazer.

— Divertir-se é um grande objetivo de férias para você. — Eu toco minha xícara na dele. — O meu é me desafiar.

Ele levanta uma sobrancelha escura. — Desafiar-se, hein?

— Sim. Eu tenho que começar a viver de novo, sabe? Depois que meu casamento foi cancelado e o relacionamento implodiu, bem... — Balanço a cabeça. — Isso custou caro. Mas, embora eu adore ficar em casa de pijama na maioria das noites e assistir a filmes antigos, não posso fazer apenas isso.

— Hmm — diz ele. E então, não diz mais nada.

Eu me inclino para trás com as mãos na areia fria. Talvez sejam os dias que passamos juntos, ou talvez seja o rum. Mas eu quase posso sentir como ele está pensando.

Eu bato em seu pé com o meu. — Diz.

— Como você sabe que eu estava prestes a dizer qualquer coisa?

— Eu só sei.

Ele passa a mão pelo cabelo. — Eu só estava pensando que você não gostaria de mim se tivéssemos nos conhecido nos Estados Unidos.

— Você sabe oquê? Acho isso muito difícil de acreditar.

— É a verdade — diz ele.

— Bem, você não olharia para mim duas vezes se nos encontrássemos em casa, então acho que estamos quites.

Sua testa franze. — O que isso significa?

Tomo um longo gole da minha bebida. Tem gosto de café incendiado.

— Não importa — eu digo. — Mas acho que isso significa que foi bom termos nos conhecido em Barbados, então. Como nossas férias.

— Mm-hmm. Embora eu possa imaginar, você está com frio. — ele diz, com os olhos em meus braços. Arrepios percorrem minha pele.

— Só um pouco. Tudo bem.

Ele coloca a xícara na areia e tira a jaqueta fina. Eu pego um pedaço de costas musculosas quando sua camiseta sobe um pouco.

— Aqui. — diz ele.

Meus dedos cravam no material macio, quente do calor de seu corpo. — Você não vai sentir frio?

— Não. Eu é meu eu de férias — ele diz e descansa um braço atrás de nós. — E meu eu de férias é excelente em homeostase.

Eu o encaro.

— O que? — ele pergunta.

— Nada — eu digo. — Só que você é muito engraçado. Você simplesmente não deixa transparecer.

Ele bufa. — Honre meu sacrifício e vista a jaqueta, Eden.

Eu a envolvo em torno de mim. Tem o cheiro dele, como sabonete e pele quente, e homem. Eu me pergunto por que os perfumes masculinos são frequentemente descritos em frases exageradas, como uma manhã orvalhada ou pinheiro almiscarado, quando nunca é assim que eles cheiram. Eles cheiram muito melhor.

— Algo errado com isso?

Eu paro de cheirar. — Não. É quentinho. E, hum, tecido muito bom.

— Bom. — diz ele. Há diversão em sua voz. — Então, poderíamos ficar aqui a noite toda, esperando as tartarugas aparecerem?

— Tecnicamente sim, eu acho. Mas isso é um pequeno sacrifício.

— As tartarugas nasceram sem nosso envolvimento por séculos — diz ele. — Tenho certeza de que elas continuarão chocando durante o próximo século também.

— Bem, agora existem todos os tipos de coisas que as ameaçam, a maioria colocada lá por humanos. Somos a maior ameaça de todas.

Ele levanta uma sobrancelha e a covinha está de volta. — Isso soa um pouco narcisista. Não somos a melhor espécie, você sabe.

— Eu sei disso, e é por isso que estamos aqui para protegê-las. Vamos lá, você só está sendo do contra por causa disso. — Eu envolvo minha mão em torno de seu pulso que está descansando em seu joelho. Sua pele é quente e firme ao toque. Ele é todo osso e músculo. — Diga-me que você não está se divertindo.

— Sentado em uma praia à meia-noite. — diz ele. Mas seus olhos suavizaram nos cantos.

Minha mão permanece em seu pulso. — Sim. Você poderia estar fazendo coisas piores agora. Pense em toda a papelada legal que você poderia estar preenchendo no trabalho.

— Mm-hmm.

— Todos os martelos que você poderia usar.

— Eu não sou um juiz, Eden.

— Todos os casos que você poderia estar discutindo no tribunal. Isso não é muito melhor?

— Ainda não é o que faço na maioria dos dias, — diz ele — mas entendo seu ponto de vista. E você? Você sente falta de repreender crianças indisciplinadas por correrem com tesouras?

— Isso quase nunca acontece.

— Quase não é nunca.

— Não, — eu digo com uma risada — não é.

Os olhos de Phillip mergulham brevemente em meus lábios. Minha respiração torna-se superficial, nervos em erupção prazerosa em meu estômago.

— Poderíamos fazer algo para passar o tempo. — eu digo.

— Hum. Alguma ideia? — Ele está mais perto do que quando nos sentamos. Eu me movi? Ele fez?

— Hum, tem muita areia. Poderíamos construir um castelo de areia?

— Nós poderíamos — diz ele. — Mas não faço isso há vinte anos.

— Nós provavelmente atrapalharíamos as tartarugas também.

— Sim, e não podemos permitir isso. — diz ele.

— Não. A conservação é... importante.

— Mm-hmm. — Ele está perto o suficiente para que eu sinta sua respiração quente contra minha bochecha. — Ficar parado é uma aposta mais segura.

— Sim. Muito.

Há um segundo, e depois outro, de proximidade tentadora. O quase-antes-de-virar-uma-certeza, quando a expectativa é um peso físico no meu peito.

Então, nossos lábios se tocam.

Ele tem gosto de café fresco e rum, e eu fecho meus olhos por causa da proximidade. É estranho e não muito certo, mas então ele inclina a cabeça e, de repente, nos encaixamos. Seus lábios se movem firmemente nos meus.

Como se ele tivesse pensado em me beijar antes.

A energia corre em uma corrente pela minha espinha, e o som das ondas e outros voluntários conversando diminuíram.

Minha mão encontra seu ombro, bem onde encontra seu pescoço.

— Venha aqui — diz ele com a voz rouca e se vira totalmente para mim. Um braço em volta da minha cintura me puxa para mais perto, e então estamos nos beijando novamente. O ajuste é ainda melhor agora, com o peito dele contra o meu.

Ele passa a mão pelas minhas costas e eu estremeço com o toque muito leve e provocador. Meus nervos parecem eletrificados e minha pele está muito fina, como se eu estivesse sentindo o mundo com muita força.

Sua língua roça meu lábio inferior, e então ele está lá também, o beijo se aprofundando. Eu posso ouvir meu batimento cardíaco tamborilando em meus ouvidos.

Claro, ele é bom nisso.

Sua mão roça minha bochecha e se acomoda em meu cabelo, segurando meu rosto imóvel. E se ele pode tocar, então eu também posso, e minha mão se move de seu pescoço para seu cabelo.

As mechas curtas são grossas e ligeiramente encrespadas pelo mar e pelo sol, e eu entrelaço meus dedos nelas. Minhas unhas arranham acidentalmente seu couro cabeludo.

Ele geme contra a minha boca, e o som aperta algo no meu estômago.

— Foda-se, Eden. — ele murmura contra meus lábios. A mão nas minhas costas me puxam para mais perto. — Se eu soubesse...

Eu rio e pressiono meus lábios nos dele novamente. Eu não acabei. Não acabou com o calor, a proximidade, com o não pensar.

Uma chamada aguda nas proximidades torna impossível não pensar. — Está acontecendo! As primeiras tartarugas estão surgindo!

Gritos entusiasmados chegam até nós do outro lado da praia.

— Fiquem atentos, pessoal! Não é permitido cachorros! Nada de mangustos!

— Mongeese. — eu sussurro contra os lábios de Phillip.

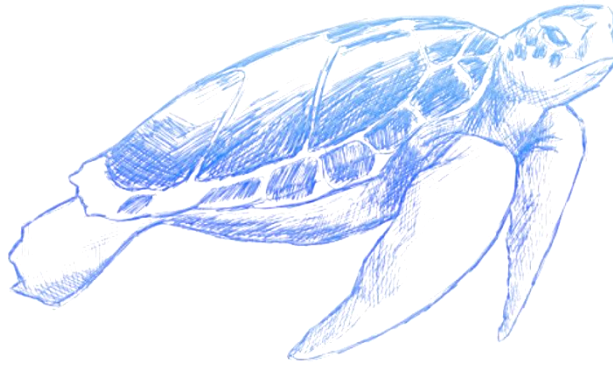
Ele ri baixinho e se inclina para trás, seus olhos encontrando os meus. O olhar neles deixa minha garganta seca. — Sim. É hora do show, Eden.

Eu me levanto com as pernas trêmulas. Ele segue o exemplo, de pé ao meu lado. Mas ele não está tão despreocupado quanto parece. Ele pigarreja e passa a mão pelo cabelo antes de se juntar a mim no ninho mais próximo.

Uma tartaruga atravessa a superfície de areia percolada. É uma coisa minúscula, uma réplica perfeita em miniatura das grandes tartarugas que vimos no mar poucos dias atrás.

Uma nova vida começa.

CAPÍTULO QUATORZE



Havia muitas coisas que eu desejava ou esperava fazer na minha lua de mel. Ver filhotes de tartarugas nascendo e indo para o oceano foi definitivamente uma delas. Mas beijar um turista sob as estrelas?

Bem, beijar um turista em qualquer lugar, muito menos em uma praia enluarada. Nos três meses desde que Caleb e eu terminamos, não pensei em namorar.

Bem, talvez *um* pensamento, mas nunca dois, porque inevitavelmente me lembrou de primeiros encontros terríveis e dos aplicativos de namoro que as pessoas usam. A vida era muito mais simples quando me reconectei com Caleb durante as férias de verão da faculdade.

Não que Phillip e eu estejamos namorando nem nada, nem perto disso.

Tudo o que fizemos foi beijar. Uma vez.

Tinha sido um inferno de um beijo, também. O tipo que me lembrou por que os humanos se beijam, por que esse estranho ritual tão exclusivo de nossa espécie existe. Objetivamente estranho e subjetivamente incrível.

Nós nos despedimos no hotel, bem depois da meia-noite. Phillip deslizou meu cabelo para trás e eu fiquei muito, muito imóvel, e então seguimos nossos caminhos separados. Eu em direção aos elevadores e ele em direção ao seu bangalô particular.

É a manhã seguinte agora e estou zumbindo na mesa do café da manhã. Os beija-flores são nativos de Barbados, mas agora, parece que todos eles estão no meu estômago, suas asas batendo rapidamente.

Ele raramente aparece, mas às vezes aparece, só para tomar uma xícara de café. Talvez hoje seja o dia.

Tenho meu bloco de notas aberto ao meu lado sobre a mesa, minhas anotações de personagens e as idéias de enredo para serem trabalhadas, mas não escrevo uma única palavra.

Phillip pode se comportar como se nunca tivesse acontecido. Não sei como vou reagir a isso. Mas há uma alternativa ainda pior, e talvez ele não o faça, e eu realmente não sei o que vou fazer então.

Não é como se eu estivesse... pronta. Definitivamente não estou pronta para namorar ninguém. Isso nem está nas cartas aqui porque nós dois vamos embora em uma semana. Mas também não tenho certeza se estou pronta para uma aventura selvagem de férias.

Becky estaria torcendo para que eu fizesse exatamente isso. *Deixe-me viver indiretamente através de você!*

Talvez seja por isso que não mando uma mensagem para ela sobre o beijo da noite passada na praia. Ele existe em seu próprio universo separado, sob um céu estrelado e ao som das ondas. Em um lugar onde duas pessoas se tornaram algo muito diferente de si mesmas por alguns minutos gloriosos.

Eu vou para a praia depois do café da manhã. Surpreendentemente, é outro dia quente e ensolarado, e não acredito que já estou aqui há mais de uma semana.

Tomo banho com protetor solar e pego uma espreguiçadeira com guarda-sol, só para garantir. Então, eu google *aulas de surf em Barbados e as melhores caminhadas* para evitar dar tempo ao meu cérebro para se demorar nos eventos da noite anterior.

A distração é uma ótima tática.

Eu a usei pesadamente logo depois de Caleb e Cindy, onde, se eu continuasse tendo podcasts tocando em meus fones de ouvido o tempo todo, quase poderia abafar o som do meu coração partido.

Quase.

Depois de um mergulho, volto ao enredo que estou tentando descobrir para este mistério de assassinato no resort. Por que os personagens principais são tão difíceis de encontrar? Eles não são como personagens secundários. Não posso simplesmente olhar ao meu redor e me inspirar, não quando precisa haver grande profundidade neles.

Mas eu sei que este é o processo. Foi da mesma forma quando escrevi meu primeiro livro... aquele para o qual realmente encontrei uma editora. Começou como a melhor coisa que já me aconteceu, e é provavelmente por isso que a queda foi tão mais difícil.

Meu primeiro livro. Minha estreia. Aquele que escrevi durante a faculdade, aquele que reescrevi e reescrevi de novo e *de novo* até saber as palavras melhor do que meu próprio nome.

Vender um livro, para não falar de uma estreia, é quase impossível. As editoras tradicionais têm um buraco do tamanho de uma agulha para passar... mas eu consegui. *One Fatal Step* foi vendido e meu editor ficou tão empolgado que planejamos uma festa de lançamento. Cerca de seis semanas após o lançamento, a euforia começou a passar.

Duro.

Eles queriam que eu comercializasse. Eles queriam que eu tivesse uma mídia social seguindo magicamente durante a noite. E, como ficou muito claro para mim, eles não estavam dispostos a investir mais em marketing... porque o livro não tinha funcionado.

Até hoje, ainda não ganhou seu adiantamento.

Minha editora não quer comprar mais livros meus.

O que significa que escrevo minhas histórias agora para uma audiência de mim, eu mesma e eu. Nenhum editor para apaziguar e nenhum editor para se curvar. Nenhum leitor também. Mas, claramente, eles não estavam lá da primeira vez.

Fecho os olhos e me recosto na poltrona. *Pense, Eden. Pense.* Como posso fazer essa história funcionar? Com quais personagens principais eu quero passar o próximo semestre?

Meu pensamento é interrompido rudemente alguns minutos depois pela chegada de um homem alto parado ao lado da minha cadeira. Eu protejo meus olhos do sol para ver quem é.

É Phillip.

Não consigo distinguir seus olhos por trás dos óculos escuros. — Ei — diz ele.

Eu me esforço para me sentar e olhar para baixo, sorrateiramente, para ver se todas as peças do meu biquíni estão nos lugares certos. Elas estão. — Hum, oi.

— Ressaca?

— Um pouco esta manhã, mas estou bem agora. — eu respondo.

Ele está completamente vestido. Shorts e tênis de verdade, e em outra camisa de botão. O silêncio entre nós se estende por um segundo *e tudo bem, vamos fingir que ontem não aconteceu*, eu acho, e essa é a escolha certa. Definitivamente.

— Eu estava saindo, mas pensei ter visto seu biquíni rosa. — diz ele.

— É roxo — eu digo. — Lilás, sério.

Phillip olha para o dito biquíni e para o meu corpo, e me arrependo de meu esclarecimento imediatamente. Mas seus lábios se curvam ligeiramente. — Certo. Meu erro. Então, na verdade, estou indo para o campo de golfe.

— Sério?

— Sim. Tenho um jogo de golfe em... trinta minutos. Fica a apenas dez minutos daqui.

— Aquele por onde passamos ontem?

— Sim, o Winter Resort tem uma parceria. — Ele dá de ombros. — Eu posso ver que você está se bronzeando, mas se você quiser ir, há uma vaga.

— Para acompanhar?

— Sim.

— Para jogar *golfe*?

— Sim.

— Eu não sei como. — eu digo. — Bem, eu joguei minigolfe algumas vezes. Isso não é exatamente a mesma coisa, certo? Embora eu ache que as bolas são do mesmo tamanho.

Há aquela curva em seus lábios novamente, quase lá. — Sim, suponho que sejam.

Eu balanço minhas pernas sobre a borda da poltrona. Golfe. Com Phillip. Ele devia estar saindo do bangalô e mudou de ideia no calor do momento quando me viu na praia.

— Contanto que você possa me prometer que não haverá rum, estou dentro. — eu digo.

— Sem rum? Você se satisfaz ontem?

— Sim. Acho que preciso de *pelo menos* mais algumas horas antes de querer outro rum amargo.

Ele bufa. — Olhe para você, a imagem da moderação.

— Essa sou eu. Ok, estou dentro. Mas só trouxe roupa de banho para a praia. Posso ir me trocar rapidamente?

Ele olha para o meu biquíni novamente, mas desvia o olhar com a mesma rapidez. — Sim. Estarei no saguão.

— Dentro dele? Ou do lado de fora? — Eu pergunto.

Não consigo vê-lo revirar os olhos, mas praticamente posso sentir. — *Dentro*. Agora vá.

— Eu estou trabalhando nisso. De volta em breve!

Vasculhando minha mala alguns minutos depois, enfrento um problema iminente. O que você veste para jogar golfe? A questão é bastante irrelevante em qualquer extensão, porque qualquer que seja a resposta, a probabilidade de eu ter embalado acidentalmente era zero.

Coloco uma regata e uma saia jeans que termina na metade das minhas coxas. Parece vagamente tênis, e tenho a impressão de que as pessoas que jogam tênis e golfe geralmente usam coisas semelhantes.

Eu só trouxe sandálias e chinelos, então minhas sandálias terão que servir.

Phillip está realmente esperando no saguão. Vejo-o de costas para mim, com as mãos nos bolsos. Por um segundo, quero me retirar para o meu quarto. A noite passada tornou as coisas reais, de alguma forma. A nuvem de algodão doce de abraçar o desconhecido, seu eu de férias, e o *por que não?* A atitude com a qual tentei viver e com a qual na semana passada está tremendo embaixo de mim.

Mas então, ele se vira.

Seus olhos percorrem minhas roupas e param em minhas sandálias. Aquele meio sorriso bordeia seus lábios, e a nuvem abaixo de mim se estabiliza. Eu flutuo o resto do caminho para a frente.

— O que você acha? — Eu pergunto. — Traje de golfe adequado?

— Nem um pouco. Eu gosto das sandálias, no entanto.

— Eles são legais, não são? — Eu estendo meu pé e o giro, como uma idiota. Nós dois olhamos para a minha sandália e para a cor coral

das minhas unhas. Dou uma última volta no tornozelo antes de colocar o pé no chão.

O silêncio se estende.

Ignore, eu penso. *Assim como estamos ignorando a noite passada.*

— De qualquer forma, acho que não vou me sair muito bem, então meu calçado provavelmente não fará diferença. Não vou atrasar você?

— Talvez — diz ele com um encolher de ombros. Ele puxa um boné azul-marinho para baixo na cabeça e começamos a caminhar para o sol quente do meio-dia. — Mas não estou jogando para estabelecer novos recordes.

— Vamos chegar lá de carrinho de golfe? — Eu pergunto, vendo o veículo branco estacionado do lado de fora do saguão. O nome e o logotipo do Winter Resort estão orgulhosamente estampados na lateral.

— Sim. Robert vai nos levar.

Robert realmente nos leva. Ele conversa agradavelmente no caminho até lá, lembrando-nos de levar algumas garrafas de água para o percurso.

Tem alguém esperando por nós na sede do clube quando chegamos lá. Um homem em traje de golfe apropriado que não se parece em nada com minhas roupas. Ele nos cumprimenta com um sorriso largo e nos equipa.

Concordo com a cabeça e sorrio e aceito todos os tacos que me são entregues. Eles têm nomes que reconheço vagamente, como putter e driver, mas também nomes como wedge e iron.

Phillip olha para mim de vez em quando, a diversão aparece em seus olhos. Ele provavelmente pode identificar meu falso entusiasmo a um quilômetro de distância.

— Então. — ele diz quando finalmente estamos todos carregados em nosso próprio carrinho de golfe, equipado com pinos e bolas e outras coisas que têm nomes vagamente relacionados ao sexo. — Está animada?

— Mais como intimidada. Você sabe que eu nunca fiz isso antes. Nunca, certo?

— Eu sei — ele diz e se senta no banco do motorista. — Mas há trinta minutos entre o nosso jogo de golfe e o do próximo grupo. Perguntei.

— Oh. Isso é bom?

— Sim. Temos muito tempo. Agora vamos, entre.

Eu subo no assento ao lado dele. Nossas bolsas, com todos os tacos que vou balançar muito, muito em breve, estão lá atrás.

Ele dirige ao longo da trilha em direção ao primeiro buraco. Olho para ele com o canto do olho. Seus ombros estão relaxados, seu rosto ilegível.

— Você joga golfe com frequência? — Eu pergunto.

— Frequente o bastante. É uma boa maneira de passar o tempo com clientes e colegas de trabalho.

— Você tenta ganhar quando joga com seus colegas de trabalho, mas deliberadamente perde contra os clientes?

Ele bufa. — Algo parecido.

Paramos perto do primeiro buraco. A tensão entre nós está lentamente se dissipando, voltando ao que era antes da noite passada. Antes que a cachaça e as tartarugas e os beijos imprudentes complicassem uma coisa boa.

— Esta é a área do golfe — ele diz e coloca o carrinho no estacionamento. — Você vai querer seu driver. Vamos querer acertar o mais longe que pudermos neste. Está vendo a bandeira ali embaixo? Esse é o buraco que estamos buscando. Tente colocá-lo no gramado.

Concordo com a cabeça, como se isso fizesse todo o sentido, e olho para a variedade de tacos na minha bolsa. Deve ser aquele moldado para o maior impacto. Minha mão passa por um de aço, outro que tem uma cabeça em forma de clava, para parar em um com uma borda de metal inclinada.

Eu o tiro da bolsa. — Entendi.

— Incrível. Você quer que eu vá primeiro? — Phillip está agachado, colocando uma estaca na grama bem cuidada. Em cima dela, ele apoia uma bola muito parecida com as do minigolfe.

— Claro. Mostre-me como se faz.

Ele ri. — Ok. Você deve ficar assim. Vê minha postura?

Eu faço. Eu tento copiar, observando seu corpo alto dobrar ligeiramente, braços e costas retas.

Ele acerta sua bola. Ela voa pelo ar, subindo em um arco antes de pousar em algum lugar muito distante. Eu a vejo quicando e rolando antes de parar, a cerca de seis metros da primeira bandeira.

— Ah — eu digo. — Você é muito, muito bom.

Seu sorriso se inclina para uma coisa torta. — Isso não foi muito longe.

— Parece super longe.

— Um truque de luz. Está pronta para tentar?

Eu ando até o ponto onde ele começou. — Sim. Ok, então, eu preciso de uma daquelas coisas de pino, certo?

Phillip ri novamente. — Sim, mas primeiro você precisa do taco certo.

— Oh. Não é este?

— Não. O driver é aquele com o.... Aqui. Se parece com isso. — Ele tira o taco com a cabeça gigante da minha bolsa.

— Oh. Sério?

— Sim.

— Esse taco parece uma loucura.

— Sim, mas tem uma grande tacada. Ok, tente isso. Segure assim... não, leve sua mão levemente... sim. — Ele curva a mão ao redor da minha e a coloca mais para cima no meu taco. Está quente perto de mim.

— É isso — ele murmura.

— Ok. Agora eu preciso dobrar meus joelhos, certo? Só um pouco?

— Sim. Mas tente a tacada primeiro sem acertar a bola, só para pegar o jeito.

Eu me sinto ridícula, parada aqui sob seu escrutínio, mas eu balanço o bastão.

Ele acena com a cabeça, as sobrancelhas desenhadas juntas. — De novo.

Eu faço isso mais uma vez, e depois outra.

— Bom, mas você precisa torná-la um pouco mais fluida. — Ele dá um passo mais perto, uma mão meio estendida para mim. — Posso te mostrar?

Concordo com a cabeça e entrego-lhe o taco. Mas ele balança a cabeça e se posiciona atrás de mim. *Oh*.

Seus braços se estendem e seguram o taco sobre minhas mãos. Ele está quente contra mim, e o cheiro de xampu e de homem roça meus sentidos.

— Está tudo bem? — ele murmura.

Eu concordo. Falar parece demais.

Ele se aproxima até que seu corpo esteja totalmente curvado ao redor do meu, e a nuvem de algodão doce abaixo de mim evapora. *Puf*. Arrepios sobem ao longo de meus antebraços, apesar da temperatura quente e do sol brilhante.

Isso parece real.

— Assim — ele diz e puxa nossos braços para cima. Ele faz um arco completo com o taco sobre minha cabeça, antes de voltar para baixo e acertar uma bola imaginária. — Mantenha o arco em andamento — diz ele e completa o balanço com os dois braços para cima de nossas cabeças novamente. Lado oposto desta vez.

Ele é quente. Mais quente do que eu, de qualquer forma, e meus lábios formigam com a lembrança de seus beijos na noite passada.

Faz muito tempo desde que um homem me abraçou assim. Mesmo que não seja um abraço de verdade apenas "ajuda" e apenas a frente dele pressionando minhas costas. Mas ainda conta.

— Eden — diz ele. Sua voz é um murmúrio no meu cabelo.

— Sim?

— Acha que pode tentar balançar de novo?

— Oh. Sim, sim, então... devo fazer isso? — Sou eu quem carrega o peso de nossos braços desta vez, movendo o taco em um arco lento.

— Sim, é isso. Você conseguiu. — Suas mãos roçam as minhas em um toque demorado antes de ele recuar, colocando uma distância saudável entre nós.

Meu corpo inteiro se sente eletrificado pelo contato.

Phillip pigarreja e dá mais um passo para trás. — Tudo bem — diz ele. — Ok. Então, quer tentar?

— Sim, ok. — Eu me posiciono e olho para a pequena bola branca, tão inocente olhando contra o verde. Ainda me sinto muito leve e um pouco carregada, como se tivesse mais energia do que preciso.

Eu olho para ele. — Você vai assistir?

Ele abre um sorriso pela primeira vez hoje. — Eu estava planejando, a menos que você não trabalhe sob pressão.

— Eu não acho que isso vai ser uma grande performance.

Ele cruza os braços sobre o peito, aquele sorriso ainda lá. — Apenas dê uma tacada.

— Ok. Talvez você devesse dar mais alguns passos para trás. — eu digo. — E pegue algum equipamento de proteção. Você trouxe um capacete?

— Eu vou ficar bem. — diz ele, diversão em sua voz.

— Ok — eu digo novamente. Estou segurando o taco com força. Dobrando meus joelhos. Meus olhos estão na bola e não vou deixá-la escapar. — Aqui vai tudo.

Eu faço a tacada, colocando força por trás dele, e sinto meu taco se conectar com a bola. Ela voa a um metro de distância e descontroladamente para a esquerda.

— Merda.

— Tudo bem — diz ele e passa por mim. Ele se inclina e a pega. O short destaca os músculos das coxas.

— Hum, você tem permissão para mover minha bola?

— Sim — ele diz e coloca de volta na minha frente. — Tente novamente.

— Tenho quase certeza de que isso é contra as regras.

— Não é sua primeira vez jogando? — ele diz e dá alguns passos para trás. — Como você saberia as regras?

Eu me viro para ele com meu olhar mais fulminante. — Sim, mas eu sei algumas coisas. Como mão na bola é proibido na maioria dos jogos.

— Eden. — diz ele, os olhos fixos nos meus. — Faremos nossas próprias regras.

— Oh. Ok. Vou tentar de novo, então.

Eu faço. Desta vez corre melhor e, embora a bola não voe em um arco reto como o dele, ela desce a colina a meio caminho dele.

— Isso foi excelente.

Eu rio, inclinando-me contra o meu taco. — Mentiroso.

— Para sua segunda tentativa, foi muito bom. — Ele sobe de volta no carrinho de golfe, sentando no banco do passageiro. — Vamos, por que você não tenta dirigir o carrinho também.

Sento no banco do motorista, incapaz de conter meu sorriso. — Sério?

Ele puxa o boné mais para baixo e se inclina para trás, esticando as longas pernas o máximo que há espaço. — Nada como ter motorista.

Eu rio e pressiono o pedal do acelerador. Afinal, o golfe pode não ser um esporte tão chato, e neste belo local? Eu posso até gostar.

Chegamos ao buraco sete antes que o desastre realmente aconteça. Ele está dois pontos abaixo do par e eu estou cerca de quatorze mil acima. Mas estou seguindo em frente, e Phillip não mostra nenhum sinal de estar frustrado com meus contratempos frequentes.

É surpreendente. De alguma forma, ele me pareceu o tipo de pessoa que não seria descrita como paciente. Afinal, seu ritmo enquanto fala ao telefone, seus e-mails constantes, sua clara paixão por seu trabalho... Seu próprio desejo autoproclamado de vencer em todas as facetas da vida.

Mas aqui, ele não deixa escapar um único comentário depreciativo.

Até conseguir acertar minha bola na armadilha de areia. Ele rola lindamente para fora do gramado e para as profundezas arenosas de um grande bunker.

— Ah, não — eu digo. — Aquela ainda não aconteceu.

Acertei uma bola em uma árvore — duas vezes — e acidentalmente joguei meu taco — uma vez. Mas sem bunkers.

— É divertido — diz Phillip ao meu lado.

— Você parece sarcástico. Você está sendo sarcástico?

— Eu nunca.

— Ok, então você está. Que taco devo usar?

— Se você quiser, você pode simplesmente retirá-la.

Eu estreito meus olhos para ele. Ele olha serenamente para mim, o rosto calmo e os olhos escondidos atrás dos óculos escuros.

— Essas não são as regras apropriadas. — eu digo.

Ele levanta um único ombro em um encolher de ombros. — Nós realmente não aderimos a elas até agora.

— Você tem.

— Bem, eu já fiz isso antes.

— Vou bater nela e tirá-la — eu digo, rolando meu pescoço. — Isso não é um problema.

— Temos mais bolas.

— Eu sei, mas a minha está lá. Eu me apeguei a isso. Não deixe nenhum homem para trás e tudo mais.

— Você sabe, isso nunca retribuirá esses sentimentos. — Ele pega um dos meus tacos, examina e me entrega. — Aqui. Este deve funcionar para a armadilha de areia, se você insiste.

— Eu faço. Estou *aprendendo*, sabe, então esta é uma grande oportunidade.

— Mm-hmm. — Ele fica ao lado do buraco e me observa escalar a armadilha de areia. Por um segundo, tenho o pensamento absurdo de que pode ser areia movediça, como em um livro infantil. Não é.

Mas está muito quente por causa do sol escaldante e queima onde atinge a ponta dos meus pés.

Sandálias *não* eram de fato a escolha certa.

— Você está ótima — diz Phillip.

— Obrigada!

Minha bola está inocentemente no centro do buraco, como se não tivesse rolado a maior parte para chegar lá.

Eu endireito meus ombros e meus quadris e balanço.

Minhas primeiras cinco tentativas falham.

Três vezes, erro a bola e uma nuvem de areia voa em seu lugar. Duas vezes, eu bati na bola, mas ela não voou alto o suficiente para passar pela parede do bunker e rolou para trás, o diabo.

Os ombros de Phillip estão tremendo com o riso contido.

— Está tudo bem! — Eu chamo, dando-lhe um aceno de cabeça.
— Esta vai fazer isso!

Ele cruza os braços, um sorriso no rosto. — Eu aposto.

Talvez seja o sorriso malicioso que ele está usando ou minha própria diversão, mas eu supero isso. A bola sobe e cai a poucos metros de onde a bola de Phillip está parada, no gramado.

— Sim! Acertou em cheio!

Phillip cruza a distância até o buraco de areia. Ele fica na beirada, estendendo um braço para mim. — Muito bom.

— Acho que sou a próxima Tiger Woods.

— Espero, para o seu bem, que não seja.

Isso me faz rir. Eu enfio meu taco debaixo do braço e encontro apoio na encosta arenosa, estendendo a mão para segurar sua mão.

Não é particularmente gracioso. Luto por um ponto de apoio enquanto ele está puxando, e então dou a volta por cima, colidindo com seu peito, e perco uma sandália.

Ela cai ao longo da encosta arenosa e pousa no local que minha bola ocupava anteriormente.

— Ah, não — eu digo.

Phillip ainda está segurando minha mão. Estão presas entre nossos peitos. Seu queixo roça minha testa enquanto ele vira a cabeça.
— Seu sapato.

— Não sobreviveu ao buraco.

— Não — ele diz — não funcionou. Eu pego.

— Eu posso fazer...

Ele me entrega seu taco e entra no buraco, fazendo isso com mais elegância do que eu. Ele pega a sandália e a vira de cabeça para baixo, tirando a areia.

— Isto é como a Cinderela. — eu digo. As palavras simplesmente saem. Talvez seja o sol, talvez seja o cheiro de seu protetor solar ainda persistente de nosso contato próximo.

Ele olha para mim por um longo momento, e então ele ri. — Sim, surpreendentemente semelhantes. Quer que eu coloque em você também? Vê se serve?

Algo aperta meu estômago e tudo que posso fazer é balançar a cabeça.

Ele sobe até a borda do buraco de areia. Eu estendo minha mão, e ele olha para ela com suspeita óbvia.

— Eu posso fazer isso. Eu sou forte — eu digo.

— Certo — diz ele. — Aqui, pegue seu sapato.

Eu o pego e jogo de lado na grama antes de estender minha mão para ele novamente. — Vamos. Confie em mim, eu tenho trabalhado fora. Eu levanto uma tonelada de pesos.

— Você é menos convincente quanto mais fala.

— Então, eu vou calar a boca — eu digo e mexo meus dedos. — Atreva-se.

Phillip murmura algo como *você me desafia?* e balança a cabeça, mas aceita minha mão.

E então, tudo dá errado. Minha única sandália escorrega contra a grama cortada, enquanto sou puxada pelo peso de Phillip, e meu pé descalço se enterra no chão. A borda do buraco vacila e quebra, e eu caio. Phillip primeiro e depois eu, caindo nas profundezas do bunker.

Acabo meio em cima dele, esparramada na areia.

Levo um segundo para recuperar o fôlego. — Oh meu Deus — eu digo. — É realmente areia movediça.

Abaixo de mim, Phillip está em silêncio. Ele está deitado de costas, e eu o vejo piscar rapidamente para o céu claro e azul. — O que? — ele pergunta.

— Nada. — Eu me levanto dele, mas mantenho a mão em seu peito. — Você está bem? Você quebrou alguma coisa?

— Não tanto quanto eu sei — diz ele e vira a cabeça ligeiramente para olhar para mim. — Posso estar em choque.

A areia está quente e macia embaixo de mim, e provavelmente com todo tipo de sujeira. Eu apoio minha cabeça em um braço. — Você não cai regularmente?

— Não, não posso dizer que sim.

— Esta é a minha... terceira em uma semana. Você se acostuma com isso.

Ele solta uma risada surpresa. Cresce, até que ele esteja meio rindo, meio gemendo. — Jesus. Você realmente não poderia me puxar para fora.

— Eu posso!

— Eden — diz ele.

— Minha sandália escorregou na grama. Eu não tinha o impulso adequado. É por isso.

— Impulso — ele repete, e há um ceticismo profundo lá. Mas também há humor em sua voz. Ele estica os braços e vira a cabeça para o céu, como se estivesse relaxando na areia da praia. — Merda, eu nem gosto de golfe.

Minhas sobrelanceiras se erguem. — O que? Você não.

— Não, na verdade não.

— Mas você é tão bom nisso.

— Sou decente — diz ele, ainda falando com o Deus Todo-Poderoso nas nuvens. — É um jogo lento e ocasionalmente muito monótono.

Eu balanço minha cabeça para ele. — Por que você decidiu fazer isso em sua lua de mel, então?

Ele tira os óculos escuros e vira a cabeça, olhos azuis escuros encontrando os meus. — Não tenho a menor ideia.

Isso me faz sorrir. — Você não?

— Não. Estávamos discutindo atividades com nossa planejadora de viagens e ela mencionou que o resort tinha acesso a um campo de golfe de primeira linha... — ele dá de ombros. — Minha ex afirmou que eu jogo golfe. Foi sugerido. Eu pensei, por que não? Pode ser bom ter um tempo sozinho.

Algum tempo sozinho, eu penso. Em sua lua de mel?

Meus dedos se curvam sobre a areia, passando pela camada quente no topo. — Por que você começou, se você não gosta?

— Acho que foi por causa do trabalho. O golfe costuma estar na agenda de retiros, conferências e, ocasionalmente, reuniões... — Ele acena com a cabeça, apertando a boca. — É isso. Eu tive um cliente, anos atrás. Ele só conduzia suas reuniões no campo.

— Isso soa ridículo.

— Bem, ele era ridiculamente rico e sua empresa estava passando por uma das maiores fusões do ano. Então, aprendi a jogar golfe.

— Você... ganhou o caso?

Um sorriso esvoaça em seus lábios. — De certa forma, sim.

— Oh. Não foi bem um caso.

— Não, eu era consultor jurídico e fazia contratos.

Eu empurro para sentar. Ainda estou sem um sapato, e o sol está devastador, e posso sentir uma pequena gota de suor na minha espinha. Phillip ainda está deitado de costas e não parece ter nenhuma preocupação no mundo.

Seu cabelo está bagunçado agora, e há uma calma nele que não existia na semana passada.

Eu sorrio. — Então, por que estamos aqui?

Ele vira a cabeça. — Golfe?

— Sim.

— É um bom dia, — diz ele — e você queria aprender.

— Certo, coloque a culpa em mim. Eu tenho feito você sofrer aqui, me vendo acertar a bola em árvores literais.

Ele sorri novamente. Desta vez é torto e verdadeiro, e faz meu próprio sorriso vacilar. — Vou te dizer uma coisa, Eden. Jogar golfe com você definitivamente não é chato.

Eu cravo meus dentes em meu lábio inferior. — Essa é sua maneira de dizer que está se divertindo?

— Eu nunca acabei de costas em um bunker de areia antes. — diz ele. — Então sim.

Vozes chegam até nós, flutuando com o vento. É uma linguagem que não entendo. Alemão, talvez, ou holandês. E então, um grupo de homens de cabelos grisalhos olha para nós da borda do buraco de areia. Eles estão no epítome do traje de golfe.

— *Ach* — um deles diz, franzindo profundamente a testa. — *Das sind die Clowns, die den Kurs aufhalten*⁷.

— Desculpe! — Eu chamo e fico de pé. — Vamos sair do seu caminho!

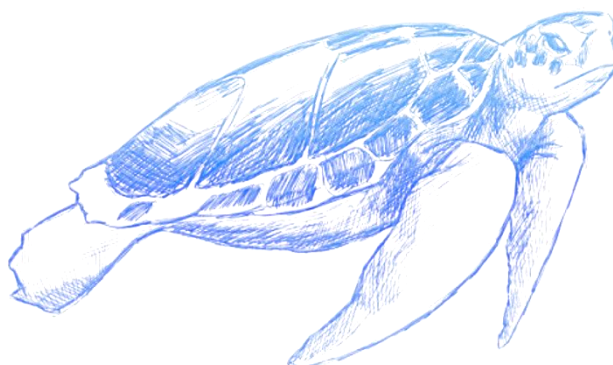
— Fale por si mesma. — murmura Phillip. Ele ainda está deitado de costas. — Estou me divertindo muito.

Eu aponto um chute em seu sapato, mas não consigo parar de rir. — Vamos.

— Se você insiste. — ele diz e se levanta graciosamente. Ele limpa o short e então estende a mão, uma mão pairando sobre meu cabelo. — Areia. — ele murmura. — Vamos então, Eden, ver onde você vai acertar a bola a seguir.

⁷ Estes são os palhaços segurando o campo.

CAPÍTULO QUINZE



Meu cabelo ainda está levemente úmido do banho quando saio do quarto de hotel naquela mesma noite. Foi preciso esfregar muito para tirar a areia. Não posso dizer que foi a experiência mais agradável, considerando que meus ombros queimaram um pouco, mas agora estou limpa e cheirando a perfume e sabonete.

Eu olho para o meu telefone. Apenas cinco minutos atrasada.

O vestido de verão verde que estou usando tem um decote profundo que pode dizer que estou indo a um encontro, mas também é casual o suficiente para um jantar amigável com um turista.

Não que eu saiba o que espero entre essas duas opções. Mas pelo menos meu vestido pode navegar pelos dois para mim.

Foi Phillip quem sugeriu jantar depois do golfe. Ele disse isso casualmente. *Nós dois temos que comer, não é?*

Havia uma lógica inegável nessas palavras.

Entro no elevador e desço até o saguão do hotel. O casal de meia-idade já lá dentro sorri para mim em uníssono. — Boa noite — a mulher me diz. Ela está usando um top vermelho com gola de strass.

Eu aceno de volta. — Boa noite.

Seu sorriso se torna conspiratório. — Este é o resort mais bonito, não é?

— Verdadeiramente o melhor. É impressionante aqui — eu digo.

O homem põe a mão no ombro da esposa. — Estamos em nossa segunda lua de mel — diz ele. O sotaque deles soa do meio-oeste, mas é difícil identificar com certeza.

Sua esposa acena com a cabeça, seus olhos brilhando. — Renovamos nossos votos na semana passada.

Deus, eles estão em toda parte.

Mas eu apenas sorrio para eles. — Parabéns!

Não posso mais culpar nenhum dos recém-casados, sério. Este é um dos melhores resorts para viajar depois de amarrar o nó. Não era isso que eu queria fazer?

Phillip já está no restaurante quando chego, encostado em uma das colunas que emolduram a entrada. Ele ainda não se barbeou, e a barba por fazer escurece seu rosto já bronzeado. Mas ele vestiu uma camisa de linho de botão. Infelizmente, isso não me dá nenhuma pista sobre o encontro ou não encontro do nosso jantar porque, como é típico, é isso ou um pólo com ele. O homem é alérgico a camisas sem colarinho?

O beijo da noite passada ainda não foi reconhecido. Pairou no ar ao nosso redor o dia todo, uma memória não dita.

— Ei — diz Phillip. Seus olhos mergulham em uma varredura do meu vestido, e minha pele cora sob seu olhar. — Vamos nos sentar.

Um garçom nos leva até nossa mesa, nos deixa pedir bebidas e então ficamos quietos enquanto lemos nossos menus separados. A mesa fica perto do mar, ao lado das ondas quebrando no calçadão, assim como nosso primeiro jantar.

Meu coração está batendo rápido. Ele não é um estranho agora, não como se estivesse neste mesmo restaurante naquela primeira noite.

— Vou comer peixe hoje à noite — diz ele. As bebidas chegaram, ficando entre nós como sentinelas. — Apenas avisando.

Eu encontro seu olhar divertido sobre a borda do meu cardápio. — Eu meio que repreendi você por pegar o bife quando nos conhecemos, não é?

— Sim — ele diz, mas parece que está gostando da memória. — Você fez.

— Sou tão tranquila.

— Sabe, esse é o primeiro adjetivo que eu usaria para descrevê-la.

— Hum. E qual é o segundo?

Ele tamborila os dedos contra a mesa por um longo par de batidas.
— Curiosa.

Eu mordo o interior do meu lábio para não sorrir. — Essa não foi sua escolha imediata, no entanto.

Seus olhos encontram os meus. — Não — ele admite. — Não foi.

— Qual é a verdadeira resposta?

— Eu não acho que vou te dizer isso.

— Guardar segredos, Meyer? De sua nova esposa?

Ele ri. — Apenas aqueles que ela não está pronta para ouvir, sim.

Algo se revira no meu estômago. Como um cardume de peixes sendo caçado por um tubarão. — Eu posso lidar com uma classe inteira de crianças indisciplinadas de cinco anos — eu digo. — Acha que não consigo lidar com isso?

Ele pega sua taça de vinho. — Ah, eu acho que você pode. Só não estou pronto para jogar essa carta ainda.

— Jogar essa carta? — Eu pergunto. Algo está apertando em meu peito. Antecipação. Expectativa. — Você não é o único com cartas na manga.

Eu nem sei do que estamos falando. E ainda sim, e meu corpo certamente sabe. Meu coração está batendo rápido novamente.

Seus olhos caem brevemente para o meu vestido. É uma olhada rápida, lá e se foi novamente. — Oh, você definitivamente tem algumas também — diz ele.

— Afobado, Sr. Meyer?

— Frustrada, Sra. Richards?

— Nunca.

— Nem mesmo depois de três meses inteiros — diz ele.

Minha boca se abre. Fecha novamente. Mas então, eu apenas vou em frente. — Tenho um excelente vibrador.

A expressão de Phillip fica vazia, sem um pingo de emoção. — Ah — ele diz.

E então, nada mais.

— Eu explodi sua mente?

— Sim — diz ele. — Me dê um momento.

Eu sou o meu eu de férias, e ela diz coisas assim para os homens de quem ela acabou de se tornar amiga. Ela pede uma bebida chique do cardápio sem se preocupar com o preço. Ela pode até beijar esse belo estranho mais uma vez.

Ele levanta uma sobrancelha. — Pelo menos um vibrador dura mais de cinco minutos.

— Sim — eu digo enquanto o calor consome minhas bochechas. Eu tinha admitido aquele pequeno boato sobre minha vida sexual com Caleb. — Se eu carregar as baterias.

— Humm. Odeio quando elas acabam no meio do caminho — diz ele, concentrando-se nas mangas. Ele as está enrolando em seus antebraços com precisão metódica.

— Sim.

— Você sabe, um homem com resistência real resolveria ambos os problemas.

— Sim, mas há todas as outras coisas envolvidas — eu digo. — Um vibrador não vai demorar demais ou usar muita língua.

Ele ri. — Eu acho que é certo que você não vai conseguir língua alguma com um vibrador.

— Sim — eu digo. Então, eu balanço minha cabeça. — Essa é uma frase que eu nunca pensei que ouviria.

— Nunca suspeitei que diria isso. — ele retruca.

— Que momento histórico. — concordo. — Devemos brindar a isso.

Ele ergue o copo e eu o toco com o meu.

— Então, — ele diz como se não estivéssemos tendo a conversa mais bizarra da minha vida, — o comentário de muita língua foi uma dica?

Minhas bochechas queimam. — Oh.

— Sim — diz ele, novamente com tanta naturalidade. — Se você tem uma crítica construtiva, eu posso aceitar.

— Nunca conheci um homem cujo ego pudesse lidar com críticas construtivas.

Ele ri. — Então, você conheceu muitos homens inseguros.

— Provavelmente sim. — Eu olho para a minha bebida. — De qualquer forma, o comentário não era sobre você. Sua, hum, quantidade de língua foi excelente.

Ao nosso redor, a noite aperta seu domínio.

— Excelente? — ele pergunta.

— Hh-hmm. Sem reclamações.

— Certo. Bem, eu gostei de beijar você.

Minha garganta fica seca. — Sim. Bem... eu também.

Ele sorri e olha de volta para o cardápio. O ar entre nós parece carregado. Tento me concentrar na lista de comida à minha frente, mas encontro meus olhos passando por cima do texto.

Em vez disso, olho para os outros hóspedes, além das mesas de clientes felizes. Meu olhar se fixa em uma mulher, abrindo caminho pelo restaurante. Eu só posso vê-la de lado... mas ela parece distintamente familiar. O cabelo ruivo. A caminhada confiante.

— Oh meu Deus — eu sussurro. — Acho que alguém que conheço acabou de entrar.

Phillip abaixa seu cardápio. — Eles fizeram?

— Sim. A prima do meu ex está aqui.

— E por ex, você quer dizer...?

— Sim, meu não-marido, se você quiser.

Phillip ergue os olhos atentos para a multidão. — Quem é?

— Cabelos ruivos. Cinco horas. Deus, por que diabos ela está em Barbados? E no Winter Resort?

Ele franze a testa. — Você acha que ela está aqui para falar com você?

Eu balanço minha cabeça. — Eu só a encontrei algumas vezes. Oh, Deus, ela vai relatar a Caleb que ela me viu aqui. Oh. Ela está indo para o bar. — Eu abaixo minha cabeça, focando no cardápio como se minha vida dependesse disso. — Todo mundo em casa achou que eu era louca por querer passar a lua de mel sozinha — digo. Minha voz soa aguda. Ela vai dizer que me viu. *Oh, ela parecia tão corajosa, a pobre alma.*

Phillip está carrancudo. — Bem, você parece relaxada e feliz.

— Obrigada. — murmuro. Ainda estou abaixando a cabeça o máximo que posso.

— Ela está pedindo no bar agora, então ela está de costas para você.

— Bom. — Eu envolvo minhas mãos em volta da minha nuca, a cabeça ainda abaixada. *Por favor, não me reconheça.*

— Então. — diz Phillip. A gravidade na única sílaba me faz olhar para cima. Ele está me observando com olhos ilegíveis. — Ela sabia que sua lua de mel teria sido aqui?

— Sim, Kaelie trabalha para uma agência de viagens e uma revista de viagens online, então ela me ajudou um pouco com o planejamento. Talvez ela esteja aqui por causa do trabalho?

— Talvez. — Phillip me dá um sorriso torto. Algo muito parecido com determinação brilha em seus olhos. Ele se inclina para frente, apoiando um braço na mesa. — Qual seria a pior coisa que seu ex poderia ouvir? Que você encontrou alguém para substituí-lo?

Meu coração acelera com a implicação. — Mas... você... por que... sim.

Ele descansa a mão ao lado da minha. — Olhe para cima. Deixe que ela a veja.

Eu respiro fundo. — Você quer dizer que fingimos...?

— Sim — diz ele. — Isso é exatamente o que eu quero dizer.

Eu olho para a mão dele. Apenas uma polegada de distância da minha. E ele está olhando para mim como... bem.

Como se ele quisesse dizer o que ele disse.

Penso em Caleb, em suas piadas às vezes maldosas e em seus sorrisos presunçosos quando seu time de futebol ganha. Lembro-me daquela vez em que ele me pediu para fazer comida para ele e seus amigos para um jogo de futebol, mas nunca disse obrigado. Não sei por que agora, neste exato momento, isso me irrita mais do que saber que ele se esgueirou escondido com uma das minhas melhores amigas por meses. Mas caramba, passei horas marinando a carne e fazendo os acompanhamentos e o queijo que ele tanto gostava. E ele nunca disse obrigado!

Então olho para Phillip como se ele me fizesse a mulher mais feliz do mundo. Minha mão desliza para a dele, e ele a vira, entrelaçando nossos dedos.

Um arrepio percorre minhas costas.

— É isso — ele murmura. — Ela nos viu... Está claro que ela não sabe o que pensar.

— Você está gostando disso. — eu sussurro. Eu não posso dizer o quão perto ela está, então eu me concentro no azul escuro de seus olhos.

Sua mão aperta a minha. — Hora do show, Eden.

Então, ela está sobre nós.

O cabelo ruivo de Kaelie está preso em um rabo de cavalo alto e ela está usando um vestido azul. Ela parece adorável, como sempre, e cautelosa, como nunca. Toda vez que eu a encontrei, ela tinha sido comunicativa.

— Eden? — ela diz. — Oi! Uau, sinto muito por incomodá-la assim. Eu simplesmente não posso acreditar que encontrei você aqui.

— Kaelie! — Eu digo. — Eu não sabia que você estaria aqui.

— Oh, eu sei, não é apenas o mais louco? Eu deveria ter mandado uma mensagem para você e avisado, mas não tinha certeza... bem. — Ela acena com a mão. — Você sabe. A coisa toda é estranha.

— Certo — eu digo. — Estranho.

Ela olha para Phillip. Ele está olhando para ela com uma expressão que deixa claro que ela está interrompendo. É o mais hostil que eu já o vi parecer.

Sua mão ainda está na minha.

Eu limpo minha garganta. — Desculpe. Phillip, esta é Kaelie. Nós nos conhecemos de casa.

Ele estende a mão livre. — Phillip.

— Kaelie — ela diz e aperta a mão dele sobre a taça de vinho na mesa. — Prazer. Como está a viagem, Eden? Se divertindo?

Eu sorrio largamente. — Sim. A ilha é deslumbrante e o resort também. Você está aqui a trabalho?

Ela acena com a cabeça. — Sim, meu chefe queria uma reportagem sobre o Caribe, e estou aqui para explorar o Winter Resort.

Aparentemente, a Winter Corporation está procurando abrir mais locais como este em todo o mundo.

— Ah, eu não sabia.

Ela acena com a cabeça novamente. Muda de um pé para o outro e sorri. — Bem, eu não quero interromper o jantar de vocês. Estarei na ilha por mais alguns dias antes de precisar ir para St. Lucia. Que tal tomarmos uma bebida antes de eu ir?

— Sim — eu me ouço dizer. — Claro. Você tem meu número?

— Claro que sim — diz ela. Seus olhos se movem para minha mão entrelaçada com a de Phillip, e eu sei que ela está queimando de curiosidade. — Vejo você mais tarde, Eden. Foi bom conhecê-lo.

Phillip acena com a cabeça, o menor mover de sua cabeça.

Ela volta na direção do bar.

— Oh meu Deus. — murmuro.

— Isso foi dolorosamente educado.

— Sim, mas vou chamar a Inquisição Espanhola se nos encontrarmos para beber. E quando ela souber sobre nós, seja qual for o *nosso* fingimento, todos em casa também saberão.

Sua mão aperta brevemente a minha. Ele está olhando para algo por cima do meu ombro. — Ela ainda está olhando para nós de vez em quando.

— Quais são as chances de que a agência dela a envie para Barbados exatamente ao mesmo tempo que eu estou aqui?

— Quase nenhuma. — diz ele. — Se eu argumentasse isso no tribunal, o júri tiraria sua própria conclusão.

— Mas você não vai ao tribunal.

Ele sorri. — Não, eu não. Porque sou bom no que faço... e também porque sou um advogado corporativo.

— Tão humilde. — eu provoco.

— Falsa modéstia é pecado.

— Obrigada. — eu digo, batendo meu dedo contra as costas de sua mão. Elas ainda estão interligadas. — Por isto.

Olhos sérios encontram os meus. Há algo sobre estar envolvido em seu foco. Isso me faz sentir vista e ouvida em um nível que eu acho que nunca estive antes.

Como tudo o que tenho a dizer é interessante.

— Como suas famílias lidaram com a separação?

— Não muito bem. — eu digo. — Minha mãe costumava tricotar um suéter novo para ele todo Natal.

Ele faz uma careta. — Aí.

— Sim. Quero dizer, sou filha única, sabe? Meus pais o consideravam um filho. — Eu dou uma meia risada. — Minha mãe teve seu próprio rompimento com ele.

— Eu tenho que ouvir essa história.

Pensar nisso me faz sorrir um pouco. — Bem, ela foi até a casa dele e disse que estava desapontada com ele, que ele também a magoara. E então, ela desfez dramaticamente o braço do suéter que ela já havia tricotado para ele para o próximo Natal.

Os olhos de Phillip se arregalam. — Sem chance.

— Oh sim. Minha mãe é incrível e louca assim. Meu pai, bem, ele se transformou no exterminador.

— Socou o idiota?

— Oh Deus, não, ele nunca faria isso. Não, ele fez questão de limpar nossas vidas inteiras de qualquer menção de Caleb. De um dia para o outro, meu pai removeu todas as fotos dele dos álbuns de fotos e jogou fora a fritadeira que Caleb comprou para eles em seu trigésimo aniversário de casamento.

— Pobre fritadeira — diz Phillip. — Causalidades civis.

— Realmente foi um crime de guerra. Fazis batatas fritas incríveis.

Seus dedos apertam os meus. — Então, o que seus pais fazem?

— Minha mãe é a bibliotecária mais falante que você já conheceu, e meu pai é o contador detalhista. — eu digo. — Eles são ótimas pessoas.

— Eles soam assim. — diz ele. — Ela realmente desfez o tricô na frente dele?

— Na porta dele. — eu digo. — Minha mãe poderia ter sido atriz em outra vida.

— Que tal a família de Caleb? — Ele acena com a cabeça em direção ao bar. — Seus... pais e primos?

Eu suspiro. — Eu não tive muito contato com eles desde a separação. Eu meio que... bem.

As semanas logo após eu ter descoberto não são aquelas que eu realmente quero lembrar. Ficar triste é uma coisa, mas se sentir uma idiota ainda por cima é um coquetel poderoso.

— Eu entendo. — diz ele em voz baixa.

Eu respiro fundo. — De qualquer forma, não sei o que Caleb disse a Kaelie, ou a seus pais, ou a qualquer um de seus irmãos, na verdade. Talvez eu devesse ter falado com eles, mas não tinha nenhum interesse nisso na época.

— Claro que não.

Eu descanso meu outro braço contra a mesa. — E seus pais?

Suas sobrancelhas se estreitam. — Meus?

— Sim. Como eles lidaram com seu súbito não casamento?

Phillip olha para o oceano. — Bem — diz ele — uma vez que o choque passou, eles pareciam satisfeitos.

— Satisfeitos?

Sua mandíbula fica tensa, sua expressão muda para a de um homem que decidiu que acabou de compartilhar demais. — Sim.

— Sabe. — eu digo — se você fosse uma testemunha no depoimento, seria uma pessoa difícil de interrogar.

Ele olha para mim. — Sim. Estou treinando para este exato momento.

— E você? Após a separação, o que você sentiu?

Ele olha para mim por um longo tempo. — Nós conversamos sobre isso antes. Raiva. Principalmente comigo mesmo. E então...

Minha curiosidade é como uma coisa queimando dentro do meu peito. Eu me pergunto o que aconteceu para fazer Phillip e sua ex desistirem.

— E então?

— Alívio — diz ele em voz baixa. — Isso é o que eu sinto agora, acima de tudo.

Minha boca se abre em suave surpresa. Oh. Essa fase é difícil de chegar. — Isso é bom. — eu digo, balançando a cabeça. — Não é?

— Mm-hmm. Eu sempre fui mais o tipo de pessoa limpa. Quando acabou, acabou.

— Sem contato?

— Nenhum, quando é possível. — diz ele. Ele olha para nossas mãos, onde ainda está segurando as minhas. — É realmente por isso que fiz esta viagem.

— Para... ter uma pausa limpa?

— Sim. Ela precisava tirar suas coisas do meu apartamento. Ficar por lá não era muito atraente.

Tudo faz sentido, agora. Os dias de férias já planejados, a viagem cara. Nada disso tinha sido realmente seu principal motivo.

Eu olho para nossas mãos também. As costas das dele são bronzeadas e largas, todos os dedos sem anéis. Igual ao meu. — Então é isso que vai acontecer conosco? Depois da nossa separação fictícia? Uma pausa limpa.

— Hum. Eu não me importaria com uma cena dramática de separação com tricô desfeito, mas vou pegar o que puder.

— Vou ver que tipo de drama posso inventar.

— Tenho total confiança de que você vai pensar em alguma coisa. — diz ele. — Talvez caia na piscina desta vez?

— Muito engraçado.

Ele se inclina para mais perto. — Ela ainda está nos observando.

Levo um segundo para lembrar a que *ela* ele está se referindo. — Oh. Droga.

— Significa que terei que melhorar um pouco minha atuação. — Ele estende a mão livre, a que não segura a minha, e inclina minha cabeça para trás. — Você gostou de me beijar, você disse.

— Eu disse isso. — eu sussurro. — Não me importaria de fazê-lo novamente a serviço de uma causa.

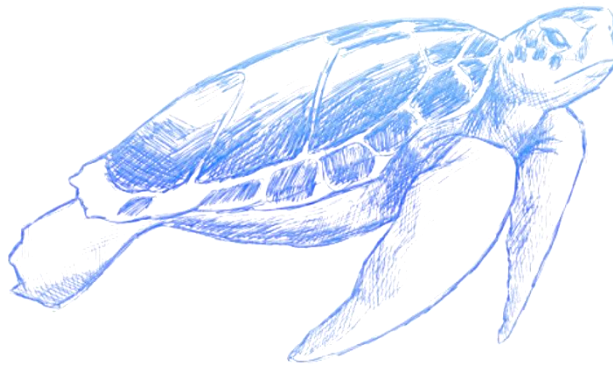
Um rápido sorriso surge em seus lábios, aparece e desaparece. —
Essa conversa de travesseiro.

Então, ele pressiona seus lábios nos meus novamente, e todos os
pensamentos de casamentos cancelados, de Kaelie e Caleb e da
misteriosa ex-noiva de Phillip desaparecem.

Eu sou o meu eu de férias. E meu eu de férias está beijando um
homem bonito à luz de velas, ao lado das ondas suaves. Amanhã pode
esperar...

Estou gostando do presente.

CAPÍTULO DEZESSEIS



Estou de volta ao saguão gigante do resort, parada ao lado dos sofás macios e esperando Phillip chegar. O espaço está rapidamente se tornando familiar depois de todas as vezes que fiquei aqui. Normalmente nunca chego tão cedo. Nunca adiantada em lugar nenhum, sério, sempre chegando com a respiração acelerada e as chaves do carro na mão.

Mas hoje eu acordei mais cedo do que o normal, amarrei meu cabelo e estava completamente vestida mais de quinze minutos antes de precisar descer para encontrá-lo.

Tudo isso, claro, é por causa *daquilo*. O beijo que agora se transformou em dois beijos, nenhum dos quais falamos em detalhes. Talvez beijos não precisem ser discutidos, mas também não tenho certeza disso. Já se passaram sete anos desde que beijei alguém, exceto meu ex.

Phillip me beijou longa e profundamente no restaurante ontem à noite, na frente de *todos*. Kaelie, e os servidores, e os felizes recém-casados. E quando ele se afastou, seus olhos estavam ligeiramente vidrados. *Ainda bom?* ele murmurou, e a única coisa que pude fazer foi acenar com a cabeça.

Sim. Muito, muito, muito.

Meu telefone vibra no meu bolso, e eu o pego para ver o nome de Becky.

BECKY

Eu não posso acreditar que Kaelie está aí, ou que você beijou o estranho gostoso de novo... para fazê-la relatar a Caleb que você está tendo um rebote?

Lendo de novo faz parecer absurdo. Incrível. Definitivamente parece que é algo que está acontecendo com outra pessoa. Não comigo.

EU

Sim. Eu também não acredito, mas sim.

Os três pontos aparecem e posso imaginar Becky digitando furiosamente.

BECKY

Quais são as malditas probabilidades de Kaelie aparecer? Ela tem que estar aí para espionar você? Mas por que?

EU

Não sei. Vou jantar com ela esta noite. Veremos...

BECKY

Excitante. Devo dizer que estou adorando a atitude do seu rebote. Ficar com você para ter certeza de que K tinha algo sobre o que fofocar. Esse é o tipo de energia que precisamos!

Eu rio e olho ao redor, mas ninguém está prestando atenção em mim e na minha conversa telefônica.

EU

Talvez, mas está mexendo com a minha cabeça. Estou encontrando-o novamente agora. Nós vamos fazer uma caminhada.

BECKY

OH MEU DEUS. Apenas vocês dois?

EU

Sim.

BECKY

Ok, então ele gosta de você.

Olho para a mensagem dela por alguns segundos. Eu não sei como responder a isso. Eu nem sei se quero que ele o faça.

Isso é uma mentira. Eu faço. Mas não sei se estou pronta para as coisas que vêm com isso ou para um encontro de verdade, ou ver se ele quer fazer mais do que beijar... Ou ir para casa e enfrentar o frio e minha vida familiar e não ter mais noites com ele no paraíso. A coisa toda é esmagadora.

EU

Talvez. Ou talvez ele só estivesse sendo legal.

BECKY

Eden.

Os homens não beijam as mulheres para “ser legais”

Literalmente nunca aconteceu. Nem uma vez.

Eu rio. Talvez não.

— Eden?

Meu telefone escorrega de minhas mãos e cai no chão de pedra dura do saguão. Ele cai com um som decisivo e meu coração para.

— Merda, desculpe. — Phillip se inclina na minha frente para pegá-lo. Seu cabelo escuro e grosso está úmido de novo, como se ele tivesse acabado de tomar banho. Ele pega meu telefone e o vira. — Intacto.

— Obrigada — eu digo e pego de sua mão estendida. A tela ficou misericordiosamente escura; A última mensagem de Becky está oculta.

Ele se endireita. — Preparada?

— Sim. Vamos.

Saímos do saguão do hotel e caminhamos em direção ao carro que nos espera. Phillip e eu reservamos ontem à noite, depois do jantar e depois da discussão sobre quais outros segredos estavam escondidos

em meu guia anotado. Mencionei caminhadas e ele concordou imediatamente.

Então aqui estamos nós.

Phillip abre a porta do carro para mim e eu entro. De alguma forma, isso parece ainda mais estranho do que depois do nosso beijo anterior. Não sei o que dizer ou o que pensar, e o relacionamento descontraído entre nós parece tenso.

O motorista coloca o carro em movimento e nos afastamos do resort. Phillip pede desculpas por estar distraído enquanto responde a e-mails em seu telefone. Eu envio um olhar para ele e ele sorri de volta. É o entortar que aquece seu rosto todo. — Eu prometo, não vou tocar no meu telefone durante a caminhada — diz ele.

— Vou exigir que você cumpra essa promessa.

— Eu sei que você vai. — diz ele. — E eu não quero ficar de castigo.

Passamos por campos de cana-de-açúcar, pequenas aldeias e flores amarelas brilhantes de Moringa e por bosques de palmeiras e densa folhagem tropical. A estrada vira de reta para torta, com curvas fechadas que mantêm minha mão permanentemente colada ao assento à minha frente para me apoiar.

Phillip desliga o telefone com um suspiro alto.

— Trabalho? — Eu pergunto.

— Sim — diz ele. — Mas foram apenas alguns e-mails. Eu disse a todos que estou indisponível pelo resto do dia.

Eu olho para ele por um longo momento, e ele revira os olhos. — Eu sou capaz disso, sabia?

— Eu sei agora. — eu digo, e ele balança a cabeça. Mas ele parece divertido.

O carro entra em uma estrada de cascalho e, ao nosso redor, a vista muda. Paramos no início da trilha. Montanhas se erguem da paisagem coberta de verde em ambos os nossos lados, densa floresta se espalhando em direção ao mar azul profundo. Espuma branca pontilha o oceano, forçada à superfície por ondas muito mais fortes na costa leste da ilha do que no resort.

— Isto é incrível! — Pego meu telefone e tiro algumas fotos da vista.

— E ainda nem começamos nossa caminhada — Phillip diz e coloca uma mochila em seus ombros. Ele está vestindo shorts e uma camiseta, os cadarços de seus tênis amarrados com nós duplos. Os sapatos de Phillip parecem infinitamente mais práticos do que minhas sandálias. Ele se estica, com as mãos bem acima da cabeça, e sua camisa sobe. Eu pego uma lasca do abdômen bronzeado e rígido e a trilha feliz que desaparece em seu short.

Eu desvio o olhar.

Já o vi de calção de banho várias vezes, mas algo sobre esse momento parecia íntimo.

Porque você o beijou, minha mente sussurra. E você quer fazer isso de novo.

No início da trilha há uma placa de madeira grossa que indica o ponto de partida e um mapa. Abaixo, alguém desenhou um sol sorridente e rabiscou as palavras — Tenha uma boa caminhada!

Começamos a subir o caminho de cascalho empoeirado que serpenteia ao longo da montanha. Em breve, precisamos nos abaixar sob os galhos baixos das árvores, e Phillip fica com um sorriso no rosto.

— Meu pai costumava fazer isso comigo quando eu era jovem. — diz ele.

— Sério?

— Sim. Mas não em Barbados.

— Caminhada, pesca... você era uma criança que gostava de atividades ao ar livre.

— Às vezes. — diz ele.

A trilha se torna estreita demais para andar lado a lado, e ele dá um passo à minha frente, fazendo a maior parte do trabalho para segurar os galhos ou arbustos que ficam no nosso caminho.

Eu observo seus ombros largos e cintura estreita, e os músculos se movendo sob sua camiseta e mochila. Ele é tão estupidamente atraente. Muito mais do que ele tem o direito de ser.

Desviando os olhos, concentro-me em colocar um pé na frente do outro. — O que você queria ser então? Enquanto crescia? — Eu pergunto.

Ele olha por cima do ombro, seus olhos se divertem. — Você não acha que eu cresci sonhando em ser um advogado corporativo?

— Algo me diz que não.

Ele ri e continua andando, subindo a colina com pernas que são mais longas e provavelmente mais fortes que as minhas. Estou feliz que ele não pode me ver ofegante.

— Um astronauta — diz ele.

— Uau! Sério?

— Sim. Minha mãe transformou o teto do meu quarto em um planetário. — Então, ele encolhe os ombros e olha para mim novamente. — E você?

— Eu queria ser uma autora.

— Uma autora?

— Sim.

— Como é que você acabou ensinando em vez disso?

Isso me faz rir. — Bem, não é exatamente fácil conseguir um contrato de publicação. E, bem, eu adorava a escola e gostava de dar aulas particulares. Foi algo que fiz meio período no ensino médio e no primeiro ano da faculdade.

— Você era boa nisso?

— Sim. — eu digo. — Então, eu sou uma professora agora.

— Você escreve nas horas vagas?

— Algumas coisas. — eu digo. Não faz sentido admitir o resto. Porque é realmente difícil conseguir um contrato de publicação... mas eu consegui, cinco anos atrás, no meu romance de estreia. E esse livro vendeu terrivelmente.

E agora a editora não tem interesse em comprar outro de mim.

Phillip caminha na minha frente. — Então, o que você escreve?

— Todos os tipos de coisas, realmente. O que eu quiser. — eu digo com um encolher de ombros, minhas bochechas esquentando.

— Algo que Eden não gosta de falar?

— É um choque, eu sei. — Eu me abaixo de um galho e passo a mão nas folhas. Elas têm bordas afiadas e são nítidas ao toque.

— É isso? — ele pergunta. — Isso é tudo que eu vou conseguir? O que aconteceu com o Eden que adora passear?

— Muito engraçado. — eu digo. — Você não tem e-mails para responder?

— Não, eu terminei por hoje. Mas você ainda pode se tornar uma autora, certo? Não há limite de tempo para esse sonho.

— Não, acho que não. — eu digo. Exceto que eu já havia tentado e falhado, e me abrindo novamente para o mesmo tipo de apelos de decepção, tanto quanto pular em um dos arbustos espinhosos pelos quais passamos.

— O entusiasmo. — diz Phillip. — É impressionante.

Reviro os olhos, não que ele possa ver. — Eu não acho que estou pronta. Mas eu escrevo no meu tempo livre, sim. Eu tenho... bem, tenho histórias que terminei.

— Isso é incrível. — ele diz, e não há um traço de sarcasmo ou julgamento em seu tom. — É por isso que você ouviu todos esses crimes verdadeiros? Você escreve histórias de crimes?

— Talvez. — eu digo, prolongando a palavra.

Ele ergue um galho para me deixar passar por baixo dele. Isso me aproxima dele e de seu olhar interessado.

— Tudo isso é pesquisa? — ele pergunta.

— Depende. — eu digo. — Você quer ser assassinado e me contar uma história?

Seus olhos se arregalam, e então ele sorri. Ele ilumina seu rosto bronzeado. — Por você? Qualquer dia.

Eu rio para esconder o rubor subindo pelas minhas bochechas. Conversa estúpida. *Homem estúpido*. — Cuidado, então.

Eu assumo a liderança para a próxima parte da caminhada. É íngreme agora, e eu tenho que parar duas vezes para recuperar o fôlego.

Depois de uma curva no caminho, chegamos a um ponto onde as árvores se abrem e a paisagem se desenrola à nossa frente. O terreno verdejante se estende até onde meus olhos podem ver, pontilhado por palmeiras balançando na brisa. O sol saiu de trás de uma nuvem, seus raios quase brilhantes demais em meu rosto.

Inalando profundamente, eu saboreio a beleza de tudo.

— Ah. — diz Phillip. — Parece que vai chover.

— Não, não vai.

— Aquela nuvem ali? — ele diz, chegando ao meu lado. Seu braço aponta para o céu. — Está cheia de chuva.

Eu olho para o céu e, com certeza, as nuvens parecem estar se movendo rapidamente. Eu ouço o trovão distante, e isso envia uma emoção através de mim. A chuva tropical que experimentamos na piscina foi quase mágica.

— Você é tão cínico. — eu digo, mas minha voz é suave com admiração enquanto eu absorvo tudo. Seu ombro roça no meu, e eu sinto o contato intimamente, quase como se fossem seus lábios nos meus novamente.

Phillip dá de ombros como se não se importasse muito de um jeito ou de outro, mas eu pego seu olhar demorando em mim por um momento antes de desviar o olhar. Voltamo-nos para continuar caminhando ao longo do caminho, o ritmo mais lento agora. Estou cansada e com sede, e nunca me senti tão viva.

— Você teve notícias da prima do seu ex desde ontem à noite? — ele pergunta. O caminho é largo o suficiente aqui para nós dois andarmos lado a lado.

— Um pouco, sim. Mandamos uma mensagem ontem à noite.

— Nós a enganamos?

Eu mantenho meu foco diretamente em meus próximos passos. — Bem, eu acho que sim. Ela escreveu que... bem, que parecia que eu estava curtindo minhas férias.

Phillip ri sombriamente. — Bom.

— Então, obrigada por isso. Por seus esforços.

— Foi um prazer. — diz ele, e parece que ele quis dizer isso.

Olho para ele com o canto do olho. Ele olha para mim, me pegando em flagrante. Desvio o olhar, mas não há como esconder o sorriso no meu rosto.

Ele limpa a garganta. — Acha que vai vê-la de novo?

— Nós vamos jantar hoje à noite. — eu digo. — Foi sugestão dela, e talvez isso... eu não sei. Limpe o ar um pouco.

Eu ainda quero saber por que exatamente ela está aqui quando ela sabia que eu também estaria. Se tiver algo a ver com Caleb, quero cortar pela raiz.

O ar quente e úmido nos envolve enquanto caminhamos. Quanto mais nos aproximamos do topo de uma montanha, porém, mais leve meu coração fica. É como se eu fosse elevada a cada passo até que nada mais existisse exceto nós, este momento e a bela floresta ao nosso redor. Com as nuvens no céu, também não está muito calor.

Estamos caminhando por um caminho pedregoso quando as primeiras gotas começam a cair. Garoa por dois ou três segundos e, em seguida, muda imediatamente para um aguaceiro. É uma chuva tropical como nunca experimentei antes.

Tudo ao nosso redor está encharcado em momentos. Phillip agarra meu braço, puxando-me sob o abrigo de uma enorme figueira. Os galhos grossos bloqueiam a maior parte da chuva forte, deixando apenas gotas errantes para chegar até nós.

— Oh meu Deus. — Eu deslizo uma mecha de cabelo molhado para trás do meu rosto. — O céu acabou de se dividir em dois!

— Quem é o cínico, hein?

— Tudo bem. — eu digo, sorrindo. — Você é realista.

— Obrigado.

Procuro no bolso do meu short de algodão fino o telefone. — Devemos manter os objetos de valor secos — digo a ele e coloco dentro do meu sutiã esportivo. É o movimento clássico que já fiz centenas de vezes na academia ou quando estou andando em casa, ouvindo um podcast, e meu short não tem bolsos.

Seus olhos permanecem no meu peito por um segundo antes de desviar o olhar. — Boa ideia. — ele murmura.

Observo enquanto ele faz o mesmo, enfiando o telefone no bolso interno da mochila. Suas mãos se movem lentamente, solidamente, parecendo grandes contra sua bolsa.

A folhagem da árvore protege da chuva, mas apenas ao lado do tronco, obrigando-nos a ficar perto. *Homens não beijam mulheres como favores*, eu penso.

Meu coração está batendo rápido e preciso fazer alguma coisa, ser alguma coisa, para evitar esse sentimento de garra por dentro. Pego meu telefone e entrego a ele.

— Mantenha isso seguro também.

Ele pega com uma carranca. — Onde você está indo?

— Para a chuva — eu digo e me afasto da árvore. Bastam alguns passos para que as poucas gotas se transformem em um dilúvio. O chão sob meus pés é escuro e esponjoso por causa da água da chuva.

— Eden! — ele chama.

Eu inclino minha cabeça para o céu e fecho meus olhos. É raro poder fazer isso, ficar na chuva morna e não se preocupar em estragar sua maquiagem ou suas roupas, ou seus eletrônicos. A chuva batendo no chão e folhas ao nosso redor é uma batida constante. Parece mãos em um tambor.

— Você vai mesmo ficar aí fora?

— Sim! — eu grito. — Esta é a minha próxima loucura. Você disse que queria me manter por perto para isso, certo?

Eu o ouço xingar e rio, girando. Meu cabelo está encharcado e a camiseta que estou usando parece grudada na minha pele. É mágico. O ar cheira a terra — úmido e fresco, com um toque de sal marinho. É quente no meu rosto e tem gosto de promessa de beijo.

Eu me sinto viva.

Um braço firme envolve minha cintura. Eu pisco meus olhos abertos para ver o rosto de Phillip. Seu cabelo parece mais escuro na chuva.

— Você vai ficar com frio — diz ele.

— Não, a chuva está quente.

— Mas depois que acabar, você vai ficar ensopada.

Eu aceno para suas próprias roupas. Sua camiseta está grudada no peito e moldada nos ombros. — Você também.

Ele balança a cabeça, seus lábios se inclinando nos cantos. Seu braço ainda está em volta da minha cintura e eu me inclino para o contato.

— Eu observei você na piscina — diz ele. — Um dos primeiros dias depois que nos conhecemos. Você estava sorrindo para a chuva tropical quando todo mundo estava lutando.

A água escorre pelo meu corpo, mas mal consigo senti-la. Seus olhos estão nos meus, e eu não consigo desviar o olhar. Eu não acho que nada neste mundo poderia me fazer.

— É tão raro. — murmuro.

Ele estende a mão livre e afasta uma mecha do meu cabelo de onde ela grudou na minha bochecha. Posso sentir o calor de sua mão, mesmo na chuva.

— Sim. — diz ele. — Isso é.

Ele se inclina e faz uma pausa por um segundo, apenas o suficiente para eu saber que ele está saboreando o momento antes de seus lábios tocarem os meus.

Seu beijo é chocantemente quente contra a chuva, gentil e forte ao mesmo tempo. Eu descanso minha mão contra seu peito e me derreto em seu toque, no braço em volta de mim e nos lábios que se movem com determinação.

Ele inclina minha cabeça para trás, dedos longos se curvando em direção ao meu pescoço. Isso envia um arrepio através de mim que não tem nada a ver com a tempestade ao nosso redor.

Quem aprofunda o beijo sou eu.

Minha língua roça seu lábio inferior e ele geme. É um estrondo em seu peito e no meu, e ele me puxa mais apertado contra seu corpo.

Ao nosso redor, a chuva continua seu frenesi. As gotas se transformam em uma cortina de água que bloqueia o mundo real. Eu envolvo minhas mãos em volta do pescoço de Phillip e pressiono meu corpo contra o dele, me afogando no momento. Seus dedos queimam trilhas na minha pele, ao longo dos meus braços, nas minhas costas. Cada um promete mais.

Eu me sinto em chamas.

Ele levanta a cabeça um centímetro. — Eu deveria estar tirando você da chuva. — ele murmura. Sua voz soa rouca.

Balanço a cabeça e o puxo de volta para mim. — Estou perfeitamente bem.

— Oh? — Ele beija meus lábios suavemente antes de traçar a borda da minha mandíbula. — Eu não esperava isso, Eden. Eu não esperava você.

Um arrepio percorre meu corpo novamente, e não é porque estou com frio. Pressionada contra ele, nossas roupas encharcadas e corpos moldados um ao outro, nunca me senti tão quente.

— Nem eu. — eu digo. — Você foi uma surpresa completa.

Ele descansa sua testa contra a minha. Nós dois estamos respirando com dificuldade. E não há ninguém aqui assistindo, ninguém para quem estamos nos apresentando.

— O que estamos fazendo? — Eu sussurro.

— Não faço ideia. — diz. — Não sei o que fiz durante toda esta viagem.

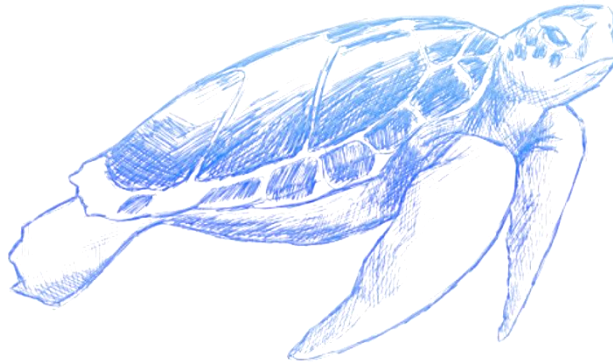
— Seu eu de férias. — murmuro.

Ele passa os dedos pelo meu cabelo molhado antes de descansar na pele nua do meu pescoço. — Talvez. — diz ele em voz baixa. — Ou talvez seja só eu e só você.

Sinto-me sem amarras, como se me agarrar a ele fosse a única coisa real que restasse. — Beije-me novamente?

Ele sorri torto e abaixa a cabeça. Nossos lábios se encontram e, ao nosso redor, a chuva continua caindo.

CAPÍTULO DEZESSETE



Quando finalmente voltamos para o resort, tenho exatamente quarenta e oito minutos para me arrumar antes de encontrar Kaelie. Minhas roupas estão meio secas e meu cabelo está crespo por causa da chuva e da umidade. Eu me jogo no chuveiro para tentar consertar.

A água está quente, assim como a chuva estava. Mas não há lábios pressionados contra os meus desta vez.

Phillip me beijou até que o aguaceiro diminuiu, até que as gotas pesadas se transformaram em uma garoa suave, e o sol fez seu retorno triunfante. Eu inclinei minha cabeça para trás e sussurrei que poderia me acostumar com isso.

Ele fez uma pausa, lábios no meu pescoço, e uma lasca de medo cortou os sentimentos de prazer. Eu não tinha a intenção de insinuar o futuro. Não existia, ainda não, não aqui.

Mas então, ele continuou a me beijar como se eu não tivesse falado, e foi isso.

Depois do banho, rapidamente coloco um pouco de maquiagem e visto um vestido de verão. Meu cabelo terá que estar úmido. Pelo menos está limpo e vai secar rápido no calor tropical.

Kaelie está me esperando quando chego ao bar do hotel.

Os nervos torcem no meu estômago pela primeira vez hoje. Eu não tinha passado muito tempo pensando sobre esta reunião. Sobre ela estar aqui ou o que ela pode dizer a Caleb sobre mim.

Parece que estou entrando em uma batalha em que a arma escolhida é uma conversa fiada delicadamente formulada.

— Eden — ela diz e se levanta da cadeira para um abraço. — Estou tão feliz que pudemos fazer isso.

— Eu também — eu digo, mas eu realmente não quero dizer isso. Minha voz não trai isso, no entanto. É educada e otimista.

— Você teve um bom dia?

— Sim. Na verdade, fui fazer uma caminhada — digo. — É realmente um lugar deslumbrante. Você conseguiu ver grande parte da ilha?

Ela balança a cabeça e usa o canudo para mexer a bebida. — Estive com o fotógrafo hoje, fotografando alguns pontos-chave para o trabalho. Você não caminhou sozinha, não é? Isso parece perigoso.

— Não, eu estava com meu... amigo.

— Oh, seu amigo de ontem à noite? — Sua voz é cuidadosamente neutra.

— Sim, ele.

— Isso é tão emocionante. — diz ela e leva a bebida aos lábios. Seus olhos se arregalam como se ela esperasse que eu contasse todos os detalhes.

Em vez disso, peço um ponche de rum.

Um silêncio desconfortável cai entre nós, e eu me mexo no meu assento. Considero minha oponente. Sempre fomos amigáveis, mesmo que só nos tivéssemos encontrado uma dúzia ou mais de vezes. Essas ocasiões eram geralmente breves, ocorrendo em churrascos familiares ou durante as estadas de verão na cabana do lago dos pais de Caleb. Eu gostava de Kaelie e até a procurei com algumas perguntas sobre esta viagem, mas agora parece que uma trincheira se abriu sobre a mesa.

— O que você vai escrever sobre a ilha e o resort? — Eu pergunto. — Para sua agência?

Ela sorri, e passamos dez minutos inteiros conversando sobre coisas muito distantes de qualquer uma de nós e a quilômetros de distância do homem que temos em comum.

Finalmente pergunto a ela a única coisa que preciso saber, apesar do meu coração bater rapidamente. — E eles simplesmente mandaram você para cá? — Eu pergunto. — Ao mesmo tempo que estou na minha... viagem?

Kaelie olha para sua bebida. — Sim, mas eu também pedi. Isso faz parte de um grande projeto caribenho no qual estamos trabalhando e solicitei Barbados para essas datas. Não estarei aqui por muito tempo, Eden. Estou voando para St. Lucia amanhã.

Então, ela cronometrou especificamente. — Por que você não me contou sobre isso?

— Pensei em mandar uma mensagem para você antes da viagem, mas... — Kaelie balança a cabeça. — Eu não tinha certeza de como você reagiria. Eu sabia que queria ver você, no entanto.

— Sim. Você e eu sempre fomos amigáveis — eu digo. — Isso não precisa mudar só por causa do que aconteceu comigo e Caleb.

Ela me dá um sorriso genuíno. — Estou tão feliz em ouvir isso. Honestamente, Eden, é mais ou menos sobre isso que eu queria falar com você.

— Oh?

— Sim, o que aconteceu entre você e Caleb. Ele tem sido... bem, ele não tem sido ele mesmo desde que você rompeu o noivado.

Algo amargo atinge minha garganta, como se o ponche de rum estivesse finalmente entregando a segunda palavra de seu nome. — Desde que terminamos, você quer dizer.

— Mm-hmm. O resto de nós está meio perdido com a coisa toda. Ele não quer falar conosco sobre isso, exceto para dizer que você mudou de ideia. — Seu sorriso é hesitante e suas palavras são cuidadosas. — Eden, como você sabe, seus pais fizeram um depósito não reembolsável no local.

Eu fecho meus olhos. A onda de emoções crescendo dentro de mim parece uma onda grande demais para surfar. Passei meses tentando superar tudo. Caleb. Cindy. Cada parente bem-intencionado do meu lado que fez perguntas.

Não preciso me sentir mal pelos pais dele também, acho, mesmo que sejam pessoas legais. Há um limite para o que posso lidar, e Caleb tem que arcar com sua parcela de responsabilidade.

— Kaelie... — começo.

— Espere, apenas me ouça — ela insiste. — Caleb está realmente arrependido. Ele disse que você não responde as mensagens ou ligações dele e que você o bloqueou totalmente. Vocês dois estiveram juntos por

sete anos. Você acha isso realmente justo? Eden, aconteça o que acontecer, por favor, saiba que ele sente muito por isso. Ele quer você de volta.

A turbulência dentro de mim é substituída por gelo. Queima, está tão frio. — Ele disse isso?

Ela acena com a cabeça. — Sim, apenas uma ou duas semanas atrás.

— E vocês dois conversaram antes de você vir para cá... ele pediu para você fazer isso? Agendar sua viagem de trabalho para se encontrar comigo?

— Bem... — Ela encolhe os ombros, um sorriso tímido no rosto. — Sim. Ele é meu primo favorito, Eden. Você sabe disso.

Eu fecho meus olhos. — Oh meu Deus, eu não posso acreditar na porra da coragem dele.

Há um silêncio chocado do outro lado da mesa. — Eden...

— Não, ele não pode fazer isso. Enviar uma mensagem como esta. — eu digo. Minha voz é forte o suficiente para nos surpreender. — Foi bom ver você, Kaelie, mas não quero ouvir nada dele. Eu não quero falar sobre ele, ou o que aconteceu, e eu... realmente não quero fazer isso. — Eu vasculho minha bolsa para minha carteira e tiro o dinheiro para pagar minha bebida. — Tenha um bom tempo na ilha.

Há um choque genuíno em sua voz. — Tudo o que eu queria era...

— Ele estava dormindo com a minha melhor amiga. Por *meses*. — eu digo. — Com Cindy. Você se lembra dela, não é?

Ela pisca para mim. — Oh. Sim, eu faço.

— Bem, eles estavam tendo um caso. Sinta-se à vontade para contar ao resto de sua família sobre isso, incluindo os pais de Caleb. Sinto muito pelo depósito perdido, mas... honestamente, isso é culpa do Caleb. Eu terminei com ele. Para sempre. — Meu peito está subindo rápido e não consigo contar as notas com rapidez suficiente. Deve haver dinheiro suficiente aqui. Cinco dólares, um, algumas moedas...

— Eden — diz ela. — Deus, Eden, por favor, sente-se.

Eu balanço minha cabeça. Há algo em minha garganta, e não sei se são lágrimas ou um grito, mas não quero estar aqui quando isso acontecer.

— Eu não fazia ideia. Me desculpe... Puta merda. É por isso que ele está tão mal-humorado. — Kaelie passa a mão pelo rosto, o comportamento agradável e extrovertido se foi. Agora ela só parece cansada. — Eu não deveria ter vindo aqui assim. Eu vejo isso agora. Maldito Caleb e seus pedidos idiotas.

— Sim. Não posso confiar nele.

— Pelo menos você pode eliminá-lo de sua vida. — ela murmura e meio que ri.

Uma risada surpresa escapa de mim também. Finalmente encontro a quantia certa de dinheiro e a coloco sobre a mesa. Uma dívida paga. — Sim.

— Desculpe, Eden — ela diz novamente. — Vou garantir que o resto da família saiba.

Eu dou de ombros. — Você decide. Eu terminei com ele.

Ela levanta o copo para mim. — Aproveite o resto de suas férias, Eden. O cara de ontem à noite parecia gostoso.

Eu ri de novo. — Sim. Hum, obrigada.

Com passos rápidos, saio do restaurante e me encontro no jardim do resort. Uma flor desabrochando perto de mim espalha seu perfume suave no ar da noite, calmo e sereno. É um forte contraste com a sensação de queimação dentro de mim. Sinto como se tivesse acabado de sobreviver a uma batalha.

A adrenalina bombeia em minhas veias.

Caleb me quer de volta.

Eu pressiono a mão na minha boca, o riso borbulhando. Ele deve estar delirando para pensar que eu consideraria isso.

Ou talvez o antigo eu exalasse essas vibrações... o fazia pensar que eu era o tipo de mulher que só precisava de algumas semanas para se acalmar antes de perdoar a maior traição de sua vida.

A palavra *nunca* não é forte o suficiente.

Eu inclino minha cabeça para trás e olho para o céu estrelado, aqui em uma ilha que é tão longe, longe de onde vivi minha vida inteira. O ar está quente e o vento suave é agradável contra minha pele, fazendo as plantas ao meu redor sussurrarem com a brisa.

— Você está bem? — uma voz pergunta. É familiar agora, depois de dias passados juntos.

Eu sorrio. — Você me seguiu?

— Não — diz ele. — Bem, sim, suponho, mas não de uma forma assustadora.

Eu me viro. Ele está encostado em uma das colunas, os olhos fixos em mim. Ele se parece tanto com a primeira noite, quando um estranho roubou minha mesa. A única mudança é o bronzeado tomando conta de sua pele e a barba por fazer ficando mais proeminente a cada dia.

— Você jantou lá? — Eu pergunto.

— Sim. Longe de você e Kaelie, no entanto. — Ele encolhe os ombros, um olhar de incerteza em seu rosto. — Eu imaginei... bem, você pode precisar de um apoio novamente.

— Obrigada — eu digo.

Ele olha para mim como se pudesse sentir o humor estranho em que estou. — Deu tudo certo? — ele pergunta. — Você quer ficar sozinha?

— Não, eu realmente não sei.

Ele acena com a cabeça, um pequeno sorriso curvando seus lábios. — Tudo bem então.

Caminhamos pelo jardim, agora iluminado com luzes externas primorosamente posicionadas. O ar está carregado de umidade, mas um calor reconfortante nos envolve.

— Como foi? — Ele repete. — Realmente?

— Com Kaelie? — Eu pergunto. Não que eu precise de esclarecimentos, mas pergunto de qualquer maneira, o momento se estendendo entre nós. A cada passo, me afasto cada vez mais da memória do passado.

— Sim — diz ele.

— Ela me contou algumas coisas que não gostei de ouvir. Aparentemente, meu ex não contou a ninguém da família por que terminamos nosso noivado.

Phillip balança lentamente a cabeça. — Não pode admitir seus erros.

— Não, não parece.

— Você está melhor sem ele.

Eu olho para Phillip. Ele está caminhando firmemente ao meu lado, com as mãos nos bolsos. Ele percebe meu olhar. — Não que esteja tudo bem, você sabe. — acrescenta ele. — O que ele fez.

— Obrigada. Acho que estou melhor também.

— Boa libertação. — ele murmura e tira o cartão-chave do bolso.

Acabamos de volta a varanda de seu bangalô. Há um fogo no meu estômago, colocado lá pelo ponche de rum. A ilha parece funcionar com eles, e enquanto eu estiver aqui, eu também. Tem sido um excelente combustível até agora.

Eu jogo minhas sandálias no caminho pedregoso e afundo em uma de suas cadeiras ao ar livre. — Imagine se a vida pudesse ser assim todos os dias — digo baixinho. — Sem grandes preocupações ou inquietações. Sem drama ou tristeza. Apenas um clima bonito e o oceano por perto.

— Você ficaria entediada depois de uma semana. — diz ele. — Quer algo para beber?

— Sim.

Eu ouço o arrastar de pés familiar enquanto ele abre a porta deslizante da varanda em seu bangalô. A agitação do gelo e o abrir das garrafas de seu minibar.

Olho para as estrelas enquanto espero. Esta viagem foi mais desafiadora do que eu esperava, e de nenhuma das maneiras que eu esperava. Eu me senti diferente aqui, mas também mais eu mesma do que jamais me senti antes. Talvez seja isso que acontece nas férias. Você deixa para trás todas as suas coisas, toda a bagagem e, por um curto período de tempo, pode forjar uma identidade totalmente nova. Manter apenas as melhores partes de si mesmo e adicionar novas facetas, como experimentar uma fantasia para ver o resultado.

Caleb está no passado. Kaelie estar aqui arrastou tudo de novo, mas sentada nesta linda varanda com o céu estrelado e o oceano próximo, eu me forço a remeter as memórias de volta ao passado.

Onde elas pertencem. Onde ele pertence.

— Diga-me algo que você escreveu — Phillip fala.

— Não.

— Nada?

— Não.

— Droga. — ele murmura e volta para o meu lado. Ele me entrega um copo gelado. — Um rum amargo para a senhora. Estou tomando conhaque. Acho que já bebi bastante rum por um tempo.

— Sério? Eu ainda amo isso. — Tomo um longo gole da minha bebida enquanto ele se senta em uma cadeira da varanda à minha frente. Mas ele não está fazendo o mesmo. Ele está apenas me observando. — O que? — Eu pergunto.

— Este é o momento errado para ficar muda. — diz ele, passando a mão no queixo. Há especulação em seus olhos. — Diga-me por que você não fala sobre isso? Sobre sua escrita?

Eu olho de volta para o céu noturno. — Não.

— Oh, se eu pudesse colocar você para depor.

— Eu cometeria perjúrio. — eu digo. — Mas isso não aconteceria. Você não vai ao tribunal.

— Ainda consigo usar a expressão. — diz ele. — Você está me fazendo pensar o pior agora.

Sua curiosidade parece um presente. Faz muito tempo que não me interessa tanto por alguém. Já que alguém se importava e queria me conhecer. Já que compartilhar segredos era uma coisa.

E então, vejo uma maneira de aproveitá-lo em meu próprio benefício. — Bem — eu digo lentamente. — Talvez haja algo que você possa trocar por essa informação.

Seus lábios se contraem. — Você está pensando como uma advogada.

— De você, esse é o maior dos elogios.

— Sim — diz ele. — Então vamos negociar.

Meu coração parece inebriante no peito, batendo como o baixo em um clube. — Por que você quer saber o que eu escrevo?

— Essa é uma das suas perguntas?

— Estamos contando agora?

— Há uma quantidade limitada de tempo permitido para um depoimento. Escolher as perguntas certas a fazer é fundamental.

Eu limpo minha garganta e olho para ele como se ele estivesse sendo julgado por assassinato. — Está bem então. Uma pergunta por uma pergunta. Se vetarmos, temos que beber.

— Tudo bem. — Ele olha para sua bebida como se já estivesse pensando em todos os momentos adoráveis que vai beber em vez de responder a qualquer uma das minhas perguntas.

— Espere um segundo — eu digo. — Não podemos vetar o tempo todo. Digamos que só podemos passar a cada... terceira questão.

— Mmm. Boa estipulação. — Ele coloca o copo na mesinha entre nossas cadeiras e cruza os antebraços sobre o peito. — Sua família sabe sobre sua escrita?

— Sim. — eu digo.

Ele emite um zumbido baixo como se fosse uma pepita de informação interessante. Isso faz com que sua voz soe mais profunda.

— Certo. Minha vez. — Enrolo meu copo lentamente entre as palmas das mãos; o copo está frio por causa do gelo.

— Bem, você me conhece. — diz ele. — Sou um livro aberto.

Eu rio, e a satisfação brilha em seus olhos. Ele gosta de me fazer rir. O conhecimento se instala como uma pedra quente no meu estômago. — Você pode ser a pessoa menos aberta que eu já conheci. — eu digo. — Tudo bem, aqui está uma. Conte-me mais sobre sua irmã.

— Realmente?

Faço um movimento contínuo com a mão e ele suspira como se eu o estivesse submetendo a um afogamento simulado. — Ela é mais jovem do que eu. — diz ele.

— Vocês dois são próximos?

— Essa é sua próxima pergunta?

Há uma toalha pendurada nas costas da minha cadeira. Eu a agarro e jogo na direção dele. Ele a pega com uma risada, aquele meio sorriso em seus lábios ameaçando estourar com força total. — Tudo bem. Ela também mora em Chicago. Almoçamos de vez em quando.

— Você disse que ela é dentista?

— Sim, então eu a vejo regularmente em meus check-ups também. Acho que ela os torna extremamente dolorosos só para mim.

Isso me faz sorrir. — Qual o nome dela?

— Tessa.

— Ela se dava bem com sua ex-noiva?

— Isso — diz ele — definitivamente se qualifica como outra questão.

— Droga — eu digo. — Não dá para enganar um advogado.

— Melhor nem tentar — ele concorda. Os olhos atentos encontram os meus. — Então, conte-me sobre a sua escrita.

— Você é persistente — eu digo, baixando meus olhos para minha própria bebida. — Escrevi um livro há alguns anos e o publiquei por uma editora. Mas... bem, não vendeu tanto quanto eles esperavam. Desde então, escrevo principalmente para mim mesma.

— E você escreve histórias de crimes? Conte-me o enredo de um deles.

— Isso — eu digo — é outra pergunta. E agora é a minha vez.

Ele suspira. — Você vai fazer a última pergunta de novo, não é?

— Sim.

— Não, Tess realmente não se dava bem com minha ex-noiva.

— Oh?

— Elas foram civilizadas — diz ele — mas era uma civilidade bastante fria. Elas tinham interesses muito diferentes. Como eu disse... Tess ficou feliz em dizer 'eu avisei' outro dia. Aparentemente, ela nunca gostou do meu relacionamento.

— Mmm.

Ele estreita os olhos para mim. — Eu posso ver você chegando com mais dez perguntas agora.

— Estou curiosa! Você sabe muito sobre Caleb, o fim desastroso do meu relacionamento e por que estou aqui sozinha. Eu, por outro lado, não sei quase nada sobre você e os seus.

— Não é verdade — diz ele. — Você sabe que usamos uma excelente planejadora de viagens para a lua de mel.

Reviro os olhos. — Sim, é um conhecimento muito útil, obrigada. Por favor, envie-me os detalhes dela para quando eu reservar minha próxima lua de mel.

— Sarcasmo, — diz Phillip — não funciona se o que você está brincando é muito provável.

— Oh, não é provável, — eu digo. — Eu acabei com todo o negócio de casamento.

Ele ri e pega sua bebida. — *Certo*.

— Não, é verdade. Eu acabei! Pelo menos por alguns anos.

— Mm-hmm. — Ele toma um longo gole de sua bebida. — 'Pelo menos por alguns anos.' Diga-me que você ainda não tem homens fazendo fila para sair com você em casa.

Eu o encaro. — Hum, eu *realmente* não tenho nenhum homem fazendo fila para mim em casa.

— Ou você simplesmente não é muito boa em identificá-los. — diz ele.

Há intensidade e algo mais – um desafio? – em seu olhar. — Minha próxima pergunta. Como os homens solteiros ao seu redor reagiram quando você disse a eles que cancelou o casamento?

— Não sei. — Eu cravo meus dentes em meu lábio inferior. Que pergunta. — Não é como se eu saísse regularmente com uma dúzia de homens solteiros da minha idade, você sabe. Não tenho um harém deles na discagem rápida.

— Ainda — diz ele. — Agrade-me. Amigos de seus amigos, talvez.

— Não.

— Caras no trabalho?

— Oh. Bem...

— Bingo — diz ele e se inclina para trás. Há satisfação escrita em seu rosto. — Você vai se casar dentro de cinco anos.

— Que tipo de previsão é essa?

— Então tem um cara no trabalho? Conte-me sobre ele. — Phillip diz. Há um tom sedoso em sua voz firme, uma nota persuasiva, e me pergunto se é assim que ele fala quando negocia.

— Andrew — eu digo, franzindo a testa. — Ele ensina matemática para alunos da quarta série. Somos colegas de trabalho e amigos.

— E como amigo — diz Phillip — como ele reagiu quando você disse a ele que largou o imbecil?

Eu me mexo na cadeira da varanda. — Como um amigo preocupado. Ele perguntou o que aconteceu e me disse que estaria lá se... droga, Phillip, agora estou questionando o que ele quis dizer com essas palavras!

Há um sorriso em seus lábios. — Tudo o que estou dizendo é que, se eu indicar a agente de viagens, você terá um bom desconto. Você e Andrew poderiam usá-los em sua próxima lua de mel.

— Obrigada. — eu digo docemente. — Por favor, envie-me um e-mail com os detalhes. Além disso, quando você precisar de um padrinho - hum, mulher, para o seu próximo casamento, me avise. Porque não acredito nem por um minuto que você não tenha uma lista de números de telefone para mulheres atraentes de vinte e poucos anos pronta.

As duas sobrancelhas de Phillip se erguem. Ele se inclina para frente novamente, cotovelos sobre os joelhos, e fixa seu olhar em mim como se estivesse tentando decifrar a Pedra de Roseta. — Você disse algo outro dia. Eu quero que você explique o que você quis dizer.

— Uau. Ok.

— Você disse que eu não teria olhado para você duas vezes se estivéssemos nos Estados Unidos — diz ele. — O que isso significa exatamente?

Minha boca fica seca. Eu rio, tentando encontrar meu equilíbrio. — Bem. Isso foi uma piada.

Mais ou menos.

— Ok. E qual foi a piada?

Olho para o meu copo de rum amargo. Já respondi duas perguntas antes. Estou autorizada a tomar um gole.

— Não, — ele murmura — ou eu vou fazer a pergunta mais absurdamente invasiva como minha próxima, e você vai desejar ter respondido a esta em vez disso.

Isso me faz sorrir. — Talvez eu prefira a absurdamente invasiva a esta.

Ele ainda cresce. — Tão ruim assim?

— Não. Foi apenas um pouco de humor autodepreciativo. — Tire o Band-Aid, Eden. — Não sei como era sua ex-noiva, mas tenho certeza de que não era nada parecida comigo. Eu sou normal e gosto de ser normal. Mas o *normal* geralmente não acaba sendo convidada para os bangalôs mais caros ou para veleiros particulares, sabe?

— Hum. — Ele passa a mão pelo queixo. — Nesse cenário, não sou considerado normal, sou?

— Bem, sim e não. Não há nada de estranho em você. Você está um pouco acima da média? — Eu digo, mas quando ouço as palavras em voz alta, eu me encolho. — Eu acabei de dizer isso?

— Sim, eu acho que você fez. — diz ele. — Mas não se preocupe. Estou confortável ouvindo isso.

— Eu aposto que você está.

— Eden. — diz ele. — Faça-me sua próxima pergunta. E não fale sobre nenhum dos nossos ex, certo?

Eu engulo. O ar parece mais inebriante à noite. — Qual é o seu eu de férias?

— Meu eu de férias — ele repete lentamente. — Bem, aparentemente é alguém que faz coisas que não tinha intenção de fazer.

— Como proteger filhotes de tartarugas marinhas inocentes de mongeese cruéis.

— Sim, exatamente — diz ele. — Ou ficar cada vez mais atraído por uma turista no resort. O último é um pouco problemático.

O rum amargo é como fogo líquido enquanto desliza pela minha garganta, aquecendo minhas entranhas já queimando. Minha pele está muito quente, minhas bochechas estão coradas.

Há sete anos não flerto com um homem. E aqui estou eu, sentada sob o céu salpicado de estrelas em uma pequena ilha do Caribe, e um homem está olhando para mim *assim*. Seu olhar intenso permanece inabalável, penetrante, e minha boca de repente fica seca.

— Um problema. — eu digo. — E por que isto?

— Bem, minha impressão é que ela está aqui para fugir dos homens. — diz ele. — Ela também é uma ótima companhia.

O elogio aumenta em minha mente, misturando-se com suas palavras anteriores. Eu enrolo meus dedos no sulco entre duas placas de pedra. — Talvez ela esteja aqui para esquecer um homem. — eu digo, minhas palavras lentas, mas minha respiração rápida. — Mas e se ela estivesse aberta para obter ajuda com isso? O que você faria a respeito?

Phillip mantém seu olhar no meu. E então, ele pega seu conhaque e lentamente, deliberadamente, toma um longo gole de sua bebida.

Algo aperta meu estômago. É a possibilidade e o nervosismo, e ouço a voz de Becky na minha cabeça tão claramente como se ela estivesse ao meu lado. *O resto da sua vida começa agora*, ela disse depois da grande revelação de Caleb e Cindy.

— Oh. — eu respiro.

Seus olhos queimam. — Acho que está bem claro o que estou disposto a fazer.

— Sim.

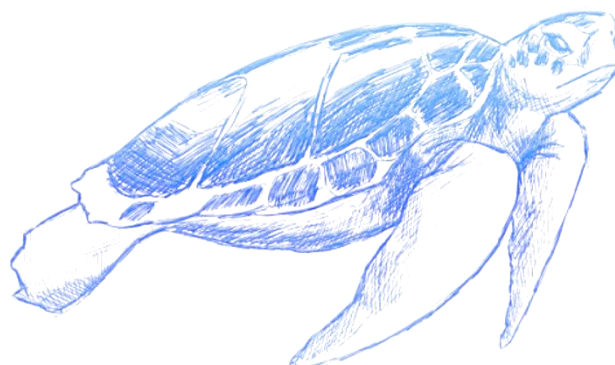
— Eden. — diz ele, e há um calor murmurado nas palavras. Meu coração está batendo rápido contra minhas costelas; pulso batendo na ponta dos meus dedos, até a sola dos meus pés descalços. Eu não faço isso há tanto tempo.

E então eu alcanço a bainha do meu vestido com as mãos que só tremem um pouco.

Phillip observa o movimento. — Eden?

— Vou nadar. — digo — nessa sua piscina linda e convenientemente localizada.

CAPÍTULO DEZOITO



Deixei meu vestido cair na cadeira. Comecei a usar biquínis o dia todo aqui, e agora sou grata por isso. Também sou grata pelas sombras enquanto estou diante dele. — Quer se juntar a mim?

Phillip começa a desabotoar a camisa, um de cada vez. — Você quer nadar. — diz ele. — Agora?

— Acho que as voltas seriam bem difíceis aqui. — Deslizo minhas pernas sob a superfície morna da água. — Mas talvez esfriar seja uma boa ideia.

Ele olha para mim. — Sim. Tudo bem.

Deslizo para a água e nado pela piscina. Leva apenas três braçadas para cruzar a distância. A água é como um abraço caloroso, e eu me inclino contra a borda da piscina, observando enquanto ele entra na outra ponta. Os músculos de seus ombros ondulam com seus movimentos em sua pele bronzeada.

— Bem. — diz ele. Do outro lado da água, sua voz soa mais profunda. — Você não bebeu nenhuma vez. Eu deveria ter feito perguntas mais difíceis.

— Você tem alguma coisa mais difícil para perguntar?

— Há mais coisas que eu quero saber, sim.

— Pergunte-me agora, então.

Ele se inclina contra a lateral da piscina e descansa os braços na borda. — Vou perguntar o que você evitou antes. Conte-me o enredo de um de seus livros.

Eu nado em direção a ele. Seu cabelo está afastado da testa. Eu sei como é agora, por correr entre meus dedos enquanto nos beijávamos. Fios grossos que são surpreendentemente macios. — Vou ter que beber — eu digo — para essa pergunta. Quando eu sair da piscina.

— Eden. — ele murmura. — Diga-me.

Eu balanço minha cabeça. — Minha vez. Eu quero que você me diga a resposta para a pergunta que você evitou tomando uma bebida.

— O que eu faria, — ele diz lentamente — se você também estivesse interessada em mim? Hipoteticamente.

— Sim.

— Eden, você nos disse para esfriar a cabeça.

— Bem, estamos fazendo isso juntos. — Eu alcanço a água e coloco minhas mãos em seus ombros. Sua pele é quente acima da superfície e firme, e meus dedos se curvam sobre a curva de seus músculos.

— Obrigada por me beijar ontem. Na frente de Kaelie.

— Feliz em ajudar. — diz ele. Seus olhos se tornaram derretidos, o azul é tão líquido quanto a água ao nosso redor. Suas mãos deslizam em volta da minha cintura. Pele nua contra pele nua, me puxando para mais perto, seus movimentos sem esforço na água. — Então. — diz ele. — Você está evitando os homens? Eu estava certo?

— Se estou, estou fazendo um péssimo trabalho agora.

Seus lábios se torcem em um meio sorriso. A visão disso envia uma onda de calor através de mim, como uma dose de uísque queimando no meio do inverno de Washington.

— Você com certeza está. — diz ele.

Minhas mãos apertam seu pescoço, e sua respiração passa por meus lábios. A espera é terrivelmente deliciosa.

— Esta é a minha parte favorita. — eu sussurro.

Ele faz uma pausa, os lábios a um centímetro dos meus. — Os segundos antes?

— Sim. — Eu deslizo meus dedos em seu cabelo, enrolando-os em sua nuca.

O mundo começa e termina nesta pequena piscina, e com ele. Ele desabou neste lugar quente e real, com Phillip me segurando sob a superfície.

Ele fecha a distância entre nós.

Lábios macios contra os meus, com um leve gosto de álcool e nada mais além dele, insistente e firme ao mesmo tempo. Ele beijava bem na praia e na floresta. Aqui, juntos, ele é excelente. Arrepios correm pela minha pele.

Seus longos dedos se curvam sobre meus quadris e cravam em minha pele. Eu mordo seu lábio inferior, e ele geme, o som reverberando em mim. Nossos corpos se alinham. Meu peito contra o dele, nossos quadris juntos. Os beijos são muito mais inebriantes em nossa quase nudez.

Ficar de biquíni é como pular direto para pegar os duzentos dólares no caminho. Não merecido, mas muito agradável.

— Eden — ele murmura e inclina minha cabeça para trás para alcançar meu pescoço. O roçar de beijos na pele sensível é minha ruína.

Beijos no pescoço sempre são.

Acima de nós, o céu noturno está iluminado pelas estrelas. *Estou tão longe de casa*, eu penso. Tão longe da verdadeira Eden. Ou talvez eu seja a verdadeira, aqui, abraçando a aventura e o desconhecido.

As mãos de Phillip voltam para minha cintura e apertam com força. Quase como se ele as estivesse forçando a ficarem paradas.

Mas não tenho os mesmos escrúpulos. Eu deslizo a minha por seus ombros, sobre os músculos aprimorados por todas as voltas que ele nada, e desço por seu peito. Há um punhado de pelos escuros aqui. Eu traço com a minha unha.

Ele geme baixinho.

Eu sorrio. — Não sabia que os caras tinham peitorais sensíveis.

— Nós não — diz ele. — Bem, eu não. Mas o jeito que você está olhando para mim...

Eu o beijo novamente. Desta vez, eu me pressiono contra ele, meus seios se achatando em seu peito. Ele se move imediatamente. Como se um interruptor tivesse sido acionado, suas mãos perdem o aperto de estátua e deslizam para baixo sobre meus quadris. Acomoda-se nas minhas coxas e levanta-me.

Eu as envolvo em torno de sua cintura e o beijo novamente, moldando nossos lábios juntos. Com Phillip me segurando, sinto-me leve na água.

Percebo a água se movendo ao nosso redor, mas não sei o que isso significa. Não até que minhas costas batem suavemente na parede oposta da piscina.

Seus braços se acomodam contra a borda de cada lado meu, e ele se dedica a me beijar como se fosse uma carreira, um trabalho, uma vocação. Como se eu fosse um altar. É lento, mas não há como confundir o fervor por trás disso, seus lábios provocando os meus, sua língua ali em ocasionais carícias lentas.

Isso me tira o fôlego.

Há fogo se espalhando pelos meus membros. É lento e inebriante, mas queima do mesmo jeito, lutando com os nervos em meu estômago.

Sou eu quem pega a mão dele e a leva até a minha cintura, e depois mais para cima, até o bojo esquerdo da parte de cima do meu biquíni.

Phillip geme e se aproxima, nossos quadris se moldando sob a água. Sua mão se fecha em volta do meu peito, mas não é a salvação que eu estava procurando. Isso só me faz precisar *mais* dele.

— Eden. — ele diz, mas eu não espero para ouvir o que mais ele tem a dizer. Estendo a mão para desfazer o top. As tiras caem na superfície da água, e então sua mão está lá, atrás das minhas costas, puxando a segunda tira.

A parte de cima do meu biquíni flutua, uma tira de tecido azul.

— Jesus. — ele murmura, os olhos baixos entre nós. O olhar de dor em seu rosto faz meu coração disparar. Excitação e adrenalina correm em minhas veias a cada pulsação.

Ele usa as mãos, e eu deixo minha cabeça cair para frente, minha testa na dele, enquanto seus dedos puxam e provocam. Faz muito tempo desde que as mãos de um homem estiveram em mim. Seu toque me deixa mais consciente do meu corpo também. É como se eu tivesse ganhado vida sob sua admiração. Como se eu existisse mais neste momento do que há meses.

Ele me puxa mais apertado contra ele, meus seios esmagados contra seu peito, e beija meu pescoço. — Você é tão bonita. — Ele murmura as palavras em minha pele molhada.

Eu relaxo em seu abraço. — Eu sou?

— Sim. — Suas mãos deslizam pelo meu corpo. — Seu corpo, seu sorriso, seus olhos escuros, seu cabelo... está me deixando louco. A longa extensão marrom-clara dele. E essas curvas?

Suas mãos apertam meus quadris, seus olhos nos meus parecem um azul mais escuro. Há uma pergunta faminta neles.

— Faz muito tempo, — murmuro — desde que eu fiz... tudo isso.

Ele sorri. — Você está indo bem.

— Ah, estou?

— Sim. Impecável, realmente.

— Melhor da minha classe?

— Definitivamente.

Aperto minhas pernas ao redor dele, prendendo-as atrás de suas costas. Ele dá um gemido baixo quando nossos corpos entram em contato ainda mais próximo. — Ve? — ele murmura. — Você está indo bem.

— Eu sempre fui a puxa-saco do professor.

— Eu sabia. — ele murmura e me beija novamente. Lábios quentes e mãos ainda mais quentes agarram minha bunda e me puxam contra ele. Nós nos beijamos por muito tempo. Nós nos beijamos até que eu sinto que somos um só com a água ao meu redor e tão pronta para mais que é uma dor quase dolorosa dentro de mim.

Eu me pergunto se ele sabe disso, se esse é o objetivo dele, se meu pequeno *já faz muito tempo* o levou a fazer isso.

Beijar-me como se ele fosse se contentar em fazer isso para sempre.

— Deus, Eden. — ele sussurra, boca no meu maxilar. — O jeito que você está se esfregando contra mim...

Meus quadris param de se mover e um rubor sobe pelas minhas bochechas. — Oh.

— Não pare. — ele murmura, e há um pouco de aspereza no tom também. — Eu só não quero... apressar as coisas aqui.

— Bom. — eu gemo. Já se passaram sete anos de sexo com a mesma pessoa, e meus nervos são como um pacote apertado na boca do estômago, competindo com o desejo.

— Bom? — ele pergunta.

— Mm-hmm.

Suas mãos deslizam para baixo e, em seguida, movem-se ainda mais, pairando na cintura da parte de baixo do meu biquíni. — Deixe-me cuidar de você.

As palavras espiralam através de mim, espalhando calor que me queima ao longo de seu caminho.

— Quero me concentrar em você. — diz ele, acariciando o tecido da minha calcinha.

— Ok — eu sussurro. Meu corpo está empurrando para baixo contra sua mão. Precisando. A pressão, até mesmo a sugestão de fricção...

Ele dá um tapinha na minha coxa. — Por mais que eu goste de você aqui, você vai ter que me soltar, baby.

Eu desengancha minhas pernas e deslizo por seu corpo. A água quente corre entre nossos corpos, e então sua mão segue, deslizando pela minha barriga nua e encontrando o cócs da minha calcinha.

Eu não posso olhar para ele. Eu não posso, eu não posso, e então ele me beija como se soubesse disso, e eu estou de volta no momento, precisando tanto de seu toque...

Ele desliza sua mão grande e quente para baixo e me envolve completamente. Prendo a respiração com a sensação, e ele me devolve o ar, seus lábios se movendo para o meu pescoço.

Agarro seus ombros e o seguro enquanto ele me explora — gentilmente, depois com mais insistência, seus dedos abrindo, curvando e circulando dentro dos limites apertados da parte de baixo do meu biquíni. Ele me provoca até que estou arqueando contra sua mão, até que o único som entre nós é minha respiração constrita e seus gemidos baixos de apreciação.

— Foda-se. — diz ele e puxa a mão.

— Não. — eu digo. — Por favor...

— Eu não vou parar. — ele diz e amaldiçoa novamente. — Mas eu preciso... gozar aqui.

Ele agarra minhas coxas e me ergue para fora da água. Ele me coloca na beira da piscina e se posiciona entre minhas pernas abertas, sua cabeça agora na altura perfeita...

— Phillip. — eu sussurro, minha mão encontrando seu cabelo grosso. Não sei se estou com medo ou empolgada ou à beira do êxtase, ou se são as três emoções ao mesmo tempo, e a única solução é um orgasmo.

— Linda. — ele murmura novamente e passa as mãos pelas minhas coxas. Ele me puxa para mais perto da borda. Solto os nervos e afundo na escuridão da noite e no ritmo suave das ondas contra a praia e na sensação de suas mãos puxando a parte de baixo do meu biquíni para o lado.

Sua respiração é chocantemente quente contra mim, mas não é nada comparada ao calor de sua língua e boca. Ele é habilidoso, e talvez seja seu entusiasmo e a novidade dele, ou o céu repleto de estrelas acima de nós e o ar quente contra minha pele molhada, mas não me sinto nem um pouco constrangida. Estou inteiramente no momento.

— Foda-se. — ele murmura novamente, abafado contra mim, e eu olho para sua cabeça de cabelos escuros entre minhas coxas. Ele empurra uma das minhas pernas para cima e por cima do ombro, dando-lhe melhor acesso. E então um dedo é adicionado, e não vou sobreviver a isso.

— Você está bem? — Eu sussurro. Quero ouvi-lo dizer isso, para confirmar que não estou sozinha com meu coração acelerado. Ele levanta a cabeça, os olhos que estão quase pretos olham para mim.

— Eu estou fantástico pra caralho — ele diz, e empurra minha coxa esquerda ainda mais para o lado. — Me diga o que você gosta. O que você precisa.

— Isso — eu sussurro. — Apenas mais disso.

Ele sorri, e é igualmente travesso e vitorioso. Isso me faz pensar em como ele disse que há vencedores no sexo. Como foi o único jogo que ele jogou em que queria que ambas as partes ganhassem.

— Confie em mim, eu nunca quero parar. — Ele abaixa a cabeça.

E me encontro relaxando no deck de pedra dura que circunda a piscina. Minha perna levantada sobre seu ombro e a outra flutuando na

água. E Phillip Meyer entre minhas coxas enquanto o prazer sobe pelo meu corpo.

É difícil respirar. Eu olho para a lua cheia acima de nós enquanto o prazer cresce e cresce e cresce, e devo estar fazendo barulho porque Phillip grunhe contra mim e estende a mão, sua mão direita encontrando meu quadril, minha cintura e, em seguida, provocando um dos meus mamilos.

E eu gozo.

A força disso me surpreende. Uma onda me leva para baixo, e leva muito tempo antes de eu ressurgir das sensações que explodem em minha pele.

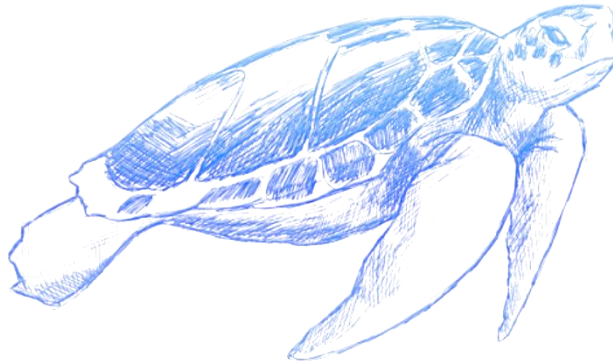
Meus joelhos estão presos em torno de seus ombros, e ele está beijando minhas coxas, olhando para mim. O cabelo em suas têmporas começou a secar em pequenos cachos, e há uma cor forte manchando suas maçãs do rosto salientes. Mas é a intensidade em seus olhos que torna impossível desviar o olhar.

— Oi — eu sussurro.

Ele sorri, e é uma coisa maravilhosa. — Você é gloriosa.

E me surpreendo acreditando nisso.

CAPÍTULO DEZENOVE



Eu tenho o lindo mar turquesa na minha frente. Há areia quente embaixo de mim, tão linda que tive que tirar minhas sandálias e enterrar meus pés, só porque sim. E há uma piña colada com um guarda-chuva roxo na mesa ao lado da minha espreguiçadeira.

E não consigo me concentrar em nada disso por causa do homem sentado ao meu lado. Ele está totalmente esticado na espreguiçadeira, seu corpo bronzeado e musculoso, e seu cabelo incrivelmente escuro contra a toalha branca.

Phillip se aproximou um pouco antes do meio-dia e, vendo-me aqui, escolheu a cadeira ao lado da minha. *Bom dia*, ele disse; o tom de sua voz não escondendo o que aconteceu entre nós ontem à noite. Isso trouxe um rubor às minhas bochechas.

Nós não tínhamos falado sobre ontem ainda. Não tenho certeza se há muito a dizer ou se a Eden diurna pode falar sobre o que a Eden noturna fez.

Olho para ele com o canto do olho. Ele está lendo algo em seu telefone que absorveu sua atenção nos últimos dez minutos, mas ainda parece relaxado. E bonito. Por alguma razão, ele não me deixou retribuir ontem à noite.

Olho para trás, para o oceano aberto.

— Isso, — eu digo — é a vida.

Phillip faz um som descomprometido.

— Provavelmente nunca mais ficarei em um resort tão bom. — Estico minhas pernas nuas. Elas estão finalmente mudando de rosa para um bronzeado claro agora.

— Mm-hmm. — diz ele. Então ele coloca o telefone na mesa lateral entre nós e olha para mim. — Por que?

— Porque este lugar me custou um mês de salário. — eu digo. — Mas se há um inseto de viagem, ele me mordeu praticamente em todos os lugares. Não consigo imaginar não viajar para o exterior novamente depois dessa viagem.

— Você deve. Você é ótima em aproveitar ao máximo onde quer que esteja.

— Isso é uma maneira astuta de zombar do meu guia?

Ele passa a mão pelo queixo para esconder o sorriso. — Não. Foi um elogio genuíno.

— Veja, quando alguém usa o sarcasmo tanto quanto você, é muito difícil levá-lo a sério.

— Já me disseram isso antes. — diz ele, e há tanta seriedade em sua voz que reviro os olhos.

— Ve? É quando você faz isso.

— Mas trago alegria para todos ao meu redor. Você está me pedindo para parar?

— Você é impossível. — eu digo e viro de lado para encará-lo completamente. — Você sabe, se eu nunca...

O telefone entre nós começa a tocar.

Phillip olha para ele sem fazer um movimento para responder. Seu cabelo geralmente é penteado para trás, mas agora está bagunçado, escuro e bagunçado pela brisa do mar.

— Você está ignorando isso?

— Pensando em ignorá-lo, pelo menos. — diz ele. — Eu já sei que é um advogado da minha firma. Ele é um idiota.

— Ele não sabe que você está de férias?

— Oh, com certeza ele sabe.

Pego o telefone, parando com a mão sobre ele. — Posso?

Olhos azul-escuros encontram os meus, e lá está aquela covinha de novo, piscando brevemente enquanto ele sorri. — Vá em frente. O nome dele é Briggs.

— Você não vai se arrepender. — eu digo e atendo a ligação. — Este é o telefone de Phillip Meyer — eu digo na minha voz mais brilhante, mas de professora.

— Quem é? — uma voz masculina cansada pergunta do outro lado. — Ele está por aí?

— Meu nome é Eden, e sim, ele está. — eu digo docemente.

— Bem, você pode chamá-lo?

Olho para Phillip. Ele está descansando a cabeça na mão e me observando, diversão brilhando em seus olhos azuis.

— Não, eu não posso. — eu digo. — Ele está de férias.

O homem na linha suspira. — Sim, eu sei, mas ele é necessário. Chame-o.

— Você é o Briggs. Certo?

Há uma pausa. — Sim.

— Bem, o Sr. Meyer é um membro trabalhador da equipe e está, no momento, desfrutando de duas semanas de férias merecidas. Tudo o que pedimos é que esses dias sejam respeitados. E Briggs? Ele falou muito bem de você e de sua ética de trabalho. Tenho plena confiança de que você está totalmente equipado para lidar com qualquer crise que tenha ocorrido. Você tem a voz de um homem competente.

Phillip está sorrindo agora.

— Hum, obrigado. Certo. Bem... vou mandar um e-mail para ele, então.

— Não, — eu digo — a menos que alguém esteja morrendo. Alguém está morrendo, Briggs?

— Não.

— Então, ele estará de volta ao escritório no devido tempo. Tenha um ótimo dia! — digo e desligo. Minha mão está tremendo quando coloco o telefone de volta na mesa. — Oh meu Deus, isso foi uma descarga de adrenalina!

— Você tem, — parodia Phillip — *a voz de um homem competente?*

Eu rio. — Um pouco de lisonja nunca é demais?

Ele sorri. — Você é realmente selvagem.

— São dois adjetivos em uma semana. Eu sou realmente tão louca?

— Você nunca reage da maneira que eu espero. Inferno, — ele diz e ri sombriamente — isso provavelmente fez o meu ano.

— Eu não fui muito dura? — Pego minha piña colada e tomo um longo gole para me acalmar.

— Ele é um advogado corporativo, — diz Phillip. — Esse telefonema com você foi provavelmente o mais legal que ele teve o dia todo.

— Uau.

Ele ri novamente. — Você está respondendo a todos os meus telefonemas de agora em diante. Tenho algumas outras pessoas às quais você pode dar o mesmo tratamento.

— Acho que você é totalmente capaz de dizer isso a eles. Mas você não o faz. — Eu levanto minhas sobrancelhas. — Talvez você secretamente goste de trabalhar 24 horas por dia, sete dias por semana?

A diversão em seu rosto desaparece como ondas se dissipando na água. — Sim. Já ouvi isso antes. Ainda bem que você está aqui, então. Não posso trabalhar quando você está por perto.

— Você não pode?

— Não. — diz ele. — Eu não quero perder qualquer façanha que você fará a seguir. Muitas coisas para cair por aqui.

Eu seguro minha bebida. — Bem, para o meu próximo truque, vou fazer essa piña colada desaparecer. Por favor, observe.

Ele me observa prender meus lábios ao redor do canudo, o rosto estranhamente sério. Como se ele estivesse me estudando fazendo isso. Algo se revira no meu estômago.

— Estou observando. — ele murmura. Então, ele pigarreia e tira os óculos escuros da cabeça, colocando-os sobre a mesa entre nós. — Vou para a água.

— Precisa esfriar?

— Algo assim. — ele murmura e se dirige para o mar. Eu observo enquanto ele sai até que as ondas atingem seus quadris e então mergulha, seus ombros largos emergindo novamente em um rastejar.

Ele nada para frente e para trás ao longo da costa, longe o suficiente para não ser incomodado por nenhum dos outros turistas que nadam nas águas mais rasas.

Ele volta muito tempo depois e se deita ao meu lado, as gotas secando em sua pele.

Viro a próxima página do meu romance. Estou quase no clímax, no ponto em que a história vai do previsível ao caótico, e tenho algumas teorias sobre o que vai acontecer. Descobrir se estou correta é a melhor parte de toda experiência de leitura. É como se eu estivesse resolvendo um quebra-cabeça junto com os personagens.

— O que você está lendo? — ele pergunta sem abrir os olhos.

Eu enrolo meus dedos em torno do topo do livro, mantendo meu lugar. — Um mistério envolvente.

— Um mistério *envolvente*?

— Sim.

— O que é isso?

— É um pouco como... Agatha Christie. Assassinatos e vibrações de bem-estar.

— Certo, quase esqueci que você era obcecada por crimes verdadeiros.

— Isso não é realmente um crime verdadeiro. O crime é meio acidental.

— Conte-me sobre a trama.

É o que faço, deitada sob nosso guarda-sol. Eu conto a ele sobre a detetive principal e como ela voltou para sua cidade natal apenas para descobrir que seu ex estava guardando segredos, e que o garoto que a provocava no colégio se tornou seu vizinho fechado, mas atraente, e então um adolescente desaparece, e...

Phillip me interrompe. — É esse o tipo de história que você escreve?

— Eu sabia que você tentaria arrancar essa informação de mim.

— Vou descobrir antes de sairmos da ilha. — diz ele, colocando as mãos atrás da cabeça. — O que você está com vontade de escrever a seguir?

Fecho o livro, cometendo o pior de todos os atos. Brincadeira. Talvez falar sobre isso com ele não seja tão difícil. Ele tem me apoiado até agora, e... bem, ele será um estranho novamente em apenas alguns dias. — Na verdade, estou planejando escrever algo inspirado neste resort.

Seus olhos se iluminam. — Realmente?

— Sim.

— Interessante. Conte-me sobre isso.

Então eu faço. Falo sobre as pessoas que vi — as irmãs discutindo, o casal rico na praia e todas as teorias que tenho sobre eles. Phillip ri de várias delas e dá sugestões para outras.

Eu não conto a ele sobre o misterioso personagem do empresário, no entanto.

— É este? — ele pergunta. — Você tentará enviá-lo a uma editora novamente?

Olho para o livro em minha mão, para o nome minúsculo da editora na lombada. É mais fácil de enfrentar do que ele. Pelo menos enquanto falo estas palavras. — Provavelmente não. Eu disse que falhei na parte editorial. Agora... agora não tenho certeza se vale a pena fazer de novo.

Parece mais fácil dizer em voz alta do que eu esperava.

— Bem — diz ele. — As pessoas falham o tempo todo.

— Elas fazem?

— Sim. Isso faz parte do jogo. Você perde às vezes. Mas isso não significa que você pare de jogar. Você sai de novo e de novo, e talvez da próxima vez, você ganhe. E se não, bem... então, o jogo ainda não acabou. — Ele se vira para olhar para mim. — Quantas editoras existem no mundo?

— Não sei. Milhares? Dezenas de milhares?

— Certo. E são todas idênticas? Todas elas têm exatamente o mesmo entendimento da indústria editorial?

Eu suspiro. — Não, você sabe que não.

— Certo. Portanto, outra editora pode amar seu próximo livro ou o seguinte. Elas podem embalá-los de maneira diferente, comercializá-los e vendê-los melhor.

— Elas podem, sim.

— Não deixe que uma editora enfadonha que não soube vender seu primeiro livro seja a juíza sobre se você tem ou não talento. — Ele se recosta na cadeira, a cabeça inclinada para cima. Sua barba por fazer engrossou no início de uma barba decente. Isso o faz parecer mais velho, de alguma forma, e mais rude. Mas também mais relaxado. — Se você decidir que a carreira de autora não é para você, tudo bem. Mas que seja porque você decidiu. Não outra pessoa.

Eu olho para ele por um longo momento. — Você tem razão. Quero dizer, minha primeira editora não sabe de tudo. Ela também nunca investiu dinheiro em publicidade nisso.

— Não é de admirar que não tenha funcionado.

— Eu também acho que sou uma escritora melhor agora. — Olho para o livro que estou lendo. Foi uma ótima leitura rápida e, no meio do caminho, me deu essa sensação. *Acho que posso fazer isso. Acho que quero fazer isso.* — Talvez eu devesse tentar de novo.

— Claro que você deveria. — diz ele. — Você tem mais tempo em suas mãos agora também. Você não tem um casamento para planejar.

— Bem, isso é definitivamente verdade.

— Até você se casar de verdade da próxima vez. Com o professor de matemática da sua escola, certo?

Eu uso o livro de bolso para bater no ombro dele. Ele ri, levantando o braço em defesa, e o som me faz sorrir. — Eu nunca deveria ter confessado isso.

— Acha que vai sair com ele quando voltar para Washington?

— Não, claro que não. — Balanço a cabeça e me inclino para trás na poltrona, esticando as pernas. — Eu não quero namorar alguém no trabalho. Você pode imaginar como isso pode ser estranho?

— Sim — diz ele. — Eu posso.

Isso me faz olhar. — Parece que você tem uma história.

— Não particularmente.

— Phillip.

Ele suspira. — Durante um dos meus primeiros anos como estagiário jurídico, namorei outra estagiária.

— Oh, não.

— Sim. Não foi muito bom quando ela decidiu que estava mais interessada em seu colega de quarto do que em mim.

— Seu colega de quarto?

— Sim. Ele era firme, confiável. Não trabalhava muito e sempre atendia o telefone.

Eu franzo a testa. — O que, ao contrário de você?

— Sim. Nem sempre fui o melhor parceiro, Eden. — Ele passa a mão pelo cabelo e ajeita os óculos escuros. Com eles, não consigo ver seus olhos. Eu só posso ler sua expressão pelo movimento de sua mandíbula. — Nenhuma das minhas ex-namoradas concordava com meus dias de trabalho ocasionalmente chegando à meia-noite.

— Mas isso vai em fases, certo? Como quando você está envolvido em uma negociação de fusões e aquisições. Não acontece em uma terça-feira normal, certo?

Ele se vira para mim. — Você se lembra com o que eu trabalho?

— Sim — eu digo. Eu tinha pesquisado no google *M&A* na outra noite enquanto estava na cama. Li sobre a empresa para a qual ele trabalhou também. Eu até pesquisei o nome dele no Google. *Phillip Meyer*. Mas eu não tinha encontrado muito. Parece que mídia social não é coisa dele. — Parece interessante.

— Você quer dizer isso? — ele pergunta.

— Sim. Mesmo que você nunca vá ao tribunal.

— Raramente. — ele concorda. — Quero dizer, eu definitivamente tenho.

— Aposto que você foi o advogado mais gostoso nesse dia.

Ele ri, como eu esperava, e passa a mão pelo cabelo novamente. Parece que ele faz muito isso quando está nervoso ou pego de surpresa. — Eu não poderia dizer.

— Não seja modesto. — eu falo. Eu me inclino para trás na minha poltrona e abro meu livro novamente, ainda sorrindo.

Ao meu lado, Phillip tira um pouco de areia do antebraço. — Então?

— O que?

— Você está planejando namorar quando voltar para casa?
Professor de matemática ou outra pessoa.

— Ah. — eu digo. — Eu poderia. Não é realmente algo que eu pensei. As pessoas parecem usar muitos aplicativos hoje em dia, e isso não é algo que eu realmente goste.

Ele faz um zumbido profundo e fica em silêncio novamente. Eu olho para o céu e as nuvens que se movem rapidamente. Nossas conversas são sempre assim. Elas seguem rotas inesperadas e sempre acabam em lugares que eu nunca previ.

— Você poderia? — Eu pergunto.

— Eu não sei. — diz ele calmamente. — Eu realmente não tenho planos para isso.

— O mesmo que eu, então.

Ele cantarola novamente. Tornou-se um som familiar nos dias de hoje. Uma resposta que não é nem sim nem não, apenas um ronco profundo em sua garganta.

— Eu não estou ansiosa para ir para casa. — eu digo. O vento sopra suavemente do oceano, como uma carícia quente. Fecho os olhos com as sensações - a brisa, o som das ondas e a areia sob meu pé esquerdo.

— Não faltam muitos dias. — diz ele.

As palavras enviam um arrepio de antecipação através de mim. Eu não olho para ele, mas estou ciente dele, no entanto, a apenas alguns metros ao meu lado. — Somente alguns.

— Sim. — diz ele. — Imagino o que você vai fazer.

— Quem sabe? Eu poderia fazer qualquer coisa. — eu digo. — Ouvi dizer que esses bangalôs chiques têm piscinas particulares. Posso ir nadar pelada.

Sua respiração falha. — Sério?

— Mm-hmm.

— Engraçado, isso. Eu tenho um bangalô.

— Não, você tem?

— Sim.

Eu mordo meu lábio inferior para esconder meu sorriso. Flertar é divertido. Não me lembro de ter feito isso antes, saboreando a atração cada vez mais profunda. Com Caleb, tinha acabado rapidamente. Nós dois caímos em uma dupla confortável no segundo encontro.

Pego meu protetor solar e me sento. — Estou pensando em virar — eu digo. — Você se importaria?

Phillip estende a mão. — Eu posso fazer isso.

Eu viro minhas costas para ele e fico parada. Esta é a segunda vez que fazemos isso, mas na primeira ainda estávamos cautelosos - dois estranhos, sem conhecer os limites um do outro.

Suas mãos deslizam em minhas costas em carícias quentes. Elas permanecem na minha cintura, na parte inferior das costas e roçam a borda da parte de baixo do meu biquíni.

— Você é meticoloso. — murmuro.

Sua voz é um sussurro contra minha orelha direita, e contra meu pescoço, sua barba recém-criada faz cócegas. — Eu sempre sou, Eden.

— Sim, eu sei.

Suas mãos deslizam ao longo das laterais do meu peito uma última vez. — Como você está se sentindo? — ele murmura, e eu sei que ele está perguntando sobre ontem. As palavras dançam na ponta da minha língua.

Na praia, alguém bate palmas ruidosamente.

Nós dois nos viramos para ver um funcionário do hotel, vestindo o uniforme do Winter Resort, parado na praia com um grande sorriso no rosto.

— Desculpe incomodar a todos! — ele diz. — Mas a Winter Olimpíadas desta semana estão prestes a começar no jardim do pátio. Ainda temos uma vaga, então se houver um casal interessado em competir contra outros hóspedes, adoráramos receber vocês. Começamos em dez minutos!

Ele sorri novamente e volta para a praia, em direção ao prédio principal.

Eu rio. — A Winter Olimpíadas?

— É inteligente, você tem que dar isso a eles. — diz Phillip. Suas mãos caíram de meus ombros, mas ele ainda está sentado atrás de mim.

— Devemos ir? — Eu pergunto.

Nesse momento, um casal para em frente às nossas espreguiçadeiras. Eu os reconheço como as pessoas de meia-idade que conheci no elevador outro dia, aquelas que renovaram seus votos.

— Oi, vocês dois. — diz a mulher, lançando um sorriso especial para mim. — Desculpe, mas não pude deixar de ouvir. Participamos dos jogos na semana passada e foi uma explosão. Vocês dois deveriam participar!

— Talvez nós vamos. — eu digo, devolvendo seu sorriso amigável.

Ela dá um passo mais perto. Ao lado dela, o marido está de óculos escuros e não parece muito interessado em falar conosco. — Vocês dois são casados?

Eu olho dela para Phillip, e de volta. — Estamos em nossa lua de mel. — eu digo.

Ele solta uma risada silenciosa ao meu lado e cutuca meu joelho com o seu. Eu o empurro de volta.

— Que maravilha — diz ela. — É o lugar mais lindo, não é?

— Sim, definitivamente é.

Ela coloca os óculos escuros na cabeça e olha entre nós. — De onde vocês dois são, então?

— Chicago — eu digo imediatamente. — Eu simplesmente amo a Windy City. Não me canso dos arranha-céus e daquela brisa adorável.

Ao meu lado, Phillip suspira, e tenho que morder a língua para não rir. Não sei quem sou, brincando assim. Mas é bom.

— Oh, essa é uma cidade emocionante. — diz a senhora. — Nós mesmos somos de Detroit. Estamos todos escapando do inverno aqui juntos!

— Claro que sim! — Eu digo e me inclino contra o ombro de Phillip. — Há quanto tempo você e seu marido estão casados?

— Vinte anos, este ano. É por isso que renovamos nossos votos. E vocês dois? Onde vocês se casaram?

— No topo de um arranha-céu. — diz Phillip. Sua voz é prática. Acreditável. — Foi uma cerimônia pequena.

Ela muda seu foco para ele, seus olhos se arregalando. — Você fez? Isso é tão único! Teve algum significado especial para vocês dois?

— É onde nos conhecemos, na verdade. — diz ele.

Olho para ele com o canto do olho. Há uma rigidez em sua mandíbula que me faz pensar que ele está se esforçando muito para não sorrir também.

Eu concordo. — Estava com amigos, só admirando a vista. E ele estava se apresentando em um evento corporativo que estava acontecendo lá em cima.

Phillip fica muito quieto ao meu lado.

— Ah, isso é verdade? É incrível! — A mulher diz. — Frank, você ouviu isso? Eles se conheceram no topo de um arranha-céu!

Ele resmunga e olha para o livro em suas mãos. Pela capa, parece que pode ser um thriller. Um irmão do gênero crime verdadeiro. Respeito.

— Quais instrumentos você toca? Ou você canta? — ela pergunta a Phillip.

— Eu não sou nada musical. — ele diz. — Eu era um malabarista.

Eu tenho que morder o interior da minha bochecha para não cair na gargalhada.

— Uau. Eu não esperava isso. — a senhora diz e ri. — Mas então, como é um malabarista? Eles podem ser qualquer um!

— Somos um grupo bastante universal. — diz ele. — Eu só me interessei por um tempo, realmente.

— Oh querido — eu digo. — Não se menospreze. Você era o melhor em Chicago.

Ele dá de ombros, a imagem da modéstia. — Você é tendenciosa, Eden.

— Eu sou apenas sua maior fã. — eu digo.

— Oh, vocês dois são adoráveis! — a mulher sorri. — Vocês só tem que ir e participar dos jogos.

— Parece divertido. — eu digo. — Estamos dentro. Não estamos, Phillip?

Ele olha para mim como se eu tivesse perdido a cabeça.

— Perfeito. Frank, temos muito trabalho pela frente agora! — ela diz com uma risada. — Eles parecem excelentes corredores de saco!

— O que você está fazendo. — meu adorável marido murmura ao meu lado.

— Há *jogos*. — Eu bato meus cílios para ele como uma lua de mel obcecada. — E eu sei o quanto você adora vencer.

Ele pisca duas vezes antes de responder. — Ok. Mas não vou entrar em nenhum saco.



Ele entra em um saco.

Não imediatamente, claro. Não, quando chegamos ao jardim do pátio para os jogos patrocinados pelo resort, havia vários suprimentos dispostos no gramado em frente ao mesmo funcionário sorridente do hotel.

Cerca de oito casais estão circulando, alguns estão conversando com outros, mas alguns parceiros estão se mantendo sozinhos. Um dos casais, ambos vestidos de azul combinando, não consegue tirar as mãos um do outro.

— Malabarismo. — eu sussurro para Phillip. — Por que diabos você escolheu isso?

— Isso é vingança por você dizer que gosta do vento em Chicago. Isso foi ultrajante.

— Pior do que casar no telhado de um arranha-céu?

— Sim. — diz ele. — Isso realmente acontece. Eu acho.

— E você não acha que as mulheres podem se apaixonar por malabaristas? — Eu pergunto. — Você provavelmente partiria corações para a esquerda, para a direita e para o centro se pegasse algumas bolas.

Seus olhos se arregalam e um sorriso começa no canto de sua boca. — Eden, eu...

— Não — eu digo. — Também ouvi como isso soou.

Ele sorri. — Isso é tudo que importa. — diz ele. — Esta parece uma maneira horrível de passar uma tarde.

— Isso significa que você quer ir embora? — Eu pergunto. — Porque nós totalmente podemos. Quero dizer, estou triste. Contanto que você saiba que isso significa que estamos perdendo para todos os outros hóspedes, metade dos quais provavelmente são insuportáveis recém-casados.

— Eu te odeio. — ele diz, mas não soa como se ele estivesse falando sério.

— Obrigada, docinho.

Ele franze a testa. — Não.

— Meu amuleto da sorte?

— Absolutamente não.

— Minha noz de mel. — eu digo, e então faço uma careta. — Não.

— Sim. — diz ele, diversão dançando em seus olhos. — Essa com certeza. Mas por que o tema dos cereais?

— Porque eles são...

— Sejam todos bem-vindos! — O funcionário do hotel - e o aparente apresentador deste evento - grita. — Prontos para começar? Temos algumas atividades incríveis preparadas para você!

O que se segue pode ser a meia hora mais caótica da minha vida. Enfrento cara a cara com outras oito mulheres no nobre esporte de correr com um ovo na colher sendo segurado em minha boca. E observo Phillip lutar para atirar dardos nos balões cheios de água depois de girar em torno de um bastão.

No momento em que pegamos os sacos, ele esqueceu sua promessa. Estamos fazendo uma corrida de revezamento.

Ele corre pelo gramado em seu saco de estopa, pescoço a pescoço com o homem de camisa pólo rosa que parece determinado a vencer todos os jogos. Em minha mente, considero-o inimigo de Phillip.

Phillip retorna à linha de partida e rapidamente chuta o saco de suas pernas antes de estendê-lo para que eu entre nele. — Vamos, Eden. — ele insiste.

Eu puxo o saco de aniagem até a cintura e salto, mas ganho muito impulso rápido demais. Três saltos à frente e eu caio. Direto para a grama verde sob o céu azul do Caribe, e não posso deixar de rir, deitada

de costas. Tudo é tão bobo. Isso, eu, nós. Acho que não ria tanto há semanas.

O rosto de Phillip aparece. — Eden! — ele diz. — Vamos, estamos perdendo.

Isso só me faz rir ainda mais. Mas eu levanto minhas mãos, e ele as pega, me puxando para ficar de pé.

— Eden — diz ele. Sua pele está corada de sua própria raça.

Eu coloquei a mão em sua bochecha. — Estamos correndo em sacos. — digo a ele e rio novamente.

Sua boca se abre em um sorriso relutante sob a palma da minha mão. — É ridículo.

— Sim. Mas eu serei amaldiçoada se perdermos para o casal de azul ali.

Eu corro o resto do percurso e todo o caminho de volta em meio aos aplausos frenéticos dos outros. Ao meu lado, os outros competidores lutam para fazer o mesmo e, em algum lugar entre todas as vozes, percebo a de Phillip.

— Vamos lá, cereal de frutas! — ele brada. — Você consegue!

Eu caio na linha de chegada. Mas Phillip está lá para me pegar. Ao nosso redor, os outros participantes estão torcendo por seus parceiros. Estou lutando para rir através da minha respiração pesada. O ar carregado de jasmim está carregado de calor e umidade, e sob meus pés descalços posso sentir a maciez da grama pisoteada.

— Isso — eu digo — foi muito mais difícil do que eu pensei que seria!

As mãos de Phillip envolvem meus quadris. — Você parecia muito graciosa.

— Mentiroso.

— Não, é a verdade. Como uma bailarina.

Eu bati no peito dele. Minha mão fica lá, os dedos se curvando sobre a gola da camisa. — Pelo menos ganhamos?

— Eles estão contando as pontuações agora, — diz ele — mas vencemos o “PDA⁸ Um” e “Dois” ali.

⁸ Demonstração pública de afeto.

Eu espio por cima do ombro para o casal de azul. Eles parecem ter desistido do concurso em conjunto. Ainda pairando em torno da linha de chegada, eles estão com os braços em volta um do outro, os lábios fechados em uma exibição que só deveria acontecer a portas fechadas.

— Amadores. — eu digo.

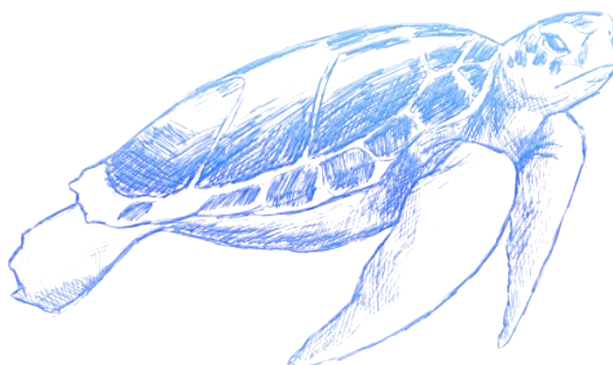
— Não conseguem manter os olhos no prêmio.

Concordo com a cabeça, algo apertando no meu estômago. Não é desejo. É outra coisa, algo muito mais perigoso, e sei que dizer adeus a essa pequena aventura não será tão fácil quanto pensei.

Ao nosso lado, a mulher de antes limpa a garganta ruidosamente. Ela está saindo de seu saco e sorrindo para nós. — Vocês dois são simplesmente os mais fofos. — diz ela. — Não são, Frank? E pensar que você é um malabarista profissional!

Eu inclino minha cabeça no peito de Phillip para esconder minha risada. Acima de mim, ouço sua voz profunda, misturada com diversão. — Se ao menos esse tivesse sido um dos jogos. — diz ele.

CAPÍTULO VINTE



Hoje sou eu quem escolhe a nossa atividade. *Mas não pode envolver jogos de hotel*, Phillip dissera na noite anterior. *Precisa ser algo daquele seu guia.*

A recepcionista do Winter Resort ficou um tanto surpresa quando perguntei a ela sobre a melhor locadora de veículos. Aparentemente, a maioria dos turistas fica no resort ou faz excursões pré-planejadas, mas ela obedeceu.

Phillip dirige. Acontece que ele já dirigiu do lado esquerdo da estrada antes, enquanto estava na Inglaterra a trabalho, e de bom grado o deixei assumir o volante.

— Mas você é responsável pelo mapa. — ele me diz, conduzindo o veículo para fora do estacionamento da locadora e para a movimentada rua principal de Holetown.

— Sabe, — eu digo quando paramos em um cruzamento — esta pode ser a coisa mais louca que fizemos durante toda esta viagem.

Ele bate os dedos suavemente contra o volante. O carro é maior do que precisávamos, mas era o único com câmbio automático que havia na locadora. Dirigir com câmbio manual e no lado esquerdo da estrada era mais desafio do que Phillip estava disposto a aceitar.

— Eu diria que ir a uma praia abandonada para observar os ovos das tartarugas no meio da noite é moderadamente selvagem. — diz ele. — Sem falar naquele passeio de van até o mercado de peixes.

Eu olho para Phillip, me perguntando se ele está se lembrando da mesma coisa que eu. Eu, sentada no colo dele. Ele olha na minha direção e um sorriso lento se espalha em seu rosto.

— Bem, foi bom em alguns aspectos. — eu digo.

— Definitivamente. Não tenho queixas.

Eu traço meus dedos ao longo da minha coxa nua. Meu vestido de verão preferido é bem curto hoje; uma coisa azul-clara com mangas franzidas.

Não nos beijamos desde a piscina, há dois dias. É como se ele me desse todo o prazer e decidisse não ter nenhum para si, e não consigo entender por quê.

Phillip limpa a garganta. — Primeiro centro de vida selvagem?

— Sim. Deve ser apenas uma viagem de vinte minutos.

— Incrível.

Eu descanso minha cabeça contra o assento e observo a paisagem se desenrolar ao nosso redor. Não demora muito para que o cenário se transforme em um campo de golfe e depois em campos de cana-de-açúcar. A estrada sinuosa leva-nos por aldeias em rápida sucessão. A ilha é realmente pequena, bonita e muito diferente de qualquer lugar que já estive.

Eu cruço meus tornozelos no espaçoso espaço do passageiro. — Vamos jogar um divertido jogo de fatos.

— Não vamos — diz Phillip.

— Meus alunos adoram este.

— Tenho certeza que sim, mas não temos cinco anos.

— Você está me dizendo que não é uma pessoa divertida? Porque eu não acredito em você. Acho que você assiste a muitos documentários e filmes sobre guerras e presidentes mortos nas horas vagas. Não é?

Ele bate os dedos ao longo do volante novamente. — Posso ter assistido a um ou dois documentários sobre JFK.

— O que significa que você ama fatos inúteis.

— A história da nossa constituição política não é inútil.

Eu sorrio em triunfo. — E agora você está defendendo seus fatos inúteis, o que significa que você os acha divertidos. Ve? Eu sabia que isso iria apelar para você. É a quantidade certa de inteligente e bobo.

Ele balança a cabeça, mas cede. — Tudo bem. Diga-me o primeiro.

— Tudo bem. — eu digo e cruzo os braços sobre o peito. Isso precisa ser bom para começar o jogo forte. Eu corro através de todos os tipos de possibilidades.

— Bem? — ele pergunta.

— Estou pensando! Eu tenho que fazer o primeiro realmente bom.

— Você faz?

— Sim, se eu vou ganhar.

— Você pode ganhar neste jogo? — ele pergunta. — Agora estou interessado.

— Eu sabia que você ficaria. Ok, você sabia que quarenta e oito porcos diferentes fizeram o papel de Babe no filme?

Há um silêncio completo do banco do motorista.

— Vamos. — eu digo. — O filme sobre o porquinho que pastoreia ovelhas?

— Eu lembro. Vagamente. Acho que minha irmã e eu assistimos isso há duas décadas — diz ele e balança a cabeça. — Quarenta e oito porcos? Isso parece... excessivo.

— Bem, os porquinhos cresceram tão rápido que ficaram grandes demais para o papel depois de uma semana.

Ele bufa. — Uau.

— Sim. Sua vez.

— Não tenho fatos aleatórios sobre porcos na manga. — diz o sério advogado de trinta e dois anos de Chicago. — Só para você saber.

— Prometo que vou esconder minha decepção.

— Obrigado — diz ele. — Ok. Então, você conhece o pouso na lua?

— Já ouvi falar — digo.

— Fico feliz em saber que nosso sistema educacional não falhou com você. Certo, bem, dois homens desceram à lua. O terceiro ficou em órbita.

— Michael Collins?

Phillip me lança um olhar. — Sim, está certo. Você sabe disso?

— Talvez? Mas continue. Além disso, você é definitivamente um nerd de documentários científicos.

— Ele passou horas sozinho em órbita. E toda vez que ele voava pelo outro lado da lua, seu contato de rádio com a Terra era cortado. Ele não conseguia nem ver. Mais tarde, ele foi chamado de “o homem mais solitário da história” porque, durante 47 minutos de cada rotação lunar, ele foi a pessoa mais distante da Terra e mais sozinha do que qualquer pessoa que já viveu. Era só ele e o espaço sideral.

Eu tremo. — Uau.

— Sim.

— Você pensa muito sobre isso?

— O que é muito? — Phillip pergunta com uma meia risada. — Esse nível de solidão completa parece atraente, às vezes.

— Não consigo nem imaginar.

— Poucos de nós podem, eu acho. Sua vez.

— Bem... o rei da Inglaterra é dono de todos os cisnes do país.

— Ele faz?

— Tecnicamente falando, sim. Portanto, se você já pensou em caçar um, fique atento.

— Lá se vão meus planos de verão.

— Eu sei, é uma verdadeira chatice.

Ele reduz a velocidade em um cruzamento e preciso me lembrar de nos guiar. Faltam cinco minutos para o jogo recomeçar, com o curso corrigido.

— Percebi, — diz ele — que todos os seus fatos estão relacionados a animais.

— Bem, estamos indo para um centro de vida selvagem, então é apropriado.

— Eu deveria intensificar. Então... tudo bem. Você pediu fatos aleatórios, certo?

— Diga para mim.

— O pau de um pato tem o formato de um saca-rolhas — diz ele.

— O que? Sem chance.

— É cem por cento verdade.

— Como diabos você sabe disso?

— Foi um fato divertido para um amigo meu na faculdade. Ele usava em festas o tempo todo.

— O fato, eu espero?

Phillip ri. — Sim, o fato.

Eu rio também. — Ele deve ter sido extremamente popular.

— Oh, ele realmente agradava o público — diz Phillip.

— Um saca-rolhas. Ai, meu Deus, não consigo nem... — Estremeço de novo, de desconforto dessa vez. — Pobres patas.

— Pode não ser tão ruim se for tudo o que você conhece. — diz ele. Então, ele ri novamente. É uma gargalhada completa e enche o carro, aquecendo o ar entre nós. — Eu não posso acreditar nas conversas que tenho com você.

— Foi você quem mencionou a anatomia íntima de um pato. — eu digo, mas estou sorrindo também.

— Sim, e mantenho isso porque quero ganhar o jogo.

— Eu sinto que meu fato de Babe foi matador, no entanto.

Ele alcança o console central e dá um tapinha na minha perna nua. — Foi, eu admito. Vamos chamar de empate.

Meu corpo inteiro vibra com o contato de pele contra pele, e a memória de seus dedos deslizando ainda mais para cima. — Ok — murmuro.

Sua mão demora um segundo a mais antes de colocá-la de volta no volante. Então, ele limpa a garganta novamente. — Porra.

— O que?

— É difícil estar perto de você agora. — diz ele. — Depois da outra noite.

— Isso é? — As palavras saem suaves. Nós não falamos sobre isso, não à luz do dia.

— Eu sei muito agora. — diz ele, olhando para mim. — Está me matando não fazer isso de novo. Agora mesmo. O tempo todo.

Meu peito se contrai, tornando difícil respirar fundo. — Bem, agora seria muito inseguro.

— Sim, mas isso não me impede de querer fazer exatamente isso. Seu vestido curto não ajuda exatamente.

Estico as pernas novamente e observo o tecido subir um centímetro. — Ainda bem que você é um advogado autocontrolado com uma disciplina de aço.

Ele olha para as minhas pernas. — Eu costumava ser. — ele murmura. — Agora, sou alguém que compete em corridas de sacos.

Isso me faz rir e quebra a tensão crescente no carro.

— Ei, este é o lugar?

— Sim — eu digo, olhando pela janela. — Vire aqui à esquerda.

Ele para o carro em um estacionamento de cascalho, bem em frente aos portões gigantes.

O centro de vida selvagem é exatamente o que o guia disse que seria. Pequeno e familiar, com palmeiras e folhagens ao redor. É habitado pelos macacos de cauda verde que vivem na ilha. Eles correm soltos por todo o campo, mas aqui são mais numerosos, pulando de árvore em árvore e nos observando com olhos grandes.

Phillip tira fotos minhas ao lado dos macacos, e eu o incomodo para tirar uma foto comigo também. Um colega turista tira a foto de nós.

— Para lembrar da viagem. — digo a ele.

Ele revira os olhos. — Não é memorável o suficiente? Você caiu de um barco, Eden.

Eu dou uma cotovelada em sua lateral, e ele estende a mão para mim, fazendo cócegas até que eu finalmente acabo enfiada debaixo de seu braço. Ele o coloca em volta dos meus ombros e o mantém lá pelo resto de nosso passeio pelo pequeno centro.

Após nossa visita, seguimos viagem. Nossa rota nos leva de ponto a ponto, até uma enseada no extremo norte da ilha. Almoçamos lá, bem acima das ondas do Atlântico, e eu o faço contar sobre sua infância, suas experiências na faculdade de direito e as noites que passou na biblioteca.

Em troca, ele me questiona sobre meus livros e, finalmente, digo a ele o nome do meu primeiro, o flopado, e ele escuta com atenção. Como se ele realmente se importasse.

Nossa última parada do dia é em uma praia deserta mencionada no guia. Chegamos até lá usando uma combinação de GPS e um homem muito simpático que nos aponta a direção certa. O sol está pendurado no meio do céu, a tarde desaparecendo. Sento-me na areia e Phillip afunda ao meu lado. As ondas de um azul profundo batem suavemente contra a costa.

— Eu não posso acreditar que estamos aqui. — eu digo. — Que esta é a minha vida agora.

— Poderia ser a sua vida com mais frequência. Você sabe, se você quisesse. — diz ele. — Existem maneiras de incorporar as viagens à sua realidade.

Descanso a cabeça nos joelhos. — Sim. Eu costumava ter ciúmes de Kaelie, na verdade. Ela viaja muito a trabalho. Mas agora, não sei se quero isso.

— Não?

— Gosto assim, quando é raro e especial. E gosto de estar aqui há tempo suficiente para me tornar outra pessoa. — Eu me viro para olhar para o homem ao meu lado. Perfil forte. Braços estendidos atrás dele, sustentando-o. — Não quero perder isso totalmente quando voltar para casa.

Seus olhos azuis mudam para mim. — Perder o quê?

— Meu eu de férias.

— Ah. Bem, você pode carregá-la com você facilmente.

— Vou tentar. Porque a pessoa que sou agora... é uma atualização de quem eu fui nos últimos meses.

Seus lábios se curvam em uma carranca semelhante à que ele usou durante nossos primeiros dias de férias juntos. — Por causa do imbecil?

— Sim — eu digo. — Desculpe. Não precisamos falar sobre nossos ex.

— Podemos conversar sobre o que você quiser — diz ele. — Acredito que fui eu quem mencionou a genitália aviária antes, então você tem passe livre para a eternidade.

Eu escovo meu ombro contra o dele. — Eu nunca vou deixar você esquecer isso.

— Não espero menos de você. Mas você pode me dizer. Foi difícil depois que você descobriu sobre...?

— Sim. Todos os nossos amigos sabiam, toda a minha família. Levei algumas semanas antes de me sentir pronta para ter todas as conversas, você sabe. De qualquer forma. Gosto de quem me tornei aqui, nesta ilha. Espírito livre e aventureiro, e não tão presa ao passado.

— Mm-hmm — diz ele. — Você provavelmente é mais assim do que imagina quando está em casa.

— Você acha?

Os olhos de Phillip deslizam do oceano para mim. — Sim. Você é uma planejadora e uma otimista incorrigível. Você gosta de falar com estranhos e é curiosa. Você se esforça para fazer um bom trabalho e tem um pouco de medo de errar.

— Isso é... uma avaliação muito boa.

— Eu presto atenção. — diz ele.

O mar é mais agitado deste lado da ilha. Sem o amortecedor natural fornecido pela ilha do Oceano Atlântico aberto, as ondas nesta costa são mais altas e a água parece mais escura.

É lindo.

— Você ainda o ama? — Phillip pergunta.

As palavras pairam entre nós no ar quente da tarde. Demoro para responder porque sei que isso é importante. Fazer isso direito.

— Acho que não. — eu digo. — Mas quem sabe quando o amor realmente desaparece, sabe? Não é como um interruptor. No momento, ainda o odeio um pouco pelo que ele fez. E o ódio não é o oposto do amor. Isso é indiferença, e não sou indiferente a ele. Ainda não.

— Eu me pergunto se você algum dia será, — Phillip diz — considerando o que ele fez.

Eu envolvo meus braços em volta dos meus joelhos. — Estou quase com raiva por ele fazer isso com minha melhor amiga. Porque ele escolheu alguém que seria minha amiga para o resto da vida. Ele... bem. Nem sempre fomos os mais compatíveis. Eu amei a ideia de nós dois mais do que essas diferenças, mas agora elas parecem bem gritantes.

— Sim, eu posso simpatizar.

Eu me viro para olhar para ele. — Você ainda a ama?

Ele suspira e olha para as ondas. — Você vai me julgar.

— Eu realmente não acho que vou, Phillip. Não tenho mais certeza se consigo.

— Hum. Bem, acho que nunca a amei de verdade.

Meus olhos se arregalam. — Oh.

Ele se senta ereto, as sobrancelhas franzidas. — Não que eu não me importasse com ela. Claro, eu fiz. Eu *pensei* que a amava. Caso contrário, eu não teria à pedido em casamento.

— Sensato. — eu digo, e ele me lança um olhar divertido e seco em igual medida.

— Sim. Mas não tínhamos muito em comum, e percebi desde o... não-casamento, como você disse uma vez, que nunca conversamos de verdade. Não propriamente, não profundamente. Não sobre tudo e qualquer coisa.

— Isso é importante. — eu digo suavemente. Estou descobrindo que exatamente a mesma coisa era verdade para Caleb e para mim.

— Isso é. — Ele passa a mão na nuca. — Tínhamos objetivos semelhantes na vida e acho que ambos víamos o outro como se encaixando nesses objetivos. De certa forma, era quase mais uma relação de conveniência.

Eu cravo meus dentes em meu lábio inferior. — Você gostou? Quando você estava nela?

— Eu pensei que eu fiz. Era apropriado. — Ele olha para baixo, cílios escuros se espalhando sobre uma bochecha bronzeada. — Ela me traiu há cerca de um ano atrás.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Sério?

— Sim, com um ex-namorado que estava de volta à cidade em um fim de semana. E você sabe, eu não estava tão magoado quanto irritado. Ela se desculpou, prometeu que não aconteceria de novo e eu... aceitei.

— Isso foi muito generoso de sua parte.

— Talvez. Mas agora, acho que minha falta de interesse provavelmente foi uma grande bandeira vermelha. Para mim, quero

dizer. Estou mais irado com o merda do seu ex por trair você do que com a minha.

— Sim. Não sei se algum dia vou ficar bem com isso. Quero dizer, tenho certeza de que não.

— O que provavelmente é a reação certa. — Ele passa a mão pelo queixo. — Eu trabalhei muito antes desta viagem.

— Mm-hmm. Eu suspeitei.

— Eu realmente gosto do meu trabalho, no entanto. Mas se eu tivesse um relacionamento que realmente importasse, isso mesmo... acho que não daria a mesma prioridade.

Eu não posso desviar o olhar de seus olhos. — Isso provavelmente é verdade.

Ele se inclina para trás, cruzando as mãos atrás da cabeça, e olha para o céu. — Essa foi uma resposta muito longa.

Eu rio e me deito ao lado dele. A areia está quente embaixo de mim e tenho certeza de que está sujando meu cabelo e minhas roupas, mas não me importo nem um pouco. — Sim. Mas foi bom.

Ficamos deitados ali por um longo tempo. Eu saboreio suas palavras e as deixo permanecer em minha mente.

Depois de um tempo, ele se vira para o lado. Eu olho e encontro seu olhar.

— Oi — diz ele.

Eu sorrio. — Olá.

— Sobre o outro dia.

O calor passa por mim e se instala em meu estômago. — Você quer dizer nossas bebidas na praia? — Eu pergunto.

Ele sorri. — Não.

— O telefonema do seu colega que eu atendi?

— Não é isso, também — diz ele. — O que estou me referindo aconteceu em uma certa piscina.

— Ah — eu digo. — Isso.

— Isso.

— E aí?

Sua mão se estende e pousa no meu osso ilíaco. É um peso quente sobre um vestido de verão fino. — Você quer vir hoje à noite?

Os nervos vibram sob sua mão. Talvez ele sinta isso no breve silêncio porque sua voz se suaviza. — Sem pressão — diz ele. — Eu só tenho um frigobar dolorosamente bem abastecido e muito dinheiro para gastar.

Eu me viro para ele. Ele me beija, um toque lento de seus lábios contra os meus.

— Eu gostaria, — eu digo — mas eu tenho planos.

— Não me diga que você conheceu outro homem que está em lua de mel sozinho.

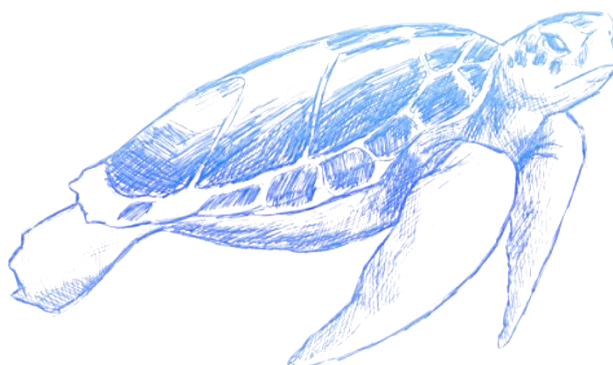
Eu empurro seu ombro de brincadeira, mas deixo minha mão pressionada em sua pele. — Não. Na verdade, reservei uma massagem para mim. É um presente dos meus pais e melhor amiga. Eles me disseram para escolher algo no menu do spa.

Seus olhos são calorosos. — Isso é legal da parte deles.

— É realmente. Mas depois disso, porém, estou livre. Eu poderia... passar por lá. Podemos pedir serviço de quarto?

Ele se inclina e me beija novamente, deixando-me saber exatamente o que ele pensa desse plano.

CAPÍTULO VINTE E UM



Com meu corpo agradavelmente dolorido da massagem e borboletas dançando em meu estômago, bato na porta do bangalô doze. Phillip abre a porta. Ele está de short, pés descalços, e outra de suas camisas de linho. Está abotoada apenas até a metade e seu cabelo está bagunçado.

— Eden. — diz ele.

— Ei, desculpe, minha sessão de massagem atrasou tanto.

— Sem problemas. — Ele dá um passo para trás, convidando-me a entrar. — Quer entrar?

Eu entro em seu bangalô. Só o vi do deck e do conforto da piscina pelas portas de vidro da varanda. Apenas uma sugestão de uma cama king size e uma poltrona.

Agora estou recebendo o tour completo.

Os pisos de ladrilho são de cor areia suave e as paredes são pintadas no mesmo tom. A mobília é principalmente de rattan, tecida em padrões intrincados. Almofadas de cor creme adornam o sofá e a poltrona. De um lado está uma pequena cozinha com bancada de madeira e armários manchados de mogno rico.

Faço uma pausa no meio da sala. — Isso é tudo para uma pessoa?

— Acho que o bangalô acomoda tecnicamente quatro pessoas, então funciona para famílias. Você não deveria estar curtindo isso sozinho.

Eu espreito o banheiro gigante, e esse é o verdadeiro destaque. As paredes e pisos são revestidos de mármore e a penteadeira é decorada

com acessórios folheados a ouro. Uma banheira de imersão fica no canto. E como toque final, há um chuveiro com box amplo, completo com um chuveiro de efeito chuva e uma variedade de óleos e xampus para escolher.

Tudo sobre este lugar grita luxo.

— Esse chuveiro é do tamanho de todo o meu banheiro em casa — eu digo.

Phillip ri atrás de mim. — Sim, é maior do que precisa ser.

— Também cabe uma família de quatro pessoas. — Eu ando até o espaçoso quarto principal. Este é o quarto que eu vi enquanto espiava pelas portas de correr. Elas estão entreabertas agora e deixam entrar o som familiar da vida noturna de Bajan. Gorjeios e serenatas de insetos.

A cama dele é maior do que a do meu quarto. Uma king continental. É bem feita, os travesseiros empilhados em um apoio de cabeça convidativo. A TV está ligada, mas o programa está em pausa.

Eu li a legenda na tela. — Sem chance.

Há um suspiro ao meu lado. — É bom.

— Você está assistindo a um documentário sobre esportes?

— Sim.

— Nenhum assassinato de JFK esta noite?

— Não, estou guardando isso para amanhã. — Ele passa por mim em direção ao frigobar. É lindamente construído em armários de mogno que combinam o quarto principal com a sala de estar, em um piso plano aberto. — Quer uma bebida?

— Sim, por favor.

Ele começa a trabalhar com a variedade de garrafinhas e misturadores que tem na geladeira. Vejo um prato de frutas lindamente arranjadas escondida ali.

Oh, ficar em um bangalô.

Há uma mala no canto ao lado de um closet. Suas camisas estão penduradas ordenadamente em uma fileira no lado esquerdo da haste.

Quero bisbilhotar e não posso. Virando-me, vejo um maço de papéis ao lado de um lindo arranjo de flores tropicais sobre uma mesa.

A página superior tem a palavra *itinerário* impressa nela.

— Ah — eu digo. — Encontrei!

Phillip olha por cima da preparação da bebida. — Você trouxe seu guia para poder comparar as anotações?

— Não, mas eu deveria. — Eu o pego e começo a ler. Há nomes no topo. *Lua de mel em Barbados para o Sr. e a Sra. Meyer*. Abaixo está um roteiro detalhado. Serviço de busca às 06:00 na 113 Row Street, Chicago. Decolagem de O'Hare às 09:00, chegada em Bridgetown às 17:45.

— Ela escreveu usando o tempo militar? — Eu pergunto.

Phillip adiciona gelo em dois copos. — Eu pedi — diz ele. — É mais preciso. Sem risco de confusão.

Eu sorrio para o itinerário. — Eu pensei que você disse que não estava envolvido no planejamento.

— Não muito.

— Mas você solicitou a viagem de pesca.

— Sim, eu fiz.

Folheio os papéis. Dia após dia, as atividades são planejadas. Algumas delas, eu sei com certeza, ele não fez. Escultura de frutas com a equipe do resort?

— Você planejou mergulhar?

Ele balança a cabeça. — Eu nunca faria isso. Ela estava interessada em tentar.

— Por que você não está?

— Passei minha vida inteira nadando na superfície. Eu gosto disso. — diz ele. — Não estou interessado em tentar respirar debaixo d'água.

Meus olhos se fixam em uma nota próxima ao oitavo dia. *Lauren, a massagem está marcada para às 10h no bangalô.*

Então esse é o nome dela.

Phillip vem para ficar ao meu lado. Seu antebraço encostado contra o meu, sua respiração soprando o cabelo na minha têmpora. — Então? — ele diz. — Se importa em finalmente admitir que minha planejadora de viagens conhecia seu trabalho?

Eu viro para o final da viagem. Para o dia quatorze onde seu voo está listado. Uma parada em Miami e depois para O'Hare. Traslado do aeroporto de volta para 113 Row Street.

E de volta à sua vida normal.

— Você ficou no mesmo lugar. — eu digo.

— Eden?

— Depois que vocês dois terminaram, quero dizer. Como foi isso?

Ele dá de ombros. — Ok. Ela se mudou há dois anos e agora está empacotando todas as suas coisas. — Ele tira o itinerário das minhas mãos e o coloca de volta na mesa. — Aqui — diz ele e me entrega a minha bebida. — Como você e o imbecil fizeram isso?

— Nós dois nos mudamos. Nosso lugar era muito caro para uma pessoa.

Sem mencionar que eu não queria ficar mais uma noite, quanto mais semanas, no espaço onde moramos juntos.

Ele assente e se senta na beira da cama. Atrás dele está o documentário, ainda pausado, um jogador de basquete se prepara para fazer uma bela cesta.

— Você está relaxando — eu digo.

— Sim, e colocando alguns e-mails em dia. — Seu olhar deriva para baixo, sobre meus braços nus. — Como foi a massagem?

— Você não tem permissão para trabalhar, eu já disse.

Phillip dá um meio sorriso. — Sim. Mas você não estava aqui para me ver.

— Ainda bem que eu passei por aqui, então.

— Sim — ele diz e toma um longo gole de sua bebida. — Isso é. Então?

— A massagem foi boa. Ótima, mesmo. Havia uma música suave tocando e... e... bem. Eu quase adormeci.

— Isso é uma coisa boa?

Isso me faz rir. — Acho que sim. Melhor presente de todos. Mas não parei no meu quarto para tomar banho. — Eu levanto um dos meus braços, e ele brilha nas luzes fracas de seu bangalô. — Ela usou muito óleo.

— Certo — diz Phillip. Ele se levanta da cama e se aproxima, com os olhos em mim. — Isso é bom.

— É?

— Mm-hmm.

— Ainda acho que devo tomar banho — sussurro. — Além disso, estávamos deitados na praia hoje por um longo tempo.

— Você pode tomar banho aqui — diz ele. — Use todos os sabonetes esquisitos que quiser.

— Obrigada. Você guarda minha bebida para mim?

— Sim. — diz ele e limpa a garganta. — Posso pedir serviço de quarto para mais tarde. O que você quer? Estou com vontade de comer um hambúrguer.

— Oh, eu vou querer isso também.

— Tudo bem — diz ele. — Bem, sinta-se em casa.

Eu faço.

Há toneladas de toalhas grandes e macias em seu banheiro, e o chuveiro com efeito de chuva é tão perfeito quanto parece. Eu fico sob o fluxo constante e deixo que ele leve tudo embora, deixando apenas nervos e excitação em seu rastro. A combinação de água quente, vapor e óleos luxuosos cria uma fuga aromática da realidade.

E ele está lá fora.

Eu não fiz sexo com ninguém além de Caleb. Nunca. E eu sabia que esse dia chegaria, esperava que chegasse, mas nunca esperei que fosse aqui. Nas férias, na minha *lua de mel*, com um homem que não poderia ser mais diferente de mim ou do meu ex.

Talvez eu tome banho por muito tempo. Talvez tomar banho na casa dele fosse estranho também. Ou talvez eu devesse tê-lo convidado a entrar.

Eu deixo de lado todas as minhas dúvidas quando saio e me enrolo em uma toalha gigante e felpuda. Eu torço a água do meu cabelo e respiro fundo.

E então me olho no espelho.

— Oh meu Deus — eu digo e me mexo, virando para que eu possa ver minhas costas e ombros. Afasto meu longo cabelo castanho-claro para avaliar os danos. — Isso vai doer tanto.

— Eden? — A voz de Phillip vem do outro lado da porta do banheiro. — Você está bem?

— Sim, apenas um pouco queimada do sol.

— Sêrio?

— Sim. — Eu deixo cair a toalha um pouco, dando-lhe uma abertura das costas. Os contornos das alças do vestido de verão que usei hoje são claramente visíveis nas minhas omoplatas. São linhas brancas na vermelhidão ao redor.

— Tem loção pós-sol no balcão. — diz ele.

— Ah, incrível! Você não se importa?

— Não. — diz ele. Há silêncio por um longo momento — Precisa de ajuda?

Encontro meu próprio olhar castanho-escuro no espelho. Meu cabelo está molhado ao meu redor, e eu pareço rosada por causa do vapor quente do chuveiro. Meus olhos estão arregalados e animados.

— Sim. — eu digo e atravesso os azulejos cor de areia em direção à porta do banheiro. Eu o abro alguns centímetros. — Entre.

Os olhos de Phillip são cautelosos, como se ele esperasse que eu estivesse nua. Mas então eles caem nos meus ombros e se alargam. — Foda-se, Eden.

— Sim, está ruim, não é?

— Sua pobre pele.

— Devo ter perdido toda esta área esta manhã quando coloquei protetor solar. — Eu me viro e deixo a toalha cair mais nas minhas costas, segurando-a com força contra a minha frente. — Lembra quando almoçamos hoje?

— Sim. — ele murmura e pega a loção.

— Eu estava sentada de costas para o sol e estava quente, então preendi o cabelo.

— Sim. Isso vai estar frio.

— Tudo bem. Eu... oh, caramba.

Ele passa uma mão firme com o frescor pós-sol nas minhas costas, e eu deixo minha cabeça cair para frente. Minha pele está tensa e muito quente sob sua palma.

— Mmm. Pelo menos eu me diverti hoje.

Sua mão continua seu movimento de varredura suave sobre minhas omoplatas. — Eu não sabia que hoje seria o dia em que finalmente saberia quantos porcos foram lançados em Babe.

Eu sorrio na ponta dos pés. — Estou feliz por ter esclarecido para você. — eu digo. — Finalmente você é um homem educado. Como você está se sentindo?

— Nervoso — diz ele. — Há muita pressão para usar esse conhecimento com responsabilidade.

— Com grande poder, você sabe. — eu digo. Nossas conversas são banais. Às vezes sérias, muitas vezes não, e nunca previsível.

— Mm-hmm. — Sua mão desliza pelas minhas costas, seus dedos traçam ao longo da borda da toalha. Não estou queimado lá, mas sinto calor do mesmo jeito.

— Seu banheiro é muito bom.

— Oh? Bom. — diz ele. Então ele faz uma careta e se curva, e eu sinto o toque de uma mão fria na parte de trás do meu joelho. — Você está queimada aqui também.

— Eu me queimo com facilidade. — eu digo e estendo a mão para agarrar o balcão de mármore para me apoiar. Sua mão sobe pela minha perna, ao longo da minha panturrilha, na parte de trás da minha coxa, até chegar à ponta da minha toalha.

— Talvez, — ele murmura — mas você tem uma pele linda.

— Oh.

Sua mão se move para cima, apenas alguns centímetros, ao longo da parte interna da minha coxa, e minha respiração sai de mim em uma exalação aguda. Antecipação apertada meu estômago.

— Eden. — ele diz e se levanta. — Eu quero ter certeza...

Eu me viro e encontro seu olhar, e suas palavras vacilam. Olhamos um para o outro, e o grande banheiro de repente parece muito pequeno e muito quente graças ao vapor do chuveiro.

Talvez meu antigo eu não diria isso agora. Não seria tão aberto com isso. Mas meu eu de férias não tem as mesmas restrições.

— Tenho certeza. — eu sussurro. — É só que eu só dormi com uma pessoa.

Sua boca se abre. — Ah.

— Começamos a namorar quando eu estava na faculdade, sabe.

— Faz sentido. — As sobrancelhas de Phillip formam duas linhas escuras sobre seus olhos. Eu posso ver perguntas não feitas nadando neles. — A última coisa que quero é pressionar...

Eu largo a toalha antes que eu perca a coragem.

Ela cai no chão, um monte entre nossos pés, deixando-me com nada além de um bronzado desigual.

As palavras de Phillip morrem pela segunda vez. Seus olhos me absorvem, e não é a escuridão reconfortante da noite que nos cerca agora, mas os holofotes neste banheiro exclusivo.

— Foda-se, você é linda. — ele murmura, quase como se ele odiasse que isso fosse verdade, como se isso o machucasse. Ele levanta a mão e passa as pontas dos dedos pela minha clavícula, até onde o bronzado desaparece e o contorno branco da parte de cima do meu biquíni começa. Ele traça a linha na minha pele, seguindo a curva ao redor do meu peito. — É como se fossem zonas proibidas.

Sua mão roça para baixo, sobre minha barriga bronzada e para o pálido triângulo branco onde minhas nádegas me protegeram na última semana e meia. — Tão linda. — diz ele.

Ele ainda está completamente vestido, e isso pode ser o momento mais excitante que já estive na minha vida, neste momento, tendo ele me olhando com olhos ardentes.

As palavras sobem aos meus lábios. — Eu não quero que você me compare com... ninguém. Compare isso. Quero que deixemos o passado para trás, nós dois, com isso.

Seus olhos voltam aos meus. Eles brilham. — Eden, não consigo pensar em mais ninguém agora. Não consigo nem pensar no amanhã.

Eu rio, meio envergonhada e meio satisfeita.

Ele deve pensar que não acredito nele porque puxa minha mão com força contra seu corpo. Sua ereção está dura sob a palma da minha

mão e, mesmo através do tecido, ele é quente. — É verdade. — diz ele e me beija.

O beijo é faminto, mas lento ao mesmo tempo, como se ele estivesse saboreando, me saboreando.

E eu entendo o que ele quer dizer. Porque também não consigo pensar no amanhã, quanto mais nos nossos ex-namorados. Não há espaço para nada além *disso*.

Ele enche as mãos com a minha bunda e me puxa apertado contra ele, eu nua e ele totalmente vestido. Estou prestes a protestar contra esse fato quando ele me gira.

Ficamos na frente do espelho, ele atrás de mim. No reflexo, seus olhos estão aquecidos. — Olha — ele murmura, e envolve um braço em volta da minha cintura nua. — Você é incrivelmente gostosa.

Eu olho.

E eu não rio disso, não quando suas mãos roçam o entalhe na minha cintura e o alargamento dos meus quadris, ou quando ele traça o lado de fora das minhas coxas. Não há nada engraçado sobre a intensidade em seus olhos ou sua mão abrindo minhas pernas para que ele possa chegar entre elas, assim como ele fez na piscina, me tocando como se ele já conhecesse todos os meus segredos.

Eu inclino minha cabeça para trás contra seu ombro. — Você pediu o serviço de quarto?

— Hum? — ele diz, os olhos focados em nós dois no espelho. Ele está pressionando a palma da mão contra o meu clitóris.

Minha respiração acelera. — Você geralmente é tão articulado.

— Sim — diz ele.

— O que acabei de dizer?

Ele força seus olhos a encontrarem os meus. O azul escuro parece quase preto. — Eu não tenho nenhuma porra de ideia.

Eu rio, e então ele está sorrindo também, inclinando-se para beijar meu pescoço. — Era importante?

— Realmente não era.

— Bom — diz ele, e sua mão mergulha mais fundo. Seu dedo do meio empurra dentro de mim. — Porque tenho trabalho a fazer.

— E você realmente gosta do seu trabalho.

— Isso mesmo. — diz ele. Sua mão circula e se separa e acelera enquanto nós dois assistimos. Talvez seja a observação, ou o fato de estar tão claro aqui, ou a sensação forte de seu braço em volta da minha cintura e sua mão livre segurando meu peito, mas estou no limite mais rápido do que esperava.

Eu me mexo contra sua mão. — Por que você ainda está vestindo suas roupas? — Eu pergunto, a necessidade dentro de mim crescendo. — Isto é como da última vez... eu... preciso...

Seu braço em volta de mim aperta, e eu posso vê-lo flexionar no espelho. Seu cabelo escuro é uma sombra no meu pescoço enquanto ele me beija. — Fique quieta — diz ele.

— Ok. Mas eu estou... ah.

A respiração inquieta, o prazer-dor, tudo isso se transforma em um orgasmo. Eu gozo em torno de sua mão, e minhas pernas ameaçam ceder, ou talvez isso aconteça, mas ele me apóia em tudo. E quando acaba, sinto-o duro contra minha bunda, e sei que isso não vai ser uma repetição da piscina.

De novo não.

Eu me viro em seus braços e o beijo, minhas mãos se movem entre nossos corpos para fazer um trabalho rápido em sua camisa. Sua pele é quente ao toque, os pelos de seu peito são um arranhão suave contra meus dedos.

— Eden. — ele murmura com um gemido quando encontro o botão de seu short.

— Você não me deixou da última vez.

— Eu não tinha camisinha da última vez. — ele diz e olha para baixo entre nossos corpos.

A palavra pisca em meu cérebro. *Preservativo*. — Oh. Eu nem pensei nisso.

— Não, eu notei. — diz ele. — Mas paramos em um minimercado hoje.

— Foi isso que você comprou? Achei que você precisava de um novo carregador de telefone.

— Bem, eu precisava disso também — diz ele. — *Eden*.

Eu puxo o zíper para baixo, indo dolorosamente devagar. Precisa haver vingança por todas as provocações que ele fez. A protuberância sob a minha mão é grande, crescendo a cada centímetro aberto.

O som agudo e alto de uma campainha soa.

Phillip respira com dificuldade. — Droga.

— O que é?

— Serviço de quarto. — Ele dá um passo para trás, o rosto desenhado em linhas de dor, e puxa o zíper de volta. — Fique aqui.

— Sim.

Ele fecha a porta do banheiro atrás de si, e então ouço um alto *foda-se, cadê minha carteira?*

Cinco minutos depois, o atendente do hotel foi embora, sem saber de nada, e o cheiro de batatas fritas frescas se espalha pelo bangalô.

Phillip tranca a porta da frente e atravessa a sala até mim. — Eu pensei que tinha dito para você ficar no banheiro.

— Você fez. — eu digo e caminho para trás em direção ao quarto. — Mas não gosto de fazer o que me mandam.

Ele envolve seus braços em volta de mim, me beijando, suas mãos vagando pelo meu corpo. A suavidade de quando ele passou loção pós-sol em mim se foi.

Empurro seu short, impaciente com o zíper, e ele me ajuda a abaixar o short. Seu pau salta livre, e eu o alcanço, envolvendo minha mão em torno dele.

Se eu pensava que ele estava quente antes, ele está queimando agora.

A respiração de Phillip prende quando eu acaricio, desajeitadamente e em um ângulo estranho, mas ele não parece se importar.

— Eu quero provar você. — eu digo. Eu quero dizer isso também. Cada parte deste homem é esculpida e bonita. Eu me sinto embriagada com meu orgasmo na frente do espelho e poderosa, parada aqui com sua excitação na minha mão.

Mas ele me interrompe enquanto desço por seu corpo. — Eden. — diz ele asperamente. — Eu realmente quero isso, confie em mim. Mas estou muito excitado para isso agora.

Oh.

Suas palavras espalharam calor através de mim, e me pergunto se já fui tão desejada antes.

Ele me beija profundamente e desaparece por um segundo para pegar as camisinhas que comprou. Eu traço meus dedos ao longo de meus lábios e me maravilho com a sensação de dor dentro de mim. Eu preciso dele. Mal posso esperar pela sensação de ser preenchida.

Phillip retorna e enrola a camisinha com uma das mãos. Meu estômago se contrai com a visão, e os nervos que surgiram desaparecem em um piscar de olhos, chamuscados pelo calor em seus olhos.

Eu rastejo para trás na cama, apoiando-me nos cotovelos.

— Não — diz ele. — Suas costas. Vai te machucar.

— Oh. Eu consigo...

Ele agarra meus quadris e nos vira, me puxando para cima dele. Minhas coxas caem montadas sobre ele, e estou sentada bem ali, acima do grosso comprimento de seu pau. Quando olho para baixo, ele se contrai contra seu abdômen.

— Eden. — ele murmura, suas mãos cravando em meus quadris. Ele me levanta e os músculos de seus braços flexionam. — Eu preciso te foder agora.

Deus, eu preciso disso também.

Eu apoio minhas mãos em seu peito e inclino meus quadris para a posição. Ele agarra seu pau e nos alinha, bem no meu centro.

Estar por cima nunca foi minha posição favorita. Gostava, mas Caleb reclamava que estava muito devagar. Eu penso sobre isso agora, sobre como eu preciso acelerar meu ritmo, mas então eu estou afundando em Phillip, e não consigo pensar em nada.

Seus olhos estão fixos em meu corpo, no lugar onde ele está desaparecendo centímetro a centímetro dentro de mim.

O alongamento é total, e dou um suspiro de alívio quando finalmente desço, absorvendo tudo dele.

Seu rosto está marcado por linhas de prazer e dor. As mãos trancadas em meus quadris aumentam seu aperto, seus polegares cravam na cavidade acima dos meus quadris.

— Deus, você está gostando. — ele murmura.

Eu rolo meus quadris, testando os limites. Ele geme, então eu faço de novo, e de novo, balançando meus quadris contra ele em um ritmo lento, mas constante. Isso atíça o fogo por dentro, e não posso acreditar, mas talvez eu consiga gozar novamente.

Isso nunca aconteceu antes.

Eu olho para ele, esticado embaixo de mim – torso longo, ombros largos e pele bronzeada. Sua mandíbula está tensa e seus olhos estão fixos nos meus.

Ele não parece precisar de mim para acelerar. Ele parece estar curtindo cada momento.

As mãos de Phillip deslizam sobre meu corpo. Minhas coxas, meus quadris, meus braços. Ele segura meus seios e provoca os mamilos, sua respiração audível.

E quando sua mão retorna entre minhas pernas, esfregando círculos? Meus quadris gaguejam em seu movimento e depois vacilam completamente; meu corpo se fixou no prazer que irradiava de seu toque.

— Goze. — diz ele. — É isso, deixe-me sentir, como você goza - oh meu Deus.

Eu gozo e meus quadris perdem todo o ritmo. Meus dedos se transformam em garras em seu peito, e não consigo respirar, não consigo me concentrar, não consigo pensar.

Seus braços são um aperto de ferro na parte inferior das minhas costas. Ele está respirando rápido, e há algo desenfreado em seu corpo sob o meu, como se ele estivesse a um passo de perder o controle.

— Phillip?

— Mmm — diz ele asperamente. — Foda-se, estou perto. Você estava me apertando com tanta força.

— Eu estava?

— Sim.

— Vire-me então. — eu digo. — Se você quiser, você sabe. Vá com força.

Seus dedos acariciam minhas costas queimadas, surpreendentemente suaves em comparação com o aperto firme que

sua mão direita tem em minha coxa. — Não esta noite — diz ele. — Fique assim. Segure-se em meus ombros... é isso.

Suas mãos deslizam pelo meu corpo até que agarram minha bunda. Ele me inclina para frente, e então ele está empurrando para dentro de mim por baixo. É repentino e poderoso, e eu caio em cima dele, minha testa apoiada em seu peito.

Ele me fode assim, com o calor de seu corpo contra o meu e minhas pernas abertas de cada lado dele, e seus gemidos em meu ouvido.

É a coisa mais quente que já experimentei.

— Diga-me quando você estiver perto. — eu digo contra seu pescoço. Quero ouvir quando acontecer, para saborear.

Sua voz é áspera em meu ouvido. — Estou perto agora. *Tão fodidamente* perto.

— Sim?

— Sim. Deus, você me aceita tão bem.

Minha expiração se transforma em um estremecimento. Não consigo gozar pela terceira vez, mas mesmo assim meu corpo exausto faz um grande esforço. Em vez disso, eu cravo minhas unhas em seus ombros.

Este é o meu eu, eu de férias, e não tenho inibições. Elas estavam atrasadas em Pinecrest, despachadas no portão e nunca foram recolhidas na esteira de bagagens.

— Eu quero sentir você quando você gozar. — eu digo. Estou excitada demais para ficar envergonhada. Conversa suja é novidade para mim.

— Você vai. — ele resmunga e levanta a mão para dar um tapa na minha bunda. Seus quadris estremecem, suas estocadas ainda poderosas, mas irregulares, e então ele goza. Seu corpo fica apertado sob o meu, seus braços quase esmagando enquanto ele me segura perto. Seu gemido é um som quebrado e áspero em meu ouvido, e posso senti-lo pulsando bem no fundo.

Levamos muito tempo para nós dois voltarmos à terra depois disso.

Ele finalmente inclina meus quadris para cima e sai de mim, e eu me deito de bruços em sua cama.

Eu o vejo se levantar e jogar fora a camisinha. Ele se move com confiança pelo quarto. Estar nu não parece incomodá-lo.

— Você está pegando nossa comida? — Eu pergunto.

— Sim. Quer sua bebida?

— Sim, por favor. — Pego um travesseiro para descansar minha cabeça. Meu corpo parece derretido e meu cabelo é um peso úmido em meus ombros e costas queimadas.

Phillip retorna. Ele vestiu um short e agora está colocando a bandeja no meio da cama. Seu cabelo está despenteado e há uma cor forte manchando suas maçãs do rosto.

Seus olhos dançam enquanto viajam sobre meu corpo nu. — Ei — diz ele.

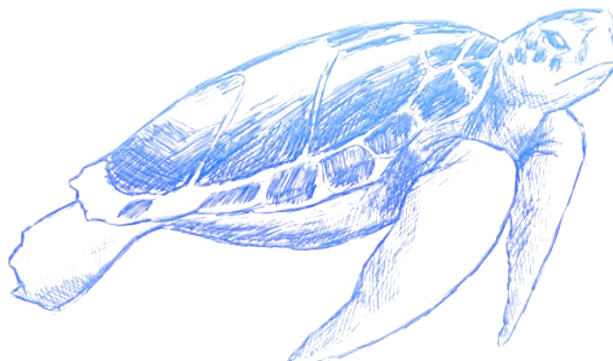
Estendo a mão e pego uma batata frita. Ainda é crocante, mesmo que não esteja mais quente. — Oi — eu digo. — Então... não era um saca-rolhas.

Ele olha para mim por um momento surpreso antes de cair na gargalhada.

É o melhor som que já ouvi.

CAPÍTULO VINTE E UM – PARTE DOIS

PHILLIP



Tomo um longo gole da minha bebida e tento não pensar na porta fechada do banheiro do meu bangalô. Ou a mulher que está lá dentro, que acabou de tomar banho.

É impossível não.

Eu giro o copo na minha mão e luto contra o desejo correndo por mim. Está lá há dias. Uma corrente de baixo nível sob minha pele, como eletricidade, impossível de ignorar. Mas agora aumentou um pouco. Como se soubesse que ela está aqui, e pior, nua.

— Oh meu Deus.

As palavras vêm com espanto do banheiro, e com algo que soa como horror. Não é uma afirmação positiva.

— Isso vai doer tanto.

Eu estou de pé e fora do sofá imediatamente. — Eden? — Eu pergunto através da porta. — Você está bem?

— Sim, apenas um pouco queimada do sol.

— Sério?

— Sim — diz ela.

— Tem loção pós-sol no balcão.

Há um breve silêncio. — Ah, incrível! Você não se importa se eu usar um pouco?

— Não. — Fecho os olhos e tento não visualizar. *Visualizá-la*. É uma batalha perdida. — Precisa de ajuda?

O silêncio que me recebe é absoluto. Lamento as palavras, mas não pude deixar de perguntar. Não oferecer.

Mas a resposta vem e envia uma onda de excitação através de mim.

— Sim — ela diz. — Entre.

A porta do banheiro se abre alguns centímetros e lá está ela. Sua pele está rosada e corada, seus olhos quentes e seu cabelo molhado em volta dos ombros. Seus ombros nus. A toalha enrolada em volta dela cria um contraste branco e gritante contra a vermelhidão de sua pele.

Há linhas nítidas bronzeadas formando uma regata imaginária em sua pele. Ela está de pé ao lado e posso ver como a vermelhidão continua em suas costas.

— Foda-se, Eden...

— Sim, está ruim, não é?

— Sua pobre pele — eu digo. Parece doloroso.

— Devo ter perdido toda essa área quando coloquei protetor solar esta manhã. — Ela se vira e deixa a toalha cair ainda mais em suas costas, revelando mais de sua pele lisa e queimada aos meus olhos. — Lembra quando almoçamos hoje?

— Sim — murmuro. Eu pego a loção pós-sol e me concentro em espremer uma grande quantidade na minha mão.

— Eu estava sentada de costas para o sol e estava quente, então preendi meu cabelo.

— Sim. Isso vai estar frio — eu aviso.

— Tudo bem. Eu... oh, caramba.

Eu corro a mão sobre sua pele. É quente ao toque, aquecida pelo sol e macia. Sua cabeça cai para frente e um suspiro suave escapa dela. O ar está inebriante com o vapor do chuveiro e umedece minha pele.

— Mmm. Pelo menos eu me diverti hoje. — ela diz suavemente.

Minha mão desce por suas omoplatas. — Eu não sabia que hoje seria o dia em que finalmente saberia quantos porcos foram lançados em Babe.

— Estou feliz por ter esclarecido para você — diz ela. — Finalmente você é um homem educado. Como você está se sentindo?

Há um sorriso em sua voz. Muitas vezes há, e eu adoro quando ela me provoca assim. A maneira como nossa conversa sempre flui.

— Nervoso. Há muita pressão para usar esse conhecimento com responsabilidade.

— Com grande poder, você sabe... — diz ela.

— Mm-hmm. — É difícil acompanhar a conversa. Meus dedos traçam ao longo de suas costas, através de um punhado de sardas. A borda de sua toalha está apenas um centímetro abaixo dos meus dedos. Escondendo o resto dela de vista, ainda mais pele nua e curvas suaves.

— Seu banheiro é muito bom.

— Oh? Bom. — Meu olhar cai para baixo, para onde sua toalha termina em suas coxas. Curvas suaves e proximidade tentadora e, em seguida, vermelhidão acentuada, também. Eu me viro e me curvo para correr loção na parte de trás de seus joelhos. — Você está queimada aqui também.

— Eu me queimo com facilidade.

Eu acaricio sua perna, ao longo da panturrilha. Até a parte de trás de sua coxa. Sua pele é como seda e parece impossível respirar no pequeno espaço do banheiro, com ela tão perto e seu corpo a centímetros do meu. Meus dedos deslizam para cima até encontrar a borda de algodão de sua toalha novamente.

— Talvez, — murmuro — mas você tem uma pele linda.

— Oh.

Eu não posso parar. Meus dedos deslizam sob a borda da toalha e sobem pela parte interna de sua coxa, e então a ouço exalar bruscamente.

Eu retiro minha mão. Porra.

— Eden. — eu digo e me levanto. — Eu quero ter certeza...

Ela se vira e há calor em seus olhos. Calor, antecipação e nervosismo e não é um não. Olhamos um para o outro, e o mundo se aguça neste momento e neste momento sozinho.

Acho que nunca desejei tanto alguém. É uma batida forte em minhas veias. *Eden, Eden, Eden.*

— Tenho certeza. — diz ela. — É só que eu só dormi com uma pessoa.

Tudo faz sentido. — Ah.

Não há como apressá-la. Prefiro morrer a fazer isso e, ao mesmo tempo, acho que posso morrer se não conseguir tocá-la novamente. Beijá-la. Segurá-la.

— Começamos a namorar quando eu estava na faculdade, sabe.

— Faz sentido — eu digo. Sim. Claro que sim. Isso se encaixa em minha compreensão de seu caráter, sua seriedade, sua sinceridade - sem fingimento, sem fachada - e isso me faz desejá-la ainda mais. A honestidade. Pressioná-la me mataria. Preciso ter certeza de que ela sabe disso.

— A última coisa que quero é pressionar...

Mas ela deixa cair a toalha e o resto da minha frase morre. O tecido cai entre nossos pés e não consigo desviar o olhar, não consigo respirar, não consigo pensar. É toda ela em exibição na iluminação suave do meu banheiro.

Toda ela.

Os longos cabelos castanhos de Eden, mais escuros agora que estão molhados, caem sobre os ombros e dançam no topo de seus seios. Eles são macios e arredondados, um apoio de mão perfeito, com mamilos rosados.

Eu estou duro. Acontece em um instante, o sangue corre para o baixo, tão rapidamente que me deixa tonto.

— Foda-se, você é linda. — murmuro. É quase doloroso quanto, como um golpe no estômago, no peito. Como olhar para o sol por muito tempo, mas ser incapaz de desviar o olhar. Sua barriga é suavemente arredondada, sua cintura recuada e quadris largos, e meus olhos queimam com o que está entre suas pernas. A pele delicada entre suas pernas e as ideias indecentes, obscenas e luxuriosas que martelam meu corpo ao vê-las.

Deus, se ela soubesse o quanto dói, querer alguém do jeito que eu a quero agora. Quero fazê-la se sentir bem e suar e suspirar e respirar pesadamente, senti-la contra mim, senti-la *ao meu redor*, e em meus shorts o peso do meu pau dói, lutando contra o zíper.

Eu tenho que tocá-la.

Eu traço um dedo ao longo de sua clavícula, e até onde o sol e a alça de seu biquíni deixaram uma linha em sua pele. Traço a linha até onde o bronzeado desaparece inteiramente em um contorno justo da parte de cima do biquíni. É como se ela estivesse de sutiã, destacando as mamas, mesmo estando nua. É a coisa mais quente que eu já vi.

Eu traço a linha do bronzeado em torno de seu peito. É succulento, grande e não consigo desviar o olhar. — É como se fossem zonas proibidas.

Ela suspira. É aquele som, aquele som suave, gostoso, que faz tudo dar certo no mundo. Eu quero ouvi-lo novamente.

Eu passo minha mão por sua barriga bronzeada e para onde ela está usando a parte de baixo do biquíni invisível, a pele pálida onde foi protegida do sol. Meus dedos traçam ao longo de seu osso do quadril e não consigo desviar o olhar de sua nudez, de sua bela aparência. — Tão linda.

Ela toma outra respiração suave. — Eu não quero que você me compare com... ninguém. Compare isso. Quero que deixemos o passado para trás, nós dois, com isso.

É difícil desviar meus olhos para encontrar os dela, mas é ainda mais difícil compreender o que ela está dizendo. Ela está preocupada com...? *O que?* A ideia de pensar em outra pessoa agora parece risível, quando ela é tudo. É importante que ela saiba disso. Saiba o quanto ela me excita, como estou dolorosamente duro pra caralho, e como tudo isso, tudo isso, é só para ela.

— Eden, não consigo pensar em mais ninguém agora. Não consigo nem pensar no amanhã.

Ela ri e dá de ombros um pouco, como se realmente não acreditasse em mim. Parece um crime para esta mulher linda e sincera duvidar de si mesma.

Pego a mão dela e a puxo contra meu pau. Está forçando contra o tecido do meu short e por uma fração de segundo, enquanto sua mão pressiona contra ele, minha visão escurece nas bordas. Porra. Má ideia... mas também uma ideia fantástica. Eu quero as mãos dela em todos os lugares. Eu quero vê-la me acariciar.

— É verdade. — eu digo, e a puxo para perto para que eu possa beijá-la novamente. É quase uma compulsão neste momento tocá-la. Eu diminuo a velocidade e me certifico de prová-la adequadamente, saboreá-la do jeito que eu queria, e a conversa que acabamos de ter

sangra fora de mim como tinta em uma página molhada. Não há nada além dela.

Eu deslizo minhas mãos para baixo e seguro sua bunda redonda. As curvas são deliciosas em meu aperto e eu puxo, puxando-a nua contra mim. Deus, ela é tão gostosa. Ela parece perfeita, ela tem um gosto bom, ela é tão...

Parece a tarefa mais importante que já recebi, deixar claro que ela sabe disso.

Eu a viro, de costas para a minha frente. O espelho acima da pia é grande e a vista que ele reflete é gloriosa. Suas bochechas rosadas e cabelos molhados, as curvas de seu corpo, os seios cheios, os quadris e a extensão de pele macia.

— Olha. — eu digo a ela, envolvendo meu braço em volta da cintura. — Você é incrivelmente gostosa.

Ela olha. Eu observo seu olhar, então deixo minhas mãos traçarem a forma de seu corpo para destacá-la. O recuo em sua cintura e o alargamento de seus quadris, e até as coxas cheias. Gloriosa. Deliciosa. Linda. Tão, tão bonita. Os adjetivos flutuam pelo meu cérebro, meio formados, perdidos no torpor em que ela me colocou.

Eu a observo no espelho enquanto empurro a parte interna de sua coxa, e ela amplia sua postura para mim. Sua boca está aberta e seus olhos estão fixos nos meus. *Preste atenção nisso*, penso, e deslizo minha mão para baixo entre as pernas dela. Sua pele é lisa e se abre facilmente para meus dedos.

Ela inclina a cabeça para trás contra o meu ombro. — Você pediu serviço de quarto?

— Hum? — Meus olhos estão fixos em nós no espelho, e eu pressiono a palma da minha mão contra seu clitóris. Eu quero que ela se sinta tão bem quanto eu. Eu quero que ela se sinta *melhor*.

— Você geralmente é tão articulado.

— Sim. — Meu dedo médio acaricia ao longo de sua fenda, e encontro uma umidade sedosa. O mundo inteiro se reduz a essa única descoberta.

— O que acabei de dizer? — Eden pergunta. Sua voz está ofegante, e eu arrasto meus olhos para longe da minha mão segurando-a.

— Eu não tenho nenhuma porra de ideia.

Ela ri. O som é doce e eu sorrio, inclinando-me para beijar seu pescoço. — Era importante?

— Realmente não era.

— Bom. — Eu enrolo meu dedo médio e deslizo dentro de seu calor. Ela está apertada em volta do meu dedo. — Porque tenho trabalho a fazer.

— E você realmente gosta do seu trabalho.

Esta garota.

— Isso mesmo — eu digo. Eu a toco e observo no espelho enquanto faço isso, observo sua respiração acelerar e o rosado se espalhar por seu peito e pescoço. Está quente demais. Especialmente quando deslizo minha mão livre para cima e agarro um de seus seios. Cabe na minha mão perfeitamente, macio e pesado, com o mamilo rosa aparecendo entre meus dedos.

Ela é muito mais que linda. Transcendente. A necessidade de estar dentro dela é um latejar surdo em meus membros, centrado em meu pau, e sou grato pelo aperto do zíper. Está me mantendo na linha.

A respiração de Eden está rápida agora. Eu acelero o movimento dos meus dedos, e ela se contorce contra o meu aperto forte. — Por que você ainda está vestindo suas roupas? Isso é como da última vez... eu... preciso...

Eu aperto meu braço para mantê-la quieta. Ela está perto, eu posso sentir isso, e eu mudo meus dedos para circular em torno de seu clitóris.

— Fique quieta — eu digo.

— Ok. Mas eu estou... ah.

Sua respiração trava e então ela goza. Posso sentir isso contra meus dedos, a vibração do prazer, e observo no espelho como seu rosto se contrai de prazer. Seus olhos se fecham e sua boca se abre em um o e sua respiração se encurta com um gemido.

Eu a seguro com força para garantir que ela não caia e, apesar de tudo, estou maravilhado com o que posso ver e sentir. Porra, é tudo. Tudo. Assim que sua respiração parar, quero fazer de novo. Fazer ela sentir e parecer assim.

Ela se vira em meus braços e então ela está me beijando, quente e insistente. Meus últimos pensamentos se dissipam, como nuvens finas afastadas por um vento forte. Ela é a única coisa real, me beijando assim.

As mãos de Eden arrancam minha camisa, e então ela passa os dedos e as unhas pelo meu peito. Isso envia um arrepio de puro calor pelo meu corpo e posso sentir meu pau pulsar.

Foda-se... mas também foda-se sim. Eu nunca estive tão nervoso antes, tão perto de gozar, e ela nem sequer me tocou ainda.

Seus dedos pousam no botão do meu short. — Eden — murmuro. Não sei se é uma oração para continuar ou para parar. Não pare. Assim não. Se eu não gozar nos próximos vinte minutos, acho que posso morrer.

— Você não me deixou da última vez. — diz ela com uma expiração suave.

Não, eu não deixei. Porque eu não tinha camisinha comigo então, e porque ela estava confiante e nervosa. Apressá-la tinha sido a última coisa em minha mente.

— Eu não tinha camisinha da última vez. — eu digo.

Seus olhos se arregalam. É uma expressão adorável. — Oh. Eu nem pensei nisso.

— Não, eu notei. — eu digo. É difícil não sorrir. — Mas paramos em um minimercado hoje.

— Foi isso que você comprou? Achei que você precisava de um novo carregador de telefone.

— Bem, eu precisava disso também. — eu digo. Mas há uma coisa que preciso agora, e é muito mais urgente. — *Eden*.

Seus lábios se curvam em um sorriso e ela puxa meu zíper para baixo. Ela vai devagar, muito devagar, e eu forço uma respiração enquanto meu pau se expande ainda mais com o espaço livre disponível.

Finalmente.

O som agudo da campainha toca.

Eu tomo uma respiração irregular. — Droga.

— O que é?

— Serviço de quarto. — A campainha é familiar. Serviço de quarto, arrumação, tudo isso. Mas é tão indesejável agora. Eu dou um passo para trás dela, de suas mãos maravilhosas, e forço meu zíper de volta. A dor, física e real, me perfura.

— Fique aqui. — eu digo. Onde ela pode estar nua, rosada e maravilhosa. Fecho a porta do banheiro atrás de mim e percebo que preciso da minha carteira para dar uma gorjeta ao funcionário do hotel. Merda.

Eu a encontro no meu quarto e abro a porta. O atendente do hotel carrega um carrinho e o cheiro de batata frita e comida quente sobe dos pratos cobertos. Ele revela a comida com um toque dramático, e eu aceno, contando os segundos até ele sair. Entrego a ele uma nota de vinte e a porta se fecha atrás dele.

Estou com fome, sim, mas nunca quis menos comida.

Eu me viro para encontrar Eden de pé no meu quarto. Ela ainda está totalmente nua, suas curvas suaves iluminadas pela iluminação. Seu cabelo cai em uma cortina úmida e escura, e ela olha para mim com olhos calorosos.

Eu atravesso a distância até ela. Ela é um ímã, uma luz no escuro. — Eu pensei que tinha dito para você ficar no banheiro.

Ela caminha para trás em direção à cama, um sorriso brincando em seus lábios. — Você fez. Mas não gosto de fazer o que me mandam.

Eu a tomo em meus braços. Ela é tão gostosa, e está bem aqui, e eu a beijo novamente. Ela tem um gosto limpo e quente e responde lindamente, totalmente comigo. Eu corro minhas mãos pela pele de seus quadris, bunda e coxas e Jesus, que mulher.

Suas mãos empurram meu short e desta vez eu a ajudo a empurrá-lo para baixo. Não há provocação lenta desta vez, e graças a Deus por isso, porque eu não aguentaria mais uma vez. Meu pau finalmente sai de sua prisão e eu suspiro de alívio com a sensação. Sua mão está lá no próximo segundo, os dedos apertando em volta do meu pau.

É o paraíso. Não é o suficiente. É tudo.

Ela começa a acariciar e a fricção me faz perder o fôlego. Merda. Eu não posso lidar com isso, não se eu vou fazer isso dentro dela, e eu realmente tenho que fazer isso. Eu preciso.

— Eu quero provar você. — diz ela.

Eu olho para seus dedos finos em volta do meu pau. Parece quase obsceno em comparação, a cabeça vermelha-arroxeadada e pingando, e imagino Eden de joelhos e seus lábios esticados ao meu redor.

Apenas a imagem faz minhas bolas apertarem.

— Eden — eu digo. — Eu realmente quero isso, confie em mim. Mas estou muito excitado para isso agora.

Eu a beijo novamente e então dou um passo para trás, tirando sua mão novamente, mas só para pegar as camisinhas. Elas não estão longe e eu volto para a cama após vestir uma. Meus dedos são rápidos no meu pau e acho que nunca fiz isso tão rápido quanto agora. Tudo parece uma corrida contra o tempo, até que eu bata na borda e caia sobre ela, gozando sem dar a ela outro orgasmo primeiro. E isso seria uma pena.

Eden se senta na cama e se move para trás, apoiando-se nos cotovelos. É uma bela vista. Esplêndida. Erótica como o inferno.

Dou um passo à frente, pronto para abrir suas coxas e...

— Não. — eu digo, percebendo. Ela está queimada do sol. — Suas costas. Vai te machucar.

Eu alcanço seus quadris e nos viro, puxando-a para cima de mim. Suas coxas se acomodam em ambos os lados dos meus quadris e seu cabelo cai em uma cortina acima de mim.

Desse ângulo, os peitos dela são tudo. Mamilos suavemente curvados e rosados implorando por meus lábios ou meus dedos. Meus olhos se fixam neles para não olhar para baixo, para onde ela está. Sentada em cima do meu pau. Está pousado contra o meu abdômen e o calor de seu núcleo está apenas alguns centímetros acima dele.

Se eu olhar para baixo, vou perdê-lo.

— Eden — murmuro e agarro seus quadris. — Eu preciso te foder agora.

Ela coloca as palmas das mãos no meu peito e inclina os quadris para cima. É a única deixa de que preciso. Eu agarro meu pau e corro ao longo de seus lábios, para frente e para trás, para frente e para trás, antes de pará-lo em sua entrada. O calor, mesmo assim, parece uma fornalha. É preciso cada centímetro de autocontrole para não empurrar meus quadris para cima e me enterrar até o fim.

Eden afunda. Eu olho para onde estou desaparecendo dentro dela, centímetro por centímetro. Ela é um torno quente em volta do meu pau, sensações me dominando, e eu mal consigo respirar. Qualquer movimento e eu posso explodir.

Ela se acomoda totalmente, esticada ao meu redor, e posso ver o volume de seu clitóris piscando para mim. Eu quero circulá-lo. Eu quero

que ela se mova. Eu quero tocá-la. Mas não ousa, ainda não. Não até que eu tenha o prazer correndo pelo meu corpo sob controle.

Em seus quadris, minhas mãos apertam. — Deus, você está gostando. — murmuro.

É o eufemismo do século, mas as palavras estão além de mim no momento.

Ela mexe os quadris. O movimento me faz gemer. Porra. Ela faz isso de novo e de novo, e a fricção ao longo do meu pau desencadeia pulsos de prazer em minhas coxas, coluna e estômago. É bom que ela não esteja indo mais rápido, ou eu não duraria nada.

Eu finalmente deixei minhas mãos vagarem por seu corpo. Suas coxas esticadas em ambos os lados de mim. Seus quadris e cintura macios e a plenitude de seus seios, balançando no ritmo de seus movimentos. Eu provooco um de seus mamilos e olho para seu rosto, seus olhos, me olhando de volta. É magnífico esse caos que estamos criando.

Eu alcanço entre suas coxas e seu clitóris inchado, usando meu polegar para esfregá-lo. Seus movimentos vacilam e depois recomeçam, mas sua respiração acelerou. Ela pode gozar de novo? Deus, eu espero que sim. Seria incrível sentir isso estando dentro dela. Eu posso não ser capaz de me impedir de derramar se isso acontecer.

— Goze. — eu insisto com ela, observando seus olhos vidrados. — É isso, deixe-me sentir, como você goza - oh meu Deus.

Ela goza.

E eu sinto isso.

Suas mãos se transformam em garras no meu peito, sua respiração em um gemido, e ao redor do meu pau ela está me apertando em ritmos erráticos. Ela cai contra o meu peito e eu a seguro com força contra mim, fechando os olhos e me concentrando em não gozar. *Ainda não, ainda não, ainda não.*

Seus gemidos se transformam em respirações rápidas. — Phillip?

— Mmm — eu digo. Minha voz está rouca. Ainda não estou totalmente recuperado. — Foda-se, estou perto. Você estava me apertando com tanta força.

— Eu estava?

— Sim.

— Vire-me então — diz ela. Sua voz está em meu ouvido, a oferta genuína e calorosa e de alguma forma mais sensual por causa disso. — Se você quiser, você sabe. Vá com força.

Força. Cada átomo do meu corpo quer. Fodê-la no colchão, ter suas unhas nas minhas costas, gozar dentro dela. Mas ela queimou as costas. E há outras maneiras.

Eu deslizo meus dedos timidamente sobre a pele na parte superior de suas costas. — Não esta noite — eu digo a ela. — Fique assim. Segure-se em meus ombros... é isso.

Ela faz o que eu peço, e uma vez que ela aperta forte o suficiente, eu me abaixo para pegar sua bunda em minhas mãos. Eu a levanto para frente e para cima, me dando espaço para trabalhar embaixo. Eu apoio meus pés contra o colchão e empurro para cima e para dentro dela, fazendo todo o trabalho.

O primeiro movimento dos meus quadris me envia profundamente. Eu faço isso de novo e de novo, e ela cai em cima de mim. Sua testa repousa contra meu ombro e posso ouvir os gemidos baixinhos escapando dela a cada estocada.

Não consigo pensar além disso. Meu corpo se move por instinto, e com a doçura de seu calor ao meu redor não vai demorar. Não pode demorar, não agora, não depois de tudo. Talvez na próxima vez. Tem que haver uma próxima vez. Agora que tive Eden, nada será tão bom.

Sua voz é quente contra o meu pescoço. — Diga-me quando você estiver perto.

Ela quer saber? Meus quadris estão se movendo rápido e posso sentir o peso em minhas bolas. Elas estão apertadas contra o meu corpo em preparação. — Estou perto agora. Tão *fodidamente* perto.

— Sim?

— Sim. — Ela está incrível. Elétrica. Uma bainha ao redor do meu pau, fricção correndo por mim a cada estocada. — Deus, você me aceita tão bem.

Ela estremece contra mim. — Eu quero sentir você quando você gozar.

— Você vai — murmuro. O prazer cruza o limiar da dor e sinto um formigamento revelador na base da minha espinha. Minha mente fica em branco e meus quadris ficam erráticos, empurrando nela mais

fundo e mais forte do que antes, e então eu entro em erupção. Prazer explode através de mim com cada empurrão e eu gemo em seu cabelo.

Porra do inferno.

Fecho os olhos e meus quadris se movem no piloto automático, dando mais algumas estocadas antes de cair imóvel na cama. Eu ainda estou enterrado lá no fundo, seu corpo é um peso quente e macio em cima de mim.

Eu nunca quero ir embora. Nunca quero que ela vá embora. E eu definitivamente não quero desistir. Mas depois de alguns longos e gloriosos segundos, sei que preciso. Então inclino seus quadris para cima e saio de debaixo dela, segurando a camisinha para mantê-la no lugar.

Me mata não a puxar em meus braços e ficar ali, mas eu consigo. Rolo para fora da cama e vou para o banheiro, onde amarro a camisinha e jogo no lixo.

— Você está pegando nossa comida? — ela pergunta.

— Sim. Quer sua bebida?

— Sim, por favor.

Eu paro na minha mala aberta e coloco um short antes de ir para a sala de estar. A comida está onde o atendente a deixou, provavelmente morna agora. Aposto que continua deliciosa.

Quando volto com a bandeja, Eden está deitada de bruços na cama do hotel, ainda nua. Ela tem um travesseiro sob as mãos cruzadas e um sorriso largo no rosto.

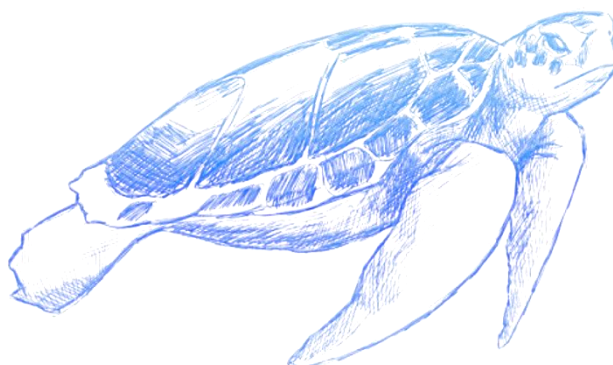
Não posso deixar de sorrir de volta. — Ei.

Ela estende a mão e pega uma batata frita. — Oi — diz ela. — Então... não era um saca-rolhas.

Levo uma fração de segundo para entender, e então o riso toma conta de mim. Claro que ela diria isso. Ela diz tudo e qualquer coisa, e tudo isso é surpreendente para mim. Refrescante.

A ilha é nova para mim, mas ela é a maior novidade de toda a viagem... e desconfio que, quando acabar, ela será a única lembrança que quero guardar.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



Ajoelho-me na espreguiçadeira e descanso a cabeça neles, olhando para Phillip. Ele está lendo no meu telefone. Há uma carranca entre suas sobrancelhas.

Eu sinto como se tivesse pulado do fundo do poço.

Ele faz um som de zumbido e seu polegar move-se enquanto ele percorre o contrato. Seu guarda-sol lança uma sombra sobre nós dois, e isso é bom porque o sol do meio-dia está escaldante.

— Tudo bem. — diz ele. — Portanto, a cláusula de royalties parece bastante padrão, mas não sou especialista no campo editorial.

— Certo.

— A cláusula de direitos, porém... Eles possuem os direitos em perpetuidade. Não há limite de tempo definido para renegociação.

Eu suspiro. — Sim, eles fazem. Isso é bem complexo, certo?

Ele acena com a cabeça, e o último pinga de esperança que eu tinha em mostrar a ele o contrato para *One Fatal Step* se desvanece.

Phillip olha para mim. — Mas, e isso não é um conselho legal, você provavelmente poderia comprar de volta os direitos autorais.

— Eu posso?

— Sim. Você sabe quanto o livro está vendendo agora?

Levo um segundo para responder. — Praticamente nada. Não recuperou o adiantamento.

— Tudo bem — diz ele. — Bem, então você pode fazer uma oferta a eles. Algo que eles não podem recusar. Digamos que você se ofereça

para pagar metade do seu adiantamento em troca de recuperar os direitos.

— Metade do adiantamento?

— Como uma oferta de abertura — diz ele. A barba em seu rosto está mais espessa agora, e seu cabelo não está penteado para trás como estava no primeiro dia em que o conheci.

Parece que está de férias.

— Você sempre pode aumentar a oferta mais tarde. — continua ele. — Se você quer os direitos de volta, tenho certeza de que há algo que você pode fazer. Só não os deixe com a impressão de que você está com fome. Isso lhes dará uma vantagem.

— Certo. — Eu cravo meus dentes em meu lábio inferior e considero minhas próximas palavras. Não é algo que eu tenha falado em voz alta. — Eu posso decidir tentar novamente... em algum momento.

— Publicar?

— Tipo isso. — Essa foi a parte que Caleb nunca entendeu, e Becky queria, mas o conselho dela era sempre *fazer o que te faz feliz*, e não tenho certeza se isso vai. Eu poderia falhar novamente. — Não através de uma editora. Tenho lido um pouco sobre autopublicação. E... você sabe que eu continuei escrevendo.

— Quantos livros você terminou?

— Dois, mas eles precisam de edição.

Suas sobrancelhas se erguem. — Sério?

— Sim. Quero dizer, eles estão apenas no meu disco rígido porque a editora não estava mais interessada. E o último livro, bem, não vendeu, então não tenho certeza se meus outros venderiam.

— Eles podem — diz ele. — Como eu disse, as editoras têm preferências diferentes. Mas a autopublicação pode ser outro caminho. Se você já escreveu os livros, não tem nada a perder.

Eu suspiro. *Apenas minha autoconfiança*, eu penso. — Sim, você provavelmente está certo.

Ele desliga meu telefone. — De qualquer forma, porém, quero que você peça a um advogado para ler qualquer contrato futuro antes de assiná-lo. Você teve ajuda com este?

— Um amigo que foi para a faculdade de direito leu tudo. — eu digo. — Está ruim?

Ele dá de ombros, mas parece cuidadoso. — Não está ruim, mas poderia ter sido melhor. Definitivamente, existem cláusulas que eu teria colocado que poderiam protegê-la. Talvez a editora as tivesse rejeitada, mas eu pelo menos teria tentado.

Eu sorrio. — Se ao menos eu pudesse pagar sua taxa por hora.

Ele bufa. — Vou lhe dar um grande desconto.

— Oh?

— Claro. Eu também esperaria ler o livro.

Eu gemo. — Por que as pessoas sempre querem fazer isso?

— Porque elas estão interessadas — diz ele. — Porque eu nunca conheci uma escritora antes. Sabe, vou encontrar *One Fatal Step* na minha livraria local.

— Oh Deus.

Ele se inclina para trás em sua espreguiçadeira, os olhos em mim. Há algo diferente neles hoje. Algo que não estava lá ontem quando estávamos dirigindo pela ilha. Ele fala da noite passada.

Não passei a noite no bangalô. Depois do sexo e da comida, ele me acompanhou até o saguão. Ele disse que eu era mais do que bem-vinda para ficar, é claro, mas havia algo tão íntimo na ideia. Eu não estava pronta para encarar a realidade de acordarmos juntos e não ter nenhuma das minhas coisas. Eu precisava da liberdade da minha própria cama de hotel, roupas íntimas limpas e minha escova de dentes.

Mas aqui estou eu, de volta ao bangalô dele, de qualquer maneira. Acabamos aqui depois de passar a maior parte do dia na praia. Olho para a banha do meu agasalho e puxo um pedaço perdido de linha.

Se eu pensar muito sobre a noite passada, não vou conseguir ter uma conversa normal com ele.

— Eden?

Eu olho para cima. — Desculpe?

Ele sorri. — Então, você está escrevendo algo inspirado nessas férias.

— Oh sim. Ainda estou na fase do plot, mas vou começar a escrever quando voltar para casa.

— Você está se inspirando na vida real?

— Sim, definitivamente. O resort é deslumbrante, assim como a praia, a natureza, tudo isso. Vou usar o máximo que puder.

Ele levanta uma sobrancelha. — E para os personagens?

Isso me faz sorrir. — Você quer saber se uma versão sua está nele?

— Talvez — diz ele. — Existe um idiota irritante que rouba a mesa?

— Nenhuma mesa roubada até agora — eu digo, parecendo muito séria. — Mas eu tenho um personagem sobrecarregado que trouxe seu laptop com ele nas férias. Ele será um misterioso personagem de fundo e o principal suspeito na investigação do assassinato.

— O *principal* suspeito?

— Sim.

Phillip balança a cabeça. — Eu nunca seria o principal suspeito.

— Vamos lá, você é muito misterioso.

— Mas eu sou advogado. — ele protesta. — Eu saberia como me comportar para não ser um suspeito.

— Pensei que você nunca tivesse trabalhado em casos criminais.

— Sou advogado de fusões e aquisições *agora*. Mas fiz parte do meu estágio em um tribunal e li centenas e centenas de páginas de processos criminais na faculdade de direito.

— *Sério?*

— Eu sabia que isso iria te excitar.

— Você é como o maior fã do crime verdadeiro. Isso é o que um advogado é, você sabe.

Ele balança a cabeça, mas está rindo. — Você é inacreditável.

Sento-me mais reta. — Mas é verdade! Vocês foram os primeiros fãs. Alguns dos casos que acompanhei, você deve ser um especialista.

— Sou um especialista em todas as coisas, — diz ele.

— Certo, claro, mas como um verdadeiro especialista. — Meus olhos se arregalaram. — Ei, pensando bem, não leia nenhum dos meus livros. Nunca.

— Por que não?

— Porque tenho certeza de que cometi todos os erros do livro quando se trata de assuntos jurídicos.

— Você não quer que isso seja apontado?

— Não depois que o livro terminar!

Ele se levanta, se alongando. Seu corpo deveria ser familiar para mim agora, depois de ontem, mas os longos planos de sua estrutura e os músculos de seu abdômen e peito ainda me convidam a explorar.

— Você vai ter que me usar antes que termine, então. — ele diz.

— Você tiraria um tempo de sua preciosa agenda para isso?

Phillip cruza a distância até mim. Ele apoia uma mão em cada apoio de braço. — Acho que encontraria tempo. — diz ele. — Especialmente se isso significar ler sobre uma versão de mim mesmo.

— Seu eu fictício de férias. — eu digo.

— Exatamente.

Abro as pernas e me deito na espreguiçadeira. — Qual é o seu valor por hora, afinal?

Ele se inclina. — Por que você quer saber?

Eu dou de ombros, tentando parecer indiferente. — Talvez eu só esteja curiosa para saber o que a noite passada teria me custado.

Seus olhos se arregalam, e então ele ri. O som é escuro. — Baby, eu nunca teria cobrado de você.

— Mmm. — Abro um pouco as pernas e arqueio as costas. — Você também não estava exatamente dando conselhos jurídicos.

— Nem uma lambida dele. — ele murmura e me beija.

Começa lento e profundo. Pele quente do sol onde eu arrasto minhas mãos sobre seus braços. Seu joelho descansa entre minhas coxas, e eu o puxo para chegar mais perto. Ele se abaixa, apoiando-se sobre mim na espreguiçadeira.

Isso a faz ranger.

— Vale o risco. — eu digo.

Sua boca está na minha clavícula. — Que risco?

— Não importa. — murmuro e puxo meus joelhos para agarrar seus quadris. *Ainda bem que não estamos na praia pública.*

Seus beijos são preguiçosos. Ele está fazendo uma rota cênica sobre a minha pele, e eu arrasto minhas mãos sobre os músculos largos de suas costas, também sem pressa.

Este homem foi feito para ser saboreado.

— Eu quero mantê-la aqui pelo resto da nossa estadia. — ele murmura, sua mão subindo para segurar meu seio por cima do meu biquíni. — Sabe, se você não quer marcas de bronzeamento...

— Oh, isso é tão útil de você.

Seu sorriso é torto. — É puro altruísmo.

Entrelaço minhas mãos atrás de seu pescoço e o puxo para beijá-lo. Acho que não vou me cansar disso antes que esta viagem chegue ao fim. Eu tinha esquecido como é bom apenas beijar um homem e ser beijada de volta. Eu poderia fazer isso por horas.

Contra minha coxa, eu o sinto - já duro - e a antecipação faz meu estômago apertar.

Ele puxa a parte de cima do biquíni para o lado.

— Opa — eu sussurro.

Ele dá um sorriso travesso e se inclina para pegar meu mamilo em sua boca. Eu suspiro, cravando meus dedos em seu cabelo.

Melhor decisão de todas, Eu penso. Vir nessas férias.

O som de seu telefone tocando corta o momento. Eu rio contra ele. Eu não sou realmente capaz de me mover agora, meus braços e pernas estão travados em torno dele.

O toque persiste.

— Phillip. — murmuro.

Ele balança a cabeça uma vez, os dedos ainda provocando meu mamilo. — Deixe tocar. — ele murmura. — Estou com uma jovem atraente de vinte e poucos anos.

Eu ri de novo. — Não foi isso que eu quis dizer outro dia.

Minha mente tinha imaginado mulheres em belos vestidos e saltos altos, bebendo com ele em bares de hotéis em Chicago. Jovens profissionais com trajetórias de vida semelhantes.

O telefone para de tocar.

— Sim, claro que não. — diz ele. Parece sarcasmo. A percepção de que ele quis dizer o que disse se infiltra em mim como mel quente. Com fome de elogios. Talvez seja isso que eu queira.

Sua boca se fecha em torno do meu mamilo direito, e eu suspiro com a sensação. O puxão de seus dentes e o toque de sua língua, e o peso duro e sólido de seu corpo em cima do meu.

— Minha versão de férias, — murmuro — está muito satisfeita consigo mesma agora.

Ele ri sombriamente e trilha beijos sobre a curva do meu outro seio, arrancando a parte de cima do biquíni. O calor acumula-se no meu estômago e espalha-se pelos meus membros.

Seu telefone começa a tocar novamente.

Phillip não reage e não muda o aperto de suas mãos ou a pressão de seu corpo contra o meu.

— Mais um de seus colegas? — Eu murmuro, tecendo meus dedos em seu cabelo. — Preciso repreender Briggs de novo?

Phillip ri. Há um rubor em seu rosto, manchando sua pele sob o bronzeado, e os olhos nos meus com as pupilas totalmente dilatadas. — Eu não gostaria de estar no lugar dele.

Eu sorrio e me pressiono contra seu peito. Ele dá um gemido baixo de decepção, e eu rio, contorcendo-me debaixo dele.

— Eden. — diz ele.

Eu ando para trás em direção ao seu telefone, sorrindo. A adrenalina bombeia através de mim. — Você está de férias! — Eu digo. — Eles deveriam aprender.

Pego o telefone dele e clico em responder. — Telefone de Phillip Meyer — eu digo docemente. — Isso é uma emergência?

Há silêncio do outro lado. Espero uma resposta e observo Phillip se sentar. Há uma expressão cuidadosamente neutra em seu rosto.

A voz de uma mulher vem pelo telefone. — Quem é?

— Uma amiga de Phillip. — eu digo. — Ele está de férias.

— Sim, eu sei. — diz ela. Sua voz é rude agora. — Diga a ele para me ligar de volta, sim? Quem quer que você seja. É importante.

— Seu escritório foi notificado de que ele estaria de férias, — eu digo — mas vou deixá-lo saber de qualquer maneira. E quem devo dizer que está ligando?

— Sua noiva. — diz ela. E então ela desliga.

Eu levo um momento antes de desligar o telefone. Phillip está ao meu lado agora e ele o pega de mim. — Eden.

Eu cruço meus braços sobre meu peito nu. — Eu não deveria ter respondido a isso.

— Está tudo bem — diz ele. — Você está bem?

Eu concordo. — Sim. Talvez eu devesse encontrar a parte de cima do meu biquíni...

Ele me para com uma mão no meu ombro. Há uma ruga entre suas sobrelanceiras novamente, juntando-as em uma linha raivosa. — O que ela disse? Eden?

— Você sabia quem era?

— Eu suspeitava. — diz ele e passa a mão pelo cabelo.

Olhando para a expressão devastadoramente séria em seu rosto, ouço a palavra noiva ecoar em minha mente.

Passo por ele em direção à minha cadeira. A parte de cima do meu biquíni está sobre um dos apoios de braço, e eu a levanto.

— Eden. — ele diz novamente. — Me desculpe, eu deixei você responder isso.

— Não, não, fui eu que insisti. — digo, ficando de costas para ele e amarrando a parte de cima do biquíni. Vergonha e algo mais, algo doloroso, queima meu estômago.

Eu sabia que ele estava prestes a se casar algumas semanas antes de vir para cá. Isso não era novidade. Então, por que dói tanto ser lembrada desse fato?

— Ela tem sido um incômodo esta semana inteira. — diz ele. — Chamadas com desculpas esfarrapadas sobre logística, apenas para começar com desculpas ou para provocar brigas. Comecei a ignorá-la.

— Sim. — eu digo, balançando a cabeça tão rápido que minha visão fica embaçada. Eu me viro e pego minha saída. Depois de colocá-lo rapidamente sobre meu biquíni, coloco meus pés em minhas sandálias.

Noiva. A palavra parece pesada com possibilidades. Eles poderiam ter decidido passar um tempo separados, em vez de se separarem totalmente? Talvez eles ainda estejam planejando resolver as coisas. Mas ele disse que não a amava... Meu cérebro se quebra, espiralando em dez direções diferentes ao mesmo tempo.

Além disso, isso deve estar bem. Porque ele é apenas uma distração da minha própria dor, não é?

— Eden. — ele murmura, pousando a mão no meu ombro novamente.

— Ela disse que era sua noiva. — Eu mudo de um pé para o outro.

— Bem, ela não é.

— Nem um pouco?

— De jeito nenhum — diz ele, a voz dura. — Zero.

— O que aconteceu entre vocês?

Ele olha para mim por um longo momento. Sob a barba, sua mandíbula está tensa.

Eu suspiro. — Olha, me desculpe. Eu não deveria ter respondido. Eu não deveria... obrigada por hoje.

— Ela me deixou no altar.

Minha respiração sai de mim. — Oh. Você nunca me contou.

— Sim, porque é muito humilhante.

Eu rio. É meio espanto, meio choque. — Phillip, meu noivo me traiu por meses com uma das minhas melhores amigas. Isso é embaraçoso como o inferno também.

— Não. — diz ele. — Isso só prova que ele é um idiota.

— Sinto muito. — eu digo. — Isso... me desculpe. Deve ter sido uma droga.

Porque, apesar de tudo, estou feliz por ter descoberto antes de colocar meu vestido de noiva e antes de o local estar cheio de todos os nossos parentes.

Ele não tinha recebido essa cortesia.

Phillip olha por cima do meu ombro, em algum ponto distante. — É o que é. Honestamente, estou... aliviado.

— Aliviado?

— Sim. Fiquei chateado no começo, mas agora tenho certeza que foi o melhor. Ela e eu estamos melhor separados.

— Por que ela se diz sua noiva?

— Provavelmente porque você atendeu e ela queria mexer na merda. — ele diz, a voz pingando de aborrecimento. — Em seu último telefonema, ela deu a entender que poderíamos continuar como antes também.

— Oh.

— O que significa apenas que ela provavelmente percebeu como o aluguel é caro na área onde ela quer morar. Eden, nada disso tem a ver com você. Ou com o que acabou de acontecer. — Ele inclina a cabeça em direção à poltrona como se fosse a cena de um crime.

— Não, eu sei.

— Você faz? Então por que parece que você está prestes a sair correndo daqui como se tivesse acabado de descobrir que sou um assassino em massa condenado?

Eu rio, mas é um pouco tenso. — É muito. Tudo isso. Seu passado, e o meu, e o que acabou de acontecer...

Quando olho para ele, percebo que somos rebotes um do outro. Que isso acaba em poucos dias, e eu nunca mais o verei, e isso provavelmente não o incomoda nem um pouco. Isso realmente é uma aventura de férias para ele, mas está começando a parecer outra coisa para mim, e não posso aceitar isso. De novo não.

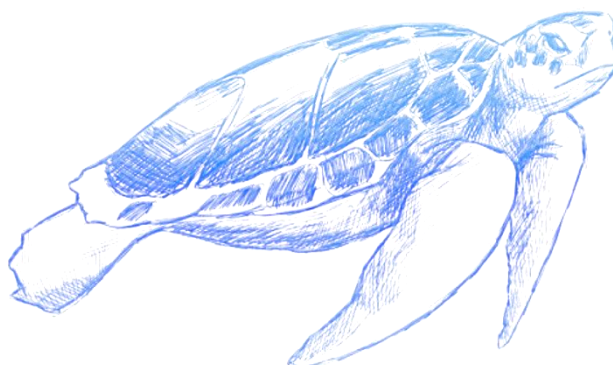
— Tudo bem. — diz ele. — Entendo.

Eu me movo para trás e dou um passo em direção ao portão. — Obrigada por hoje. Desculpe novamente pelo... bem. Tudo bem se eu deixar o jantar para depois? Só preciso de um tempo para pensar.

Ele balança a cabeça, mas seus olhos azuis estão preocupados. — Você não tem nada pelo que se desculpar.

Ao fechar o portão suavemente atrás de mim, tudo o que posso ouvir é o som das ondas quebrando e as batidas rápidas do meu coração.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



— Oh meu Deus — Becky diz ao telefone. — Se você está inventando isso, por favor, continue. Eu quero viver nessa fantasia para sempre.

Eu rio. — Você é quem vive a fantasia.

— Não consigo mais ver meus pés — diz ela. — Eu oficialmente perdi meus pés, Eden, e não vou encontrá-los por mais um mês. Se essa é a fantasia de alguém, eles estão absolutamente fora de si.

— Quero dizer, eles poderiam estar. — eu digo. — Como eles seriam capazes de dizer?

Ela ri. — Me diga de novo. O que ele disse quando você perguntou a ele sobre isso? A noiva?

— Ele disse que eles definitivamente terminaram. Tipo, cem por cento.

— Não é uma ótima notícia?

— Sim, — eu digo — mas, Becks, ele está solteiro há apenas cinco semanas.

— Bem, o relacionamento dele não poderia ter sido tão bom de qualquer maneira, já que ele está sozinho em lua de mel e se apaixonando por você.

Isso me faz zombar. Eu mudo meu telefone para a outra orelha e coloco meus pés em minhas sandálias. É mais tarde do que costumo levantar aqui, e vou reduzir meu tempo com o bufê de café da manhã, mas precisava de horas extras de sono.

— Ele não está se apaixonando por mim. — eu digo. — Se alguma coisa, é uma aventura de rebote. Nós dois voamos daqui a dois dias.

— E não é exatamente disso que você precisa? — ela pergunta. — Exatamente o que você merece?

Eu me certifico de pegar meu guia e cartão-chave. Nunca mais me esqueço disso. — Sim. Só não esperava que fosse tão complicado.

— Tão complicado?

— Sim — eu digo e fecho a porta atrás de mim. — Ele é muito diferente de qualquer homem com quem já namorei e, bem... acho que posso ter uma queda.

— Ah, não. — diz ela.

— Sim, eu sei.

— De onde ele é mesmo?

— Chicago. Eu sei, eu sei, e estava totalmente preparada para esse final. É que estou com um pouquinho de medo de ter me apegado.

Do outro lado da linha, ouço-a suspirar. — Tenho certeza que eu também. A coisa toda casual é difícil.

— Sim. — eu digo. Seu marido, Patrick, é um contador com muitas piadas de pai e um instinto assassino quando se trata de jogar jogos de tabuleiro. Eles se conheceram há seis anos, mas mesmo antes disso, ela não era uma grande namorada. — Não é como se algum de nós tivesse muita experiência com isso.

— Nenhuma. — ela concorda. — Mas talvez seja bom que o que quer que aconteça na ilha fique aí. Você pode voltar para casa, rejuvenescida, depois de uma recuperação e pronta para voltar lá.

— Obrigada por tentar fazer isso soar como uma coisa boa. — eu digo. Estarei voltando para uma casa meio decorada, aquela que tive sorte de conseguir em tão pouco tempo depois que meu noivado implodiu.

É uma viagem rápida da escola onde trabalho e quinze minutos da casa de meus pais e de Becky. No papel, é perfeito, mas ainda não me sinto em casa.

— Eden. — diz Becky. — Você não deve nada a ninguém. Nem a Caleb, nem a ex-noiva de Phillip, e nem ele a também. Você deve a você.

— Sim. Eu sei, e você está certa. A coisa toda está me pegando de surpresa. Eu sinto que ficou real de alguma forma, ouvindo a voz da sua ex.

— Claro que é surpreendente. Você esperava passar duas semanas sentada com um livro na praia, e o que você conseguiu foi um flerte ininterrupto com um cara rico e gostoso como o inferno.

Eu rio no elevador, e o casal de meia-idade ao meu lado me dá uma olhada. Eu sorrio desculpando-me.

— Sim. Desculpe, estou quase no café da manhã. Obrigada pela conversa estimulante.

— A qualquer momento. Não é como se eu tivesse inveja de você ou algo assim, é claro. — ela diz. — Tendo sessões de pegação gostosas no Caribe.

Eu rio de novo. — Tchau, Becky.

— Tchau.

Quando chego ao bar do café da manhã e ao bufê transbordando, a maioria das mesas está vazia. A maioria dos turistas deve ter dado um pulo no dia. Eu tenho a minha escolha do lugar.

Pego um copo de suco tropical, dessa vez de manga, e uma xícara de café, e vou até a mesa que se tornou minha.

Mas não está vazia.

Phillip se senta na cadeira em frente à minha. Ele está lendo em um tablet e tem uma xícara de café à sua frente. Seu cabelo parece úmido, e não me surpreenderia se ele acordasse cedo e nadasse na piscina do hotel. Que louco.

— Oi. — eu digo.

Ele olha para cima. — Bom dia, Eden.

Eu mudo de um pé para o outro, debatendo sobre colocar meu copo de suco na mesa.

— Junte-se a mim? — ele pergunta.

Eu lentamente puxo a cadeira. — Sim, obrigada. Não estou acostumada a vê-lo aqui.

— Resolvi dar uma olhada no bufê. — conta.

Eu olho significativamente para a falta de um prato diante dele.

Ele ri. — Eu comi panquecas há um tempo atrás.

— Você estava esperando por mim?

— Eu poderia estar esperando. — ele admite e coloca o tablet de lado. Eu vejo a manchete. Ele está lendo as notícias de Chicago. — Você acordou mais tarde do que o normal hoje.

— Sim, eu queria dormir até tarde.

Ele concorda. A cor sobe por suas bochechas, mas os olhos nos meus estão firmes como sempre. — Certo. Eu vou com você, quero outro copo.

Enchemos nossos pratos. O meu com panquecas, frutas, uma torrada e uma tigelinha de açaí e granola. Dele, outra xícara grande de café e um croissant.

Os nervos reviram no meu estômago quando nos sentamos. É ele quem aborda o assunto, recostando-se na cadeira.

— Sobre ontem. — diz ele.

Eu balanço minha cabeça. — Sim, eu não deveria ter atendido seu telefone assim. Foi cruzar uma linha. Mas estou feliz que você explicou a situação depois. Obrigada por isso. Por esclarecer, quero dizer.

— Mm-hmm — diz ele. Ele também não se barbeou hoje, e a barba está crescendo, acentuando seu maxilar pontudo. — Eden, eu não estava tentando esconder nada de você.

— Não, eu entendo isso.

— Ela é a última pessoa de quem quero falar enquanto estou aqui. — diz ele. — Especialmente com você.

— Especialmente comigo?

— Sim. Uma mulher atraente, conversas divertidas e uma ilha paradisíaca. Por que eu iria querer mencionar minha ex?

Eu faço uma careta. — Já falei muito sobre o meu.

— Sim, mas eu gosto de ouvir você falar. — Ele estica o pescoço, como se tivesse compartilhado demais. — De qualquer forma. Ela não é mais minha noiva, Eden. Eu não sou como seu ex.

— Não, eu sei. — eu digo, balançando a cabeça novamente. — Eu percebi.

— Só queria deixar isso claro.

— Mm-hmm. — Tomo um gole do meu suco. — Entendi. E você não é, a propósito. Você é super diferente.

— Super diferente?

— Sim. Bem, até agora, pelo menos. Não sei como você é fora dos resorts chiques e dos cruzeiros de catamarã, sabe.

Ele bufa e pega seu croissant. As mangas de sua camisa de botão estão arregaçadas, o tecido de linho ligeiramente amarrotado. Combinado com os pelos faciais cada vez mais espessos e os fios sem estilo, ele parece ainda mais bonito. Masculino e descontraído.

Eu ataco minhas panquecas para não o atacar.

— Talvez eu seja diferente em casa — diz ele. — Mas você, não é?

Eu considero a pergunta. — Sim. Eu costumo usar mais roupas.

Ele ri. Isso quebra a tensão entre nós, zera o placar e eu sorrio para a minha comida. Parece uma pequena vitória toda vez que consigo rir dele.

— Que chatice. — diz ele.

Reviro os olhos, mas estou sorrindo. — Sim. Aposto que os homens de Pinecrest estão muito tristes com isso.

— Eles deveriam estar. — diz ele. Ele estende a mão para o tablet e bloqueia a tela, virando-a.

Eu respiro fundo. — Ontem, reagi fortemente ao precisar de um tempo sozinha. Parte disso foi aquela ligação, mas também foi ... fiquei um pouco sobrecarregada.

Seus olhos estão fixos nos meus. Vá em frente, eles dizem.

— Tem sido muito, sabe? Conhecer você, fazer excursões e... ficar hospedada.

— Tem. — diz ele.

— Eu gostei de tudo isso. — eu digo rapidamente. — Muito. E então, percebi que só temos mais dois dias, e o mundo real está esperando por mim quando eu voltar...

Um sorriso se esconde no canto da boca. — Certo.

— De qualquer forma, exagerei e quero ter certeza de que faremos o melhor possível com o tempo restante aqui.

— Bom. — diz ele. — Porque eu concordo plenamente.

Eu sorrio amplamente para ele. — Incrível.

— Então, quais são seus planos para seus últimos dias na ilha?

Minha mão vai para o guia, que está ao lado do meu telefone na mesa. Há algumas páginas marcadas que eu esperava...

Phillip cronometra o movimento. — Ah. O que diz o livro sagrado?

— Há toneladas para fazer aqui. — eu digo. — Como tenho certeza de que sua fabulosa planejadora de viagens lhe disse.

Ele concorda. — Há um Anexo no meu roteiro com a história da ilha.

— Sem chance?

— Sim.

— Posso ver?

Seus olhos dançam. — Talvez mais tarde. Vamos, diga-me que lugar mágico você marcou no guia. Posso ver os post-its daqui.

— Bem, vimos a maioria das coisas durante nossa viagem. Estou muito feliz por termos feito isso. Mas tem um lugar na costa sul que supostamente tem muito surf e um restaurante muito legal. Eu sei que nós já...

— Poderíamos ir até lá. — diz ele. — Certifique-se de ver toda a ilha.

— Sim. Mas, com toda justiça, não é muito grande.

— É cerca de um sexto de Rhode Island — diz Phillip e pega meu guia. Ele bate duas vezes com os nós dos dedos. — Devemos alugar um carro de novo? Para ter certeza de que o riscamos da sua lista.

— Sim. Claro. Sim, isso funcionaria.

Ele balança a cabeça e dá outra mordida em seu croissant. O cabelo escuro cai sobre sua testa lisa. Sem vincos desta vez, como se fosse sempre uma conclusão precipitada que passaríamos o dia juntos.

Eu me pego sorrindo para ele. Apesar de todo o seu passado complicado, ele é ótimo em tornar isso - nós - maravilhosamente descomplicado.

— O que? — ele pergunta.

Balanço a cabeça, ainda sorrindo. — Nada. Só que estou feliz que você estava em sua lua de mel sozinho ao mesmo tempo que eu.

Ele passa a mão na boca, escondendo o próprio sorriso. — Sim. Vamos, coma suas panquecas, Eden. A ilha espera.

— Admita. — eu digo. — Você está se divertindo mais aqui do que esperava.

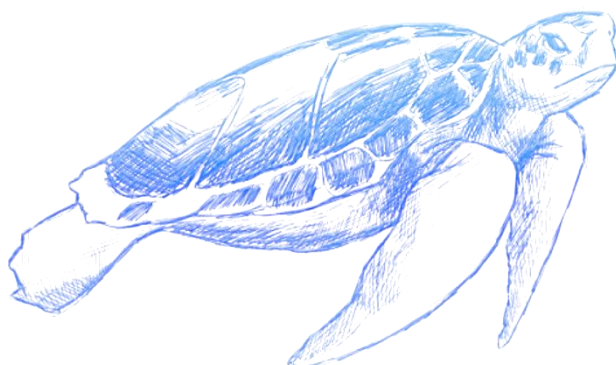
Phillip estende a mão e me dá um tapinha no nariz. É algo que meu primo mais velho costumava fazer, mas acho que ninguém faz desde que eu tinha doze anos.

— Eu admito. — diz ele. — Agora, vamos. Quero saber mais sobre o enredo do seu próximo livro. Você já decidiu sobre a vítima de assassinato?

Eu sorrio para o meu suco. Faltam dois dias.

Mas não vou perder mais um minuto deles.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



O livro no colo é o terceiro e último que trouxe na viagem. Achei que os leria todos na primeira semana, com tanto tempo para mim, mas os dias têm sido mais cheios do que eu esperava.

Tem muito a ver com o homem deitado na cadeira ao lado da minha.

Depois de nossa conversa no bufê de café da manhã de ontem, passamos o dia inteiro juntos. A noite também, que tinha sido serviço de quarto e sexo em seu bangalô. Uma ótima combinação, estou começando a aprender.

Phillip estava no café da manhã novamente esta manhã, sentado à minha mesa e lendo o jornal em seu tablet. Bebendo uma xícara de café preto. Panqueca meio comida em seu prato.

Bom dia, ele disse, com os olhos brilhando. *Dormiu bem?*

Durante o café da manhã, decidimos que o aluguel do carro do dia anterior já era emoção suficiente, e nosso último dia inteiro deveria ser gasto no resort. Na praia, aliás, com os pés na areia e a cara para o sol.

Eu olho para ele, descansando ao meu lado. A noite passada tinha sido tão boa quanto a anterior. Já transamos várias vezes, e cada vez foi melhor que a anterior.

Tem que atingir o ápice em algum momento, mas parece que ainda não chegamos lá.

Meio-dia. É quando meu voo sai amanhã, me levando para Seattle. Às 17h45 da mesma tarde, ele também vai embora e nunca mais nos veremos.

Phillip olha para mim. — Você está pensando em alguma coisa.

Eu sorrio. — Bem, eu sempre estou.

Ele se senta e olha para o oceano, protegendo os olhos da luz forte.
— Parece que vai chover.

Eu olho para o céu claro e azul. A única nuvem à vista é uma fina faixa branca, bem no horizonte.

— Ah — eu digo. — Você tem razão.

— Acho melhor entrarmos ou podemos ficar encharcados.

— Pegar algum abrigo?

— Sim. — diz ele, com os olhos brilhando. — Embora eu saiba o quanto você gosta da chuva.

Subimos a praia e passamos pela piscina do resort. As costas de nossas mãos roçam a cada passo, e a energia vibra através de mim.

— Sabe, eu não vi seu quarto de hotel. — ele diz.

Eu sorrio para minhas sandálias. — Sério? É muito bom. Faz seu bangalô parecer... bem, não quero dizer a palavra, mas desajeitado.

Ele ri. — Desajeitado?

— Sim.

Ele segura o botão das portas do elevador e faz sinal para que eu entre. — Bem, você me deixou intrigado agora.

— Como você deveria estar. — Pego meu cartão-chave, brandindo-o no ar entre nós como um troféu. — É uma prova do minimalismo.

Ele dá um aceno sábio. — Eu vejo. Do tipo japonês ou do escandinavo?

— Uma mistura. — Eu ando na frente dele pelo corredor, passando pela máquina de venda automática. — Observe. — eu digo.

— Ah, a famosa máquina de venda automática? — ele pergunta e dá um tapinha breve. — Pensar que isso causou tantos problemas.

— Eu dou o dedo toda vez que passo. — eu digo.

— Bem, eu deveria agradecer. — diz Phillip. — Isso significava que você acabou na piscina comigo à meia-noite.

Chego à porta do quarto de hotel com o coração acelerado e olho para ele por cima do ombro. Seus olhos estão aquecidos e suas mãos estão nos bolsos, e sei exatamente o que vai acontecer se eu deixá-lo entrar em meu quartinho com o ar-condicionado no canto, o lindo carpete e a iluminação forte no teto.

Eu giro a maçaneta.

É mais lento desta vez. Tomamos nosso tempo para nos despir, e ele beija cada centímetro do meu peito antes de me deixar tirar sua camisa.

Eu enterro minha mão em seu cabelo e passo minhas unhas sobre seu couro cabeludo, e ele geme, os lábios no meu osso ilíaco. Eu descobri o quanto ele gostou disso ontem.

— Eu quero tentar uma coisa. — murmuro e empurro seus ombros. Ele me deixa puxar sua bermuda para baixo e observa com cor em suas bochechas enquanto eu o tomo em minha boca.

Ele amaldiçoa, os olhos nunca deixando os meus, e eu me sinto poderosa. Eu sou o meu eu de férias e eu sou o meu eu regular de Pinecrest ao mesmo tempo, e estou vendo um homem se desfazer com o meu toque.

Não me sinto assim há muito, muito tempo.

— Foda-se — diz ele e desliza a mão no meu cabelo. — Não sei o que vou... ah.

Cerrei os dentes e aumentei a pressão, e ele inclina a cabeça para trás, palavras esquecidas. Eu me sinto como uma deusa.

— Você é muito boa nisso. — ele murmura.

Ele me puxa para cima vinte segundos depois, seus olhos focados em minha calcinha. Ele a puxa para baixo, e então eu estou de costas, a queimadura de sol desapareceu, observando-o colocar uma camisinha na velocidade da luz. Ele empurra para dentro de mim um segundo depois.

Eu aperto minhas pernas ao redor dele e seguro seus ombros, e não me permito pensar que esta pode ser uma das últimas vezes que fazemos isso.

Apegar-se não fazia parte do acordo. Não o que fiz com ele e definitivamente não o que fiz comigo mesma.

Não estou pronta para ter esses sentimentos novamente e certamente não estou pronta para me machucar novamente. *Escrever livros. Ensinar meus alunos. Decorar minha nova casa.*

Ansiar por Phillip não está em nenhum lugar dessa lista.

Ele diminui a velocidade e empurra mais fundo, seus movimentos como ondas quebrando contra mim. Ele levanta uma das minhas pernas, e não levo muito tempo para gozar. E não sei se é o sexo em si ou ele. Isso. O fato de termos sido tão abertos sobre tudo isso desde o início.

Muito tempo depois, caminhamos pelo corredor até os elevadores. A mão de Phillip brinca com o laço da parte de cima do meu biquíni, pendurada nas costas do meu vestido de verão.

— Eu amo este. — ele murmura. — O roxo. Fica tão bem em você.

— Obrigada. — O calor floresce em meu peito, e eu o puxo para dentro do elevador. — Eu tenho uma ideia.

Ele se inclina, um braço apoiado na parede do elevador ao meu lado. — Diga-me.

— Eles vendem cartões postais no saguão. Já os vi antes.

Suas sobrancelhas abaixam. — Não onde eu pensei que você estava indo com isso.

Eu rio. — Eu sei, mas me escute. Vamos enviar um cartão postal um para o outro.

— Um para o outro?

— Sim. Já ouvi falar de quanto tempo às vezes pode demorar para o correio internacional. Podemos pegá-los em duas semanas, ou dois meses, ou nunca. Mas se eles chegarem, será um pequeno lembrete disso. — Eu descanso minha mão em seu peito e, através do linho de sua camisa, posso sentir as batidas de seu coração.

Uma lembrança de você, eu penso.

— O que escreveríamos? — ele pergunta.

— Qualquer coisa que quisermos. Mas seria um segredo.

— Ah, nenhum de nós saberia até recebermos nosso cartão.

— Exatamente. — eu digo. — Você está no jogo?

Sua boca se abre em um sorriso e sua mão roça minha bochecha.
— Claro.

Ficamos um de cada lado da pequena exibição de cartões-postais. No topo, há uma placa que diz que o concierge ficará feliz em carimbar e despachá-los. É um serviço gratuito, aparentemente, e se eu suspeitasse que este não era um resort cinco estrelas, isso teria me convencido.

— Qual você está escolhendo? — Pergunto a Phillip, olhando para todas as versões de praias tropicais.

— Eu não vou dizer. — diz ele.

— O que?

— A coisa toda deveria ser uma surpresa, certo?

— Sim.

— Então, minha escolha do cartão também. — diz ele. Ele segura um cartão e um envelope em uma das mãos e dá um passo para trás. — Não espie.

— Eu nunca!

— Certo — ele diz e levanta uma sobrancelha. — Lembre-se, eu sou um advogado. Quebrar as regras é uma ofensa passível de punição.

— Absolutamente não é.

— Esse é o seu último aviso. — ele diz com um sorriso e se vira para o concierge. Estou sorrindo às suas costas. Ele pede uma caneta e eu observo enquanto ele escreve tudo o que quer dizer para mim no futuro.

O que eu quero dizer?

Escolho um cartão postal com um mapa da ilha e, com meu marcador, desenho um pequeno coração ao redor do mercado de peixes de Oistins.

Hesito por alguns segundos antes de começar a escrever.

Olá de Barbados,

Quando você ler isso, estará de volta ao seu emprego 24 horas por dia, 7 dias por semana, fusões e aquisições. Mas eu não quero que você esqueça suas férias. Quão raramente você se barbeava e como dizia a seus colegas de trabalho para se defenderem sozinhos.

Seu eu de férias foi um osso duro de roer no começo... mas ele acabou sendo um cara realmente ótimo. Eu não esperava conhecê-lo, mas estou muito feliz por isso ter acontecido. E quero que você se lembre disso também. Como você estava. Não se esqueça de relaxar em algum momento e observar o nascimento das tartarugas metafóricas.

E se você quiser fazer uma viagem para Pinecrest, eu adoraria ser sua guia.

Obrigada por tudo,

Eden.

Termino o minúsculo rabisco no cartão postal. Minhas palavras não parecem suficientes. De jeito nenhum. Mas quando olho para ele, de pé ao lado da portaria e conversando com um funcionário, percebo que ele provavelmente não está escrevendo belas poesias nem nada.

Não caia mais de barcos, talvez. Algumas piadas sobre o nascimento das tartarugas bebês, talvez. Uma crítica ao meu guia, com certeza.

Phillip e eu trocamos endereços. Eu decorei o dele do itinerário, mas finjo que não, e escrevo no verso do meu cartão-postal.

Nossas duas cartas desaparecem nas mãos de uma recepcionista sorridente, que nos garante que serão enviadas na segunda-feira de manhã.

— Vamos ver quem chega em casa primeiro. — diz Phillip enquanto saímos do saguão.

Eu cutuco seu ombro com o meu. — Você só tem que transformar tudo em um concurso, não é?

— É o que torna a vida interessante. — diz ele. Mas então, ele coloca um braço em volta da minha cintura e me puxa para o seu lado, pressionando um beijo na minha têmpora. — Mas eu gosto mais quando nós dois estamos ganhando.

Eu sorrio contra seu ombro. Demonstrações públicas de afeto? Isso é perigoso para o meu coração sobrecarregado, mas eu me inclino

para ele porque sei que é tarde demais de qualquer maneira. Vai doer quando isso acabar.

Passamos pelas irmãs discutindo que vi naqueles primeiros dias na praia. Uma delas nos lança um olhar irritado e depois murmura para a outra com sotaque britânico. — Olha, ainda mais lua de mel. Eu disse a você que este lugar era...

Eu rio. Ao meu lado, Phillip balança a cabeça. — Essas são palavras de luta.

— Ainda bem que você está com as mãos ocupadas — eu digo com um sorriso.

Sua mão aperta minha cintura. — Passe esta noite no meu bangalô.

— A noite toda?

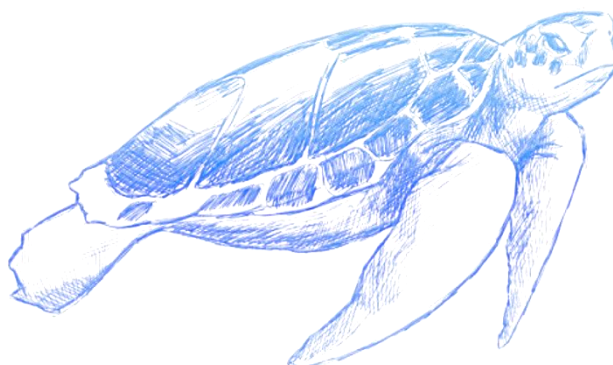
— Sim. — diz ele. — Você ainda vai acordar com bastante tempo para saborear o sabor final do bufê de café da manhã, eu prometo.

Sáímos para o sol do fim da tarde. O céu claro promete um pôr do sol brilhante, meu último na ilha.

— Ok. — eu digo. — Uma última noite.

Ele beija minha têmpora novamente. — Uma última noite.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



Comemos serviço de quarto em sua varanda enquanto olhamos para o oceano e o pôr do sol além. Os insetos fazem serenatas ao nosso redor e, por mais feliz que eu esteja em voar de volta para casa, para minha própria cama, meu sofá e a familiaridade de amanhã, sei que sentirei falta disso.

A nostalgia pesa em meu peito, e ainda nem saí do momento em que estou. Mas, de alguma forma, sei que sentirei saudades muito tempo depois que passar.

Phillip se senta na minha frente. Ele tem um olhar sereno no rosto, perfeitamente à vontade consigo mesmo. Nenhum tumulto. Como se fosse nada mais do que um simples *adeus e desejo-lhe tudo de bom e um bom voo* para ele.

Ele olha para mim. — Então, você já decidiu um resultado para o seu misterioso empresário? — ele pergunta. — Na sua história?

Pisco algumas vezes. — Oh. Hum, ainda não. No começo, eu queria que ele se envolvesse no caso, aquele que o casal principal está resolvendo, mas agora não tenho mais certeza.

— Não?

— Não. — eu digo. Ontem, enquanto escrevia em meu bloco de notas antes de dormir, tive a imagem dele fugindo com a protagonista feminina. Talvez essa seja a história do romance, aquela que tenho lutado para descobrir nas últimas duas semanas.

Talvez ele seja apenas mal interpretado. Ele é acusado do assassinato, e minha personagem principal tem que trabalhar para limpar seu nome... enquanto questiona seu próprio julgamento.

— Eden? — Phillip cutuca.

— Desculpe. — Eu olho para o céu lindo e colorido. Parece tão vasto quanto o oceano se espalhando à nossa frente. — Acho que eu teria me sentido tão infeliz, — digo — se eu fosse aquele astronauta.

Ele franze a testa. — Michael Collins?

— Sim. — Para meu horror, meus olhos se encheram de lágrimas. Eu posso senti-las me traindo. Eu pisco algumas vezes para tentar clarear minha visão. — Desculpe. Só estou pensando no que vai acontecer depois disso.

Ele ainda cresce. — Você está?

— Sim. É estúpido. Desculpe, acho que estou apenas sendo sentimental.

— Sentimental?

Concordo com a cabeça, e uma lágrima estúpida escorre pelo meu rosto. — Sim, pensando em ir para casa amanhã. De sair... do resort.

— Entendo. — diz ele, mas parece tão angustiado que rapidamente balanço a cabeça.

— Não se preocupe, eu não... eu sabia o que era isso, sabe. Isso tem sido ótimo. Espero que tenha sido exatamente o que você precisava também. Nós dois tivemos um rebote, certo? Um caso de férias.

Sua carranca se aprofunda. — Certo.

Eu forço uma nota de alegria em minha voz. — E eu quebrei minha sequência de um homem para sempre! Obrigada por ajudar com isso.

Ele balança a cabeça e pega sua bebida. Mas ele está calado.

— De qualquer forma, eu não esperava nada disso, mas sou grata por isso. — Eu rio, e soa um pouco perturbado. — Não esperava muitas coisas que aconteceram durante essa viagem. Como Kaelie vindo sem ser convidada e jogando bombas.

A voz de Phillip é calma. — O que você quer dizer?

— Bem, ela disse que Caleb me quer de volta.

Suas sobrancelhas abaixam. — Ela fez?

— Sim. Não que isso vá acontecer ou algo assim.

— E ele enviou sua prima aqui para entregar essa mensagem para você? Isso é psicótico.

Eu rio de novo. Parece um pouco mais real desta vez. — Quer saber, eu concordo plenamente.

— Você está melhor sem ele.

— Totalmente. — eu digo. Minhas lágrimas pararam. Estou quase no controle total de novo, e espero não tê-lo assustado muito. E que ele não acha que eu estava chorando por ele. Que estou chateada por perder isso, seja lá o que for, e a possibilidade de se tornar algo mais.

Mesmo que eu esteja.

— Eden. — ele diz novamente, e há aspereza em sua voz agora. — O que você vai fazer depois que voltar para casa?

— Vou tomar o banho mais longo conhecido pelo homem. Vou revelar minhas fotos e vou escrever um livro e pesquisar sobre autopublicação. — Meu copo está quase vazio. Coloco-o ao meu lado e atravesso o espaço até ele.

Ele ainda está sentado muito quieto.

— Também vou garantir que meu eu de férias apareça de vez em quando.

— Você vai?

Concordo com a cabeça e coloco minhas mãos em seus ombros. Ele abre os braços e me puxa para seu colo. Ele é caloroso e familiar, mesmo depois desse curto período de tempo. Meu coração se contrai.

— Vou dizer sim para mais coisas. Para a vida — eu digo.

— Para ver mais tartarugas nascerem? — ele diz.

Eu aceno com a cabeça, minhas mãos espalmadas contra seu peito. Seus olhos estão fixos nos meus, e há uma intensidade lá que eu não vi nos últimos dias.

— Para arriscar. — eu digo.

— Hum.

— O que você deveria fazer também.

Ele levanta uma sobrancelha. — Eu deveria?

— Sim. Não se esqueça das suas férias quando voltar a Chicago.

Ele pega uma mecha do meu cabelo entre os dedos e a enrola, os olhos fixos no movimento. — Seria muito difícil — diz ele.

Minhas mãos encontram o primeiro botão de sua camisa de linho. Eu o desfaço, e depois o segundo, para que eu possa sentir o calor de seu peito por baixo. — Não volte para ela. — eu sussurro.

Ele olha para mim bruscamente. — Eu não vou.

— Bom — murmuro. — Porque você merece muito mais do que alguém que te trai.

Suas mãos deslizam até minha cintura e me apertam com força, como se ele fosse me manter em seu colo para sempre. — Você também, Eden. Você também.



Passei minha última noite na ilha no bangalô de Phillip. Serviço de quarto, bebidas e as brincadeiras casuais que eu gostava tanto com ele. Fizemos sexo em sua cama gigante e luxuosa, originalmente destinada a dois recém-casados.

Ele me beijou com uma intensidade esmagadora e eu cravei minhas unhas em seus ombros, fechando os olhos e me perguntando como vou sobreviver apenas com essas memórias para me lembrar dele. Depois, ele me colocou na curva de seu corpo, e sua respiração profunda me embalou no sono.

É a manhã seguinte, dia D. Dia de partida. Eu tomo banho antes de irmos juntos para o bufê de café da manhã.

— Você fez check-in? — ele me pergunta, e eu aceno, comendo minhas panquecas. — Reservou um carro?

— Não, vou pedir na recepção para me chamar um táxi.

— Bom — diz ele. — Escolheu seu assento no avião?

Eu sorrio para ele do outro lado da mesa. Seus olhos azuis escuros são calorosos, seu rosto tão familiar depois de todos os dias que passamos juntos. — Você é um voador nervoso? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça. — Sou uma pessoa preparada.

— Bem, eu me preparei. Lembre-se, eu sou a rainha dos guias. Da pesquisa.

— Isso mesmo. Quão colorida é a sua etiqueta de bagagem? Tem glitter?

Eu mostro minha língua para ele.

Ele pisca em surpresa antes de rir calorosamente. — Então isso é um sim.

— Coma sua panqueca — eu digo. Singular. Porque isso é tudo que ele se permitiu. Junto com um enorme prato de bacon e frutas.

Ele está sorrindo enquanto come.

A hora do meu voo chega cedo demais. Borboletas perseguem umas às outras no meu estômago, deixando-me desequilibrada. Eu sinto que ainda há uma conversa a ser feita. Mas também não tenho certeza se é uma conversa com a qual posso lidar.

Minha explosão emocional na noite passada não permitiu isso, e hoje estou focada em fazer as malas e comer e tentando não chorar sempre que olho para Phillip.

Solicito um táxi na recepção, deixo meu cartão-chave na caixa designada e caminho com Phillip para fora do saguão. Ele está em silêncio ao meu lado, carregando minha bolsa. Olho para ele com o canto do olho. Ele está usando óculos escuros de novo e parece alto e bonito. Eu gostaria de poder ficar com ele.

Eu gostaria que houvesse alguma maneira de fazer isso durar, mesmo que estejamos separados por vários estados e levando duas vidas muito diferentes.

Paramos no meio-fio.

— Então. — eu digo.

Ele tira os óculos escuros. — Então.

— Estou muito feliz por você estar aqui também.

Seus lábios levantam em um canto. — Sim, eu também. Mesmo que as circunstâncias que nos trouxeram até aqui não fossem boas.

— Já tive anos melhores. — concordo.

Ele passa a mão pelo cabelo. — Estarei esperando seu cartão postal. De volta a Chicago.

— Eu estarei esperando pelo seu — eu digo. — Se não se perder no correio internacional.

Ele acena com a cabeça novamente. — Eden... obrigado.

— Pelo que?

Ele respira fundo e o momento entre nós se estende até o silêncio. Mas então ele fala. — Por ser minha guia.

— Oh. Bem, eu gostei disso. Obrigada por compartilhar tantas de suas atividades planejadas. — Eu mudo de um pé para o outro, as palavras não ditas e inúteis pairando na ponta da minha língua.

— Gostei da companhia — diz.

Meu táxi para e eu me balanço sobre os calcanhares. — Bem.

— Sim — diz ele.

O taxista abaixa uma janela. — É você que vai para o aeroporto? — ele chama.

— Sim.

Phillip dá um passo mais perto. — Eden — diz ele, e há frustração lá. — Eu gostaria de poder... vem aqui.

Ele me puxa contra ele e inclina minha cabeça para trás. Ele me beija — com força — os lábios contra os meus, as mãos machucando meus quadris. Eu entrelaço meus dedos em seu cabelo *agradeço a você, eu penso, por me deixar experimentar isso.*

Eu não quero recuar. Eu não quero entrar no carro. E acima de tudo, eu realmente não quero que ele me deixe ir.

Ele me beija como se sentisse o mesmo.

— Desculpe, vocês dois. — chama o taxista. — Há um microônibus vindo atrás de mim. Devo estacionar...?

Phillip dá um passo para trás, com os olhos aquecidos e a boca em uma linha sombria. — Ela está indo — diz ele, mas seus olhos nunca deixam os meus. — Tchau, Eden.

— Tchau, Phillip. — eu sussurro.

Ele coloca minha bolsa no porta-malas do táxi, fechando a porta atrás de si. Entro no carro, mas não consigo parar de olhar para ele. Eu o observo enquanto o táxi se afasta e segue pela estrada do Winter Resort em direção à estrada principal.

Phillip permanece parado nas portas do saguão, observando meu carro se afastar. Estóico, imponente e sozinho.

Eu inclino minha cabeça para trás contra o assento. Meu coração está batendo rápido. Eu nem tenho o número dele. Ele nunca ofereceu seus dígitos e eu não lhe dei os meus.

Talvez seja assim que sempre deveria terminar. Apenas duas semanas. Dois estranhos que desfrutaram de algum tempo juntos, acalmando suas mágoas... mesmo que isso signifique que eles não são mais estranhos. Muito pelo contrário.

Chegamos a dez minutos do resort antes que o pânico se instale. E se meu cartão-postal nunca chegar? E se ele nunca fizer isso?

Não terei como encontrá-lo.

— Podemos voltar? — pergunto ao motorista. — Por favor. Apenas uma parada rápida. Eu esqueci algo.

— Passaporte? — ele pergunta.

Meu coração está batendo forte. — Sim, acho que sim.

— Não se preocupe. — diz o motorista e me envia um sorriso pelo espelho retrovisor. — Pequena ilha. Ainda vou ter você no aeroporto com bastante tempo.

— Obrigada. — eu digo. — Eu prometo que vou dar uma ótima gorjeta.

Ele ri. — Você tem a aparência de uma. — Ele vira o carro em uma rua lateral e aumenta o volume do rádio, cantarolando junto.

Phillip não está no saguão quando volto. Deixo minha bolsa no táxi e saio correndo, correndo até a área dos bangalôs. Passo por The Sandpiper e The Green Monkey e sigo em direção a Hawksbill. Passo correndo pelo pátio cercado e em direção ao portão. Ele tem que estar aqui, onde mais ele estaria? Ele tem que estar aqui.

É quando ouço a voz dele.

— ...sim, acabei de terminar com ela. Para o bem.

Eu congelo, meus saltos batendo contra o caminho de pedra.

— Não, eu não vou sentir falta dela. Genuinamente, Tess. Era bom para o que era, mas não era para durar. Tudo o que sinto agora é alívio.

Ele fica quieto por alguns segundos. É quando reconheço o nome. Tess. Irmã dele. Eles estão falando de mim? Poderia ser. Pode ser.

— Certo. Foi cansativo ouvir sobre todas as ambições selvagens que ela nunca vai realizar também. Você sabia que ela me pediu para ler um contrato outro dia?

Meu coração para.

Apenas paradas planas.

Sou eu. Tem que ser. Então, foi bom enquanto durou, né? E eu nunca vou alcançar minhas ambições selvagens. Assim como Caleb costumava dizer. Meus dedos formigam, como se eu tivesse tocado um fio elétrico exposto.

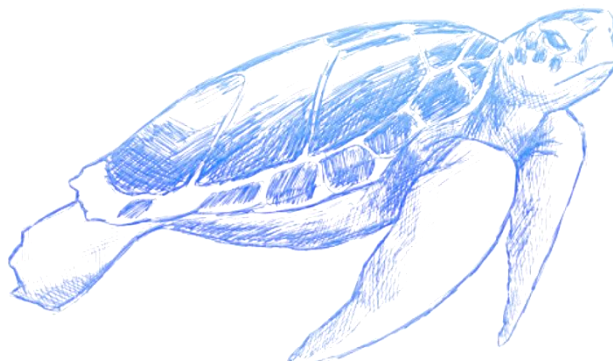
Parece que julguei mal alguém mais uma vez.

— Sim, eu sei. Eu disse a ela para parar... — ele continua, mas não consigo mais ouvir. Eu me viro e corro de volta pelo caminho, em direção ao saguão e ao carro que está esperando.

Desta vez, não paro no caminho do aeroporto.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

TRÊS SEMANAS DEPOIS



— Tudo bem — diz Becky. Ela está sentada no meu sofá, com os pés em cima da mesa de centro. Sua xícara de chá está empoleirada em cima de sua barriga gigante. — Então, as duas irmãs que estão sempre discutindo. Elas são as verdadeiras assassinas?

— Sim!

— Ok, eu amo isso. Eu suspeitei delas desde o começo, você sabe.

Eu rio. — Claro que você fez.

Ela mexe os dedos dos pés. — Isso é ótimo. Faz meses que não vejo você tão empolgada.

— É uma ótima história. — eu digo. Talvez seja só porque estou na fase mágica, apenas dez mil palavras para uma nova história e um pouco apaixonada demais pela minha própria visão, mas desta vez acredito. — E sabe de uma coisa? Até o último momento, todos vão realmente suspeitar do...

— Empresário — Becky diz e pisca. — Eu lembro.

— Bem, eu estava pensando em transformá-lo neste banqueiro estrangeiro, talvez na casa dos sessenta? Ele acabou de tomar uma terrível decisão financeira e vem para a ilha para se esconder.

Ela franze a testa. — Então ele não vai mais ser o interesse amoroso da nossa garota?

— Não, não nesse caso. — Eu puxo minhas pernas para baixo de mim, sentada como um pretzel na minha poltrona. Então eu pego um cobertor e coloco cuidadosamente no meu colo.

— Eden. — diz ela.

Eu suspiro. — Sim, ok, então não consigo descobrir o personagem do empresário.

— Porque ele é baseado em uma pessoa real. — ela diz.

Não é uma pergunta, mas eu aceno de qualquer maneira. — Sim, inspirado em um, de qualquer maneira. Teria sido incrível se eu ainda pudesse... Se eu pudesse separar minha própria experiência da inspiração.

— Talvez você possa usar sua própria experiência.

— Sim. — eu digo. — É só... se eu o escrever como o misterioso homem de negócios que minha personagem principal inicialmente suspeita, e então se apaixona na viagem, e eles têm esse romance turbulento e então ele é acusado injustamente, e eles têm que trabalhar juntos para resolver o assassinato.

— ... e confrontar as irmãs assassinas e então cavalgar juntas para o pôr do sol — diz Becky, balançando a cabeça vigorosamente. — Eu amo tanto isso.

— Sim, é uma boa história. Acho que poderia escrever bem. Talvez...

— Mas? — ela pergunta, e sua voz suaviza. — É porque você teria que dar ao personagem principal um final feliz com ele?

Eu suspiro novamente. — Isso me faz parecer terrivelmente mesquinha, não é?

— Não tenho certeza, já que a mulher que você negaria a felicidade é, você sabe, *fictícia*.

Eu rio. — Sim, você está certa.

Ela pega outro travesseiro para se apoiar atrás das costas, grunhindo enquanto o faz. — Podemos repassar o que aconteceu mais uma vez?

— Nós temos?

Ela aponta para a barriga. — Eu poderia estourar a qualquer segundo, meus pés doem e estou inchada em todos os lugares.

— Ok, tudo bem. — eu digo com um sorriso. — Podemos fazer o que você quiser.

— Isso mesmo. — diz ela. — Então, a conversa que você ouviu. Tem certeza de que ouviu o que pensa que ouviu?

Eu apoio minha cabeça em minhas mãos. — Sim, claro, sim. Ele mencionou ter lido o contrato durante a viagem. *Ela me pediu*, Isso foi o que ele disse. Ficou bem claro de quem ele estava falando.

É mais fácil discutir agora do que na primeira vez, apenas alguns dias depois que voltei para Pinecrest e encontrei uma animada Becky que queria ouvir tudo sobre meu romance de férias.

Ainda é doloroso, mas naquela época doía fisicamente. Uma lâmina cortando as raízes de uma nova esperança que apenas começou a crescer.

Becky geme. — Eu odeio que você não pode simplesmente ligar para ele e perguntar. O que diabos vocês estavam pensando, qualquer um de vocês, não trocando números?

Eu suspiro novamente. — Não sei. Eu pensei que era meio romântico, na época. Seríamos apenas um caso de férias e uma bela lembrança. E eu ia dar meu número a ele quando voltei do aeroporto - foi por isso que ouvi a conversa dele em primeiro lugar!

— Homens. — diz ela e balança a cabeça.

Eu pego no cobertor. — A pior parte é que estou com raiva dele e sei que isso não é justo porque não o estava usando como rebote também? Tentando superar Caleb, ter intimidade com alguém novo, passar os dias? — Minha voz está subindo, e eu me forço a respirar fundo. — Então, por que estou tão *furiosa* por ele querer exatamente a mesma coisa?

Becky sorri. — Porque em algum lugar entre todo o mergulho e beber rum e fazer sexo, você captou sentimentos.

— Ugh.

— É verdade. Nós duas sabemos disso.

— Eu sei. — eu digo e olho para o meu colo. Minha calça jeans está puída na bainha, e há uma mancha de glitter lá da minha aula do jardim de infância de hoje cedo. — Eu não queria.

— Eu sei, Eden.

— O que realmente me incomoda é que agora eu sei como isso pode ser bom. — eu digo, apontando o dedo para ela como se fosse culpa dela. — Eu sei o quão incrível pode ser o sexo com um quase estranho, mas as chances de isso acontecer novamente são zero. Z.E.R.O

Ela assente, franzindo a testa. — Sim, infelizmente, isso não é muito comum.

— Então eu vou ter que começar a namorar. — eu digo e jogo minhas mãos para cima como se eu tivesse sido condenada ao pior destino imaginável. — E todos os encontros eu vou comparar com Phillip.

Ela bate as unhas na porcelana de sua caneca. — Você pesquisou sobre ele?

— Pesquisar no Google?

— Não finja que não.

— Ok, sim, eu fiz.

Ela brilha. — E?

— Encontrei o escritório de advocacia dele. Uma foto dele muito mais jovem de um artigo no jornal de sua faculdade.

— Impressionante.

— E é basicamente isso. Ele não está nas redes sociais.

— Nenhuma informação de contato?

Eu suspiro. — Não. E mesmo que eu encontrasse alguma, ou tentasse entrar em contato com seu escritório de advocacia, de que adiantaria? Você sabe o que ele disse a sua irmã. Ele ficou aliviado porque nosso caso acabou.

A dor queima em meu peito. Raiva também. Tanto dele... quanto de mim. Por acreditar novamente. Tão estúpida.

— Você poderia simplesmente repreendê-lo sobre isso. — sugere Becky. — Enviar uma carta por meio de seu escritório de advocacia e repreendê-lo por ser um porco.

Eu estreito meus olhos para ela. — Você só quer ver o mundo queimar.

Ela assente, sem negar. — Claro que eu faço. Estou com dor e quero que todos também estejam.

— Ainda estou esperando o cartão postal dele chegar.

Suas sobrançelas voam alto. — Oh meu Deus. Esqueci-me de verificar a caixa postal hoje. Então, não chegou.

— Não chegou. — eu digo. Todos os dias, depois do trabalho, mando uma mensagem para Becky avisando que o cartão postal não chegou. Quando eu esqueço, ela manda uma mensagem para perguntar. — Mas, neste momento, não estou prendendo a respiração.

— Você deve. O correio internacional pode ser super lento e estranho.

— Sim, mas o que isso diria? Espero que você tenha uma boa vida? — Eu balanço minha cabeça. — Olha, acho que é melhor deixar isso para o passado. Eu tive sentimentos. Aconteceu, mas não vou deixar acontecer de novo. Não por um tempo. Depois... depois de Caleb e Cindy, e agora depois de Phillip, é o suficiente.

Ela acena com a cabeça. — Sensata. Então, o personagem do empresário está definitivamente fora?

— Definitivamente. — eu digo. — Acho que a personagem principal pode ter um interesse amoroso por um surfista, ou talvez o dono do hotel, ou o gerente? Isso pode ser quente.

Becky faz um zumbido enquanto escuta, mas eu sei que ela está secretamente torcendo pelo taciturno homem de negócios. Ela já deixou isso claro antes.

E eu também, uma vez. Mas não posso mais.

Pego minha própria xícara de chá. — De qualquer forma. — eu digo. — Que dia você está planejando finalmente ter esse bebê?

Becky inclina a cabeça para trás contra um travesseiro e geme. — Deus, eu gostaria de saber! Eu acordo esperando que seja hoje.

Ver sua experiência de perto me deu um novo nível de respeito pelas mães. A gravidez não é um passeio no parque, desde as primeiras semanas de náusea até a dor atual na pélvis. — Ela provavelmente está tão confortável aí. — eu digo. — Nunca quer ir embora.

Becky olha para a barriga e passa a mão sobre ela. — Bem, a senhoria dela está se preparando para despejá-la — ela diz, mas sua voz é mais suave agora. — Eu também mal posso esperar para conhecê-la. Eu a quero aqui conosco.

Meu coração incha. — Eu também.

Becky respira fundo. — Este vai ser um ano selvagem para nós, você sabe.

— Eu incluída?

Ela acena com a cabeça, seu rosto sereno. — Sim. Porque você está em sua própria jornada agora. Eu posso dizer.

Eu bato meus dedos ao longo do meu joelho. — Com...?

— Tudo. — diz ela e acena com a mão no ar. — Finalmente recebendo este lugar decorado e todo seu. Escrevendo este livro e auto-publicando. Vivendo seu sonho, seu, e não o de Caleb. Fazer essa viagem foi o primeiro passo. Esse era o seu sonho. Eu quero que você faça mais disso.

Eu rio. — Sim, estou tão feliz por ter ido.

— Eu também. — diz ela, com um sorriso largo. — A garota que Patrick e eu levamos para o aeroporto não é a mesma que voltou para casa.

— Realmente? Eu estava deprimida em ambas as direções. — eu digo.

Ela ri. — Sim, mas uma estava triste e a outra estava com raiva. Você recuperou seu fogo.

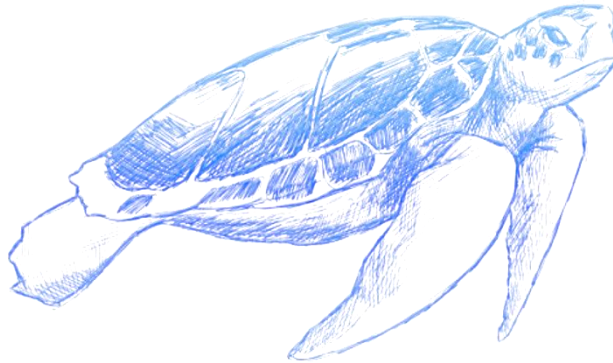
Talvez eu tenha. Talvez meu eu de férias o tenha encontrado e trazido de volta para mim.

Eu tenho um trabalho que eu gosto. Um livro que estou ansiosa para escrever. Uma família que amo, uma afilhada a caminho e uma casa nova toda minha.

E daí se um pequenino cartão postal não tivesse chegado?

Em vez disso, vou ter que viver com as memórias dele.

CAPÍTULO VINTE E SETE



Estou voltando do trabalho para casa quando recebo a ligação.

Foi um bom dia. Um ótimo, mesmo. Meus alunos do jardim de infância estão atualmente explorando o sistema solar, e passamos a maior parte do dia criando réplicas de papel machê de Saturno.

Durante minha pausa para o almoço, peguei minha salada pré-embalada e comi no meu carro. Não foi nada triste - foi necessário, porque me permitiu escrever no meu laptop durante todo o almoço. Eu nunca teria conseguido paz e sossego na sala de descanso.

As irmãs assassinas estão rapidamente se tornando a parte mais interessante da história para mim. Estou focando mais nelas e no mistério e menos no romance.

Talvez porque eu ainda não tenha resolvido o outro pequeno quebra-cabeça no centro de tudo... quem será o interesse amoroso da personagem principal.

Eu tentei pensar em outros personagens. Eu até cheguei a escrever uma versão em que o gerente do hotel era o interesse romântico, mas não parecia certo. Nada fez. Faz.

Exceto...

A única versão da história que não devo escrever; que dói escrever. Aquele em que Phillip é minha inspiração. A pior parte é que sei que seria fácil, como cair em uma memória e extrair emoções da experiência, em vez do ar.

Mas não quero pensar nele, porque toda vez que penso, fico com raiva.

De mim mesma. Com a situação. E depois com ele e pelo que ele disse ao telefone para sua irmã, e porque eu podia ouvir o alívio em sua voz. Ele era genuíno. Ele quis dizer cada uma daquelas palavras.

Acho que o atrapalhei muito naquelas duas semanas. E talvez tenha sido agradável estar comigo. Divertido, até. Eu não podia negar que ele estava... bem... ele queria fazer sexo. Bastante. Ele estava atraído por mim.

Isso contava para alguma coisa, e eu não podia fingir que não. Eu tinha minha confiança de volta nessa área, pelo menos.

Era apenas mais que ele não queria.

E está tudo bem, se eu pensar nisso logicamente. Conveniente, até, visto que não moramos no mesmo estado e ambos estamos saindo de nossos respectivos relacionamentos. Mas ainda estou com raiva e magoada por ele ter chegado a essa conclusão quando eu estava começando a sentir o contrário.

Mas... Sempre em frente.

Então, ainda estou de bom humor quando estou dirigindo de volta para casa do trabalho. Saturno, escrever livros e o calor de maio no ar.

A ligação é de Becky. Eu a coloco no viva-voz e continuo dirigindo.

— Ei?

— É Patrick. — Sua voz é apressada. — Está acontecendo.

— Está acontecendo?

— Sim. Estamos a caminho do hospital agora.

— Ok. Vou pegar Ziggy. — eu digo. Sua mistura de Jack Russell odeia ser deixada sozinha, e nenhum de nós sabe quanto tempo seria sua permanência no hospital.

Elaboramos esse plano de jogo meses atrás. Becky entra em trabalho de parto; Eu vou pegar o cachorro.

— Obrigada. — diz ele. Há um gemido baixo ao fundo e então ouço a voz de Becky, frenética e com raiva.

— Diga a ela para não esquecer as guloseimas dele!

— Certo. Guloseimas, Eden, lembre-se...

— Vou pegar suas guloseimas. — eu digo. — Não se preocupe com Ziggy. Boa sorte aí.

— Obrigado — diz Patrick em uma longa expiração, carregado de emoção.

— Diga a ela que a amo e estarei pensando nela e em todos vocês. Ela é forte.

— Ela é. — diz ele. — Ela realmente, realmente é. Ok. Falo com você em breve, Eden.

— Boa sorte pessoal.

Ele desliga e eu acelero pelas ruas familiares, como se fosse eu quem estivesse correndo para um hospital em vez de pegar um cachorrinho esperto e mimado.

Tenho que parar em casa para pegar a chave reserva de Becky na cômoda do corredor. Entro e saio de casa em menos de cinco minutos.

Só que, ao destravar a porta do carro, percebo que esqueci de verificar hoje.

Abro minha caixa de correio e pego um maço de panfletos de supermercados locais, lanchonetes e grandes lojas. Um envelope cai, caindo na calçada.

Tem meu nome completo escrito em tinta preta.

E está carimbado em Barbados.

Eu fico olhando para ele por um minuto inteiro, como se eu realmente não pudesse acreditar que ele está lá. Não tenho certeza se quero descobrir o que há dentro.

Ziggy. Certo.

Pego o envelope e entro no meu carro. Meu coração está batendo rápido quando eu o abro, rasgando acidentalmente o lindo selo. Pego o cartão postal e várias notas de vinte dólares vêm com ele. Uma das notas de vinte está um pouco amassada no canto.

O que?

O cartão postal tem a foto de uma tartaruga. Isso me faz sorrir porque, claro, ele escolheu esse. Eu o viro.

Eden,

Por favor, encontre o dinheiro que você me pagou pelo nosso primeiro jantar fechado. Você disse que não poderia me deixar pagar por isso, porque seria um encontro. Bem, este sou eu dizendo que foi. Nosso primeiro.

Estas semanas com você foram algumas das minhas mais felizes. Eu sei que você ainda está superando um ex, e você só queria um rebote, para não mencionar a coisa de longa distância. Mas tudo o que sei, parado aqui e escrevendo um cartão postal porque você teve essa ideia maluca (e não consigo dizer não a nenhuma de suas ideias malucas), é que preciso vê-la novamente.

Meu telefone está abaixo. Uma mensagem sua e posso embarcar no próximo avião para Washington.

Phillip.

Eu o leio mais uma vez antes de colocar cuidadosamente o cartão postal, o envelope e as notas que antes eram minhas no banco do passageiro.

Eu dirijo para a casa de Becky em uma névoa. A rota é familiar e, talvez isso seja ruim porque dá espaço ao meu cérebro para repassar as palavras de Phillip. Não parecem vir de um homem que ficou feliz em se despedir de mim, que disse que foi um *alívio*. Elas parecem dizer que ele estava interessado em mais.

Assim como eu.

Ele enviou isto há cinco semanas. Talvez ele esteja andando por aí pensando que recebi depois de uma semana, mas não liguei, e está se perguntando por quê.

Como posso dizer a ele que escutei a conversa dele? Devo mesmo fazer isso?

Posso fazer essa ligação?

Ziggy é uma bola quicando de energia quando entro na casa de Becky e Patrick. Suas patas descansam na minha canela e eu o coço atrás das orelhas, seu rabo balançando rapidamente.

— Você está prestes a conseguir outro membro da família. — digo a ele. — Eu aposto que você vai enlouquecer quando eles a trouxerem para casa.

Ele lambe minha mão.

Eu pego um conjunto de suas coisas. Coleira, sua tigela favorita, caixa para o carro, um saco de ração para cachorro e suas guloseimas. Estou juntando tudo perto da porta quando Ziggy entra na cozinha, abanando o rabo, segurando uma velha bola de tênis na boca. Ele a deixa cair entre as patas e olha para mim com expectativa.

— Não podemos brincar de buscar agora. — eu digo e o pego. Ele se afasta, o rabo abanando ainda mais rápido. — Eu prometo que vamos jogar quando chegarmos na minha casa, ok?

Eu jogo a bola dele na minha bolsa de coisas, e ele inclina a cabeça, olhando para mim com consternação. *Você deveria jogá-la*, diz o olhar dele.

Acabamos de chegar ao meu carro quando meu telefone toca novamente. Vejo o número de Becky e meu coração dispara.

— Está tudo bem?

— Esquecemos minha bolsa! — Becky grita. Sua voz está tensa, e posso ouvir o estresse nela. — Tem todas as minhas coisas nela. Você poderia...

— Sim, vou levá-la para o hospital imediatamente. — eu digo. — Não se preocupe.

— Obrigada. — diz ela. — Você é a melhor.

— Não, nesta situação, você é. Como você está se sentindo?

— Como se eu estivesse sendo dividida ao meio, e não de um jeito legal.

Ao lado dela, ouço o bufo divertido de Patrick.

Eu rio. — Parece que você está mantendo seu ânimo alto.

— Eu tenho. — diz ela. — É a única coisa que me resta para trabalhar.

Nós desligamos e eu pego a bolsa de onde ela está, embalada e preparada, no banco do corredor. Patrick devia estar louco para perder um detalhe tão importante.

Ziggy está quieto no banco de trás durante nosso caminho para o hospital. Entre todos nós, ele parece estar lidando melhor com essa situação.

Meu coração está batendo como se eu estivesse realmente correndo para o hospital com a grávida Becky em vez de sua bolsa no banco do passageiro.

Phillip estendeu a mão.

Becky está dando à luz.

Eu deveria ligar para ele.

Por favor, deixe tudo correr bem.

Chego ao estacionamento do hospital, dou uma tigela de água para Ziggy e abro uma janela. Ele descansa a cabeça nas patas e dá um suspiro canino. *Ok, eu vou esperar aqui.*

Estou caminhando em direção à entrada do hospital quando a vejo. Do lado de fora, bebendo uma lata de refrigerante sob o sol quente.

Claro que isso está acontecendo. Ela é enfermeira e trabalha neste hospital. O timing da natureza é impecável. Cindy olha para cima. Nossos olhos se encontram e sua boca se abre em surpresa.

Eu não diminuo a velocidade, a bolsa de Becky na minha mão. Há muitas coisas mais importantes acontecendo agora do que nossa não amizade.

— Eden. — diz ela.

— Ei, Cindy. — eu digo com um aceno de cabeça.

Não nos falamos, não mesmo, desde que tudo explodiu. Aqueles dias foram alguns dos mais feios da minha vida. Lutando, primeiro com Caleb e depois com Cindy. Tê-la soluçando na minha frente como se eu a estivesse machucando; quando era ela quem dormia com meu noivo há meses.

— Como você está? — ela pergunta.

Eu desacelero, olhando para a porta do hospital. — Bem. — Talvez seja a adrenalina, ou todas as outras coisas acontecendo, mas não me sinto nervosa. — Estou escrevendo de novo.

Seus olhos se arregalam. — Oh! Isso é muito bom de ouvir. Ouvi dizer que você se mudou para sua nova casa.

— Eu sim. É ótima.

— Eu aposto. Você sempre foi ótima em transformar um lugar em um lar. — Ela me dá um sorriso. É do tipo que diz *eu sei que isso não vai*

resolver nada, e você também sabe disso. Mas eu ainda te conheço, e você ainda me conhece. Mesmo depois de tudo.

E eu não posso discutir com isso.

— Você está bem? — Eu pergunto.

Ela dá de ombros. — Sim. Na verdade, entrei no programa de obstetrícia. Estou começando no outono.

— Realmente? Parabéns.

— Obrigada. — ela diz, sua expressão apertando. — Eu sei que não importa, mas eu realmente sinto muito, Eden. O que eu fiz... não há desculpas.

— Eu sei que você sente. — eu digo. — É só que...

— Eu fiz isso de qualquer maneira. — diz ela e respira fundo. — Eu sei.

Aproveito a oportunidade para fazer a pergunta que queria ver respondida desde aquelas primeiras semanas feias. — Então, você e Caleb estiveram...?

Ela balança a cabeça. — Não, de jeito nenhum.

— Certo. — eu digo. Não sei se esperava que a resposta tornasse as coisas mais fáceis ou mais difíceis, de alguma forma. Ouvir que eles tentaram fazer isso de verdade, ou que explodiram minha vida apenas por causa de um sexo casual.

Eu acho que isso realmente não importa, no entanto. As ações falam mais alto. Porque intenções? Elas sussurram.

Aposto que ele tentou com ela. Assim como ele tentou me trazer de volta. Pedindo desculpas por seu comportamento e vendo quem estaria disposta a aceitá-lo de volta.

Cindy dá de ombros. — Eu sei, é muita hipocrisia, mas eu não queria ter um relacionamento com ele. Não quando eu vi como ele tratou você. Com a minha ajuda.

— Sim, você se esquivou de um, eu suponho.

— Estou em terapia. — diz ela. — Para tentar entender por que eu... bem. Sinto muito, isso é tudo.

— Obrigada. — eu digo.

Ela acena com a cabeça novamente. — Então, como está Becky?

— Ela está dando à luz. — eu digo e seguro sua bolsa. — Como agora mesmo. Eu tenho que entrar.

— Merda, sério?

— Sim.

— Oh meu Deus. — diz Cindy, e um sorriso verdadeiro transforma seu rosto. Ela se parece com a amiga de que me lembro, aquela que chorou ao meu lado quando Becky nos contou pela primeira vez que estava grávida. — É incrível.

— Sim. Eu tenho que ir.

— Claro. — diz ela. — Eu sei que ela não vai querer ouvir, e você não vai contar a ela, mas desejo a ela tudo de bom. Para ambas.

Eu concordo. — Sim. Eu sei.

— Tchau, Eden.

— Tchau.

Afasto-me de outra faceta do meu passado e entro no hospital. Tanta coisa para processar e absolutamente nenhum tempo, nenhum.

Pelo menos não há dor. Ressentimento, talvez. O peso da história compartilhada e certamente a desconfiança. Mas conversar com Cindy não trouxe à tona todos aqueles velhos sentimentos.

Atravesso os corredores estéreis do hospital e finalmente chego ao quarto de Becky e Patrick, onde ela está mastigando as lascas de gelo.

Ao lado dela, Patrick parece ter sido eletrocutado.

Ele olha para mim. — Olá, Eden. Obrigado.

— Sem problemas! Ziggy está no carro. Vou levá-lo para um longo passeio mais tarde.

— Obrigada. — Becky diz com um largo sorriso. Ela parece perfeitamente serena, balançando a cabeça junto com o som da música tocando em seu telefone.

— Você está bem? — Eu pergunto a ela.

— Ela optou por tentar gás hilariante. — diz Patrick — antes que a epidural entre em ação.

— Sim. É incrível. — Becky diz e levanta uma máscara de respiração. — Ei, você parece um pouco pálida. Tudo certo?

— Você não tem permissão para se preocupar com ninguém além de você hoje. — eu digo e acaricio sua perna sobre o cobertor do hospital. — Você e sua garotinha. E possivelmente Patrick.

Ela dá a seu marido um olhar divertido. — Sim, acho que devo fazer isso.

— Deixe-me saber se você precisar de mais alguma coisa. Estou em espera. E não se preocupe, lembrei-me das guloseimas de Ziggy.

Becky ri e coloca a mão na barriga. — Bom. Isso pode demorar um pouco. Minhas contrações diminuíram agora.

Eu sigo em direção à porta. — Você consegue, no entanto.

Ela acena com a cabeça como se isso fosse óbvio. — Sim. Ei! — ela diz e pega o gás hilariante. — Cartão postal?

Eu faço uma careta. — Chegou hoje.

— De jeito nenhum!

— Sim, mas falaremos sobre isso em uma ou duas semanas. Realmente não é...

— Dê-me a versão de cinco minutos. — ela diz em uma voz com a qual você não discute.

Então eu faço.

Depois, dirijo para casa com um propósito claro. De ligar para Phillip. Talvez seja só para perguntar sobre o telefonema que ouvi. Talvez seja para perguntar sobre o que ele escreveu no cartão postal.

Talvez apenas para contar o meu lado da história.

Chego em casa depois de escurecer e pego Ziggy. Ele dança em volta das minhas pernas e me deixa presa em sua coleira.

Há um carro estacionado em frente à minha casa. Geralmente não está lá, mas não penso muito sobre isso, vasculhando minha bolsa em busca das chaves de casa. Em vez disso, encontro a de Becky e tenho que continuar procurado.

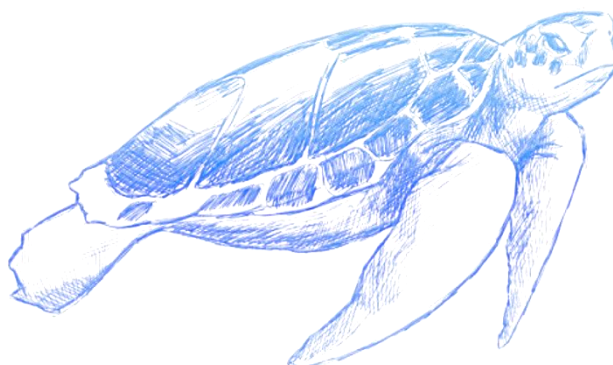
— Ei. — diz uma voz.

Ziggy late duas vezes, parado aos meus pés.

Eu olho para cima. Na calçada, em frente à minha casa, está Phillip Meyer. Ele está com as mãos nos bolsos de uma calça jeans escura e vestindo uma camisa azul impecável com as mangas arregaçadas.

— Desculpe aparecer sem avisar. — ele diz e abre aquele sorriso torto. — Como você tem estado?

CAPÍTULO VINTE E OITO



— Você está aqui. — eu digo.

Ele concorda. — Sim.

— Na minha cidade natal. Na minha casa.

— Sim. — diz ele novamente e franze a testa. A barba sumiu, e seu cabelo está mais curto e arrumado nas pontas. Ele parece dolorosamente familiar e também como um belo estranho. — Posso voltar outra hora. Ou nunca, se preferir.

— Não, não vá embora.

— Tudo bem. — diz ele e sorri novamente.

Ziggy caminha em direção a esse estranho homem novo, fora de uma casa em que ele raramente vai, e fareja os pés de Phillip. Lentamente, seu rabo começa a abanar.

— Você tem um cachorro? — Phillip se abaixa para acariciá-lo, passando a grande mão pelas costas de Ziggy.

— Não. — eu digo.

O mundo parece fora de ordem. Como se tivesse mudado permanentemente sob meus pés, e eu não consigo encontrar meu equilíbrio.

Eu apenas o encaro.

Phillip ri. — Certo. Você roubou este, então?

— Não. É minha melhor amiga.

— O cachorro?

— Não, desculpe, quero dizer, é o cachorro da minha melhor amiga. Ele vai passar a noite comigo porque minha amiga está em trabalho de parto.

Suas sobrancelhas se erguem. — Droga.

— Sim. É muito. — eu digo. — E seu cartão acabou de chegar. Seu cartão postal, quero dizer. Só hoje.

— Uau. — Ele passa a mão sobre o queixo, contemplando isso. Há algo contido nele e cauteloso. Reflete exatamente o que eu sinto.

— Você pegou o meu? — Eu pergunto. Minha boca está seca.

— Sim, cerca de três semanas atrás.

— Oh.

— Gostei — diz. — Você me disse que seria minha guia em Pinecrest... se eu precisasse de uma.

— Sim. Eu fiz. — Então balanço a cabeça, sentindo-me absurda. Ziggy está cheirando minhas roseiras, minha melhor amiga está em trabalho de parto e aqui está Phillip, bem na minha frente. — Estou confusa.

— Pelo quê?

— Você. — eu digo. — Isso. O cartão postal, você aparecendo aqui... tudo isso.

Seu sorriso desaparece. — Eu vejo. Se você quer que eu vá, eu irei. Não há problema.

— Não, fique. É que, depois que nos despedimos em Barbados, eu dei a volta com o táxi.

Seus olhos se arregalam. — Você fez?

— Sim. Fui ao seu bangalô e ia lhe dar meu número e dizer que queria manter contato. De alguma forma. Mas você estava ao telefone.

Suas sobrancelhas se juntaram e há uma pequena ruga bem entre elas, como se ele estivesse pensando no passado. — Sim, está certo.

Eu respiro fundo. — A coisa é, agora eu estou me perguntando se eu estava louca. Porque você está aqui. Você está na minha porta e escreveu todas aquelas coisas legais no seu cartão...

— Oh — diz ele, sua testa suavizando. — Você me ouviu falando com minha irmã?

— Sim. Você estava dizendo coisas e, a princípio, pensei que fosse sobre sua ex, mas depois você mencionou um contrato.

Ele solta um suspiro agudo. — Era sobre a minha ex. Minha irmã esteve no meu apartamento mais cedo naquele dia, para se certificar de que Lauren pegou todas as suas coisas e pegou as chaves de volta. Depois disso, mandei uma mensagem para Lauren e disse a ela que ela não poderia me ligar de novo, por qualquer motivo. Eu queria uma pausa limpa.

— Sêrio?

— Sim.

— Mas você mencionou algo sobre ser solicitado a ler um contrato, e foi isso que você fez por mim. Eu pedi para você ler o meu!

Ele ri. — Sim, porque eu me *ofereci*, Eden. Eu queria ler o seu. Mas ela me enviou um contrato por e-mail para um pequeno acordo de patrocínio que ela queria que eu examinasse. Aparentemente, ela pensou que ainda poderia obter aconselhamento jurídico gratuito de mim. Eu disse 'inferno, não' para isso.

— Oh. Na mesma semana?

— Sim. Recentemente, ela está tentando se tornar uma influenciadora de mídia social e sempre tirando fotos de - Deus, Eden, a última coisa que vim aqui para falar com você foi sobre minha ex.

Minha respiração está ficando rápida. — Então, você realmente não estava falando sobre mim?

— Não, eu realmente, realmente não estava. — diz ele. — Dizer adeus a você foi... bem. Eu gostaria de ter sido mais suave.

— Você foi suave. Você parecia despreocupado.

— Bem, eu não estava. Eu queria pedir o seu número. Para vê-la novamente. Mas você me disse que estava apenas procurando um rebote e tinha um professor de matemática bonito no trabalho convidando você para sair...

— Eu nunca disse que ele era bonito!

— Foi o que eu ouvi, de qualquer forma. — Phillip diz e dá um passo mais perto. — Durante todo o voo de volta para Chicago, eu me odiei por isso. Por não ter perguntado a você.

— Eu também te odiei durante todo o meu voo para casa. — murmuro.

Ele sorri. É torto. — Eu também teria merecido, se realmente estivesse falando sobre você.

— Como você me achou? Como... como você está aqui?

— Eu aterrissei em Chicago e nada parecia certo. Tínhamos uma conversa de duas semanas, e eu não estava pronto para terminar.

— Eu também. — eu sussurro.

Ele estende a mão e passa uma mecha do meu cabelo entre dois de seus dedos. Seus olhos suavizam. — Você, com suas ideias malucas e fala sobre férias, e me forçando a sair da minha zona de conforto a cada passo. Seu lindo cabelo castanho, sua boca rápida e esses olhos escuros. Eu poderia olhar para eles para sempre.

Eu não posso respirar.

— Meu escritório de advocacia foi contratado por uma empresa aqui em Washington. Há uma fusão de tecnologia acontecendo, um dos maiores negócios nacionais em meses. Uma posição consultiva foi aberta.

— Aqui? — Eu pergunto.

Ele acena com a cabeça, e desta vez suas palavras se tornam cautelosas. — Enviei minha inscrição nove dias depois de voltar para Chicago. Pousei na semana passada.

— Então você... mora aqui agora?

— Estou em uma estadia prolongada de três meses em Seattle, sim.

— Uau. — eu digo. — Ok. Uau

— Um bom uau? Ou um uau horrorizado?

— Bom, eu acho. Mas como você me encontrou? E minha casa?

Com isso, sua expressão se torna desgostosa. — Bem, eu poderia ter feito um pouco de trabalho investigativo. Eu não tinha certeza se meu cartão-postal chegaria, e eu... — Ele para e passa a mão pelo cabelo. — Tenho pensado em você sem parar desde Barbados.

— Oh. — eu respiro.

— Eu tinha que saber. Eu tive que dizer as coisas que não disse quando estávamos nos despedindo, mesmo que você quisesse que eu fosse embora depois. Decorei seu endereço no cartão postal e... aqui estou.

Eu dou um passo mais perto. — Eu realmente não posso acreditar que você está aqui. Por semanas, pensei que você não se importava. Que dizer adeus para você foi fácil.

— Não foi. — diz ele. — Não na época, e definitivamente não nos dias seguintes. Eu sabia que tinha que encontrar você.

— Você fez.

— Eu fiz. — diz ele e passa os dedos sobre minha bochecha. É hesitante, como se ele ainda não tivesse certeza se tem permissão para me tocar. — Só havia uma coisa que me impedia.

Eu me inclino para o calor de sua mão. — Havia?

— Você conheceu meu eu de férias, como você gostava de chamar. Eu não tinha certeza se você gostaria do meu eu normal também.

— Só há uma maneira de descobrir.

— Eu trabalho muito, Eden. Eu amo isso.

— Eu sei que você faz.

— Não tenho certeza se já me senti assim por alguém.

— Nem eu. — eu sussurro. — Eu não parei de pensar em você também. Mesmo quando eu te odiei porque pensei que você tinha dito essas coisas sobre mim.

— Sinto muito por ter feito você duvidar. — ele murmura. Ele inclina minha cabeça para trás, e a intensidade em seus olhos me tira o fôlego. — Você é a coisa mais maravilhosa que eu nunca vi chegando. Preciso de mais disso na minha vida.

Ele enfia a mão no bolso de trás da calça jeans e tira um guia fino e lustroso. Nele, a palavra Washington está em negrito, letras pretas. — Eu preciso de uma guia, você vê.

— Oh.

Ele sorri. — E este livro é vergonhosamente carente de anotações.

— Nem parece marcado. — eu digo.

— Não está. Nem um único.

— Coitadinho. — eu sussurro e fico na ponta dos pés.

Ele se inclina um centímetro. — Isso significa que você vai me deixar levá-la para sair?

— Sim. — eu digo, e ele fecha a distância entre nós.

Phillip me beija suavemente, seus lábios familiares novamente em um instante. Eu entrelaço minhas mãos atrás de seu pescoço e o beijo de volta. No meu peito, meu coração parece estar batendo fora da minha caixa torácica. Eu sonhei em estar em seus braços novamente. Com os olhos fechados, quase posso ouvir as ondas do mar quebrando na costa e o som distante das cigarras.

É como chegar em casa e sair de férias, o melhor dos dois mundos.

Excitação inunda através de mim. Eu posso passar mais tempo com ele. Depois de semanas pensando e se preocupando, há um futuro para isso. Não vou ter que viver só de lembranças.

Seus beijos ficam ainda mais suaves e lentos, como se ele tivesse medo de que eu quebrasse ou me assustasse, como se isso ainda fosse muito frágil para acreditar. Eu quero dizer a ele que não é.

Que nunca me senti mais viva.

Mas acho que o tempo terá que fazer isso por nós.

— Onde você vai ficar? — Eu pergunto, enfiando minhas mãos em seu cabelo. Deus, ele cheira bem.

Seu polegar roça meu lábio inferior. — Em um hotel em Oakwood.

— Isso é mais de uma hora de distância.

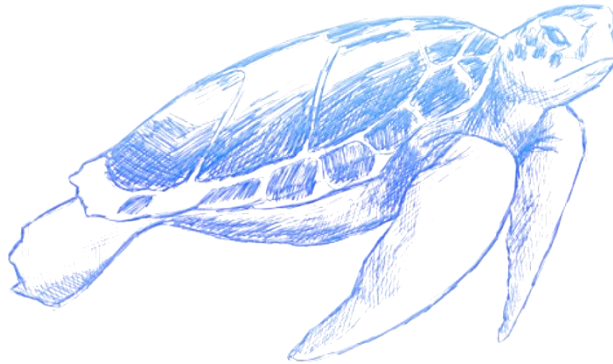
— Sim. A meio caminho de Seattle.

Pego sua mão e entrelaço meus dedos nos dele. — Venha, então. Deixe-me mostrar meu bangalô.

Ele sorri. É brilhantemente amplo, prometendo muito mais por vir, e sua mão aperta a minha. — Lidere o caminho.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

TRÊS SEMANAS DEPOIS



Phillip se recosta no sofá com meu laptop apoiado nos joelhos. Ele só se preocupou em colocar as calças, e seu peito nu ainda está à vista, delicioso.

— Isso é bom. — diz ele.

Dobro minhas pernas embaixo de mim. — Honestamente?

— Honestamente. — diz ele. Seu rosto está concentrado na carranca que eu aprendi a amar.

Ele está lendo os primeiros dez capítulos do meu trabalho em andamento. Além de Becky, nunca mostrei minha escrita a ninguém desde que *One Fatal Step* foi lançado e vendeu duzentos e sete exemplares. No total.

— Eu acho que é melhor do que *Fatal*. — ele diz.

Oh, ele leu esse também. Ele comprou mesmo quando eu disse a ele que daria a ele uma cópia de graça. E quando ele voltou no fim de semana seguinte de Seattle, ele já o havia lido de capa a capa.

— Ok, você só está dizendo isso. — eu digo.

— Não, eu quero dizer isso. Tem um começo muito forte. E, — ele diz, olhando para mim — estou gostando muito desse empresário misterioso.

Eu rio. — Você está, é?

— Sim.

— Bem, logo ele será suspeito do assassinato.

— Mmm. Mas nossa destemida heroína – que está se apaixonando profundamente por ele, a propósito – vai salvar o dia.

— Ela vai. Em cerca de duzentas páginas. — Dobro as mangas compridas da minha camisa. A camisa *dele*, na verdade. É a única coisa que estou vestindo.

É sexta-feira e ele chegou há algumas horas para passar o fim de semana aqui. Comigo. Na minha casa. Em Pinecrest. Comemos comida para viagem, depois transamos no meu sofá e agora ele está lendo meu manuscrito.

Eu não posso acreditar nisso. Que eu posso viver esta vida, que ele está aqui, e que a felicidade passou a residir permanentemente em meu peito.

Ele bate os dedos ao longo do lado do meu laptop. — Eu posso ter algumas anotações sobre o processo legal, mais tarde. Sobre a investigação, mas também sobre quais leis realmente se aplicam a um estrangeiro assassinado no exterior.

— Dê tudo de si para mim. — eu digo. — Você pode ser meu consultor jurídico em casos criminais fictícios.

— Vou entrar nos agradecimentos?

— Talvez. — eu digo.

Ele balança a cabeça. — Risca isso. Eu quero na dedicação.

Eu rio. — Você está ficando ganancioso.

— Sim — diz ele e coloca o laptop para baixo. Ele olha para mim do outro lado da sala com uma luxúria desenfreada. — Eu pensei que isso era óbvio agora.

Eu rio, esticando minhas pernas nuas na minha frente e amando a maneira como seus olhos mergulham. — Sim, eu notei.

— Então por que você está aí?

Eu me levanto da poltrona e caminho ao redor da mesa de centro, afundando no sofá ao lado dele. Ele levanta minhas pernas e as coloca sobre seu colo.

— Muito melhor. — diz ele. Ele deixou sua barba crescer novamente. Eu amo como parece, robusta contra suas camisas e ternos.

Eu me apoio em um travesseiro. — Eu gosto quando você está aqui.

— Eu também gosto quando estou aqui. — ele diz e coloca a mão grande na parte externa da minha coxa. Sua pele é quente na minha.

— Você gostaria de conhecer uma das minhas amigas no domingo?

— Sim — diz ele. — Quem?

— Becky. Ela teve a filha no mesmo dia em que você apareceu, lembra?

— Eu me lembro — diz ele. — Sua afilhada.

Eu concordo. A pequena Riley tem apenas três semanas e quatro dias, mas ela já é o bebê mais fofo. Não tenho visto muito ela ou sua mãe; apenas para devolver Ziggy e depois deixar algumas refeições e uma grande sacola de mantimentos durante a primeira semana. Becky é quem quer se encontrar para uma caminhada lenta no parque neste domingo. E por lenta, ela escreveu em seu texto, quero dizer ritmo de caracol.

— Sim. Ela virá junto. — eu digo.

— Tem certeza que Becky não vai se importar que eu vá?

— Tenho certeza. Ela realmente quer conhecer você.

— Ah. — diz Phillip. — O teste da melhor amiga. Eu deveria estar assustado?

Eu sorrio para ele. — Não se preocupe, você passará com louvor.

Seu polegar começa a se mover em varreduras lentas sobre minha coxa nua. — Você me contou como ela a encorajou em Barbados, a fazer isso comigo. Devo a ela um agradecimento.

— Mmm, provavelmente. — eu digo. Seu cabelo castanho escuro está bagunçado de antes, e seus olhos dançam com a mesma felicidade que estou sentindo.

Eu não posso acreditar que ele está aqui... e que ele é meu.

Seus olhos se estreitam. — Você está me olhando assim de novo.

— Assim como? — Eu pergunto, mas estou sorrindo também.

Seus dedos cravam suavemente em minha carne. — Você sabe exatamente o que... como você fez antes.

Sim. E nós dois sabemos o que aconteceu então, depois de comer comida para viagem, bem aqui neste mesmo sofá. — Opa. — eu digo.

Ele passa a mão pela minha coxa e por baixo da minha camisa, sua camisa e sobre meu quadril nu. — Você não colocou a calcinha de volta.

Eu me remexo para mais perto, mas mantenho minhas pernas fechadas. Seu toque envia arrepios pelo meu corpo. — Não. — eu digo. — Mas estou curiosa sobre uma coisa.

— Diga-me. — diz ele.

— O que sua família disse? Sobre você assumir este cargo de três meses aqui?

Sua mão ainda está no meu osso ilíaco, a palma da mão empurrando para baixo bem no topo da minha coxa. Apenas alguns centímetros de distância. — Eden. — diz ele.

Dou-lhe um sorriso inocente. — Vamos, estou muito curiosa.

— Eles ficaram surpresos. — diz ele e inclina a cabeça para trás contra o sofá. — Mas acho que fez sentido para eles - depois que pensaram sobre isso - que eu poderia querer uma mudança de cenário. Você sabe, depois de tudo.

— Eu entendo. — eu digo. — Meus pais estavam quase esperando que eu me mudasse depois de todo o desastre com Caleb e Cindy.

— Aposto que eles estão felizes por você não ter feito isso. — ele diz, e eu aceno. Meus pais e eu somos próximos. Eles ainda não conheceram Phillip, mas definitivamente já ouviram falar dele.

Seus dedos batem em um ritmo lento no meu quadril. — Tess continuou me pressionando para dizer a ela porque eu estava me mudando.

— Ela fez?

— Sim. Ela é como um cão de caça quando consegue farejar um segredo.

Eu me aproximo dele, inclinando meus quadris para cima. — E você? Disse a ela?

Phillip sorri. — Sim. Eventualmente.

— Oh.

— Ela ficou surpresa no começo e depois nem um pouco surpresa. 'Quando você menos espera', disse ela, 'é quando você a encontra'.

Prendo a respiração. — Sim. Devo dizer que não esperava encontrá-lo em minha viagem de lua de mel.

Ele ri. — Nem eu, querida.

— Mas estou feliz por ter feito isso.

— Eu também — diz ele suavemente. Sua mão roça minha barriga, mas não se move para baixo. Eu inclino meus quadris para cima novamente.

— Toque-me — eu digo.

Ele ri. — Mandona, não é?

— Estou chegando lá. — eu digo, e é a verdade. Com Phillip, nada está fora dos limites. Nenhum tópico de conversa, nenhuma piada e nada que eu queira explorar. Ele está lá para tudo, dando tão bem quanto eu. É o tipo de liberdade que nunca experimentei.

Ele abre a camisa que estou usando, me expondo completamente. Eu o observo enquanto ele me observa. O ar na minha pele parece frio, mas seu olhar é quente.

As sextas-feiras costumam ser assim. Ele chega à cidade depois de uma semana de trabalho e comemoramos o início do fim de semana exatamente assim. Em casa, entregando-se um ao outro.

Então, passamos nossos sábados e domingos explorando a área, fazendo compras ou assistindo filmes.

Depois de cada fim de semana, anseio ainda mais pelo próximo. Por ele.

Os dedos de Phillip começam a me provocar e acariciar, exatamente onde eu preciso deles, e meus olhos se fecham. Ainda há prazer residual em meu corpo de antes, estou sensível e não demora muito para minha respiração acelerar.

— Você é tão bonita. — ele murmura. — Isso mexe com meu coração, o tempo todo.

E eu acredito nele.

Porque eu sinto o mesmo por ele. Não importa se é vê-lo acordar de manhã ou brincar durante longas viagens de carro, ou mesmo quando ele está focado em e-mails de trabalho.

— É isso. — ele murmura e desliza um dedo dentro de mim. — Deus, você é linda.

Minhas costas começam a arquear. Seus dedos se apressam, circulando, acariciando e bombeando, e então ele se inclina e coloca a língua no meu clitóris.

Eu gozo.

Ele me acaricia durante tudo isso.

Volto lentamente para mim mesma, minhas pernas ainda abertas em seu colo e sua camisa meio desabotoada e enrolada em volta do meu peito.

Suas mãos acalmam meus quadris. — É isso.

— Uau. — eu sussurro e olho em seus olhos quentes. O azul escuro está líquido e um sorriso suave espreita no canto dos lábios. — Eu te amo.

Suas mãos param. Minhas palavras pairam no ar entre nós, uma coisa tangível e brilhante. Aquilo que pode ser aceito ou rejeitado.

Sua boca aperta. — Você faz?

— Sim — eu digo. Meu cabelo deve estar uma bagunça, estou seminua e me sinto mais eu mesma do que há muito, muito tempo. — Tudo bem se você ainda não estiver lá, ou se não quiser dizer. Mas quero que saiba como me sinto.

— Realmente? — ele pergunta.

— Sim, tanto, não sei o que fazer com tudo isso. Isso me pegou de surpresa... mas eu também adoro isso.

Ele nos move, se move para que ele esteja meio descansando em cima de mim. Seu rosto está perto do meu, e seu peso é delicioso em cima de mim. — Eden — ele murmura e me beija. — Eden, foda-se.

— Está tudo bem. — eu digo. — Está bem. Isso não muda nada.

— Não é isso. — Ele descansa a cabeça no meu pescoço. Por um longo tempo, ele não se move, e eu posso sentir a batida rápida de seu coração contra o meu peito.

Então ele levanta a cabeça e seus olhos estão vidrados. — Eu também te amo. Eu tenho por muito mais tempo do que eu percebi. — Ele se arrastou para mim, lento no início, e então tão rápido que eu estava profundamente envolvida antes que eu percebesse.

— Você faz? — murmuro.

Ele acena com a cabeça uma vez, e sua mão sobe para segurar meu rosto. — Sim. Acho que nunca experimentei isso ou senti tanto antes.

— Não assim. — eu digo.

— Não assim. — ele concorda. — Eu sei o quanto pode doer quando as coisas desmoronam. E agora? Sentindo-se assim? Acho que não conseguiria lidar com isso, Eden. Se eu te perdesse.

Eu envolvo minhas pernas em torno de seus quadris e descanso minha testa contra a dele. — Você não vai.

— Não?

— Não — murmuro e cravo meus dedos em seu cabelo. — Além disso, isso, com você e comigo? É uma aventura. Já estivemos nisso antes.

— Nós estivemos. — ele concorda, seus lábios roçando os meus. Eles são gostosos. — Mas isso foi caminhar em uma floresta e observar o nascimento das tartarugas marinhas.

— Então talvez esta seja maior. — eu digo. — Eu também sei como é ser ferida.

— Eu sei que você o faz. — diz ele, e há angústia em sua voz. Ele me disse várias vezes que eu tenho que apontar Caleb se o virmos pela cidade. Não que eu saiba o que ele faria se eu soubesse. — Confie em mim, eu nunca vou fazer você passar por isso. Nunca.

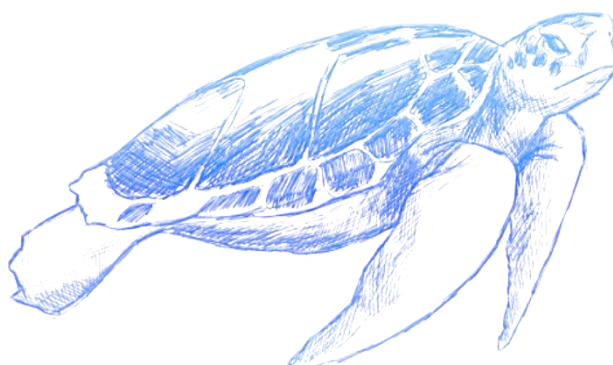
— Isso mesmo. — eu digo e corro meus dedos por seu cabelo. — Eu sei que você não vai.

Ele me beija novamente. Está cheio de promessas do futuro, a emoção do desconhecido e todas as palavras que acabamos de dizer. Eu o beijo de volta. Porque a aventura em que estamos partindo?

Pode ser apenas a minha favorita, por enquanto.

EPÍLOGO

TRÊS ANOS DEPOIS



Olho para Phillip com o canto do olho. Ele está folheando meu caderno, cheio de rabiscos que fiz durante nossa viagem de avião. Eu até trouxe marca-textos, e as notas de cada capítulo têm seus próprios cabeçalhos coloridos.

O taxista faz uma curva rápida e eu agarro o encosto de cabeça à minha frente.

— Aguenta! — o motorista diz com uma risada. — Mais curvas à frente. — O motor do carro protesta enquanto subimos a estrada. À nossa esquerda está uma encosta estéril e à nossa direita, arbustos. — Ok, agora você tem que olhar. Quando chegarmos aqui, à direita.

Quando ele vira a esquina, os arbustos dão lugar a uma visão clara do azul brilhante do Mar Egeu. Ele se estende até onde os olhos podem ver. E empoleiradas abaixo de nós, nas falésias, estão as casas brancas. Quadradas como cubos de açúcar e construídas ao longo das encostas ensolaradas, caindo em cascata para as águas azuis.

— Oh meu Deus. — eu sussurro. Tínhamos visto o oceano azul enquanto voávamos, mas essa visão é muito melhor.

— É bom — diz Phillip. — Eu realmente gosto da premissa, prendendo todos juntos assim.

Desvio os olhos. — O que?

Ele segura o caderno. — O enredo? Eu gosto disso. Você tem uma ótima ideia de história aqui, com todos eles presos na neve em um resort de esqui de luxo.

— Realmente? — Eu digo, sorrindo. — Você acha?

— Definitivamente. Uma continuação digna de seu último livro.

— Obrigada. Lamento ter feito você ler agora, nesta estrada sinuosa.

Ele ri. — Eu me ofereci.

— Você está vendo isso? À vista?

— Sim. — Ele estende a mão e pega minha mão. — É impressionante.

— Eu não posso acreditar que estamos realmente aqui.

— Eu posso. — diz ele e sorri torto. — O que eu não posso acreditar é que você inventou um enredo inteiro para o seu próximo livro com toda a loucura das últimas semanas.

Eu dou de ombros. — Eu também. Talvez seja por isso, embora? Meu cérebro precisava escapar do planejamento da festa e dos assentos?

— E foi direto para um assassinato. — diz ele, mas há apenas diversão em sua voz. Eu o converti totalmente em um verdadeiro viciado em crimes. Ele já tinha metade de um, como uma vez eu disse a ele. Documentários sobre policiais e assassinatos da vida real caem exatamente no mesmo campo. Por sua vez, ele abriu meus olhos para todo um novo mundo de documentários sobre crimes históricos - ou ainda mais loucos, crimes financeiros. É tão interessante.

Agora, ele é oficialmente o consultor jurídico das minhas histórias. Ele tornou *The Sunshine Murder* melhor do que qualquer um dos meus livros anteriores, apenas por me deixar usar seu cérebro.

Claro, às vezes as sugestões são inúteis. *Por que o maxilar dele fica tão tenso quando ele olha para ela?* ele perguntou uma vez, abaixando meu manuscrito e franzindo a testa.

Porque mostra que ele está secretamente ansiando por ela!

Ele não acreditou, mas há algumas coisas que você só precisa ser um leitor de romance para apreciar.

O taxista para em frente ao resort. É uma visão de paredes brancas caiadas com toques de azul e terracota. Duas oliveiras gigantes ladeiam a porta de madeira que marca a entrada do novo local cinco estrelas da Winter Corporation na ilha grega.

— Como parece velho, — eu digo — quando abriu há meio ano?

— Excelentes arquitetos — ele responde.

No interior, o lobby tem o tipo de minimalismo discreto que sinaliza o verdadeiro luxo. O ar cheira a lavanda e a recepção é feita de um único bloco de madeira envelhecida. Sob nossos pés, o mármore brilha. Aposto que foi extraído localmente.

Um atendente chega para pegar nossas malas e eu deslizo meu braço no de Phillip. Sua camisa de linho é macia sob meus dedos. — Não acredito que isso seja real.

Ele pressiona um beijo na minha têmpora. — Ficar em um Winter Resort não é mais uma coisa única na vida. — diz ele, e soa um pouco presunçoso.

Nosso quarto precisa de mais uma hora para ficar pronto, explica a atendente com um sorriso largo e prestativo, mas que tal almoçarmos tarde no terraço?

— Definitivamente. — eu digo.

A recepcionista dá a volta no lindo balcão para nos acompanhar até lá. — É por aqui, Sr. e Sra. Meyer.

Phillip pressiona outro beijo na minha têmpora. — Isso mesmo. — ele murmura. — Você é toda minha agora.

Minha mão aperta em torno de seu braço. — E você é todo meu.

O terraço tem vista para o azul profundo do Mar Egeu, que se estende até o horizonte. Algumas gaivotas deslizam preguiçosamente em correntes de ar quente. Ao lado do terraço fica a piscina do hotel, cercada por espreguiçadeiras ao ar livre com guarda-sóis e oliveiras altas em vasos de terracota, proporcionando o alívio necessário do sol escaldante.

— Me belisque. — eu sussurro. — Agora mesmo.

— Absolutamente não. — diz ele. — Isso seria muito anti-marido.

Somos conduzidos a uma mesa bem na beira do terraço, com vista para a queda íngreme até as casas brancas adjacentes.

— Depois do almoço, teremos o maior prazer em mostrar sua suíte. — diz nossa guia e nos dá outro sorriso radiante. — Nikos estará pronto para anotar seu pedido.

Ela sai e eu coloco minha bolsa na cadeira. Então eu envolvo meus braços em torno de Phillip e pressiono meus lábios nos dele.

Ele ri contra mim, mas me beija de volta. — Olá. — ele murmura.

— Oi — eu sussurro de volta. Foram vinte e quatro horas muito longas. Um voo internacional, muito pouco sono e uma conexão em Atenas. Mas agora estamos aqui. Só nós dois no paraíso, em mais uma aventura. Tem um guia na minha bolsa. Menos anotado que o meu último, é verdade. Mas os marcadores neste?

Nós os colocamos lá juntos.

— Feliz? — ele pergunta. Seus olhos são calorosos. Eles são da mesma cor do mar abaixo. Azul-escuro e cintilante.

— Sim. — eu digo. — Estupidamente feliz.

Ele me beija novamente, gentilmente. — Bom. — diz ele. — Esse é o meu objetivo.

— Você está?

Ele puxa minha cadeira e eu me sento, observando-o. Seu rosto está relaxado. Nenhuma carranca entre essas sobrancelhas. Ele é bonito, e ele é meu agora. Para sempre.

— Sim — ele diz e me dá um meio sorriso enquanto se senta. — Não tenho certeza se posso conter tudo.

— Apenas aproveite isso. — Estendo a mão sobre a mesa forrada de linho e ele a pega. Sua aliança de casamento é uma grossa faixa de ouro em seu dedo esquerdo. Ele reflete o anel de casamento de ouro mais fino e o anel de noivado de diamante no meu. — Sabe, esta é tecnicamente nossa segunda lua de mel.

— É. — diz ele e aperta minha mão. — E será a nossa melhor até agora.

FIM